

**ESTE PADRE  
ESCAPOU  
DAS GARRAS DO PAPA**

*Dr. Aníbal Pereira dos Reis  
(ex-padre)*

**Edições Cristãs**

# ÍNDICE

## **1 – DESEJOS DO CÉU NA INFÂNCIA. LUTAS ESPIRITUAS NA ADOLESCÊNCIA**

Influência religiosa em minha infância  
Surpresa dolorosa da minha primeira confissão  
O Catecismo e a minha Primeira Comunhão  
Reminiscências de festas religiosas e tipos populares  
Votos e tragédias  
Outras recordações da infância  
Terrível angústia  
Um evangélico na minha adolescência

## **2 – NO SEMINÁRIO... DEVOÇÕES SEM CONSISTÊNCIA. ESCRAVIZAÇÃO AO JUGO DO PAPA**

Sonho concretizado: Meu ingresso no Seminário  
Nos extremos da humilhação  
Seminário Central do Ipiranga  
Estudo dirigido  
Morte à inteligência  
Amargas experiências  
Uma resposta convincente  
Penitências para escravizar-me  
O “voto heroico” de um escravo  
Boas obras e teologia moral  
Um rude golpe  
Em Mariana  
Oração de um iludido  
Festas de uma ordenação sacerdotal e os anelos de um neosacerdote

## **3 – EM MONTES CLAROS...**

Primícias do meu sacerdócio  
Promoções religiosas entre o povo  
Círculo Operário de Montes Claros, tática “ecumenista”

## **4 – NO RECIFE... CORAÇÃO ANELANTE,**

**BUSCANDO SEGURANÇA ESPIRITUAL  
NA PRÁTICA DA CARIDADE...**

Numa encruzilhada  
Descalabro de uma instituição católica  
Recuperação da Companhia de Caridade  
Desilusões sobre desilusões

**5 - NO INTERIOR PAULISTA. CORAÇÃO FRUSTRADO TAMBÉM NO  
EXERCÍCIO DO PAROQUIATO. ENCONTRO COM A BÍBLIA!  
ABRINDO UMA CIDADE PARA O EVANGELHO.  
COM AS MARCAS DE CRISTO,  
ENTREGUE AO MINISTÉRIO DA PALAVRA!**

Pároco em Guaratinguetá  
Primeiro contato com a Bíblia  
No cume de uma montanha, li, pela primeira vez,  
a Carta Magna da Liberdade  
Um padre “ecumenista” imunizado do perigo protestante!  
Recalcitrei!  
Outro confronto doloroso  
A luz da Palavra de Deus e a minha conversão  
Dificuldades pela frente  
Últimas atividades no catolicismo romano  
Liberto da escravidão!!!  
Documentos em Apêndice

**.oOo.**

# 1

## **DESEJOS DO CÉU NA INFÂNCIA. LUTAS ESPIRITUAIS NA ADOLESCÊNCIA.**

### **Influência religiosa em minha infância**

Sou o primogênito dentre os sete filhos que concretizaram os sonhos dos meus pais.

Porque as leis católicas recriminam adiamentos no caso, fui levado, sem delongas, à pia batismal da Igreja Matriz de São Joaquim da Barra (Estado de São Paulo), minha terra natal.

As alegrias desse acontecimento ficaram um pouco empanadas pela zanga do vigário, que fizera a cerimônia muito contrariado por haver sido solicitado fora do horário do seu expediente.

Via de regra, os padres são muito “temperamentais” e têm pouca paciência para lidar com o povo. Já vi um padre fazer um enterro esperar na igreja mais de duas horas, em punição a um atraso de quinze minutos.

Minha avó materna, fervorosa devota, é que, sempre alegre, compensava os laivos de aborrecimento, desculpando o vigário:

“Ele é de carne e osso. Tem lá seus momentos... Precisaria, talvez, interromper uma palestra... de assunto importante... Quem sabe lá! Vamos esquecer e comemorar o batizado!”

O clima de nossa casa era de uma religiosidade enorme, uma condensação perfeita das tradições religiosas da Itália, Pátria de minha mãe, e de Portugal, berço de meu pai.

À tardezinha, minha avó materna, no meio de uma dúzia de netos – olhinhos vivos de prestar atenção – tendo-me sobre os seus joelhos por ser o mais atento nestes assuntos, repetia o Padre Nosso e a Ave-Maria para que os decorássemos. Contava-nos pequenas histórias das vidas dos santos. Ressaltava o poder de certas devoções.

Certa feita, um primo deixou cair ao chão um pedaço de pão. Ela aproveitou o incidente para nos ensinar que, nessas circunstâncias, devíamos apanhar o pedaço de pão e beijá-lo com respeito. E explicou a razão:

“É que na Missa o pão se transforma em Jesus Cristo...”

Foi a primeira vez que nos falou desse “mistério”. Ficamos admirados. Atendendo às perguntas que lhe fazíamos, narrou a passagem da Ceia do Senhor, dando-lhe a interpretação católica.

Falava-nos sempre de “Santa Filomena” e seus milagres. E lembrava com constância regular que sua mãe se chamara Filomena porque na Itália fora a “santa” distinguida com multidões de devotos.

Nossa avozinha venerava tanto “Santa Filomena” que se rejubilou intensamente quando uma de suas netas (por parte de seu filho Pedro) foi contemplada com esse nome.

Confesso sinceramente que fiquei muito contristado quando o papa João XXIII declarou oficialmente que “Santa Filomena” jamais existira e retirou sua festa do calendário litúrgico do catolicismo. Não passou de mera figura lendária, declarou “ex-cathedra” o oráculo infalível.

Conheço, por sinal, uma senhora devota fervorosíssima dessa “Santa”. Revoltou-se contra a “tirania descabida do papa” e conserva em sua sala de visitas a sua imagem de um metro e meio de altura, nimbada com uma luz vermelha, adornada com folhagens e rosas plásticas, iluminada pela ininterrupta lâmpada de óleo. Negou-lhe o seu confessor o direito de comungar a hóstia em vista de sua rebeldia e desrespeito ao papa – o santíssimo padre, como o classificam os piegas. Para escândalo de outras devotas, propala sua insubmissão e vai à mesa da comunhão todos os dias. E, ao voltar para casa, não se esquece de beijar ternamente o rostinho da sua “idolatrada” protetora, cuja história não passa de mais um conto do vigário, conforme definição pontificia.

.oOo.

As conversas de minha avó tinham uma elevação excepcional. Todos os seus assuntos tendiam a despertar-nos o desejo do céu.

“Como se faz para se ir para o céu?”, perguntava-lhe eu.

E ela explicava:

“É preciso ser bonzinho. Obediente aos pais. Rezar muito e comungar com frequência. E ser devoto fervoroso de ‘Nossa Senhora’”.

Relatava-nos, com pormenores, os passos da Paixão e Morte de Jesus Cristo... A traição de Judas... As lágrimas de Jesus no Horto... A fraqueza de Pilatos... O aviso de Prócula... A perfídia dos judeus, escolhendo a soltura de Barrabás... As negações de Pedro... A torturante caminhada para o Calvário... A disposição do Cireneu... As mulheres clamando... Os dois ladrões... A escuridão em pleno dia... A lança do soldado romano... A sepultura de Jesus...

Condoía-me de Jesus até às lágrimas! Por que tanta maldade para com Ele, que era tão bom?

“Ah! Ele é um Deus Sofredor para consolo dos que sofrem!”, confortava-me com esta conclusão.

Nas sextas-feiras santas – aconselhava-nos – era preciso molhar o rosto muitas vezes e deixá-lo sem enxugar para significar nossas tristezas e nossas lágrimas pelos sofrimentos de Jesus.

“Ele morreu para salvar os homens e abrir-lhes as portas do céu”, doutrinava-nos.

Jamais, porém, fui informado da realidade estupenda e profunda do valor de Sua Morte por mim!!!

As minhas muitas lágrimas por Ele se limitaram à compaixão dos Seus Sofrimentos!

**.oOo.**

Levava os seus oito netos mais crescidos, meus primos, meus irmãos e eu, todos os domingos à missa.

O vigário, impreterivelmente, aguardava as 8h30 para iniciar as funções religiosas, passeando na calçada do templo. Em seus lábios se dependurava um cigarro permanente. As baforadas de fumaça ajudavam-no a matar o tempo e a nicotina colaborava com o álcool para matar-lhe a saúde. Ao ver-nos, sempre tinha uma palavra jocosa. E corríamos a lhe beijar as mãos, que supúnhamos sagradas.

E a piedosa avozinha nos esclarecia:

“As mãos do padre são santas. Os seus dedos tocam na hóstia, que é o corpo de Jesus Cristo. Quem fala mal de padre é amaldiçoado por Deus e vai para o inferno!”

**.oOo.**

“Não quero ir para o inferno!”, propunha-me a mim mesmo.

“Como farei para merecer o céu?”, era a pergunta teimosa do meu coração.

**.oOo.**

Certa feita, embevecido por tantos panegíricos seus sobre o padre, arrisquei perguntar-lhe:

“Vovó, e o padre não vai para o inferno?”

“Não!”, respondeu ela. “O padre é o ministro de Deus. Ele é mais do que os anjos. É mais que ‘Nossa Senhora’. Só é padre quem Deus chama. Ele vive continuamente na presença de Deus. Ele não pode ir para o inferno”.

Aventurei outra pergunta:

“Os padres vêm a Deus?”

E, no seu zelo, ela elucidou:

“Eles sempre vivem na presença de Deus...”

.oOo.

Poderia ter eu seis anos de idade.

Avultava-me em dimensões celestiais a figura do padre.

Aquele homem de vida esquisita. Sozinho num casarão. Trajado sempre de roupas diferentes. Revestido de vestes suntuosas na celebração dos ofícios religiosos. Confidente de segredos indevassáveis. Figura indispensável nos casamentos e nos enterros...

Impressionava-me esse homem já reputado por mim como um ser sobrenatural.

Estava eu convencido de que o pecado era o grande empecilho a nos entulhar o caminho para Deus. Mas, o que se constituía em pecados para o comum dos homens, não o era para o padre. A unção sacerdotal transfigurava-o em imaculável.

Esta conceituação canonizava aos meus olhos o sacerdote católico romano, sublimando-o a um plano elevadíssimo acima de todas as demais criaturas.

## **Surpresa dolorosa de minha primeira confissão**

Não faltava às missas dominicais, cuja obrigação de assistir impunha-me a consciência como norma sagrada.

Embeveciam-me os acordes arrancados das cordas de um violino pela maestria do velho Albano, enquanto a Inês, solteirona balofa, tremia, sentida, o cântico: “Quem me dera, na pátria ditosa, contemplar a Jesus...”

Chegávamos sempre com muita antecedência para se encontrar banco. E tempo para se observar tanta coisa... As zeladoras do Coração de Jesus beijarem a medalha de sua fita... As filhas de Maria amarrarem na cintura a faixa azul... Os caboclos da roça rezando de altar em altar e beijando-lhes as toalhas... O sacristão acendendo as velas...

Ia contando as velas que o sacristão, velho italiano, blasfemador e manquitola, ia acendendo. Uma. Duas. Três. Quatro...

“Vovó, por que hoje o seu ‘Genaro’ acendeu oito velas e domingo passado somente duas?”, observei em cochicho.

“É que a pessoa que encomendou a missa de hoje é aquela senhora”, e apontou discretamente a madame Junqueira, de família abastadíssima e de influência política decisiva na região.

Concluí comigo mesmo:

“Os ricos pagam mais caro e têm mais direito... Não pode ser! Jesus nasceu numa estrebaria e morreu numa cruz! Pobre!!! E agora os ricos, porque têm dinheiro, gozam de tantas regalias dentro da religião! Se é batizado de rico, é mais bonito... Se é casamento de rico, é mais bonito... Se é enterro de rico, é mais bonito... Para cumprimentar os ricos, o padre fica mais delicado... O padre...”.

É a lembrança do meu primeiro pecado!

Estava amanhecendo o uso da razão em mim. Surgiam os primeiros alvares da consciência.

Tinha lá as minhas travessuras de criança. Este mau juízo contra o padre, todavia, deixou-me na alma um remorso amargo.

Como era possível ter eu a petulância de fazer um julgamento desses contra o padre? O padre, que é ministro de Deus! O padre, que manda no próprio Deus, quando reza a missa! O padre que tem poder de expulsar o demônio das criancinhas quando as batiza! O padre que tem o céu garantido!

No domingo seguinte, quando voltamos à missa, corri beijar a mão do padre com um fervor ardente. Queria reparar o meu pecado! O meu beijo naquela mão gorda e tresandando a fumo, foi a expressão do meu remorso!

Já frequentava o catecismo. Dona Dindinha era nossa catequista. O velho sacristão que a ajudava a tomar as lições era muito impaciente e ralhava demais. De cinco palavras de sua boca três eram blasfemas. Por vingança, os meninos lhe puxavam o paletó. E, como provocação também, para o ouvirem dizer palavras ásperas dentro da igreja. Salientava-se o “Sapo”, como o nosso companheiro mais insubordinado. Era um “capeta”, como o classificava o “seu” Genaro.

Dona Dindinha, destinada ao ascetismo das renúncias, não se casara. Pusera a sua vida, como lâmpada votiva, a serviço de sua religião. Sonhara ser freira. No dia de ir para o convento, com o enxoval todo pronto e malas fechadas para a viagem, o seu confessor aconselhara-a a desistir. Convencera-se de que fazia a vontade de Deus, ensinando o catecismo às crianças. Em São Joaquim da Barra ela foi catequista por mais de quarenta anos.

Guardava veneração por ela. Tinha-a como uma santa. Diariamente ia à missa em que comungava a hóstia, rezava novenas diante de todas as imagens do templo e contemplava todos os quinze mistérios do rosário. Só depois ia para casa tomar café.

Nós sabíamos que ela fazia árduas penitências.

De sua parte, ela não conseguia ocultar o seu apreço por mim. Confesso que isto me estimulava sobremaneira. Com seis anos, já sabia de



cor o primeiro catecismo inteiro. E Dona Dindinha se alegrava! Apreciava muitíssimo ver-me repetir em voz alta o Padre Nosso, a Ave- Maria, os Atos de Fé, Esperança e Caridade, os Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, a Salve Rainha...

**.oOo.**

Ao longo de minha vida, tenho encontrado muitos católicos sinceros. Que praticavam a sua religião com a maior convicção e com a mais pura e reta intenção de agradar a Deus e servi-LO.

Por outro lado, nenhum católico romano tem possibilidade de se salvar porque sua religião o afasta da confiança plena e total em Jesus Cristo.

Para o catolicismo, Jesus Cristo não é o todo-suficiente e único Salvador! Ele é apenas *um* Salvador!

Mas Deus dá aos católicos sinceros oportunidade de conhecerem a Verdade e o Plano de Salvação que Ele nos oferece em Jesus Cristo.

Tenho para mim que Dona Dindinha recebeu de Deus a graça de ser crente em Jesus Cristo, renunciou às superstições católicas e salvou sua alma!

**.oOo.**

Foi à Dona Dindinha que desabafei o meu grande arrependimento por haver julgado mal o padre. Escondendo o rosto no ângulo do braço, entre lágrimas, contei-lhe tudo.

Estreitou-me. Beijou-me a fronte. Aconselhou-me, enfim, ir confessar-me ao próprio padre para ser perdoado por Deus.

Já havia apreendido a doutrina católica sobre o perdão dos pecados e sobre a confissão.

Acatei a orientação de Dona Dindinha. Na tarde do sábado imediato, fui confessar-me. Tremendo de pavor, esperei na fila a minha vez. Emocionadíssimo, aproximei-me do confessor.

O padre estranhou ir confessar-me. Habitualmente as crianças se confessam, pela primeira vez, quando vão fazer a primeira comunhão. Eu só queria confessar-me, pois a minha primeira comunhão seria dali a uns seis meses. Convenci-o com súplicas a ouvir-me.

E, com a voz embargada pelos soluços, auxiliado pelas palavras meigas do padre, contei-lhe o meu pecado:

“Havia-o julgado mal porque a missa dos ricos era mais bonita do que as mandadas rezar pelos pobres”.

E esperei a tempestade... Que, para alívio do meu coração, não veio...

O padre foi brando. Suavíssimo mesmo. Deu-me tantos conselhos! Lembrou-me que a missa sempre é a mesma coisa. Os enfeites não têm valor algum diante de Deus. O padre não gosta de descontentar os ricos e satisfaz-lhes os desejos do luxo... Ainda mais com relação à Família Junqueira, porque auxiliava muito à Igreja e os seus membros eram ricos, caridosos e humildes...

Saí aliviado.

Passou-me pela cabeça um pensamento de não aceitar muito as ponderações do padre. De achá-las sem fundamento e sem razão. Repeli o pensamento como uma tentação diabólica.

Dona Dindinha, que conhecia o mau gênio do padre, também ficou maravilhada com o sucesso.

“É verdade! Os padres todos vão para o céu! Eles são mais do que os reis! Deus tem amor de predileção pelos padres!”

Com estas exclamações de Dona Dindinha dei por encerrado o incidente. E nasceu em mim a primeira lembrança de me fazer padre.

Dias após, passei por uma decepção amarga. Numa pregação, o padre se tornou violento e, entre impropérios e pragas, amaldiçoou os que o julgavam mal por tratar com atenção os ricos. Só faltou dizer o meu nome porque todas as demais circunstâncias ele anunciou.

**.oOo.**

E o sigilo do confessorário?

E quem acredita que os padres guardam segredo do que ouvem nas confissões?

Só quem acredita nos contos da carochinha...

Senti no padre a mudança de tratamento. Nem à minha avó ele tratava com as atenções anteriores.

## **O catecismo e a minha primeira comunhão**

O formalismo católico destaca a primeira comunhão na infância dos seus fiéis.

As mães muito se preocupam para que seus filhos participem desse ato. Mandam-nos ao catecismo de preparação imediata e dão graças a Deus quando puderam “cumprir mais esse dever de católicas”.

**.oOo.**

As crianças em tenra idade não estão capacitadas ainda para discernir as coisas e, como papagaios, repetem:

“Deus é um espírito perfeitíssimo, eterno, criador do céu e da terra...”

Em algazarra, sob a batuta da catequista, bradam:

“Padre nosso, que estais no céu... Ave-Maria, cheia de graça...”.

**.oOo.**

A nossa catequista formulava as perguntas e a garotada, em coro, respondia:

“Quem morre com pecado mortal, para onde vai?”

“Para o inferno!”, respondíamos à mestra.

“Quem morre com pecado venial, para onde vai?”

“Para o purgatório!”

“Como a gente fica perdoada dos pecados?”

“Contando-os para o padre na confissão!”

“O que acontece a quem esconde ao padre um pecado?”

“Fica com o pecado maior ainda!”

E ouvíamos, transidos de medo, a história da jovem que, por vergonha, ocultou ao padre um grande pecado. O diabo, em forma de cobra, entrou-lhe boca a dentro e tomou conta de sua vida...

**.oOo.**

É assim que o catolicismo romano impinge suas doutrinas às almas. O seu método é o do terror. Terror de almas penadas. Terror dos castigos divinos. Terror das excomunhões. Terror das maldições. Terror do demônio em forma de cobra ou com chifres. Terror!!! Terror de um chinelo virado de solas para cima. Terror de coruja que pia nos telhados. Terror dos relâmpagos. Terror de tudo...

Muitos evangélicos têm-me abordado expondo sua estranheza, quase incredulidade, em face da possibilidade de um católico contar todos os seus pecados ao padre. Supõem que eles encobrem tudo ou quase tudo. Pensam assim os que foram criados no Evangelho e não tiveram a desventura de passagem pelo catolicismo romano. Realmente, o católico, de modo geral, declara com abertura de coração, todas as suas mazelas morais ao confessor. O medo o faz sujeitar-se a essa humilhação degradante. O católico praticante é a criatura que vive constantemente sob um imenso traumatismo moral provocado pelo terror.

Em tenra infância, aprendi distinções inexatas sobre pecado e noções erradas sobre perdão.

Nas histórias de terror contadas no catolicismo, o sexo feminino é sempre o protagonista que sofre as piores consequências, como o fato acima referido. Essa circunstância não é acidental. É premeditada, por serem as mulheres mais sugestionáveis e suscetíveis da exploração dos

confessionários. E, ainda quando meninas, perdem sua inocência porque são iniciadas sobre os assuntos mais íntimos.

**.oOo.**

Numa tarde de domingo, para surpresa nossa, chega o “seu” vigário. Trazia-nos uma novidade. Desenrolou, diante da criançada de olhinhos arregalados, um quadro mural. Era São Miguel com uma balança nas mãos. Num dos pratos, estava a alma que se tinha ido para o julgamento de Deus. Noutro prato, estavam as suas boas ações, representadas por um livro. Sob o prato da alma, carregado de pecados, estava o capetinha chifrudo e vermelho, puxando para baixo, a fim de levar consigo sua vítima.

“Quem ganha o céu?”, perguntava solene o padre.

“Quem pratica boas obras e evita os pecados!”, assoprou-nos, solícita, Dona Dindinha.

E o vigário falou-nos enérgico.

Dez minutos depois, saiu ligeirinho. Seus amigos o esperavam para o início das partidas de baralho.

Ao sairmos da aula de catecismo, passamos defronte do bar do Paulo Trombini.

“Truque!!! Vale seis!!!” Expressões encobertas pelas gargalhadas tonitroantes do padre... Ele ganhara aquela partida de baralho.

**.oOo.**

O padre Eugênio Dias, o nosso vigário, encarnava o tipo de sacerdote que sufoca suas desditas no álcool, fazendo de sua vida uma psicopatia. De palavra fluente, confiava em seus dons e, nas raríssimas vezes que assumia o púlpito, apresentava sermões sem qualquer mensagem. Seus olhares e seus sorrisos eram disputados pelas moças. Reconhecia-se simpático nas apreciações femininas. Fazia-o para merecer, não sobram dúvidas. Na missa, ao se voltar à assistência para dizer o “*dominus vobiscum*”, tinha o cuidado de deixar os óculos sobre o altar. As lentes poderiam ofuscar-lhe o brilho verde dos olhos...

**.oOo.**

Noutro domingo, interrompendo os seus folguedos regados de cerveja e acompanhados de amigos, deu os ares de sua graça para mais uma explanação.

Com entonações histriônicas na voz, lentamente, foi desenrolando o quadro mural que lhe ilustraria a exortação sobre o purgatório.

Ensina o catolicismo romano que, antes de se ir para o céu, os que se salvam precisam passar por um lugar de tormentos terríficos para a

purificação total. Do purgatório nem os “santos” se livram... Têm de passar por lá nem que seja uma pontinha de sua asa beatífica!

E se não fosse a misericórdia de Maria Santíssima, Jesus Cristo, Juiz Severíssimo, jamais deixaria uma alma sair de lá, antes do fim dos tempos.

O quadro do padre era uma representação desse purgatório. Mãos descarnadas e dedos retorcidos em chamas vermelhas... Rostos esqueléticos e bocas escancaradas, clamando na sufocação do fumaceiro negro... Pavor!!!

Sobrepairando o medonho lago de fogo, a Virgem Maria, “Nossa Senhora do Carmo”. Por este título ela é invocada para livramento das almas do purgatório. No quadro, ela recolhia em seu regaço maternal as almas penadas. E, às escondidas, levá-las-ia ao céu.

O padre esclarecia:

“Nossa Senhora do Carmo sabe que as almas deveriam ficar mais tempo. Todavia, são suas devotas e confiantes em seu poder. Leva-as para o céu às ocultas de seu Filho... É ela a mãe de misericórdia!”

Encarecia a devoção à “Nossa Senhora do Carmo” porque no sábado imediato à morte, ela vai ao purgatório retirar as almas dos seus devotos.

**.oOo.**

Pecado mortal!

Inferno!

Confissão ao padre!

Purgatório!

Nossa Senhora do Carmo!

Jesus Cristo, o Carrasco!

Jesus Cristo, Juiz Severo!

Boas obras para se ganhar o céu!

Doutrinas destiladas em minha alma de criança assustada...

**.oOo.**

O exame fora sério. O vigário estava irritado e impaciente, em consequência do álcool. Mas todos os alunos foram aprovados. Gáudio geral.

“Imagine se meu filho não passasse neste exame”, comentava uma senhora, com as mãos nos quadris. “A roupa já está prontinha!”

A solenidade religiosa é toda cercada de preocupações materiais. Roupa branca... Véu... Fitas para o braço... Velas... E o café onde vai ser? Quanta complicação! O ritualismo da ocasião exige, porém, cuidados com todos esses pormenores.

Será que sobra um lugarzinho na mente das crianças para se lembrarem de Jesus Cristo?

Jesus Cristo! Onde está?

Na hóstia de farinha de trigo que as crianças vão receber pela primeira vez!

Quem acredita nisso?

Nem o padre! Por que, se acreditasse – acreditasse mesmo, mesmo – tudo seria diferente.

Apesar dessa correria e azáfama, minhas preocupações não tiveram lenitivo. Tinha de me confessar! As advertências eram bravíssimas: quem esconder um pecado ao padre cometeu “sacrilégio” – um pecado maior!

Tremia, esperando a minha vez.

Uma auxiliar de Dona Dindinha sussurrava em meus ouvidos:

“Lembre-se da moça em cuja boca entrou o diabo em forma de cobra porque não contou todos os seus pecados...”

**.oOo.**

1º de maio de 1931!

O dia tão esperado! O templo super-lotado para ver os neo-comungantes, os que, pela primeira vez, iriam receber Cristo na hóstia consagrada.

Uma menina ficou de fora porque havia transgredido a lei do jejum, tomando um gole de café. Suas lágrimas não comoveram ninguém. Nem ninguém se abalou com os protestos da mãe agastada. A lei é irredutível! (Hoje não existe mais essa lei).

Curiosidade! Emoção! Perfume! Ostentação! Cumprimentos! Humilhações!

Humilhações? Sim! Porque aquela criança pobrezinha está com um vestido muito simples...

“Olha o vestido daquela menina do ‘seu’ Junqueira! Que riqueza!!!”

E uma nota dissonante não podia faltar para compor o panorama! Quando estávamos ajoelhados ainda na mesa da comunhão, um garoto, o “Sapo” – que menino levado da breca! – atordoado, começou bradar:

“Grudou, ‘seu’ vigário! Grudou!”

É que a hóstia lhe havia colado no céu da boca.

Foi um escândalo! O pobre do “Sapo”, à saída, preferiria ser engolido pela terra.

“Que pecado horrível! Por certo, a hóstia lhe tocara nos dentes! É pecado mortal! Vamos fazer atos de desagravo ao Santíssimo Sacramento”, propuseram-se algumas beatas.

.oOo.

Estourara a indignação na cidade. A menina mais velha da turma de primeira comunhão, de onze anos, bem crescida, já contara em casa, o que o padre lhe perguntara. Perguntas insinuantes...

O pai, com o rosto em bagas de suor e fagulhas de ódio nos olhos, estrondou em impropérios. Queria ver correr o sangue do vigário.

A prudência da esposa sugeriu palavras doces que foram como um jorro d'água fresca... E ficou assentado: Naquela casa ninguém voltaria mais a se confessar. É melhor ir para o inferno do que sofrer a humilhação de contar os pecados ao padre, que parece um demônio brincando com os pecados dos outros e insinuando torpezas para corromper almas inocentes... Foi a decisão firmada no acordo unânime dos membros daquela família.

.oOo.

Não dei crédito! Preferi ver no padre a vítima de um ardil satânico com o intuito de prejudicar o progresso da religião. Minha avó, a nos lembrar sempre a altíssima dignidade do sacerdote, informava que o demônio arranja essas campanhas de difamações contra o ministro de Deus para perder as almas. Aquela família mesmo iria perder-se porque, para ela, o padre estava desacreditado. Caíra no laço satânico!

“Deus nos livre de situação idêntica! São preferíveis todas as humilhações à desgraça de se ficar privado do sacerdote. Como iríamos conseguir perdão dos nossos pecados sem o padre?”, concluía nossa avozinha.

.oOo.

No dia imediato à minha primeira comunhão, amanheci doente. Gritei um mês todo com uma crise de reumatismo, contraída pela umidade das noites frias de catecismo.

A totalidade das crianças se afasta completamente das práticas religiosas após a primeira comunhão.

Não se deu isso comigo.

Decidi-me frequentar “os sacramentos”. Confessava-me regularmente. Comungava a hóstia com grandes disposições de alma. Utilizava-me de todos os meios indicados para obter alegria espiritual...

## **Reminiscências de festas religiosas e tipos populares**

Os estrangeiros não conseguiram implantar em São Joaquim da Barra as tradições de suas pátrias.

Os portugueses se limitaram aos fados entoados, em horas de lazer, nas portas dos patrícios.

Os italianos fizeram mais força, sobretudo com a fundação da Sociedade Italiana, que os reunia em grandes comemorações na ocorrência das datas históricas do seu país.

O ponto alto das celebrações era sempre o banquete em que os convivas, brutalmente, comiam macarronada e, com sofreguidão, bebiam vinho, soltando improperios e xingando o governo brasileiro, que não se importava mais com o café.

O Ermínio Stori, impreterivelmente, vomitava blasfêmias contra o Bepim Badagnan porque nunca lhe permitia sair do segundo lugar na classificação do concurso de gastrônomos.

A Banda Musical Dante Alighieri, nessas oportunidades, apresentava-se impecável. O vigário da cidade, descendente de italianos, nunca faltava como orador oficial e como exímio competidor nos campeonatos de “bocha”.

Quando a Itália venceu a guerra contra a Abissínia, a Sociedade promoveu festas jamais vistas. Os pobres dos pretos nem podiam pôr a cara na rua. Os rojões atroavam os ares, acordando ecos distantes para completar a emoção dos assentos marciais da “Giovenezza, Giovenezza! Primavera di Bellezza!”

À estação da missa, o padre falara com tanta vibração que os lenços ficaram empapados de lágrimas.

“Os canhões italianos são vitoriosos! As bênçãos do papa Pio XI fecundaram nas gargantas dos nossos canhões essas vitórias! Vitórias! Mil vitórias para nossa amada Itália!!!”

A vida dessa Sociedade, porém, teve aspecto intermitente. E acabou morrendo, em 1942, quando o Brasil entrou na guerra contra a Itália. Coitados dos italianos, que perderam as salas onde falavam mal do governo porque não se interessava pelo café!

O povo apreciava mais as tradições brasileiras que, aos poucos, conquistaram a simpatia, o entusiasmo e a adesão absoluta dos estrangeiros.

Os seus filhos foram levados de roldão pela torrente das vibrações brasileiras, que dispõem da capacidade formidável de absorver o entusiasmo daqueles que vêm radicar-se aqui.

Desafio à viola... Canjerês... Canas verdes... Mutirões... Congadas... Batuques... O arrasta-pé dos bailes puxados à sanfona de 120 baixos...



Guardo recordações indelévels da “Folia dos Santos Reis” que, nos inícios do mês de janeiro, comemorava a visita dos três Magos ao Presépio de Jesus.

Os tiradores de Reis, munidos de licença policial, formavam um grupo. Cada qual com sua contribuição específica.

Na bandeira de cor azul, marchetada de estrelas de papel alumínio, debruada de franjas douradas com um buquê de rosas de papel crepon, a estampa dos Reis, Melchior, Baltazar e Gaspar, de joelhos diante do Menino, a quem ofereciam seus presentes: ouro, incenso e mirra!

**.oOo.**

Batem as porteiros porque a Folia entra em todos os sítios e em todas as fazendas... Latem os cães assustados... Os devotos se benzem, augurando-se a si mesmos fluídos benfazejos... A criançada pula de contentamento...

Retumbam em rufos os pandeiros. Gemem as violas. A caixa-surda ronca. Gritam os cavaquinhos. Os chocalhos castanholam.

Todos correm a beijar as pontas ensebadas da bandeira.

De uma dessas Foliás, a porta-bandeira era uma baiana trintona, com rebolios de chita e lenço na cabeça, com uma boniteza de colares chacoalhando com os seus sacolejos.

**.oOo.**

Quem recebia em sua casa a visita da Folia dos Santos Reis era abençoado. Haveria fartura na mesa. O paiol não se esvaziaria. As galinhas não morreriam de peste, naquele ano. As crias das porcas e das vacas seriam uma beleza!

**.oOo.**

As donas de casa se alegravam ao verem a bandeira dos Santos Reis em suas casas. Era a hora de pagarem suas promessas. Corriam ao quarto e retiravam do colchão de palha de milho as esmolas “juntadas” durante o ano todo. E com que devoção as depositavam na tampa do pandeiro sagrado!

Mandavam seus filhos colherem no galinheiro todos os ovos. Outros corriam cercar as galinhas da promessa.

Uma mãe – magérrima e de olhos encovados – cumpriu um seu voto, mandando o seu caçula entregar as mechas de cabelo cortado somente aos sete anos de idade.

**.oOo.**

O vigário de São Joaquim da Barra, enfim, entrava na partilha das esmolas. Nem poderia ser por menos! Não tivera, pois, de fazer valer o seu

prestígio para obter licença do Delegado de Polícia para que a Folia dos Santos Reis entrasse na cidade?

Os tiradores se comprometiam – “palavra de homem, ‘seu’ vigário” – serem ordeiros... apesar da pinga que bebiam em ritmo acelerado para refrescar a goela...

**.oOo.**

Certa ocasião, no cotovelo de uma estrada da roça, duas Folias se encontraram. A briga foi feia. As facas luzidias reverberavam no ar. Uma gralha gralhou uma vaia... Os contendores anuíram ao desafio... O sangue correu. Dois tiradores foram se hospedar definitivamente no cemitério. Os outros lotaram a cadeia pública.

A bandeira dos Santos Reis, encardida e salpicada de sangue, foi recolhida por mãos caridosas...

**.oOo.**

São Benedito, assim, não padecia concorrência. Seu prestígio não se abalara nem por São Joaquim, o padroeiro da cidade. Sua festa fazia correr pinga “até às canelas”. Era no dia 13 de maio, dia da libertação dos escravos. O discurso de Benedita, a pretinha que tirava, com sacola vermelha, esmolas durante as missas, proferido nas escadarias da igreja, coroava as solenidades.

Os líderes católicos, no Brasil, se empenham em vincular às datas nacionais suas mandingas canônicas na pretensão de convencer o povo de que eles, além de patriotas, sempre se fizeram presentes nos grandes momentos históricos da Pátria.

Ambas as suposições são falsas. Os padres não têm sentimento algum de patriotismo e nunca se preocupam com os momentos grandiosos da Pátria.

Os raríssimos que se preocuparam destas coisas, como Feijó, amargaram os piores dissabores.

Nunca fizeram nada pelos escravos. E entronizam depois um “santo preto” nas afeições dos homens de cor... para ludibriá-los.

Nem posso entender como um negro se passa por católico!

No meu tempo de estudante no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo, não se encontrava um negro estudante sequer. A sua entrada era barrada! Parece que a cor se constituía em impedimento!

**.oOo.**

Não havia procissão que o “santo preto” não saísse. Na procissão de São Sebastião, lá estava São Benedito. Na procissão de São José, lá estava São Benedito. Na procissão de Encerramento do mês de maio, consagrado

à Virgem Maria, lá estava São Benedito. Na procissão de São Joaquim, lá estava São Benedito. Na procissão de “Nossa Senhora do Rosário”, lá estava São Benedito.

Num dia de São Sebastião, 20 de janeiro, o padre decidiu atender uma sugestão e, no final da missa, avisou:

“Hoje, às 5 horas da tarde, sairá pelas ruas da cidade a imponente procissão de São Sebastião. Desta vez, todavia, não levaremos a imagem de São Benedito. É a vez do negrinho ficar em casa. Esse intrometido!”

As beatas se escandalizaram com o atrevimento do reverendo. Os devotos do santo se revoltaram.

“Até parece que o ‘seu’ vigário gozava de um secreto prazer em espezinhar o santo”, magoados, lamuriavam os negros.

Alegre e festiva, com suas ruas regurgitantes de vestidos de chita e rudes caboclos de lenços ao pescoço, a cidade compareceu à procissão.

O Zé Rodrigues, fogueteiro-mor, exercia, com denodo, suas atividades, mandando para as alturas os rojões solenes.

Sete andores enfileirados. Na frente, ladeado pela criançada irrequieta, o do Menino Jesus, com a bola do mundo nas mãozinhas. O de “Nossa Senhora da Aparecida”, entre nuvens azuis de “organdi”, no meio de uma centena de moças – as filhas de Maria – vestidas de branco. O de São José – o velho barbudo que espantava os meninos de colo – sob o arco de flores amarelas. O da imagem do Coração de Jesus encostada em uma grande cruz verde. O de “Nossa Senhora do Parto” com uma auréola de luzes, enfeitado pela senhora do Totó Vilarinho, que havia tido uma delivrance muito feliz. O de São Camilo de Lelis, cuja imagem ofertada por Dona Alda Pinheiro em cumprimento de um voto e benta na missa da manhã, encimava uma montanha de setim branco.

E São Sebastião, com as setas, todo enfeitado de cravos vermelhos, que não conseguia desatar os seus braços presos por cordas.

O povo se punha em filas duplas, ladeando o andor do santo festejado.

Os interessados, alongando suas vistas, percebiam as prendas trazidas para a quermesse, lá pelo outro lado do jardim. Frangos e leitões assados. Bolos. Canudos de bombons. Garrafas de vinho. Caixas-surpresas...

Nos intervalos da banda, as beatas “arrastavam” melodias sedições. Nas esquinas, postavam-se rapazes para olhar as moças e “tirar linha”.

Atrás do andor, muitos cumpriam suas promessas. O Nelo de Dona Idalina levava nas mãos uma cabeça de cera porque o santo lhe valera quando padecera de grave afecção nervosa. A Guilhermina carregava uma

pedra enorme porque suas criações se livraram da peste. O velho Miguel, que por sinal mais tarde suicidou-se, levava, preso a uma corda, um bezerro porque a chuva de pedra do ano anterior não lhe devastara o sítio inteiro. O Lindauro, de calças arregaçadas, tinha a perna direita envolta numa fita vermelha porque ficara curado de uma ferida brava. A Celeste ia descalça com seus pezinhos miúdos de filha de fazendeiro, porque o seu namorado ficara dispensado de servir o governo.

Quanta promessa!!!

E São Benedito? O “negrinho” ficara mesmo em casa...

**.oOo.**

A imponente procissão do glorioso São Sebastião não havia atingido a metade do percurso, quando desabou um tremendo temporal.

Os relâmpagos zigue-zagueavam nas nuvens... Os trovões sacudiam a cidade... A ventania arrebatava árvores e arrancava telhados...

Zangara-se comigo a minha madrinha porque eu disse, apontando para a negrura do horizonte:

“Que nuvens negras!!!”

E explicou:

“De lá de dentro das nuvens pode sair uma voz que lhe grite: Mais negra é a tua alma!”

A multidão em correria atropelada arrombava portas para se abrigar.

São Sebastião fora impotente para conter a tempestade. O castigo de São Benedito foi severo mesmo. A imponência do glorioso São Sebastião não fora capaz de conter a raiva do enciumado São Benedito.

Cessada a procela e serenados os nervos, foram procurar o santo homenageado. Todos os demais haviam sido recolhidos ao templo.

São Sebastião estava atirado na lama da rua, entre as dúzias de varas dos rojões que o Zé Rodrigues abandonara na corrida. A cabeça do santo ficara esfolada e se enfiara na boca da trompa. O maestro da banda é que não se conformava. Afinal, a trompa não se estragara apesar de haver sido irreverente ao esfolar a cabeça de São Sebastião, mas ... e a sua garrafa de pinga, perdida na confusão? Era sua companheira inseparável quando regia as exhibições da banda, mesmo em procissões.

**.oOo.**

Castigo de São Benedito! Por que o padre não quis levá-lo na procissão? Que desaforo! Ainda maltratar o santo, chamando-o de intrometido! Eram as exclamações de desabafo dos fãs de São Benedito.

**.oOo.**

Noutro domingo, novo aviso do vigário:

“Hoje, às 5 horas da tarde, caso o tempo permita, imponente procissão em louvor ao glorioso São Sebastião percorrerá as principais ruas da cidade. Também sairá o andor do glorioso São Benedito”.

.oOo.

Este acontecimento deixou-me perplexo. Amedrontado. Em que dá o faltar-se com o respeito às coisas sagradas! Pensava eu. Arrependi-me de haver chamado as nuvens de negras... Credo! Será que em minha alma havia tantos pecados que a tornavam negra?

Desejava ir para o céu e já começava a ver em Deus um verdugo.

Desgraçadamente, o catolicismo romano domina as consciências dos seus fiéis utilizando-se do medo como expediente. Fanatiza-as também, impondo-lhes uma religião tipo agência de interesses materiais. O povo católico, de modo geral, tem na sua religião uma prática constante de promessas e votos. Para cada doença, existe uma reza especial. Para cada necessidade, um santo determinado. Para cada problema, uma novena “eficaz”. E permanece encoberta a responsabilidade suprema de cada um cuidar de sua salvação eterna.

.oOo.

Lá em São Joaquim da Barra, no meu tempo de criança, pelas suas esquisitices, a Jacinta se tornou popular. Sempre rodeada de ovelhas, cantava e fazia discursos o tempo todo. Os temas prediletos de suas falações eram os assuntos religiosos e os casos de assombração. Tilintando uma campainha, carregava sempre um quadro de santo, de acordo com a época do ano. No princípio de janeiro, os Santos Reis. Dos meados de janeiro até o fim, São Sebastião. Em fevereiro, São Brás. Em março, São José. Na Semana Santa, o Senhor dos Passos. Em maio, a Senhora Aparecida. Em junho, o Coração de Jesus. Em julho, a Senhora Sant’Ana. Em agosto, São Joaquim. Em outubro, a Senhora do Rosário. Em novembro, a Senhora do Carmo, protetora das almas do purgatório. E fora os quadros de São Vicente de Paulo, de São Benedito, da Senhora da Boa Viagem, da Senhora da Boa Morte, de São Cosme e São Damião, de São Jorge...

E a sacola para as esmoladas.

Construiu uma pequena capela na saída da cidade junto de um barranco esbeçado, sob uma mangueira frondosa que debruçava seus ramos em cima do telhado sagrado. Lá a Jacinta guardava os seus santos. A carneirada era o seu auditório permanente. E muitos, como carneiros, se orientavam pelas suas adivinhações. Na sua tenda, benzia de bucho-virado

as crianças choramingas. Entre folhas de alecrim, couros de jacaré e rosários, lia a sorte nas mãos dos seus clientes.

E a Jacinta gozava de prestígio e simpatia na cidade, até que um dia, para livrar do atropelamento um seu carneiro, morreu debaixo do automóvel do José de Barros.

Certa feita, quando a Jacinta estava no auge do seu prestígio, resolveu tomar parte ativa numa procissão do Corpo de Deus. Era católica ardorosa que não perdia missa de jeito nenhum e comungava dominicalmente e nas primeiras sextas-feiras de cada mês.

Os católicos devem crer que Cristo está na hóstia feita de farinha de trigo. Além de comerem Cristo, comendo a hóstia, o católico deve pôr-se de joelhos diante dela para adorá-la. Dentre as festas religiosas do catolicismo existe a do Corpo de Deus – Corpus Christi – sem dia fixo, por ser festa móvel. Uma das solenidades deste dia deve ser a procissão do Corpo de Deus ou Santíssimo Sacramento. O padre leva a hóstia de farinha de trigo dentro de um objeto dourado chamado ostensório. Ele vai sob o pálio que é, via de regra, um pano ricamente bordado, de forma retangular (de uns 2,50 x 4 metros), sustentado por seis hastes de metal ou de madeira, carregadas por senhores selecionados. No interior, os padres convidam as autoridades do município.

Pois bem! Numa dessas procissões, a Jacinta se postou à frente do pálio, atirando flores sobre o padre e tocando incessantemente a sua campainha. O vigário incomodou-se sobremodo. Zangou-se. Mandou-a parar. A Jacinta, no ápice do seu fervor, não quis atender os impropérios do padre. Este chamou, em altos brados, o subdelegado, Assuero Cardoso, que estava presente e mandou prendê-la.

**.oOo.**

Escândalo!!!

“O padre com o Santíssimo Sacramento nas mãos fazer uma coisa dessas?” comentava o povo aturdido.

A pobre Jacinta, retirada da procissão, foi trancafiada na cadeia!

E o padre, que não havia caminhado cem metros com a procissão, retornou ao templo, sob os protestos dos fiéis. E nunca mais fez essa procissão em São Joaquim da Barra.

## **Votos e Tragédias**

Toda pessoa, em suas agruras, apela para o sobrenatural, ao mesmo tempo que se vale de expedientes materiais e humanos... É a rotina dos

fiéis católicos. Um dos maiores crimes que o catolicismo romano perpetra é o de difundir e sustentar a idolatria com suas nefastas consequências, sobretudo a feitiçaria e a superstição.

Decorrência lógica do culto das imagens, tantas vezes reprovado por Deus, a superstição, desgraçadamente, se tornou a religião do povo.

O católico é supersticioso...

Não se admire! É a verdade.

Afinal, o que é ser supersticioso?

É dar valor sobrenatural a um objeto material.

Velas... Água... Medalhas... Pedacinhos de pano... Punhadinhos de terra... Hóstia... Sal... Vinho... Figas... Ramo de alecrim... Latadas de espada de São Jorge... Contas... Imagens...

Superstição pura! Objetos de feitiçaria! Mesmo quando “sacramentados” com o latinório dos padres...

Estes – os expoentes máximos da exploração do povo – são useiros e vezeiros neste expediente. Propagam poderes miraculosos à imagem de um “santo”, arranjam-lhe um altar cercado de lâmpadas e velas. E lá ocorre em massa o nosso povo crenteiro a resmungar rezas, acender velas, cumprir votos e enfiar na fresta do cofre – sempre o cofre! – o dinheiro suado...

**.oOo.**

Sob o nicho da Aparecida, no seu santuário nacional, para não fazer exceção à regra – porque de todas as regras é esta a regra que não tem exceção, justamente para ser em si uma exceção à regra de que toda a regra tem exceção – lá está a fresta do cofre embutido no próprio altar da “virgem morena”... Não é a padroeira? Que lhe levem os brasileiros “ingênuos” o seu dinheiro para o sustento do seu culto que consiste sobretudo na manutenção da boa vida dos padres, evidentemente.

**.oOo.**

Esse sentimento religioso desfigurado infunde temor nas almas. Leva-as à concepção de falsos deveres e amordaça-as a receios de coisas fantásticas. A pessoa crenteira não tem medo até de um sapo morto virado de barriga para cima?

**.oOo.**

Dona Elisa Lourenço era uma portuguesa de alma consagrada à caridade religiosa. Sua vida era uma constante preocupação pelos outros.

Não havia em São Joaquim da Barra enfermo que não se socorresse da suas rezas. Não havia angustiado que não lhe fosse suplicar valimento.

Seus protetores oficiais eram a Senhora de Fátima, sua patrícia, e Santa Rita de Cássia, a padroeira dos casos desesperados e impossíveis.

Havia em sua casa um quarto transformado em capela, onde as duas imagens se perfilavam sobre um altar de madeira abarrotado de flores que murchavam à quentura das velas acesas que se consumiam em gotas.

Nos dias de grande afluência de devotos, as velas – seu talismã predileto – se espalhavam no chão, derramando suas lágrimas pelos interstícios do assoalho. Dona Elisa lá permanecia de joelhos naquela confusão de chamas, desfolhando os seus manuais de novenas e chorando num lenço de “xadrezinho” as desditas dos seus clientes.

Os casos mais fáceis entregava-os aos préstimos da Senhora de Fátima. Os mais intrincados ao prestígio de Rita de Cássia.

Uma novena de Santa Rita para aquela mãe inconformada com o noivado da filha desobediente...

Uma novena da Senhora de Fátima para aquele comerciante colhido em flagrante pelo fisco...

Uma novena de Santa Rita para aquela mulher cujo marido arribou com uma mulata rebolante...

Uma novena de Santa Rita para uma vizinha malcriada deixar de mandar seus filhos mostrarem a língua à Vicentina...

Uma novena à Senhora de Fátima para o filho de uma sua comadre passar de ano...

**.oOo.**

Saindo das aulas, habitualmente, passava pela casa de Dona Elisa. Desejava beneficiar-me de suas devoções...

Sua ternura impressionava-me.

O vigário, que morava defronte de sua casa, respeitava-a. Reconhecia sua ascendência devota sobre os paroquianos. E não lhe interessaria abrir luta com Dona Elisa, de vez que era grande concorrente do Joaquim Carlos, benzedor espírita. Dona Elisa era, pelo menos, católica de comunhão diária e lhe entregava as esmolas recebidas em seu oratório. Frequentava assiduamente o armazém do seu marido, a Casa Econômica, onde se refrescava com cerveja gelada.

Jamais censurava os atos do padre. Ao contrário. Fazia das “belezas do sacerdócio” o assunto constante de suas conversas.

E a presença do padre em sua casa acrescia-lhe influência no conceito popular.

Ficava uma coisa pela outra. Os dois se entendiam e se beneficiavam...

Por tudo isso, tinha-lhe eu respeito tímido.



Pedi-lhe inúmeras vezes rezasse por mim. Abri-lhe meu coração de menino de nove ou dez anos, preocupado com o problema de minha salvação.

Um outro fator importante fazia-me credor de suas atenções. Dona Elisa era comadre de minha mãe!

Sei que ela queimou muitas velas na minha intenção e destilou em sem espírito uma ardente devoção a Santa Rita que permaneceu até às vésperas de minha conversão.

**.oOo.**

Acometida de grave moléstia, a Senhora do Antônio Guedes, proprietário de um bar localizado na praça da igreja, fora procurar Dona Elisa. Esta afadigou-se em rezas longas e árduas penitências... Queimou velas de todos os tamanhos e de todos os pesos... A sua Senhora de Fátima e a “onipotente” Rita de Cássia desapontaram-na e não lhe deram guarida às súplicas impertinentes...

O estado da mulher agravava-se. Os medicamentos ingeridos sob prescrição médica para colaborarem com as providências de caráter religioso, não leniam a moléstia incurável.

O Antônio Guedes, marido extremoso, no ápice do desespero, decidiu acatar a sugestão de Dona Elisa. Aceitou cumprir uma promessa em prol da saúde de sua querida esposa. Preferiu o Senhor Bom Jesus da Lapa por lhe parecer mais valioso do que a Senhora de Fátima ou Santa Rita. Não lhe havia o Baianinho Barbeiro contado “maravilhas” do “São Bom Jesus da Lapa”?

Sincero, não quis aguardar o atendimento de sua súplica ao valioso padroeiro do Baianinho.

Cumpriu a promessa antes mesmo de ser atendida. Comprou logo a imagem.

**.oOo.**

“Não se pode falar ‘comprou’ uma imagem. É falta de respeito! É preciso dizer ‘trocou’ uma imagem! Senão o santo castiga!”

Pobres católicos que precisam temer inclusive certas expressões...

Se eu chego numa loja e pago o preço de um objeto para levá-lo, não significa que eu o comprei mesmo?

**.oOo.**

Foi de porta em porta, pela cidade toda, pedindo esmolas para a construção de um templo em louvor do Bom Jesus da Lapa.

Homem rico, com possibilidades de construir às suas expensas, o Antônio Guedes submeteu-se à humilhação de pedinte...

Seu amor à desditosa esposa impelira-o a esse ardor...

Honesto à toda prova, estabeleceu uma comissão de três outros comerciantes para fiscalizar a construção do templo e testificar aos contribuintes a sua compostura no emprego das esmolas.

A enferma, porém, exigia-lhe dedicação permanente. Rareava sua presença nas obras do templo. Com a melhor das intenções, por isso, entregou à comissão dos três o encargo da construção.

Ao final, o desventurado esposo viu que havia sido roubado. A comissão traíra sua confiança. Os três embolsaram o dinheiro todo e ele teve de assumir todos os ônus. Com o coração roído por inenarráveis angústias, saldou todos os seus compromissos.

Sua comoção atingiu os paroxismos do desespero. O médico declarara-lhe pela centésima vez ser fatídica a enfermidade de sua esposa, cuja voz não parecia mais a sua voz, porque a voz dos que vão morrer é diferente.

Vã foi a sua promessa! Frustrados os seus rogos! Inútil a sua humilhação! Vilipendiada a sua honestidade! Traída a sua confiança!

Falhou a proteção do Senhor Bom Jesus da Lapa, cuja imagem se postava em uma mesa de sua sala principal. Fora escolhida em catálogo pela sua própria esposa. Da coroa de espinhos, das chagas abertas, a escorrer o sangue de azarcão e laca, esborrifando o escarlate vivo nos músculos de madeira.

**.oOo.**

Transubstanciara-se a sua promessa em motivo de escárnio...

A maledicência das beatas das missas matutinas tesourava-o impiedosamente...

**.oOo.**

E aconteceu a tragédia!

Arrasado por uma infinita tristeza, enlouqueceu!...

E, no seu desvario, assassinou a esposa sentenciada à morte pela doença letal.

E suicidou-se!!!

Na manhã seguinte, entre as duas missas dominicais, o povo inteiro de São Joaquim da Barra se postava atrás dos dois ataúdes.

O da esposa ia à frente...

Entrara na igreja, ao planger dos sinos, para receber a encomendação ritual...

O do marido – assassino e suicida! – ficou de fora, esperando...

A lei eclesiástica impede quaisquer exéquias religiosas aos suicidas...

A lei católica?

Sim! A lei... católica!!!

A mulher recebeu a bênção do padre!!!

O marido foi sepultado como um excomungado!!!

.oOo.

Em São Joaquim da Barra, todavia, encontra-se a Igreja do Senhor Bom Jesus da Lapa, como um marco trágico de uma promessa não atendida...

A lei católica excomungou o seu edificador...

Os padres, todavia, promovem lá, todos os anos, em agosto, as rezas...

É a orgia novenal das bebidas alcoólicas e dos jogos de azar... É a bacanal de todas as prostitutas da região...

Tudo em glorificação do Senhor Bom Jesus da Lapa...

.oOo.

Nesse meio-tempo, Dona Elisa fora atingida pela visita do sofrimento.

As chamas das velas da Senhora de Fátima e de Santa Rita de Cássia, certa madrugada, não se contentaram em ficar bruxuleando, humildes, ao redor dos pavios. Tomaram as flores de papel. Alastraram-se pelo madeirame do altar. Elevaram-se ao forro do quarto e..., se as latas de água não se opusessem, teriam destruído a casa inteira da desolada devota porque as “santinhas” se crestaram.

Ainda mal aliviada do susto, morrera-lhe a filha recém casada. De nada valeram súplicas e velas à Senhora de Fátima e à Santa dos Impossíveis, cujas imagens novas foram entronizadas no quarto reconstruído.

“São provas de Deus”, dizia, entre suspiros, a mãe atribulada.

Não se refizera do golpe brutal e outro seu filho, o Adriano, acometido de moléstia gravíssima, teve de se submeter à amputação das pernas e dos braços... Morreu em desespero inenarrável...

.oOo.

Ao lembrar-me desses fatos, vêm-me à mente estes versículos da Bíblia:

**“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem”**  
(Êxodo 20.4-5).

**“Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram; têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum emitem da sua garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e todos os que neles confiam”** (Salmo 115.4-8).

## **Outras recordações da infância...**

Trago da minha infância recordações indeléveis. Dos passeios hilares aos sítios recedentes de garapa jorrando dos cilindros de madeira... Das inocentes batidas pelas matas, onde cambarás e assa-peixes engrinaldam inocências de capoeirões carrancudos; quaresmeiras roxas enquaesmam verdes-sombrios de cerradinhos fechados onde capeávamos à busca de dúlcidas gabiobas e marolos trescalantes... Do longo canto dos carros-de-bois e dos gritos dos carreiros instigando os pachorrentos animais... Do bater das porteiras e do tropel dos cavalos na calma das estradas poentas... Das pescarias nos regatos de águas plácidas, remansosas, que rolam num murmúrio imperceptível... Dos ventos a ciciar nos milharais ondulantes, onde colhíamos melancias deliciosíssimas... Daquela laranjeira verde-amarela que, no fundo de nosso quintal, se eriçava de pipilos nas tardes outonais... Do grande céu azul-diáfano da minha terra acendendo enormes estrelas nos poentes de verão... Dos brinquedos com os primos e amiguinhos da mesma idade... Do armazém de meu pai, onde, à noite, caboclos, italianos e portugueses resmungavam conversas diante das prateleiras com filas de rótulos de latas de azeitona e de vinho tinto “Virgem”... Dos desafios à viola do Serafim, negro bom e amigo que passava o dia mordendo a terra com sua enxada ou arrancando o feijão nas colheitas e das réplicas à guitarra do Paulino, português estouvado da serraria do Fumagali, cujo jantar era um pão d’água, uma cebola, cem gramas de queijo e meia garrafa de pinga... Dos desfiles dos escoteiros que fazíamos nas comemorações das datas nacionais sob o entusiasmo do Diretor do nosso Grupo Escolar, “seu” João Marco... Do Tobião, orador popular e espalhafatoso, trepado sobre o povo embevecido a gritar, nos comícios políticos, pinchando a palheta para o ar, discursos que ofenderiam a sintaxe da gramática: “Meus Senhores...!”

Quantas recordações... De tantos pormenores da minha vida de criança...

Não tenho saudades da antiga luta com a realidade espiritual que se transformou em um atordoante mistério até minha conversão...

Enquadrado na condição universal de pecador, não era capaz de evitar os pecados. Agora, uma desobediência aos pais. Depois, um nome feio. Aqui, uma rusga com os irmãos. Além, uma rixa com um colega, na escola. Momentos de preguiça. Teimosias. Gulodices.

Contando-os ao padre, buscava ser perdoado deles. Era o recurso que me haviam ensinado.

Reincidia neles. Sabia que o grande estorvo em meus anseios para Deus é o pecado. Como livrar-me?

Torturava-me à procura de uma resposta.

**.oOo.**

Com onze anos de idade, conhecia um Deus verdugo... Respeitava o padre... Fazia minhas devoções... Lutava para reprimir meu temperamento... Era assíduo aos sacramentos... Em louvor de “Nossa Senhora”, aos sábados, dava a algum colega pobre o meu lanche... Vivia, não obstante, num mar de inquietações...

**.oOo.**

Tínhamos um sítio a dois quilômetros de casa. Retornando da escola, após o almoço, minha tarefa consistia em ir lá abrir uma grande torneira para encher o reservatório-bebedouro do gado.

O Bonavena, um dia, passou pelo nosso armazém. Tragou uma “lapada” de pinga. Estranhamos a carranca do homem.... Saiu.

Sai também para cumprir o meu encargo.

Baixo e gordinho, o Bonavena, de polaina, levava na cabeça um plano sinistro de mistura com a pinga que ingerira.

O Antônio Lixeiro, funcionário municipal da limpeza pública, descia na sua carroça, chicoteando o burro molenga.

Abordou-o o Bonavena. Trocaram insultos. Acusações. Defesas. Escusas. Ameaças. Percebi que a altercação era por causa de mulher...

Indefeso, o Antônio Lixeiro resolveu continuar sua caminhada. Não concordou o Bonavena, que o fulminou com seis tiros de revólver.

Foi o primeiro assassinato que presenciei.

Como se morre! Nossa vida sempre está por um fio – meditava eu. E saber-se que o pecado nos impede a salvação...

Que farei se for também colhido pela morte repentina?

**.oOo.**

Meu pai sempre almejava futuro brilhante para os filhos. Queria dar-lhes o que não havia recebido quando criança.

Quando fui para o Grupo Escolar, já sabia a cartilha. O “seu” Camargo, sementeiro do alfabeto, na sua casa de alpendre e gerânio, dava

aulas particulares. Na sala pobre, algumas bancas, um quadro-negro, o mapa-mundi na parede e, numa caneca de louça, murchando, flores sobre a mesa, o professor, de letra bonita, ensinou-me o A B C.

Mudara-se dos nossos confins para outro extremo da cidade. Deixou-me saudades e nunca mais o vi.

A vontade do meu pai era que fôssemos para a escola pública com alguma “bagagem na cachola”. Queria que o seu filho mais velho se apresentasse com altanaria. Procurou outra escola particular.

Não tive sorte porque a professora, filha do Eurico Silva, adoecera. A sua vaidade não lhe permitia conformar-se em ser gorda. Decidiu emagrecer com um regime de fome e grandes doses de vinagre. Sobreveio-lhe uma tuberculose que a reduziu rapidamente em cadáver.

Estava, porém, mais que preparado para o Grupo Escolar. Ótimas notas sempre distinguiram as lições que eu apresentava.

Era irrequieto. Peralta. Cumpria as tarefas. Relaxava na disciplina. Ao deitar-me, rezando as orações da noite, propunha-me, contrito, ser mais bem comportado no dia seguinte.

Inútil. As constantes reprimendas dos professores demonstravam minhas constantes reincidências.

Contrição... Propósitos... Reincidências... Por quê?

Fazia esforço sincero. E não dobrava minha vivacidade!

Quantas vezes pulei a janela da sala onde deveria permanecer recluso após as aulas!

Na hora do recreio, tiraram-me o lanche numa ocasião que havia encrencado com um colega, o Tônico, por causa de uma aposta.

Culpei-o imediatamente. À saída da aula, esperei-o no jardim da igreja. Enfurecido, avancei para o meu desafeto. Derrubei-o a socos. Arrumei-lhe um pontapé que lhe resvalou pelo nariz, ensanguentando-lhe o rosto. Pisei-lhe o estômago, quando o jardineiro acudiu aos gritos desesperados da vítima.

O remorso calcinava a minha consciência. Pedi perdão ao Tônico, que se tornou o meu melhor amigo de escola. O seu perdão generoso humilhou-me mais do que todos os castigos que pudesse receber.

As rezas, as confissões, os propósitos de emenda, a luta titânica contra a minha vivacidade – nada, nada mesmo me valia. Não conseguia vencer-me! Nem o meu deus de farinha de trigo que comia nas missas de domingo me ajudava...

Num dia, o “seu” Rui, o nosso professor, que mastigava a sua língua, faltou. Fomos dispensados pelo Diretor. Dez meninos, inclusive eu,

resolvemos nadar num riacho próximo. Driblaríamos a vigilância paterna como das outras ocasiões.

Aconteceu, porém, um imprevisto doloroso. De dez que fomos, voltamos nove. Um morreu afogado!

Excitadíssimos, todas as nossas tentativas resultaram inúteis.

**.oOo.**

Com pecado na alma e morto repentinamente, estaria irremediavelmente no inferno!

Nas confissões, o padre procurou acalmar-me, lembrando que só o pecado mortal nos pune com o inferno. Os veniais, mesmo que sejam em milhões, não destinam ninguém à condenação eterna. E sabia lá eu distinguir, na prática, quando um pecado é mortal ou venial?

Sentia terror! E rezava!

Quem reza, ao deitar-se, três Ave-Marias em honra da “Imaculada Conceição de Nossa Senhora” não vai para o inferno – ensinaram-se. Rezava também à “Nossa Senhora do Carmo” para me livrar do purgatório.

Não tinha, todavia, segurança alguma!

**.oOo.**

Um outro episódio deixou-me perplexo.

Num domingo, após a missa, encontrei minha madrinha de crisma. Pedi-lhe a bênção e conversamos.

Passando por casa, inventou à minha mãe que eu lhe havia contado que o padre só me dera de comunhão a metade da hóstia. Dramatizou o fato e destacou a gravidade do meu pecado em contar o ocorrido aos outros.

Levei uma reprimenda severíssima. O meu deus farináceo ocasionara-me essa situação... E, no sábado seguinte, estava lá eu ajoelhado aos pés do padre, confessando o meu enorme pecado. O pecado que não cometera...

**.oOo.**

Nuvens negras toldaram os céus de uma tarde de verão. Trovões sacudiram a cidadezinha pacata. Relâmpagos coriscavam rasgando a escuridão aterradora. Desabou uma chuva de pedra que durou cerca de quarenta minutos, cobrindo de gelo os canteiros das hortaliças, derrubando as casas menos sólidas, partindo as vidraças, pondo arbustos por terra. Toda a nossa família se abrigou sob uma mesa enorme para se proteger, caso desabasse o telhado. Minha mãe acendeu uma vela benta na última festa de “Nossa Senhora das Candeias” e colocou-a na mão de um irmão mais novo por ser “inocente”. E, em coro, bradávamos a Salve

Rainha. Meu pai, de olhos esbugalhados, tremia... Minha mãe entrecortava as palavras da reza com soluços... Todos chorávamos... Chegara o momento de morrer e acertar as contas com Deus!!! Estava inseguro e aterrado. Onde me apoiar para garantir a minha salvação? A minha religião não me respondia nada naquelas angústias.

Desde o alvorecer de minha consciência, a religião se me tornou um verdadeiro cadafalso! Impunha-me responsabilidades. Agitava meu pobre coração. Não me dava, porém, nada de positivo e pessoal em relação ao problema de minha salvação!

## **Terrível angústia**

Era preciso morar num lugar onde os meninos pudessem estudar e, em São Joaquim da Barra, não havia ginásio.

Com esse argumento, meu pai decidira, em 1937, nossa mudança para Orlandia, situada a 365 quilômetros de São Paulo, hoje à beira do asfalto da Via Anhanguera.

Semelhante às mil cidadezinhas brasileiras, Orlandia é cheia de melindres, ciúmes e mexericos... Os mesmos quintais. Pomares. O jardim. A igreja. As lojas. Os recantos dos arredores. A melhor água do mundo. E o clima nem se fale...

Como as outras, tem a sua cadeia de grades por onde os detentos enfiam as pernas para tomarem o sol. O seu cruzeiro na praça que um certo frade plantou no fim das “santas missões”. A sua associação recreativa com bailes aos sábados. O seu rádio – “a maior emissora do nordeste paulista”. O seu campo de futebol, com um time poderoso, capaz de vencer o selecionado brasileiro, se for jogar lá. O foguetório nas comemorações. As bravas e inúteis lutas políticas. As manifestações de apreço aos seus chefes políticos...

A esquina do bar, onde há encontros para os bate-papos em que certo candidato a prefeito, “queimado”, gesticulava e dizia: “Que desaforo!”, porque seu rival, em comício numa fazenda, havia dito que ele corria lavar as mãos com álcool depois de cumprimentar algum pobre...

Ruas duplas e ajardinadas. Bombas de gasolina pondo nota vermelha na calmaria urbana. Três ou quatro praças e apenas uma com utilidade para os namorados.

Orlandia se gloriava, contudo, de ter o que as outras da redondeza não tinham. Um ginásio! O Liceu Municipal! Municipal só de nome! A Prefeitura local não tinha nele qualquer ingerência. Muito menos



destinava-lhe quaisquer verbas. Não pagassem as mensalidades e os alunos ficariam privados dos exames.

.oOo.

Mudamo-nos no dia 20 de janeiro. Festa de São Sebastião!

Enquanto os móveis subiam para o “Ford” do Vitório Scalassara, uma velha supersticiosa comentou para crescer as contrariedades de minha mãe teimosa em desejar residir na Capital e não no Interior:

“Não presta mudar hoje! Dia de São Sebastião é dia santo!”

O mau agouro não pegou e chegamos a Orlândia antes do meio-dia.

Fomos almoçar no Hotel Vieira. Almoço sortido a mil e quinhentos reis! Estava importante: fora, enfim, almoçar num hotel...

À tarde, fomos conhecer a cidade. Cortando a rua fronteira ao templo católico, passou o padre. Timidamente, meus irmãos e eu fomos cumprimentá-lo e pedir-lhe a bênção. Informou-se de tudo e, em pouco, sabia de todas as minúcias a nosso respeito.

Espanhol. Rude. Voz com acentos de aspereza. Incapaz de um sorriso e uma palavra meiga. Era o temperamento do vigário...

No dia seguinte, meu pai me levou ao Liceu Municipal de Orlândia. Fez minha matrícula. O diretor desse estabelecimento de ensino recebeu-nos amável. Dele tive ótima impressão que, todavia, se desmoronou horas posteriores quando nos cruzamos na rua e se negou responder o meu cumprimento.

Sentia sensação desagradável de pouco caso...

.oOo.

Ajudava na montagem da loja comercial do meu pai, ao mesmo tempo que estudava, preparando-me para os exames de admissão.

Nova cidade, novos colegas, novos amigos... Vida nova...

Esse clima deixara-me surpreso e esquecido dos meus temores espirituais.

Nos meados desse ano, senti explodir a adolescência numa estupenda floração orgânica na pleora emocional daquela fase. Se tudo era novo, eu mesmo se me tornara desconhecido... A adolescência extravasara em mim vitalidades jamais supostas...

O vigário, padre Francisco Dueñas, meu único confidente, carregava no colorido, mostrando o perigo das tentações e a enormidade da malícia dos pecados da carne.

Uma noite, acordei sobressaltado. Um pesadelo... Misturado com sensações esquisitas, que trouxeram-me o gosto dos prazeres...

Um pesadelo? Sim, porque em resultado já me via no inferno.

E agora, como me confessar? O padre, de fisionomia escalavrada pelos ritos da neurastenia, era severo demais. Pelo pecado inconsciente não podia prever a penitência a pagar.

E ficar sem confissão? Era arriscar-me. E tinha remorsos de crime que não praticara. Poderia morrer repentinamente. Daí o inferno era o meu sorvedouro eterno.

Armei-me de coragem.

Tive ímpeto de ocultar o “enorme pecado”. Só contar os banais, os “veniais”. Lembrei-me da cobra que entra na boca de quem esconde pecados na confissão...

Trêmulo e gago, contei.

O padre não entendeu bem o meu problema. Passou-me tremenda descompostura. Perplexo, depois de despertar da imobilidade estática do susto, contei-lhe que tudo acontecera enquanto dormia. O padre ficou mais calmo. Até afável. Talvez arrependido do seu ímpeto. Mas não me esclareceu nada. Ao menos, saí convencido do perdão divino. Também, se Deus não tivesse compaixão de mim por aquela humilhação, seria um verdugo, raciocinei.

Dizem os asseclas papais que a confissão auricular é o sacramento da misericórdia divina... Blasfêmia!!! Nesse “sacramento” se cometem crimes inomináveis de perversão da adolescência. Nele as senhoras e moças são as vítimas mais apetecidas pelos abutres da dignidade humana.

**.oOo.**

Os problemas próprios da adolescência se avolumaram. Sentia nojo de mim mesmo. Convencido de estar com minha alma apodrecendo, infligia ao meu corpo toda sorte de castigos. Mister se fazia domá-lo como a um animal. Durante todo o tempo da minha adolescência só fui ao cinema uma vez... E nunca participei de um baile. Houve, numa festa de casamento, uma dança muito animada, enquanto eu estava no automóvel à espera dos meus familiares que se distraíam...

Na quaresma de 1938, decidi concretizar o desejo de servir a Deus. Afigurou-se-me o sacerdócio, mais do que nunca, como a carreira mais propícia a satisfazer minhas aspirações.

Ao revelar em casa os meus planos, tive o desprazer da contradição paterna. Alegava o meu pai ser um entusiasmo momentâneo, próprio da idade. Também lá em Portugal tivera ele conhecimento de muitos escândalos de padres e não desejava ver um filho seu entre muitos e dolorosos casos de padres.

Não só porque desejasse servir a Deus no sacerdócio católico, mas, apesar ou em vista mesmo da oposição paterna, cristalizou-se em minha

alma a resolução tomada que adquiriu forma de um princípio incontestável.

Acabara, outrossim, de passar um susto tremendo. Por um tris, escapara da morte num acidente de eletricidade.

Desgostoso, vi-me na contingência de não poder acompanhar o frade agostiniano Estêvão Montes, que pregara os sermões da Semana Santa. Parecia-me o convento o melhor lugar do mundo pelo recolhimento dos seus claustros e pela piedade a aromatizar o ambiente, inspirando segurança espiritual aos monges.

O vigário local entrou em cena. Cercou-me de cuidados, amparando os meus desejos. Havia, porém, sérios problemas relacionados à idade. Quinze anos! Idade difícil. A igreja romana prefere os inocentes e tenros, ainda não maculados pelo bafejo do mundo. Qualquer nodosidade adquirida embaraça o trabalho da formação. Pobre de mim, que desejava sair do “mundo” para me libertar do pecado! ...

Colocou-se de atalaia o zeloso vigário. Sobranceiro, dispôs-se “dobrar o meu orgulho”, porque somente os ânimos maleáveis podem sujeitar-se ao tipo rígido da disciplina clerical no sentido de torná-los habituados às atitudes impessoais em face dos dogmas e da moral teológica.

O obstáculo mais sério nem vinha mais da oposição paterna. Parecia-me intransponível o impedimento da minha própria adolescência, geradora de tantos pecados... A luta contra mim mesmo tornou-se em quase obsessão.

**.oOo.**

Numa noite de sábado, fui confessar-me. Levava a alma carregada. O remorso se aliava ao medo para me torturar. Medo do inferno... E pavor do padre...

Pobres crianças que caem nas armadilhas desse tribunal em que se retalham as almas numa tortura inominável de desesperos!!!

Os padres não crêem na confissão auricular como interveniente entre Deus e o pecador para perdoá-lo. Se cressem, armar-se-iam de doçura ilimitada para ouvir as declarações dos seus penitentes. Fazem-no, sim, às suas belas confessandas... Ou a alguma beata cujo prestígio lhes interessa...

**.oOo.**

Após minhas declarações, o padre fez longa série de considerações e saiu-se com este absurdo, verdadeira heresia: “Deus, ao nascer uma pessoa, estabelece um número determinado de pecados mortais na vida dessa criatura; se chegar a cometer o último da série que lhe foi

estabelecida, morrerá repentinamente e irá para o inferno. Irás para o inferno...”

Irás para o inferno!!! Irás para o inferno!!!

Sentença terrível a ecoar na minha pobre alma de adolescente, incapaz de me vencer, de me dominar.

Sim, estava proferida a sentença: “Irás para o inferno!”

Não é o padre o Juiz? Não era ele o representante de Deus na terra? O vigário não era o Cristo na minha cidade? Sua palavra era, pois, a decisão definitiva....

Estranha teologia!

Então todos os que morrem repentinamente é porque esgotaram o número de pecados estabelecido por Deus em suas vidas?

**.oOo.**

Imaginei abandonar de vez as práticas religiosas. Por que rezar? Por que ir à missa? Por que comungar? Por que as devoções aos santos? Por que as medalhas que carregava no peito? Por que confessar-me? Por que passar horas e horas diante do “Santíssimo Sacramento”? Por que, se nada disto me dava paz espiritual?

Por que se por tudo isso mesmo é que eu sofria?

Os outros rapazes não folgavam? Não iam aos filmes pornográficos? Não tinham as suas farras?

O Guilherme, de dezessete anos apenas, não se vangloriava de uma doença venérea que contraíra no contato com uma mundana?

O Zico não garganteava as suas aventuras de saltar a janela do quarto alta madrugada para despistar o pai e ir aos bailes?

O Pacheco não se embriagava?

Muitos nem iam às missas dominicais e zombavam da religião...

O Renato, enfurecido, rasgara uma estampa da Virgem... O Mendes urinara num programa da Semana Santa... O Andrade chamava o padre Dueñas de viúva, urubu e barrigudo besta...

E nenhum deles tinha preocupações de ordem espiritual. Diziam-se católicos e “viva a vida de bagunça!”

A direção do colégio promovia a comunhão pascal dos alunos. A maioria ia por farra. Contavam coisas “cabeludas” ao padre, na confissão, e depois saíam debochando... Outros perguntavam coisas escabrosas e transformavam a confissão numa conversa imunda com o padre e, depois, saíam alegres porque o padre também ficara satisfeito. Após a missa da comunhão, muitos apareciam com a hóstia inteirinha que, com habilidade formidável, conseguiam recolher no lenço e comiam-na com o chocolate. E dizem que a hóstia é o próprio Cristo em Corpo, Sangue, Alma e

Divindade. Mas este Cristo farináceo jamais tomou providências. Nem o padre... Nem o colégio...

Deus! Padre! Confissão! Rosários! Missa! Rezas!! Ora, isso tudo é coisa para velhas...

Vinha-me a lembrança de que um dia, Deus lhes cobraria tanta leviandade...

Mas um dia... Por ora, Ele é complacente...

E por que a religião não me dava já tranquilidade e segurança espirituais? Por que só após a morte?

Os ímpios se divertem à custa das “coisas sagradas”... Por que esse Deus que eu teimava em amar não me dava gozo espiritual?

.oOo.

Dessa luta interior originou-se grande depressão de ânimo.

Um panorama auspicioso, todavia, se me descortinou com os “*Sete Domingos de São José*” que, com antecedência, preparam a Festa do pai adotivo de Cristo, celebrada aos 19 de março. Ao ensejo da reza à noite desses domingos, o vigário expunha os motivos da posição destacada de São José na hierarquia santoral.

O motivo sobre-excelente que atrai nossa confiança plena ao santo é o de ser ele o “patrono da boa morte”, por ter sido assistido em seus derradeiros momentos pelo próprio Jesus Cristo e a Virgem Maria. Por isso, esclarecia o padre Francisco Dueñas, São José é um intercessor poderoso junto de Jesus, podendo perfeitamente levar para o céu os pecadores no último instante da vida, mesmo que morram sem os sacramentos da religião. E no desígnio de demonstrar ser a devoção a São José a maior garantia que os pecadores podem ter de entrar no céu, leu-nos de um jornalzinho piedoso uma história para ilustrar sua exposição.

Certa ocasião, o arcanjo Miguel, inspetor policial dos lugares celestiais, preocupado, procurou São Pedro, o claviculario celeste, e lhe reclamou:

“Como se explica a presença aqui de muitos indivíduos desprovidos de quaisquer qualidades requeridas para estarem nesta pátria eterna? Verifico isto formigando de pecadores que nem no purgatório mereceriam estar”.

Pedro, cabisbaixo, replicou:

“Ninguém pode duvidar da minha probidade em guardar fielmente a entrada celestial. Nem mesmo a um papa deixo penetrar estes páramos sem primeiro certificar-me bem de que lhe foram perdoados os pecados todos e haver pago todas as suas dívidas no purgatório. Tenho, porém, o máximo empenho de esclarecer o assunto”.

Confabularam os dois. E Pedro levou o arcanjo-inspetor para a fronteira do céu, onde se via, a casa da “Sagrada Família”. Da janela posterior da moradia, as pessoas da “Sagrada Família” – José, Maria e o Menino Jesus – podiam olhar para baixo e espreitar tudo quanto se passava na terra.

Era noite. Sem ambages, Pedro convidou Miguel a esconderem-se sob os ramos de uns arbustos. Ali agachados, logo ouviram um ruídozinho como de pedrinhas atiradas à janela dos fundos, que se abriu imediatamente e dela desceu uma corda. Lentamente, esta foi recolhida, trazendo um daqueles desacreditados biltres que Miguel tanto lamentava ver no céu. Viram o salafrário ser puxado para dentro e logo a janela se fechou.

Ferido em seus brios e nem querendo acreditar no que os seus olhos viam, Miguel, envergando seu uniforme, bateu, no dia seguinte, à porta da Sagrada Família. Abriu-a a Virgem e chamou José e o Menino Jesus para saudarem o ilustre visitante. Agradeceu este a acolhida solene, voltou-se para o chefe da casa e, num tom de severa dignidade, disse:

“José, acabo de descobrir o que aqui se passa todas as noites. Faltaria ao meu sagrado dever se não te dissesse que esse teu serviço de introduzir no céu grandes pecadores pela tua janela traseira deve cessar de uma vez para sempre!”

Com o olhar de réu, José respondeu:

“Sinto-me profundamente magoado. Lá embaixo, na terra, sou invocado como o refúgio dos pecadores moribundos, o padroeiro da boa morte e sou aclamado como o protetor universal da igreja. Prometi, com o interesse de não desmerecer tanta confiança, introduzir no céu, sem exceção, todos os meus devotos. Não posso fazer ouvido de mercador ao apelo deles e deixá-los precipitarem-se no inferno. Estão em jogo a minha qualidade e a minha reputação de esposo de Maria e pai nutrício de Jesus”.

Miguel ergueu-se da cadeira e, movido em seu pundonor pelas palavras do “protetor dos pecadores”, explicou:

“Não há exceções ante a eterna e imutável justiça de Deus Todo-Poderoso, cujas ordens estou incumbido de fazer cumprir à risca. Desde o dia em que destas mesmas muralhas atirei para os infernos a Lúcifer e seus anjos rebeldes, a mim se me confiou o dever de vedar a entrada de pecadores aqui, e de diligenciar por que se cumpram rija e fielmente todas as leis do Todo-Poderoso”.

“Nesse caso”, respondeu humildemente José, “já não posso mais permanecer aqui. Preciso ir para um lugar onde possa cumprir a promessa que fiz aos pobres pecadores moribundos”.

E São Miguel assistiu o que jamais ele poderia imaginar assistir em sua existência. Continuando a ler o jornal, o padre Dueñas relatou que, encaminhando-se José para a porta de saída para se ir embora, Maria correu atrás dele, agarrou-o pelo braço, voltou-se para o impertinente inspetor angelical e lhe disse:

“José é o meu legítimo esposo e, se ele sair daqui, eu irei com ele, e daí não haverá mais rainha no céu”.

Que situação embaraçosa a de Miguel! Quedou-se pensativo, rebuscando palavras com que se desembaraçar da inesperada situação. Mas, antes de se desvencilhar, o Menino Jesus, choramingado, exclamou:

“Se minha mãe se for daqui, eu também irei. E daí não haverá mais Deus no céu!”

Que impasse! Foi aquele corre-corre. Correndo, vieram os da turma do “deixa-disso”. Miguel, vencido, tratou logo de ir se despedindo com mil desculpas e mesuras.

E o padre perorou a leitura, conclamando os fiéis a se tornarem ardentes devotos de São José, o grande e decisivo amparo para os pecadores na hora da morte.

“O devoto de São José pode ficar seguro de sua salvação!”

**.oOo.**

Passei a semana subsequente ruminando na cabeça tudo o que ouvira no domingo anterior. Confessei-me no sábado porque estava participando dos “Sete Domingos de São José” através de comunhões. E, na reza seguinte, lá estava eu. Queria ouvir mais do santo protetor dos moribundos.

O padre, em sua pregação, propôs-se apresentar o recurso pelo qual os fiéis poderiam efetivar sua confiança no refúgio josefino.

O grande meio seria participar, como associado, da “Pia União do Trânsito de São José”, cujo fim, de conformidade com seus estatutos, é o de introduzir em toda a cristandade o piedoso costume de auxiliar com orações e boas obras aos moribundos de cada dia, para lhes alcançar a graça de uma boa morte e promover, ao mesmo tempo, a devoção a São José”. Em consequência, ter-se-á garantido o valimento de tão insigne padroeiro.

Valorizada pela inscrição dos nomes dos papas Pio X, Bento XV e Pio XI, em seu rol de associados, a “Pia União do Trânsito de São José”, como penhor do amparo do Patrono dos Agonizantes, apresentava o vigário uma

enorme série de vantagens espirituais decorrentes do seu rico tesouro de indulgências. Por obrigação, o associado deve rezar apenas esta jaculatória: “São José, pai adotivo de Jesus Cristo e verdadeiro esposo de Maria Virgem, rogai por nós e pelos agonizantes deste dia (ou desta noite)”.

Encerrada a reza, fui à sacristia e me inscrevi na “Pia União do Trânsito de São José”, não sem recolher a “oferta” estabelecida. Senti-me privilegiado de haver apostado o meu nome na mesma lista em que constam “nomes ilustres de papas eminentes”...

Conservo, ainda, a patente de minha admissão que tem a data de 19 de fevereiro de 1939.

**.oOo.**

Baldados meus anelos! Meu coração continuava sem paz!

Humilhava-me intimamente! Mas não podia convencer-me do valor do patrocínio de São José. Supunha-o procedente de bases falsas. Cumpri, porém, a pequena obrigação diária até o último dia em que a Bíblia me revelou a todo-suficiência do meu Único Salvador, Jesus Cristo.

## **Um evangélico na minha adolescência**

Nesta conjuntura espiritual, comecei a terceira série do ginásio, aos quinze anos de idade.

Propus-me à emenda com rigor e disposição constantes. Deveria subjugar os impulsos de minha natureza. Ou o meu ingresso na carreira eclesiástica seria frustrado.

Nessa vocação sintonizei todas as minhas energias.

As sereias do mundo não poderiam envolver-me... As seduções dos amigos não me poderiam atrair... O diabo não poderia enrodilhar-me em seus sofismas...

Mas, quem poderia ajudar-me? Do vigário jamais poderia esperar coisa alguma. De colegas, impossível esperança. Das beatas, Deus me livrou. Pensei buscar orientação e simpatia humana de um professor. Quando me dispunha falar-lhe, estourou um escândalo com sua esposa. Fiquei desarmado. Se ele não era capaz de guardar o seu lar, como me poderia guiar?

Novos professores, todavia, vieram naquele ano, para lecionar no ginásio.

Um deles se destacava pela sua estatura. Não só física, mas sobretudo moral. Evangélica era a sua condição religiosa!



Até então, em Orândia, só havia uma criatura “protestante”, Dona Sara, a professora primária! De temperamento reservado, ninguém lhe vira um testemunho positivo de crente.

Imaginávamos que toda a população do universo se compunha de católicos.

Nesse ano, Dom Alberto José Gonçalves, bispo de Ribeirão Preto, foi a Orândia em visita oficial. Eu mesmo colaborei nos preparativos de sua chegada. O vigário dizia ser preciso tratá-lo com honras de príncipe. Os bispos desfrutavam de regalias de chefes de estado. Precisava chamá-lo de “excelência”. A cismar, murmurava a conversa que teria com o prelado sobre o meu ingresso no seminário e fixava as vezes que deveria repetir o “excelência”.

.oOo.

O pátio da estação ferroviária estava coalhado de povo. O atroar de fogos e os acordes do Hino Nacional anunciaram o entrar do trem na gare da Mogiana. Um ancião trajado de vermelho-lilás, com esforço, amparado pelos seus súditos, desceu do carro especial atrelado à composição. Palmas ovacionaram o semi-deus. Um professor, de mãos trêmulas, tirou do bolso um maço de papéis e desafogou um discurso laudatório, cheio de “vossa excelência”, e alusões aos altos postos que ocupara em tempos idos: governador do Paraná, senador do Império e na Primeira República... Revestido das indumentárias convenientes, sob o pátio luxuoso transportado pelas autoridades, o bispo se dirigiu solenemente para a igreja matriz.

Enlevo!!!

De fato, a religião católica é a maior...

O coitado do Totó e do Moacir, na torre, se revezavam no repique dos sinos.

À porta principal do templo, estava tudo pronto para a entrada solene. Caldeirinha de água benta. Hissope. Almofada cheirando naftalina para s. excelência tocar o joelho ao fazer a genuflexão. E o crucifixo que o vigário tivera o cuidado de mandar limpar.

Reminiscências medievais...

De almofada na mão, esperando servi-la ao bispo, comecei a pensar:

“Por que tanto luxo? Ora, bolas! Não se diz ele o representante de Cristo?”

Afugentei os pensamentos. Eram maus. Procediam do diabo. Cruz! Credo!

À tarde do domingo, uma multidão se acotovelava na praça. Todo o mundo queria crismar os seus filhos. Se se deixasse passar esta ocasião, só dali a cinco anos. No mínimo!

Da crisma decorrem muitas vantagens: O católico – dizem – é feito soldado de Cristo. As crianças têm mais um padrinho para lhes dar presentes e a bênção. E as mães, outras comadres para lhes confienciarem os “segredos” da vida alheia.

Fiquei escandalizado ao ver o bispo – o semi-deus, o representante de Cristo na terra, o merecedor de honrarias de chefe de estado – tratar com tamanha aspereza os seus fiéis. Por que todo aquele rasga-seda para quem não é capaz de ser dono dos seus nervos?

Sentado no trono armado de propósito, dava berros de estremecer as grossas paredes do templo, no intuito de impor silêncio. Seus impropérios, que poderiam fazer corar os anjinhos, abriram em minha alma outra frente de batalha. Só com enormes esforços consegui reprimir aqueles pensamentos e me convencer de que s. excia. devia mesmo utilizar-se de todos os meios – “o fim justifica os meios” – inclusive palavras violentas, para restaurar a devida reverência na igreja, que é a casa de Deus. (“Uma vez, entrou Jesus Cristo no templo de Jerusalém, de chicote em punho...”).

Que bispo extraordinário! Expõe-se ao risco de ser julgado mal pelos ignorantes, de ter o seu prestígio pessoal abalado, com o nobre propósito de “educar” o povo que não se sabe comportar na igreja...

**.oOo.**

À boca pequena, o povo comentava mexericando: “Todo o mundo foi levar os seus respeitos ao bispo, menos o professor ‘protestante’... Que afronta aos sentimentos católicos da cidade!”.

**.oOo.**

De caminho à reza, nas noites de domingo, passava defronte da casa do professor “herege” e não me furtava à curiosidade de olhar, de longe e às pressas, o culto doméstico que ele, de portas abertas, promovia com seus familiares.

Numa dessas noites, enlevado pelo que presenciava à distância, decidi entrar. Desejava aconchegar-me àquilo que me parecia maravilhoso. Via as pessoas de pé, lá dentro da sala do professor, de olhos fechados, cabeças inclinadas... O professor com um livro aberto na mão esquerda (que livro seria?), gesticulando a direita, falando...

Falando o quê?

Subi dois degrau da escadaria...

Recuei!!!

O temor impeliu-me voltar.

E fui me confessar ao padre! Uma saraivada de admoestações chegou em cochichos aos meus ouvidos. E a advertência:

“Se você entrar lá irá ver o diabo... O diabo que o levará para o inferno...”

Inferno! Tinha pavor até de me lembrar deste nome...

E esclarecia o padre:

“Os protestantes, quando fecham os olhos e põem a mão no rosto, não é para orar, como dizem. Mas eles vêem o diabo! Os católicos rezam à ‘Nossa Senhora’ e aos ‘santos’. Os protestantes oram ao diabo! Aquele livro do professor é a Bíblia, que deixa louca a pessoa que o lê...”

Evidentemente, não pensei mais em entrar naquele recinto. Dava voltas por outras ruas.

Outra luta dentro de mim. De um lado, precisava odiar os protestantes porque eram do diabo!... Incapaz estava, entretanto, de me convencer como que um cidadão que tem comunhão com o diabo poderia ser de um gabarito moral tão alto como o professor Henrique Cyrillo Corrêa.

Afinal, terminado o ano, esse professor não pôde renovar o seu contrato no ginásio.

Seu testemunho, porém, marcou sulcos indelévels em minha alma e foi a primeira semente do Evangelho lançada em meu coração.

Se circunstâncias adversas impedem o crente de pregar por palavras, sua vida deve ser uma pregação viva!

Não sei como louvar a Deus pelo testemunho maravilhoso de Henrique Cyrillo Corrêa em minha vida!

Henrique Cyrillo Corrêa pastoreou a Igreja Batista em Araçatuba, onde construiu um magnífico templo. Posteriormente, em Bauru, também no Estado de São Paulo, onde pastoreou a Primeira Igreja Batista, edificou outro templo. Porém, na cidade de Orlandia, pelo seu testemunho, plantou a maior obra da sua vida: lançou a semente do Evangelho no coração de um adolescente que germinou e produziu o infável fruto da conversão de um padre.

**.oOo.**

## 2

# **NO SEMINÁRIO... DEVOÇÕES SEM CONSISTÊNCIA. ESCRAVIZAÇÃO AO JUGO DO PAPA.**

### **Sonho concretizado:**

#### **Meu ingresso no Seminário**

Ao ensejo da visita pastoral do bispo Alberto José Gonçalves, falei-lhe sobre o meu ideal de ser padre.

Informou-se do motivo que me levava a tomar essa decisão.

Disse-lhe que desejava garantir a salvação eterna de minha alma. O melhor modo de se ter essa garantia é a preocupação de salvar os outros. Ora, ninguém mais do que o padre se preocupa com essa missão. Desejava ser padre para assegurar a minha salvação, salvando muitas almas.

Prometeu escrever-me. E cumpriu sua promessa.

Concluídos os últimos acertos, fui para o Seminário Menor Nossa Senhora Aparecida, em Campinas.

Deveria passar aí um ano para me firmar no latim e estudar grego.

Essa instituição, até 1940, havia funcionado num casarão velho, anexo ao Ginásio Diocesano Santa Maria, nas vizinhanças do Bosque, velho cenário de encontros idílicos dos antigos seminaristas. Agora, o Seminário passaria para um prédio novo na Avenida da Saudade, nas imediações do cemitério.

De bosque para cemitério existem diferenças profundas na paisagem!

À falta de um aviso sobre o adiamento da entrada dos novos alunos no Seminário, cheguei quando os antigos se encontravam em uma chácara, em Souzas (lugarejo vizinho de Campinas), de propriedade do Bispo, à espera do remate das obras do edifício novo.

As laranjeiras, generosas, ofereciam-nos seus frutos. A ordem superior, porém, impedia-nos experimentássemos de suas delícias. No Paraíso Terreal, Adão e Eva se perderam porque transgrediram uma ordem divina e a desobediência foi o princípio da perdição humana. Nestas razões fundamentavam a interdição. Acresce que o padre deve ser como um cadáver: Obedecer e pronto!

Dever-se-ia gravar este dístico no frontispício de todos os seminários católicos: “CEMITÉRIO DE PERSONALIDADES!!!

**.oOo.**

Estava com 17 anos de idade!

Ardia em desejos de encetar a vida nova e entrara rijo na tarefa de minha formação.

Pelo fato de transpor os umbrais “sagrados” do Seminário – “a sementeira de sacerdotes” – não poderia ter deixado as consequências da mocidade em minha vida.

De temperamento expansivo, facilmente contagiava o ambiente com minhas manifestações de alegria e otimismo. Encarava a vida com o prazer insaciável de viver.

O cônego reitor, a rispidez em pessoa, olhava de soslaio minhas expansões.

Entregue à responsabilidade da direção do educandário religioso, o cônego, de origem espanhola, punha toda a sua dedicação e, também, o seu temperamento irascível para não desmentir a raça. Seus olhos vermelhos envidraçados por lentes de meia polegada de grossura, chispavam faíscas de cólera ao repreender algum diabrete.

Deslocado no regime de internato, cheguei-me ao portão para espiar o movimento da rua. Um segundo só.

Quando me volto, do seu escritório, estava me vendo o reitor e com uma careta de azedar leite.

Em menos de cinco minutos, na sua presença, trêmulo dos pés à cabeça, voz emperrada, aguardei o desabar da tempestade.

“Dou-lhe uma semana para se corrigir!”

Foi a sentença.

As considerações do cônego turbilhonavam no meu cérebro e sentia ruir todo o castelo das minha aspirações de servir a Deus.

Cambaleando, dirigi-me à capela. Os colegas lá estavam aguardando o padre pregador. O retiro espiritual do início do ano, ia começar. São três dias de absoluto silêncio, destinado à meditação e oração. As conferências objetivam espiritualizar o homem, fazendo recalcar com mão de ferro todas as manifestações do seu temperamento.

O pregador era um frade redondo e calvo, cuja voz tonitroante carregava de eletricidade os meus nervos.

Enublada pelos conflitos íntimos e agitada pelas incertezas do meu destino, minha pobre alma recebia aquelas advertências do pregador como um sarcasmo. Estava declarada a luta. Deveria romper as cadeias que me

acorrentavam a mim mesmo, ou não ser padre. Tornei-me um homem “amarrado ao próprio cadáver”.

Desembainhei, valente, a espada da minha sinceridade e comecei a cortar. Pela força de vontade, eu, naturalmente expansivo, acantoei-me no recolhimento e na meditação. Castigava o meu corpo com toda sorte de penitências para vergar-lhe a pujança. No refeitório, recusava as poucas e deficientes iguarias. Nas filas – o que o arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva julgava método excelente de disciplina – andava de braços cruzados às costas, olhos baixos e cabeça torta. Punha pedrinhas nos sapatos para magoar os meus pés. Não bebia água para que a sede afligisse minha garganta. Não usava cobertores nas noites de frio, para enrijecer meu corpo.

Deflagrara, na verdade, a grande batalha contra o homem velho do pecado!

Parte dos recreios, passava na capela, de joelhos, rezando. Sempre com o rosário na mão, intercalando as Ave-Marias, pranteava os “meus pecados da vida passada”.

Confessava-me ao padre, no mínimo, semanalmente. Pedi a um colega que me vigiasse e me advertisse de qualquer imperfeição notada no meu procedimento. Tudo fazia no sentido de ser habilitado pés à cabeça, voz emperrada, aguardei o desabar da tempestade.

“Dou-lhe uma semana para se corrigir!”

Foi a sentença.

As considerações do cônego turbilhonavam no meu cérebro e sentia ruir todo o castelo das minha aspirações de servir a Deus.

Cambaleando, dirigi-me à capela. Os colegas lá estavam aguardando o padre pregador. O retiro espiritual do início do ano, ia começar. São três dias de absoluto silêncio, destinado à meditação e oração. As conferências objetivam espiritualizar o homem, fazendo recalcar com mão de ferro todas as manifestações do seu temperamento.

O pregador era um frade redondo e calvo, cuja voz tonitroante carregava de eletricidade os meus nervos.

Enublada pelos conflitos íntimos e agitada pelas incertezas do meu destino, minha pobre alma recebia aquelas advertências do pregador como um sarcasmo. Estava declarada a luta. Deveria romper as cadeias que me acorrentavam a mim mesmo, ou não ser padre. Tornei-me um homem “amarrado ao próprio cadáver”.

Desembainhei, valente, a espada da minha sinceridade e comecei a cortar. Pela força de vontade, eu, naturalmente expansivo, acantoei-me no recolhimento e na meditação. Castigava o meu corpo com toda sorte de

penitências para vergar-lhe a pujança. No refeitório, recusava as poucas e deficientes iguarias. Nas filas – o que o arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva julgava método excelente de disciplina – andava de braços cruzados às costas, olhos baixos e cabeça torta. Punha pedrinhas nos sapatos para magoar os meus pés. Não bebia água para que a sede afligisse minha garganta. Não usava cobertores nas noites de frio, para enrijecer meu corpo.

Deflagara, na verdade, a grande batalha contra o homem velho do pecado!

Parte dos recreios, passava na capela, de joelhos, rezando. Sempre com o rosário na mão, intercalando as Ave-Marias, pranteava os “meus pecados da vida passada”.

Confessava-me ao padre, no mínimo, semanalmente. Pedi a um colega que me vigiasse e me advertisse de qualquer imperfeição notada no meu procedimento. Tudo fazia no sentido de ser habilitado a ombrear os colegas, modelos da comunidade.

As convicções sugeridas pelo ascetismo do retiro espiritual me dispuseram a aceitar toda sorte de austeridade imposta pelo reitor. “Anjo tutelar da minha formação eclesiástica”, o reitor, para meu bem espiritual, impôs-me a obrigação de limpar o prédio recém construído. Raspar o assoalho novo. Tirar tinta das vidraças. Lavar bacias sanitárias. Espalhar cera. Aguentar o escovão na base dos braços. E, à noite, limpar e passar a ferro as batinas dos padres da casa.

Empenhado na grande luta, investigava as falhas congênitas ou adquiridas do meu temperamento e agradecia ao reitor proporcionar-me recursos que facilitassem esmerar-me na construção de um grande caráter.

Em tudo buscava razões sobrenaturais. Nestas inspirava todas as minhas ações.

Nos seminários católicos existe um sacerdote cujas funções se restringem à direção espiritual dos alunos. A ele confiei orientar-me nessa luta para não acabar fraquejando. Nos dias daquele retiro, fui procurá-lo. Contei-lhe as advertências sérias do reitor.

Com fleuma calculada, retirou dentre seus livros um pequeno fascículo e me perguntou:

“Sabe o que é isto?”

“Não, senhor!”, respondi-lhe, gaguejando.

“É uma carta do papa!”

Arregalei os olhos. “Será que o papa me mandou uma carta?” Perguntei-me a mim mesmo, já com vontade de chorar.

Folheou lentamente o fascículo e leu um trecho – relativo ao título: “Espírito de disciplina” – daquele documento sobre a formação dos seminaristas. Entre outras coisas, diz lá o papa Pio XI: “Cada um veja nas disposições dos superiores as disposições de Jesus Cristo”.

“Se o reitor foi severo com você é preciso ver nisso a severidade de Nosso Senhor para dobrá-lo. Agradeça a Deus!” – sugeriu o diretor espiritual. E se estendeu em largas considerações sobre a sujeição e obediência aos superiores.

Nos exames de junho, fui muito bem em todas as matérias, inclusive em grego e latim. O cônego-reitor e nosso professor de trigonometria deliberou prevalecer-se da oportunidade da leitura pública das notas desses exames para me experimentar. Entre as notas excelentes que eu obtivera, ele, solene e grave, acentuando as sílabas, leu: “trigonometria: zero!” E pelas lentes dos seus óculos, fixou-me o olhar perscrutador. Queria observar minhas reações.

Conjetei-lhe o desígnio. Estava persuadido do valor da minha prova.

Não o procurei em seu gabinete. Aguardei o desfecho, rezando à Santa Rita de Cássia.

Dias depois fui chamado. Mostrou-me minhas notas. Lá estava: “trigonometria: dez!”

Recriminou-me, entretanto, porque não sabia escrever muitas palavras de nossa língua.

“Se eu fosse seu professor de português, ter-lhe-ia dado zero!”, sentenciou.

É do regulamento dos seminários que os superiores censurem as cartas dos alunos. A despersonalização deve ser absoluta!

E, para corroborar sua assertiva, o cônego mostrou-me uma carta que havia escrito para meus pais e que ele retivera, após censurá-la.

Aterrei-me. O semblante do cônego coriscava de exaltação e denunciava uma tempestade de amplas proporções. Presumi que houvesse escrito alguma indecência.

Pernas cruzadas, sacudindo o pé nervoso, tremendo os lábios furibundos, apontou-me com o dedo encardido de nicotina do cigarro o meu inominável deslize.

Li o nome Rafael. De imediato não atinei com o “erro”.

Possesso, exclamou:

“É assim que se escreve o meu nome?”



Pus-me de pé e, respeitosamente, respondi-lhe:

“Com licença. Em ortografia moderna, o nome Rafael se escreve assim mesmo...”

Um berro ensurdecador abafou minhas últimas sílabas:

“Não sou moderno! Sou antigo! Meu nome se escreve com ph em lugar de f”.

E despejou um palavrão.

Na ânsia de ser digno do sacerdócio, mister se fazia vencer o meu temperamento, enrijecendo-o em convicções de disciplina eclesiástica e enquadrar-me dentro do pietismo, segundo as normas do Seminário.

Não me revoltei por este incidente com o reitor. Em lágrimas, agradei a Deus o privilégio de encontrar tantas oportunidades para dobrar o meu temperamento. Lamentava, outrossim, haver ingressado no Seminário quando já no fim da minha adolescência. Bom seria se houvesse entrado em tenra infância, como os outros.

Sugeriu-me o diretor espiritual escrevesse num cartão os pontos de exame particular da minha formação e os lesse todas as noites, tomando resoluções concretas.

Recordo-me da frase com que encimei este cartão: “Meu lugar não é o Seminário se não amo o esforço em demanda à santidade pela prática da penitência que subjugará os meus instintos maus”.

Era um rapaz de 17 anos!

Lembro-me, também, de algumas das resoluções: “Reconciliarei o sono o quanto piedosamente possível, com o rosário envolto ao pescoço ou anelado ao meu pulso. Privar-me-ei, voluntariamente, dos doces enviados por minha mãe, dando-os aos colegas. Prestarei a máxima atenção à leitura que se faz no refeitório para diminuir a animalidade da ação de comer”.

Por esta atitude interior criara ódio contra mim mesmo!!!

## **Nos extremos da humilhação**

Chegou o mês de maio! Mês da rainha dos sacerdotes!

O Seminário se engalanou para as celebrações marianas.

Instalou-se, no primeiro dia, numa curva das escadarias dos dormitórios, uma imagem de “Nossa Senhora das Graças”. Fui o orador oficial do ato, em vista do meu progresso sensível que a todos “edificava”.

Um moço mal saído do mundo que se ajustava à orientação do Seminário e se submetera à disciplina só poderia ser resultado de uma tenacidade vigorosa.

Cada noite, aos pés daquela imagem, um aluno faria um pequeno discurso laudatório à Virgem. Sem se esquecer de “incensar” o diretor espiritual... Cada dia um era encarregado de arranjar um jarro de flores. Cada dia um era responsável pela lâmpada de óleo que deveria bruxolear todo o mês.

E um colega – melífluo e misticamente desengonçado – para rasgar seda, se encarregou de cuidar das flores para o altarcinho da Virgem, instalado no gabinete do diretor espiritual. O superior não deve ser considerado uma eucaristia de Jesus para nos corrigir?

Alguns alunos manifestaram critério e bom senso nos seus pequenos discursos. Outros descambaram para a devoção piegas. Um deles, recordo-me bem, saiu-se com este “caso edificante”. Certa senhora que, ao ter filhos sofria em demasia e perdera alguns, fizera uma promessa a “Nossa Senhora”. Se daquela vez lhe nascesse uma menina normal e sem maiores dificuldades, dar-lhe-ia o nome de Regina. Veio-lhe um homenzinho. E, para não faltar à promessa, deu-lhe o nome de Aniger, espécie de metaplasmo de Regina. Naquele tempo o Aniger ocupava, como cônego, uma das cadeiras do cabido diocesano da catedral e agora é bispo no interior paulista.

Objetivando incentivar a devoção filial a Maria, o mesmo diretor espiritual beijava a imagem da sua “rainha”, instalada no seu quarto, sem pejo de que os meninos vissem. E todos se extasiavam com tanta ternura à Virgem, rainha dos sacerdotes!

**.oOo.**

No ardor da batalha contra mim mesmo, estava certo do fracasso. Repontava aqui e ali a hidra do meu temperamento, pretendendo abalroar os alicerces dos meus castelos interiores.

Precisava humilhar-me mais e mais.

No Seminário Menor de Campinas, nos moldes do Seminário Central do Ipiranga (em São Paulo), onde se faz o curso de filosofia e teologia, os alunos respiravam “marianismo”. Naquelas estufas de desenvolvimento espiritual e de preparação clerical, “Nossa Senhora se torna indispensável para a Salvação” (“Consagração a Nossa Senhora”, do bispo Antônio Maria Alves de Siqueira).

Seguindo a linha doutrinária do catolicismo romano, onde Maria representa e revela ao pecador a infinita misericórdia de Deus, os superiores desses Seminários preconizam uma santificação pessoal

fundamentada na “consagração total a Nossa Senhora”, segundo o método de “São” Luis Maria Grignon de Montfort, denominado “escravidão de amor”. É um “estado de total dependência de Maria, levando-nos à renúncia de nós mesmos e de morte a nossa má natureza”.

Meu desejo de perfeição espiritual atingia as culminâncias do ideal mais belo. Aceitei essa escravidão!

Desconhecia absolutamente a Bíblia Sagrada! Ouvíamos a leitura dos Santos Evangelhos, nos dias de semana, apenas cinco minutos após o almoço, quando íamos à capela fazer a visita ao Santíssimo Sacramento. Possuíamos a Concordância dos Santos Evangelhos, de Dom Duarte Leopoldo e Silva, um volume onde não se acha nenhuma Epístola.

Adquiri o livro “Glórias de Maria Santíssima”, de Santo Afonso Maria de Liguori, escrito em língua italiana, em 1750, e posteriormente traduzido para todas as línguas cultas. Para se aquilatar a consideração que cerca essa obra, verdadeiro trabalho de “teologia mariana”, vale a observação feita pelo papa Bento XV: “é um livro perene”.

De fato, toda a mariolatria que desgraça o mundo, corrompendo as almas distantes das fontes puríssimas da Palavra de Deus, está alicerçada e embasada neste livro.

Em 22 de setembro de 1892, o papa Leão XIII promulgou uma Encíclica dirigida a todos os bispos do mundo sobre o “rosário de Nossa Senhora” e nela se enuncia a seguinte doutrina: “Do imenso tesouro de graças que o Senhor nos trouxe pode-se realmente dizer que, segundo a vontade de Deus, nada nos é concedida senão por meio de Maria”. Observa um teólogo católico que a citada Encíclica do papa outra coisa não é do que um resumo das “Glórias de Maria”.

Destaquei essas observações sobre o livro “Glórias de Maria” para se verificar à saciedade que ele é a síntese de doutrina católica sobre o marianismo. Após o exame deste capítulo, verificar-se-á que o catolicismo romano está muito distante do cristianismo. Ele não passa de mariolatrismo ou marianismo mesmo.

Queria ter a Maria uma devoção esclarecida, o que não conseguira com a devoção a São José.

Nessa intenção é que tomei o livro de Liguori, com o coração referto de agradecimentos a Deus por me haver proporcionado o meio tão ansiosamente procurado para garantir a minha salvação. Na sua introdução, li estas palavras do “santo” autor: “Têm o paraíso seguro todos o que anunciam as glórias de Maria”. Decidi-me ser um pregador das glórias de Maria!

No Seminário, os alunos, quando proferem sermões ou discursos, peroram proclamando louvores a Maria. Alguns trocistas esboçavam seus sorrisos de contentamento ao ouvirem laudas a Maria, nos discursos quilométricos e sensaborões porque o orador já atingira o fim.

**.oOo.**

Depois de ler este livro de um hausto, volvi a sua leitura para meditá-la. Submeti-me inteiramente às suas doutrinas que, gota a gota, penetraram minha alma e se encarnaram em minha vida e transpareciam em todas as minhas atitudes.

Empreendi, então, o estudo do livro “Tratado da Verdadeira Devoção”, de autoria de São Luis Maria Grignon de Montfort, e de outros tratados a respeito da “escravidão de amor a Maria”.

Ó Deus Santo! Como caí eu nas profundezas tamanhas do mariolatrismo? É bem verdade que aqueles que desconhecem Tua Bendita Palavra estão sujeitos a essas degradações...

**.oOo.**

Vencer-me! Ser santo! Servir a Deus! Garantir quanto antes a minha salvação eterna! Eram os sonhos do meu coração...

Ideal alcandorado, cuja consecução era o motivo de todas as minhas desditas, de toda as minhas batalhas fracassadas.

Ideal alcandorado, cujo preço me custava tanta humilhação e tanto ridículo... Até o ridículo de me chafurdar na mariolatria!!!

E, no dia 31 desse mês de maio, ajoelhado diante da imagem de Maria entronizada no quarto do diretor espiritual, proferi a fórmula consacratória. Entre outras coisas, li:

“Eu vos escolho hoje, ó Maria, na presença de toda a corte celestial, por minha Mãe e Mestre. Eu vos abandono e consagro, em qualidade de escravo, meu corpo e minha alma, meus bens interiores e exteriores, e o valor de minhas boas ações passadas, presentes e futuras, deixando-Vos inteiro e pleno direito de dispor de mim e de tudo o que me pertence sem exceção segundo Vosso beneplácito, para a maior glória de Deus, no tempo e na eternidade”.

**.oOo.**

Já é vasta a literatura a propósito da “escravidão de amor a Maria”. No Brasil, entre outros, o bispo Antônio Alves Siqueira – tão devoto e tão piegas que acrescentou Maria ao seu nome quando se sagrou bispo – se encarregou de propagar essa monstruosidade através de um livro de sua autoria: “Consagração a Nossa Senhora”.

Na sua edição de 1951, à página 13, apresenta as seguintes “vantagens” dessa doação:

“Nossas boas obras, passando por Maria, antes de chegar a Deus, serão por Ela purificadas, acrescidas e aformoseadas... Em troca da generosa renúncia que de nós fazemos por sua honra, Nossa Senhora saldará nossas dívidas para com Deus nesta vida e não permitirá que soframos por muito tempo no purgatório”.

O escravo de Maria viverá em absoluta dependência dela! “Por Maria, em tudo deixando-nos guiar pelo seu espírito. Com Maria, tomando-a por perfeito modelo nosso, e renunciando a nós mesmos. Em Maria, tornando nossos os sentimentos interiores de Nossa Senhora, em tudo o que fazemos. Para Maria, oferecendo em sua honra quanto realizamos” (“Consagração a Nossa Senhora” – página 15).

Toda a mariologia destaca este dogma: “Nossa Senhora nos é indispensável para a salvação” (“Consagração a Nossa Senhora” – edição de 1951 – página 11).

**.oOo.**

Permitam-me uma palavra ainda de esclarecimento sobre este assunto.

Nestes últimos tempos, o catolicismo romano desfraldou a bandeira do ecumenismo, nova tática para atrair a atenção dos incautos. Há quem o julgue disposto a reformular seu corpo doutrinário, abrindo mão de certas heresias, só porque viu certo padre retirar alguns ídolos do seu templo.

Ninguém se iluda!

No recente Decreto sobre o Ecumenismo, promulgado em 21 de novembro de 1964, ao final da Terceira Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, o papa Paulo VI declara, ao referir-se sobre a ação ecumênica desse Concílio, que “não pode ser senão plena e sinceramente católica, isto é, fiel à verdade que recebemos dos Apóstolos e dos Padres, em harmonia com a fé que a igreja católica sempre professou...” E proclama ser “absolutamente necessário que toda a doutrina seja exposta com clareza”.

Com essa mesma data, o mesmo papa encabeça a lista de assinaturas dos padres conciliares apostas num outro documento denominado: “Constituição Dogmática sobre a Igreja” em que, após acesas discussões e longas intervenções, reafirma as doutrinas de sua “madre”.

Maria continua, como Mãe de Deus e coredentora, a mesma concorrente de Jesus Cristo que, naquelas áreas, não passa de uma figura de importância secundária.

Os princípios de Afonso de Liguori são ressaltados quando a mencionada Constituição, entre outros dislates, diz: “É com razão que os

santos padres julgam que Deus não se serviu de Maria como de instrumento meramente passivo, mas julgaram-na cooperando para a salvação humana... se fez causa de salvação”. Assunta aos céus, Maria, “por sua múltipla intercessão prossegue em granjear-nos os dons da salvação eterna... Por isso a Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Protetora, Medianeira”.

Durante a audiência geral do dia 18 de novembro de 1964, o papa Paulo VI declarou: “Temos a alegria de anunciar-vos que nós terminaremos esta Sessão do Concílio Ecumênico, que delineou a doutrina d Igreja, na alegria de reconhecer a Nossa Senhora o título que bem lhe compete de Mãe da Igreja: Mater Ecclesiae. Será este um título que nos ajudará a celebrar Maria Santíssima amorosa rainha do mundo, centro materno de unidade, pia esperança de nossa salvação”.

E realmente na oportunidade do encerramento da terceira fase do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 21 de novembro de 1964, o papa proclamou Maria, Mãe da Igreja.

Embarquem os incautos na canoa ecumenista e singrarão os mares da idolatria!

## **Seminário Central do Ipiranga!**

Meu progresso encurtou o período de prova em Campinas e o meu aproveitamento nos estudos inspirava aos superiores segurança de sucesso.

Sob estas perspectivas encaminharam-me para o Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga, em São Paulo, estabelecimento de estudos eclesiásticos superiores.

Naquele ano de 1943, a data do ingresso estava assinalada para 15 de fevereiro.

As férias passadas com meus familiares não embotaram em nada o colorido que o Seminário de Campinas havia impresso em minha alma. Consagrara-as à dedicação de divulgar o “reinado de Maria”, promovendo rezas do rosário nas casas amigas e procissões marianas com as crianças do catecismo. As beatas das missas matutinas embeveciam-se edificadas. Vitorioso e alegre, ouvia os comentários que me convenciam do domínio definitivo sobre paixões e más tendências.

Na viagem para São Paulo, não pude furtar-me ao “prazer” de passar por Campinas e rever o Seminário, campo de tantas batalhas... Nos dormitórios, os assoalhos, as vidraças, as diversas instalações trouxeram-

me lembranças dos esforços ingentes e noites de insônia... Na capela, a memória de tantas orações, longas e ensopadas de lágrimas para obter de Deus vitória sobre mim mesmo... O refeitório, os pátios, o salão de estudos, as salas de aula, tudo acordava no meu íntimo reminiscências de lutas e sofrimentos, penitências e dedicações sem limites.

Ao passar pelo escritório do reitor, um calafrio gelou-me o sangue...

“Afinal, tudo passou! O reitor sempre foi meu amigo! Tudo o que ele fez foi para beneficiar-me...”

Desci os degraus das escadarias daquele Seminário com a alma invadida por um grande sentimento de vitória.

Quis marcar esse dia. Antes de embarcar no trem, passei pela Casa Dom Nery, loja de artigos religiosos, e levei também, como lembrança, o livro “Nossa Senhora de Fátima”, de autoria do padre Luis Gonzaga Aires da Fonseca, S. J.. Nenhum marco poderia sobrepujar um livro cujo tema fosse a Virgem Maria, a quem me entregara totalmente.

“*Maria! Tuus totus ego sum* – Ó Maria! Sou todo teu!” Rendia graças a Deus. Supunha-me manifestação concreta do valimento poderoso de “Nossa Senhora”!

Na primeira página do livro, em seguida ao meu nome e à data, escrevi: “Lembrando o feliz dia da minha entrada no Seminário Maior”.

.oOo.

A mala pesada não me prendia à terra e nem distraía minhas considerações.

Com meu coração flutuando em júbilo, atravessei o enorme portão de entrada do Seminário Central, o “palácio de Maria”, onde se respirava marianismo e a devoção ao papa tomava acentos de supremacia a fomentar uma espiritualidade desesperadamente frágil.

Não me impressionara nem com a majestade arquitetônica do estabelecimento e nem com a ruidosa recepção condimentada de jovialidade forçada que se fazia aos calouros.

Cada um destes era orientado por um aluno antigo. Determinado pela direção da casa, dava-se-lhe o nome de “anjo”. O meu anjo de ingresso no Seminário Central foi um moço do Rio de Janeiro, cuja obesidade lhe merecera a alcunha de “seu vigário”.

Muito piedoso, teve logo o cuidado, ao receber o seu protegido, de levar-me defronte da gruta de “Nossa Senhora de Lourdes” e rezar comigo o “*sub tuum praesidium* – sob tua proteção” e uma Ave-Maria, colocando-me ao amparo de tão maternal protetora.

O “seu vigário” foi muito solícito em mostrar-me todas as dependências do prédio, em explicar-me os regulamentos, em falar-me do “espírito da casa”...

**.oOo.**

Em poucas horas de convivência ali, os meus sonhos se esfacelaram nas aspas da realidade. Previa, ansiosamente, encontrar uma espiritualidade profunda, sólida e séria. Agora, decepcionado, verificava bem o contrário.

Os sorrisos servis e as conversas que se encolhiam em cochichos nas curvas dos claustros junto das grossas colunas deram-me o sabor amargo de intensa desilusão.

Numa cadência passiva de automatismos disciplinares, os seminaristas sofriam o desfibramento de suas personalidades...

Um pretexto qualquer levou-me ao gabinete do reitor.

Ansiava encontrar um sustentáculo para não pulverizar todas as minhas esperanças.

Monsenhor reitor descendia de gente de fina estofa. Alto de estatura e aprumo de paladino. Olhos indiferentes como enigmas. Frio como uma tábua de logaritmos. Sorriso medido e cronometrado. Endeusado nas suas “qualidades raras” (?) impossibilitara-se de compartilhar dos problemas alheios a não ser com meia dúzia de privilegiados que o cercavam como áulicos. Comia com gestos meticulosos. Porte ereto, jamais se permitia cruzar as pernas. Na alocações que dirigia aos alunos, batia nas coxas com as mãos espalmadas.

Aquele perfil emoldurado de severidade e soberba abateu-me.

Diluiu-se minha esperança de encontrar apoio na pessoa do reitor...

Tive vontade de fugir. Seria, contudo, uma vergonha capitular.

**.oOo.**

Ofereci a Maria um rosário. Pedi-lhe amparo e que manifestasse sua anuência aos meus desejos de ser padre.

Fui aprovado no vestibular, no que procurei ver a manifestação de Maria.

**.oOo.**

Um jesuíta pregou-nos o retiro espiritual de cinco dias completos, cujas conferências procediam de um tema central: “*Omne agens agit propter finem* – Toda ação deve ter uma finalidade!” Nossa finalidade suprema é Deus. Devemos, nessa analogia, sobrenaturalizar todas as nossas ações.



O enunciado da tese filosófica, conforme as suas implicações na vida espiritual, concedia, seguindo-se a sequência de pensamentos do preletor inaciano, foros de racionalidade ao lema jesuítico: “*Ad majorem Dei gloriam* – Para a maior glória de Deus” . Se todo o agente age em vista de um fim e sendo Deus – a quem devemos toda a glória – o nosso Fim Supremo, segue-se que tudo o que fizermos terá sua justificativa. Não diz o povo em sua sabedoria que o que vale é a intenção?...

À distância, posso constatar que já naquele primeiro retiro espiritual do meu curso superior, a minha consciência estava sendo orientada à luz do princípio basilar da moral católica romana: **O fim justifica os meios...**

## **Estudo dirigido**

O curso superior de preparação clerical se divide em duas partes: três anos de filosofia aristotélica-tomista e quatro anos de teologia dogmática.

No primeiro ano de Filosofia, além da Lógica, os alunos ainda se ligam ao curso de humanidades pela continuação do estudo de Literatura, Matemática, Grego e Ciências Experimentais.

Nos outros dois anos, entra-se mais na Filosofia (Criteriologia, Psicologia, Ontologia e Metafísica), que é a “escrava da Teologia”.

**.oOo.**

Escrava da Teologia!!!

Desde a primeira aula de Filosofia Escolástica, o discípulo passa a sofrer um processo de despersonalização com o sacrifício de sua inteligência e raciocínio próprio, por ir sendo amarrado ao dogmatismo católico.

Tenta-se convencer o levita que o seu maior e mais perigoso inimigo é o seu próprio intelecto.

**.oOo.**

O método escolástico dá embasamento à formação intelectual dos seminaristas. O Código de Direito Canônico, em seu cânon 1366, parágrafo 2, prescreve: “Os professores tratem os estudos da Filosofia Racional e da Teologia, bem como a formação dos alunos nestas disciplinas, de acordo com o “método”, a “doutrina” e os “princípios” do Doutor Angélico e os observem religiosamente”.

A inteligência deve mesmo ficar bitolada. Amarrada. Escravizada. Nenhum aluno poderá usar dela para raciocinar, tirar conclusões, discutir, divergir, consultar...

A determinação canônica é constantemente lembrada aos superiores e reitores de seminários por meio de consecutivos documentos pontifícios. O

papa Pio XII, na sua encíclica sobre a santidade da vida sacerdotal, “*Menti Nostrae*”, de 23 de setembro de 1950, repete o que se tornou brocardo: “O método escolástico tem particular eficácia para mostrar que as doutrinas confiadas como sagrado depósito à Igreja, mestra dos cristãos, são entre si organicamente conexas e coerentes”.

A Filosofia Aristotélico-Tomista e a Teologia Dogmática, a primeira escrava da segunda, entrelaçam-se numa estrutura tão coesa que se tornam interdependentes.

Essa Filosofia Escolástica estudada nos seminários católicos agrilhoa os seus estudantes ao dogmatismo romanista concedendo-lhes ares de verdades consentâneas com a razão.

A mente dos seminaristas, desde o curso de humanidades, vem sendo encharcada de noções pagãs pelo estudo sério e profundo dos poetas e literatos latinos do paganismo.

Decorei tantos trechos destes clássicos! De Homero, Cícero, Virgílio.. E não é esse mesmo Virgílio, renomado poeta da Roma pagã, que nos dá idéia do purgatório a quem a escolástica católica deu foros de racionalidade facilitando uma aquiescência cega ao seu dogma?

Desde o princípio, o estudante é orientado sob uma rígida estrutura didática para, no fim, ficar seguro da imutabilidade e inquestionabilidade de todos os dogmas.

Essa posição intelectual dos estabelecimentos de ensino eclesiástico que se implanta na estrutura aristotélico-tomista ou Filosofia Escolástica, produzindo o entravamento entre o Dogma e a Filosofia, se constituiu em Tomás de Aquino o auge de um sonho acalentado desde os primórdios do catolicismo romano.

A tese jesuítica da salvação pelas obras, defendida em Trento, não é uma novidade. Trata-se da repetição da fórmula “judaizante” ou “legalista” refutada por Paulo na reunião de Jerusalém, no ano de 51, e em Gálatas. (Veja-se nosso livro “**Cristo? Sim!!! Padre? Não!!!**”).

Justino, considerado como o maior dos padres apologistas, já no século II, tentou a conciliação entre o Paganismo e o Cristianismo e a unidade entre a Revelação e a Filosofia.

Alexandria foi o grande centro cultural daquela época, mesmo sob o ponto de vista católico, por se expandir de lá o gnosticismo cristão sob o ardor de Clemente e de Orígenes, dois outros antigos padres do catolicismo romano.

Clemente procurou harmonizar a Filosofia com a Fé, tornando-se um dos maiores propugnadores do Cristianismo Filosófico, próprio e característico dos padres alexandrinos.

Tertuliano, outro escritor eclesiástico daquele tempo, considera a Filosofia como responsável pelas heresias, porquanto o desejo de harmonizar a doutrina cristã com a filosofia pagã acentuava em demasia o valor desta última.

Nenhuma tentativa de harmonização, porém, obteve real e completo êxito. Somente no século XIII que Tomás de Aquino conseguiu celebrar, de modo definitivo, esse conluio, catolicizando os tratados filosóficos de Aristóteles ou “aristotelizando” em silogismos as doutrinas católicas. É ele o engenheiro-chefe do arranha-céu filosófico-teológico do catolicismo romano. Os ensinamentos silogísticos ainda hoje ministrados nos seminários da seita são os fixados por ele em sua “*Summa Theologica*”.

Não teve como objetivo descobrir a verdade sobre os ensinamentos de Jesus Cristo, como se encontram na Bíblia. Seu propósito foi o de conseguir razões para explicar as crenças e práticas já existentes no catolicismo, oriundas do paganismo, e cristalizá-las para sempre como dogmas imutáveis.

Não encontramos nenhum traço de sólida espiritualidade nas obras tomistas. Trata-se de jogo de palavras. Sofismas e nada mais. Comparam-se as obras tomistas àquele surrado truque de mágico de circo que só retira de sua cartola aquilo que antes nela colocara às escondidas do público. A Filosofia Católica ou Escolástica ou Tomista se ajusta perfeitamente a toda a estrutura da dogmática do catolicismo, dando-lhe aparências de perenidade.

Foi essa Filosofia, “escrava da Teologia”, que me foi apresentada para estudo. Empenhei-me nele com as maiores disposições de alma, sujeitando-me cegamente a todas as normas do curso. Ansiava por firmar convicções sólidas, bebendo os silogismos aristotélico-tomistas que me trariam facilidades de apreensão às teses da Teologia Dogmática.

**.oOo.**

Ao final de uma aula de Lógica, abordei o professor.

Elegante, com seu rosto longo e olhos compridos, cabelos repartidos ao meio a cosméticos. Compenetrado de sua vasta cultura, dava de pé todas as aulas. No seu escritório, fumava como uma chaminé e nas aulas os seus lábios serviam também para entornar sarcasmos contra os pobres alunos que não entendiam as explicações.

Respondeu às minhas perguntas com altivez. Referiu-se a um livro qualquer. No desejo incontido de maiores esclarecimentos, pedi-lhe emprestado o livro citado. Prometeu-me para sábado.

No sábado, estava eu no seu escritório. Ao lhe falar do livro prometido de empréstimo, disse-me que não o emprestaria. Expliquei-lhe que mo

havia prometido para sábado e o dia chegara. E saiu-se com esta: “Mas não lhe disse qual sábado...”

A Filosofia ensinara-lhe que isso não era mentira... E o seu apego integral às doutrinas católicas guindou-o ao sólio episcopal de uma das dioceses do Estado de Minas Gerais.

Mentira lícita chama-se “*epikkéia*” ou “restrição mental”, para os padres...

Suportei essa humilhação!

.oOo.

A vontade objetiva o amor. A inteligência, a verdade.

Nos seminários superiores do catolicismo romano, os estudantes são sentenciados à inominável pena do sacrifício de sua vontade e de sua inteligência.

A humilhação deve destruir-lhes ambas!

## **Morte à inteligência!**

Todo o desvelo dos professores e orientadores espirituais dos seminários católicos visa demonstrar aos alunos que o seu maior e mais perigoso inimigo é a inteligência. Ensinam-lhes com pertinaz insistência que a razão não lhes foi dada por guia. Deve ela, para não se degenerar e se perder, sustentar-se à cátedra de Roma.

O pontífice romano é o único fundamento da Verdade e condutor infalível em nossas perquisições – eis a tese mais ardentemente defendida e inculcada nos seminaristas.

Com que vergonha me recordo hoje de também eu me haver acorrentado com esses degradantes grilhões ao trono de um verdugo crudelíssimo como é o orgulhoso chefe do Vaticano!

O clímax de tal sujeição se consubstancia na devoção ao papa, a qual nada mais é do que aviltante e vexatória adoração àquele que se intitula vigário de Cristo – “o doce Cristo na Terra”.

Pio XI, em documento sobre o sacerdócio católico publicado em 1935 com o nome latino de “*Ad Catholici sacerdotii fastigium*”, exigia dos seminários executassem uma formação disciplinar capaz de encurralar todos os seus escravos sob o sofisma de que os obedientes não são responsáveis pelos erros cometidos no acatamento das diretrizes dos seus superiores eclesiásticos.

Todo o sofisma é imoral! Este não escapa à regra!

Imagine-se que a sociedade não impute crime aos mandados!

.oOo.

O superior é a autoridade dada por Deus para nos guiar! Obedecendo-o jamais erraremos! Esta doutrina diabólica era a tecla repisada insistentemente.

Pormenorizavam-se cenas e se particularizavam minúcias no intuito de serem os alunos postos à prova em seu espírito de obediência e sujeição.

A obediência, transformada em sujeição vil, torna-se o fundamento das ciências eclesiásticas.

“*Magister dixit*”. Está encerrada a questão! Pretensioso e ignorante é quem objetar e levantar interrogações.

“O espírito de humildade, iluminado pela fé, *dispõe a alma à imolação da vontade por meio da obediência*”. Preceituava Pio XII sobre a vida sacerdotal aos 23 de setembro de 1950 no citado documento “*Menti Nostrae*”.

Deve-se sujeitar o próprio julgamento ao do superior, sem se examinarem sequer as razões porque ele manda.

Nas noites de terça-feira tínhamos uma palestra espiritual a cargo do monsenhor Macedo. Seu tema constante: A obediência. E para incentivo repetia-nos os milagres extraordinários com os quais foram alguns santos premiados em resultado de sua obediência. Nem sei quantas vezes ouvi essas histórias!

Dentre elas, vou relatar duas. Uma de Rita de Cássia e a outra de Terezinha do Menino Jesus.

Certa feita, a superiora do convento, mal humorada, chamou Rita e em nome da “santa obediência” ordenou-lhe plantar em terra convenientemente preparada uma vara seca e regá-la todas as manhãs e todas as tardes, mesmo que chovesse. Submissa, lá se foi a freira Rita. E Deus a premiou, permitindo milagrosamente brotasse a vara seca e se transformasse em pujante parreira. Isto há mais de oitocentos anos. E concluía o pândego monsenhor, informando na existência atual em Cássia, da parreira milagrosa, da qual havia ele chupado uvas.

Terezinha do Menino Jesus era tão obediente que, em certa ocasião, estava escrevendo em seu caderno de notas espirituais quando souou a campanha chamando a comunidade para uma função religiosa qualquer. Obediente a todo transe, prontamente interrompeu seu trabalho, deixando uma palavra pelo meio. Quando retornou, encontrou a dita palavra completada por um anjo e em letras de ouro, como troféu de sua obediência.

Envergonhado, declaro que eu acreditava nisso e me esmerava intensamente por imitar dessas santas a virtude da obediência. Sonhava

que o reitor me chamasse plantar uma vara seca. Quantas vezes deixei palavras na metade para atender com presteza aos chamados da campanha! E nunca as vi concluídas com letras a tinta sequer...

.oOo.

Surgiram no século XVI os jesuítas com seu programa de contra-reforma. Com sua doutrina pelagiana – da salvação promovida pelas obras do homem – através de seus porta-vozes Lainez e Salmeron, exerceram influência decisiva nos decretos do Concílio de Trento, que amaldiçoou todos quantos proclamam, de acordo com a Bíblia, a salvação completa e gratuita pela aceitação da graça divina, só pelos merecimentos de Jesus Cristo. Abafaram eles as vozes do arcebispo inglês, o Cardeal Pole, que presidiu o Concílio durante a ausência do papa Paulo III, do arcebispo de Siena e mais dois bispos e outros cinco eclesiásticos.

Deu o Concílio Tridentino uma posição destacadíssima aos jesuítas que, de então para cá, passaram a dominar amplamente na teologia dogmática, na teologia moral, na legislação eclesiástica e nas práticas devocionais.

Os mais importantes movimentos devocionais entre a infância (a Cruzada Eucarística Infantil), a juventude (a Congregação Mariana), os adultos (o Apostolado da Oração) são criados, orientados e dirigidos por jesuítas. Como por eles são criados, orientados e dirigidos muitos colégios e todas as universidades católicas. Sofrem-lhes a influência perniciosa os próprios operários católicos, através dos Círculos Operários. E sem se falar do papa negro, chefe supremo da ordem jesuíta, que manobra a seu talento a cúria romana.

Infiltram-se em todas as cúpulas e se constituem na casta dirigente de todo o sacerdócio católico romano.

Inácio de Loyola é o seu fundador. Suas lições se transformaram em dogmas para a formação eclesiástica dos seminaristas.

O Seminário Central do Ipiranga seguiu à risca o doutrinamento jesuítico. Todos os manuais de ciências eclesiásticas tinham jesuítas por autores. Jesuítas todos os pregadores de retiros espirituais.

Nós estávamos impregnados de doutrinas jesuítas. Relativamente à obediência, os dogmas inicianos têm esses enunciados: “É necessário que ofereça o entendimento... não somente tendo um querer, mas também o mesmo sentir com o seu superior”.

E continua nessa mesma Lettre CXX: “Assim como pode errar a nossa vontade, assim pode o entendimento no que nos convém. E, assim como para nossa vontade se não desviar do bem é acertado confirmá-la com a do superior, assim também para não errar o entendimento se deve unir a ele”.

Na Constituição com que estabeleceu a sociedade jesuítica, Inácio determina: “É o que se chama obediência cega, que faz esteja o homem nas mãos dos seus superiores – *perinde ac baculus, perinde ac cadaver* – como uma bengala, como um defunto” (Constitut. VI, 1, reg. 36).

Em princípios do ano 1947, minha crise espiritual atingia o ápice. Não encontrava o sentido exato de uma coordenação das minhas inquietações e angústias. E veio de Roma um documento pontifício. O papa Pio XII mandara uma carta apostólica sobre a formação dos seminaristas, urgindo junto aos reitores que os fizessem “pensar sempre com a igreja”.

“*Roma locut...*”

Obediência cega...

Escravidão total...

Esvaziamento absoluto da nossa razão...

Atrofia-se a inteligência, agrilhoa-se a razão e atira-se uma alma desgraçada – um defunto!!! – nas masmorras escuras da sujeição cega aos pés do papa...

Os seminários são quartéis onde o papa prepara sua milícia negra para promover e sustentar a degradação, a superstição, a idolatria, o desplante, a indolência, o sofisma... E a escamoteação da Verdade!!!

**.oOo.**

A Verdade!!!

A Verdade magnífica sobre Jesus Cristo, o nosso único e todo suficiente Salvador! Seus méritos são eficazes para nos salvar!

**“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”** (João 8.32).

Quem não conhece essa Verdade é escravo! É bengala... É defunto aos pés calçados de ouro do papa!!!

### **Amargas experiências**

O processo de despersonalização que se efetivava no seminário – “*perinde ac baculus, perinde ac cadaver*” – não poderia funcionar sem a delação, que lhe constitui peça primordial em seu mecanismo diabólico

A “lavagem cerebral” e a delação aplicadas nos regimes totalitários são cópias a papel carbono desse processo de despersonalização dos estabelecimentos de “formação” eclesiástica.

**.oOo.**

No Seminário Central do Ipiranga é bem organizado o “Núcleo da Delação”. Compunha os quadros um grupo de rapazes de nula personalidade e de fisionomia interior amorfa e incaracterística.

Reuniam-se constantemente nos aposentos de algum professor, onde, quais velhas comadres, confabulavam planos, estabeleciam propósitos de vigilância e apontavam nomes para serem observados e postos à prova. Também acusavam-se mutuamente. Não era, por sinal, muito difícil identificá-los no meio da comunidade. Denunciavam-nos os seus ares piegas.

A essa cáfila de delatores inspirada nos seus êxtases farisaicos pelos professores do Seminário, se impunha a tarefa inglória de fazer os colegas caminharem num automatismo de sonâmbulos. Naquele ambiente, tudo se organizava e se tecia numa engrenagem de arames e barbantes, em clima de falso misticismo, à imitação de um vasto elenco de teatro de marionetes.

O Seminário estava povoado de pinóquios, de seres sem vibração, sem autonomia de ritmos interiores, sem um esgar, um rictus expressivo de vida e de força.

A comunidade inteira, constituída de fantoches, deveria ser movida pelas molas, cordas, elásticos e discos, inexoravelmente ligados ao Núcleo dos dodóis de monsenhor reitor.

O “Balde”, piraquara das margens do Paraíba, que era um riso sibilante e zumbido de zz, credenciara-se à alcunha pela sua desenvoltura em baldear...

**.oOo.**

A Segunda Guerra Mundial trouxera sofrimentos inenarráveis para o mundo inteiro. O luto e a miséria eram os saldos da hecatombe.

Ganancioso de poder terreno, o papa Pio XII foi um dos responsáveis pela Guerra. Amargando a derrota com os seus aliados, decidiu tripudiar sobre a tristeza do mundo e ostentar o seu luxo. Decidiu nomear um punhado de novos cardeais. O conclave de fevereiro de 1946 para a investidura das insígnias cardinalícias foi qualquer coisa de retumbante. Cada novo cardeal gastou para sua “fantasia” de púrpura quinze mil dólares...

Contei a dois colegas a amargura que me ia na alma por isso.

À noite, fui chamado à presença do reitor. Contaram-lhe o meu desabafo!

**.oOo.**

Um mestre incumbia-se de oferecer seus préstimos para “botar remédio nos calos dos alunos”, após a oração da noite.

Alguns iam ao seu quarto. E sempre sobrava no quarto do clerical calicida um piedozinho até altas horas da madrugada.



Ficavam os dois “rezando”!

No dia seguinte, se alguém abordasse o “coleginha” sobre as “rezas” com o professor, cuja crônica era conhecida, dar-se-ia mal.

**.oOo.**

A par da exaltação das virtudes de Maria Goretti, os pregadores repetiam considerações entusiásticas sobre as riquezas das solenidades da canonização dessa “santa” recentemente feita pelo papa.

Monsenhor reitor, que estava em Roma cumprindo uma visita oficial imposta pelo seu cargo de visitador apostólico dos seminários do Brasil, assistira o “magno espetáculo de fé”.

Na primeira vez que foi ao pátio de recreio, após o seu regresso, acolheu-o uma grande salva de palmas.

Os meus aplausos foram normais. De quem cumpre um gesto imposto pelas circunstâncias. Faltava-lhes, evidentemente, o calor do entusiasmo.

Ao meu lado, estava um colega, rapaz eriçado por orgulhosas prosápias. Sua máscara de cínico afivelada num rosto chupado fazia do Afonso o tipo perfeito do sócio do “Núcleo Delator São Luis de Gonzaga”.

No dia seguinte, encontrando-se comigo numa das galerias, monsenhor, com voz melíflua, disse de sua estranheza por não lhe haver aplaudido com vibração o regresso.

**.oOo.**

A garoa gélida pulverizava a noite e impediu-nos de andar pelas avenidas do seminário. Sentados em grupos, sob um caramanchel, os alunos discorriam sobre assuntos diversos.

Sem perceber que estava sendo vigiado, contava ao Coupé o meu desapontamento por causa das notícias pormenorizadas sobre as pompas da canonização de Maria Goretti trazidas por monsenhor reitor. E aprofundamos a conversa. Manifestei-lhe uma grande dificuldade que sentia.

Se o papa, revestido do dom da infalibilidade, pode “ex-cathedra” proclamar com absoluta segurança que uma pessoa, no caso Maria Goretti, está no céu, por que também não poderia saber e declarar quando uma alma sai do purgatório? Poderia estabelecer na cúria romana uma congregação ou secretaria só com a finalidade de atender as consultas a respeito.

Santo Deus! Após a oração da noite, de braços cruzados, como um galé maldito, estava eu na frente do reitor. O pobre do Coupé teve de pagar também o preço de me haver ouvido.

Muitos seminaristas se acomodavam. Encapavam-se no manto da hipocrisia. Suas almas se tornavam trancadas como túmulos.

**.oOo.**

Com a viagem do reitor a Roma, avultava-se no seminário a dança esquisita e sonambúlica dos fantoches...

“O seminarista deve ser uma carta sem endereço, uma folha em branco...”

“Um cadáver!!!”

Compreendia eu a tragédia dessa deformação lenta, mas implacável. E reagia intimamente.

Nas madrugadas insones, vendo mentalmente o desfilar pelos claustros daquelas duas centenas de jovens embatinados, crescia no meu cérebro, teimosa como uma ameaça, a dança trágica, funambulesca, dos manequins... movidos, invisivelmente por cordéis...

O Núcleo da Delação tramava... Caluniava... Baldeava...

E os seminaristas apodreciam numa despersonalização total...

## **Uma resposta convincente**

Foi numa aula de História Eclesiástica. O professor, baixinho e redondinho, com uma cara untuosa e barroca, semelhante a um salame defumado, sentia-se prestigioso e pontificava diante do silêncio absoluto dos alunos encaixados a muque na engrenagem dos automatismos disciplinares que uniformizava toda a comunidade.

Ninguém lhe fizesse perguntas!

A ignorância do cônego palastrão não lhe permitia duas palavras fora dos seus esquemas e das letras do texto. E apelava para o espírito de docilidade.

*“Magister dixit!”*

A banda musical dos ceguinhos do vizinho Instituto Padre Chico, furiosa, ensaiava o dobrado “Cisne Branco”. O bombardino soltava guinchos de arrepiar os ouvidos.

O cônego-mestre falava a respeito das “calúnias” contra os papas movidas pelos inimigos da “santa igreja”.

E dizia:

“Se examinarmos bem a vida de cada papa, verificaremos que se poderia dizer alguma coisa apenas contra um. Contra Alexandre VI. E, assim mesmo, os pequenos desvios que cometera foi antes de ser eleito papa. Como papa, foi íntegro. E todos os demais papas merecem nosso incondicional respeito e a nossa mais profunda devoção.

Ainda mais... Nenhum brasileiro que se ufana da História-Pátria poderá dizer nada contra Alexandre VI. A ele devemos o Tratado de Tordesilhas, que acrescentou vasta extensão ao nosso minguado território...”

Estava eu maravilhado com a “santidade” dos papas! Era tão cego e sofria o processo de despersonalização próprio do Seminário que nem me lembrei dos bandeirantes. Tordesilhas mereceu tanto respeito por parte dos brasileiros que as botas dos bandeirantes o chutaram, dilatando enormemente os nossos limites...

Prossiguiu o cônego ignorantão e superficial na sua tese inglória:

“Os inimigos da ‘santa igreja’”, e quando falava ‘santa igreja’, fazia uma pequena e reverente inclinação de cabeça, “para denegrirem a grandeza do papado, levianamente, apontam a passagem de uma tal papisa Joana, pelo sólio de São Pedro. Nada mais falso! Os seus argumentos não têm consistência alguma. São acusações que não merecem maiores atenções. Aliás, os historiadores de real valor nem se referem mais a esse fato ou pseudo-fato”.

E prossiguiria no seu panegírico dos papas...

Pedi-lhe licença. Pus-me de pé. E, respeitosamente, falei:

“Senhor cônego, se os inimigos gratuitos de nossa ‘santa mãe, a igreja’, acusam-na e, para denegri-la, alegam a existência dessa papisa Joana, gostaria de pedir-lhe o favor de nos dizer em que se baseiam eles e dar-nos os argumentos suficientes para defendermos a pureza da História da Igreja”.

Confesso com sinceridade. Estava o meu coração movido dos maiores sentimentos de amor pela “santa igreja” e de devoção para com o papa. E desejava com absoluta sinceridade esclarecer-me para mais e mais firmar-me naqueles sentimentos e no propósito de preparar-me para defender a “minha igreja” contra os ataques dos seus “inimigos”.

Aconteceu, todavia, o inesperado. O cônego, vermelho de indignação e com o indicador hirto, mandou retirar-me da classe.

Cambaleando de susto, saí.

Por quê?

O cônego atendia um plano.

Os professores se reuniam regularmente sob a orientação do reitor, com o intuito de estudarem cada seminarista. E para cada um – sobretudo para os que causassem preocupações, como era o meu caso – elaborarem um plano para executá-lo no sentido de transformá-lo num autômato.

E se realizado o plano, o rapaz não se desfibrasse e se sujeitasse, como um defunto, aos superiores, seria eliminado do Seminário.

.oOo.

“A inteligência é origem de muitos males na ‘santa igreja de Deus’. O orgulho intelectual desvia a muitos do ‘*sentire cum ecclesia*’”, advertia o reitor em suas palavras.

E tudo deveria ser feito para cadaverizar a inteligência dos alunos!

## **Penitências para escravizar-me**

Já no curso teológico, arrasado por uma infinita tristeza, experimentava uma atonia e uma apatia insuperáveis. Meu espírito esboroava-se num caos...

Nas suas reuniões, os professores confabulavam... O sistema de espionagem lançava seus tentáculos a todos envolvendo...

No Seminário não existia fraternidade. O que lá havia era uma caricatura de amizade. Minha situação era de encruzilhada.

Convenci-me de que não poderia contar com ninguém. O meu grande ideal de ser padre crescia como nunca. Se no Seminário até ali não encontrara paz interior, aguardava obtê-la no sacerdócio.

Agarrei-me ao ideal como um náufrago.

Passava longos períodos dos recreios ajoelhado, na capela, diante da imagem da “Senhora das Dores”. Rezava ali rosários seguidos. Repetia novenas. Beijava o chão em sua honra. Para ser padre, a todo custo precisava despersonalizar-me. Atrofiar-me interiormente.

O que se passava comigo? Que mistério complexo era eu?

Sinceramente, queria humilhar-me, sujeitar-me. Cadaverizar-me nas mãos dos meus superiores.

E por que, então, me vinham perguntas que, na observação do reitor, denunciavam orgulho e falta de conformidade às diretrizes dos superiores?

Ao diretor espiritual relatava toda a minha situação, meus desejos, minhas dificuldades e meus propósitos. Jamais lhe encobri coisa alguma!

.oOo.

A devoção à “Santa Rita de Cássia” acompanhava-me desde a infância.

Estava convencido de receber na comunhão da hóstia, o próprio Cristo. Falava-lhe dos meus problemas e entregava-me a Ele. Mas seu poder se diluía desde que se diluísse a hóstia na saliva de minha boca.

De “Santa Rita” possuía uma imagem sobre a mesa de estudos. Rezava-lhe confiante por sabê-la “protetora efficacíssima dos casos desesperados”. Caracteriza-se sua vida pelas árduas penitências que praticara e pela sujeição cega às superiores do seu convento.

Ninguém melhor do que essa “santa” para me valer em circunstâncias tão cruéis.

Encontrei na biblioteca da casa a “Vida de Santa Rita de Cássia”, de José Sicerdo, frei agostiniano.

Essas páginas narram os “prodígios” da obediência e espírito de submissão da “santa”, criados por suas macerações e penitências. Seus sofrimentos foram acrescidos com uma horrível chaga no meio de sua testa que a tornara repelente e sua presença causava náuseas às companheiras.

“Com tão horríveis padecimentos”, esclarece o autor, “sua paciência se avantajou tanto que, aos bichos criados no pútrido humor de sua chaga, ela chegou a chamar de “seus anjos”, porque, quando se moviam ou se alimentavam de sua carne tenra e dorida, lhe aumentavam os sofrimentos, dando-lhe, com isso, oportunidade de se exercitar na paciência e de merecer mais e mais o amor e a estima de seu Divino Esposo, Jesus Cristo.

Sofreu ela, de contínuo, as dores mais agudas e cruciantes, aumentadas sempre pelo agressivo mau cheiro da ferida e pelos vermes que nela se multiplicavam. A tudo isso Santa Rita resistiu com indizível paciência e, quando alguns bichinhos caíam ao chão, com ternura e carinho ela os apanhava e os reinstalava na ferida para que assim sua santidade crescesse mais ainda...

Ela suportou alegremente os tormentos causados pelos bichos, tanto que, certo dia, ao lhe perguntarem que vermes eram aqueles que se viam em sua ferida, respondeu, com um sorriso nos lábios: “São meus anjinhos”.

Supus-me inspirado por Maria Santíssima que me havia colocado nas mãos a “Vida de Santa Rita de Cássia”. À Virgem havia-me entregue totalmente por uma consagração de amor. Agora, ela me apontava em Rita de Cássia, o exemplo a seguir. E mãos à obra! Tomei a resolução de penitenciar-me.

Pela penitência, deveria expiar todos os meus pecados, sobretudo os de orgulho. Pela penitência, deveria obter libertação deles. Pela penitência, dobrar-me-ia. Colocar-me-ia em submissão plena aos superiores.

“*Sine sanguinis effusione non remissio* – não haverá remissão sem derramamento de sangue”. Apresentou-me o padre espiritual esse versículo bíblico (Hebreus 9.22) para me esclarecer a necessidade da penitência. Com sua prática consentida por esse orientador, estaria seguro da vitória almejada...

No Seminário de Campinas obtivera resultados positivos porque me empenhara em luta sem tréguas contra mim mesmo. Lá, a obediência subjugara a minha própria vontade, consoante o lema de São Gregório (Moral, 1. XXV, c. 10): *“per obedientiam mactatur propria voluntas”*.

Agora, se bem que o campo de batalha fosse o mesmo, o adversário, todavia, era mais aguerrido – era minha inteligência, minha mente, a qual deveria ser acorrentada às doutrinas da “santa igreja”.

Estava convencido de que o sacerdócio premiar-me-ia com a certeza inabalável da salvação eterna. Convencera-me da necessidade de dobrar o meu “eu” com todos os seus atributos, porque, do contrário, seria barrado nos meus ideais.

Além de, cada dia, permanecer de joelhos por longo tempo diante do tabernáculo da “hóstia consagrada” ou das imagens da Virgem e da minha “especial protetora”, beijando-lhes as faces e, em sua homenagem e para minha humilhação, o próprio piso da capela, impunha-me rudes castigos físicos, dentre os quais, dormir estirado no assoalho, sem nenhum agasalho naquelas noites gélidas de São Paulo.

Quando me sobrevinha alguma dúvida diante das exposições nas aulas de Teologia Dogmática, no meu quarto, à noite, castigava-me duramente, batendo-me com um cordel adrede reservado. Preparava-me com exame de consciência cuidadoso para as confissões semanais e me esmerava em relatar ao confessor todos os meus atos e os meus pensamentos nas suas mínimas nuances.

Pormenorizava ao padre espiritual tudo o que me acontecia. Ele me encorajava a prosseguir, dando-me esperanças de conquistar êxito.

Em fins de 1947, eu já era um autêntico defunto nas mãos dos meus superiores. Havia-me despersonalizado completamente.

Tornara-me verdadeiro escravo do papa e dos seus corifeus!

## **O “voto heroico” de um escravo**

Na Teologia Dogmática católica ensinaram-me a doutrina do purgatório, que seria um período indefinido de tormentos e expiação no outro mundo. Com raríssimas exceções, esse estágio é absolutamente necessário aos espíritos dos que se foram desta vida terrena. No céu não pode entrar ninguém menos puro e o purgatório habilita as almas a entrarem na bem-aventurança eterna, purificando-as cabal e suficientemente. E, para esclarecer a possibilidade do espírito sofrer a pena do fogo após a morte, o espírito toma uma nova espécie de corpo, cuja natureza lhe permite experimentar todas as dores possíveis.

Esta doutrina do purgatório baseia-se na distinção entre punição eterna (no inferno) e punição temporal (no purgatório) oriunda, por sua vez, da discriminação entre pecado mortal e pecado venial.

O máximo luminar dos teólogos católicos, Tomás de Aquino, ensina que as almas do purgatório padecem um fogo real e material e que os sofrimentos nesse lugar são tão violentos quanto os experimentados no próprio inferno. O Cardeal Belarmino, outro teólogo jesuíta, declara: “É a mesma punição sensível que o pecador deve sofrer no inferno, exceto o seu caráter de eternidade”.

A existência do purgatório se constitui em dogma de fé, doutrina oficial do catolicismo romano, desde o Concílio de Trento, que anatematiza e amaldiçoa a quem “afirmar que, após receber o dom da justificação, a culpa do pecador está toda perdoada e que ele está inteiramente livre da punição eterna, de maneira que não lhe resta mais nenhuma dívida de punição moral a ser paga, seja neste mundo, seja no mundo além, no purgatório, antes de ser-lhe aberta a porta do Reino do Céu”.

**.oOo.**

Na capela, em muitas pregações, mormente no mês de novembro (que é o mês das almas), em cores vivas, eram-nos apresentados os padecimentos das “benditas almas do purgatório”.

Sentia por elas comiseração ilimitada. Preocupava-me em ajudá-las.

Certa noite, não me vindo o sono, comecei a pensar, compadecido, nessas atormentadas almas. Era o mês das devoções póstumas. Há pouco, na capela, o pregador havia discorrido sobre o poder intercessório dessas almas junto de Deus. Contou-nos fatos! Tantos fatos! – “Podemos fazer nossas súplicas às benditas almas do purgatório. Deus ouve-lhes as orações. Conheci”, contava ele, “uma senhora mui piedosa e devota das almas que, para se acordar de madrugada em ocasiões necessárias, não precisava de despertador. Bastava rezar ao deitar-se três Padres-Nossos e três Ave-Marias em seu sufrágio. Na hora exata vinham elas acordá-la”.

Mas, raciocinava eu:

“Maldita mente! Você não sabe que não deve raciocinar? Seu lugar é de escrava agrilhoada aos dogmas da ‘santa igreja!’” .

Raciocinava eu, porque o pensamento persistia em ficar: “Se as almas no purgatório não podem mais merecer para si e precisam purgar-se pelo fogo, como podem interceder pelos outros que estão aqui na terra? Se elas não podem orar por si e precisam esperar nas missas e nas rezas daqui, como podem pedir a Deus pelos outros? Se elas se crestam no fogo purgativo, como podem vir acordar-nos milagrosamente?”

Quando percebi onde poderia ir parar o meu raciocínio, levantei-me da cama e o coloquei subjugado aos pés da dogmática, sob o impacto de violentas chicotadas nas minhas costas a balbuciar o “*Confiteor*”, que quer dizer “Eu me confesso” e que são as primeiras palavras de uma reza chamada Ato de Contrição.

E a madrugada insone transcorreu entumecida de apreensões!

.oOo.

A ascética do catolicismo ensina que uma pessoa poderá fazer o voto de doação completa de todos os seus merecimentos diante de Deus, em favor dessas almas penadas. Por esse voto heróico, o católico entrega a Deus, para que Ele aplique às benditas almas, todos os seus méritos provenientes de suas boas obras, sacrifícios e indulgências. É um despojamento total.

Munido do consentimento do padre espiritual, pronunciei a fórmula desse voto, uma doação absoluta.

Ainda mais. O padre espiritual aconselhou-me, para que tudo fosse mais perfeito, fizesse o voto à Virgem Maria e não diretamente a Deus. Assim ficaria mais consentâneo com minha consagração a ela. Maria, aliás, aos sábados vai ao purgatório retirar os seus devotos e levá-los para o céu. E os meus merecimentos a ela confiados dar-lhe-iam possibilidades mais amplas.

.oOo.

Que vergonha sinto ao relatar estes fato!

Só uma inteligência cadaverizada pode descer a essa degradação.

A Bíblia, em 1ª João 1.7, nos informa que **“o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica [purga] de todo o pecado”**.

Se o sangue de Jesus Cristo é todo-suficiente, onde lugar para o tal purgatório?

## **Boas obras e teologia moral**

A grande linha divisória entre a Bíblia e o catolicismo romano está na soteriologia.

**“Nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus”** (Romanos 8.1), de vez que Este é um Salvador todo-suficiente. Eis o coração do Evangelho!

O catolicismo, porém, oferece uma salvação incompleta, por prestações, necessitando de um sacerdócio sacrificial. Arvorando-se em igreja, por meio do seu confessionário, controla os pecados dos seus fiéis



vivos sem nunca proporcionar-lhes perdão completo e definitivo. A seus fiéis mortos promete perdão dos pecados em prestações também, através de missas e indulgências.

Não aceita o catolicismo romano a absoluta suficiência do sangue de Cristo para a nossa salvação. Apregoa a necessidade de méritos humanos e boas obras para completar o sacrifício de Jesus Cristo.

Nos seminários não se lê a Bíblia. Muito menos se medita nos seus ensinamentos. Existem, é verdade, aulas de uma matéria chamada Sagrada Escritura. O seu professor aplicava em suas exposições o método da confusão. Estudamos longa e profundamente a Inspiração Divina da Bíblia, a canonicidade de seus livros, a História dos Hebreus, a Geografia da Palestina, etc. Apenas os aspectos exteriores do Livro Santo. Dos três anos do curso de Sagrada Escritura, um foi reservado para o estudo da Vida de Jesus. Desejava ardentemente meditar nessa vida maravilhosa! Apesar das deficiências do professor que, ao falar, despejava carradas de perdigotos e comunicava pouquíssima ciência, esperava encontrar motivos sólidos para uma espiritualidade de mais consistência. E saiu-se com essa logo na primeira aula: “Vamos estudar a vida de Jesus segundo o Evangelho de São Lucas, por ser este o Evangelista de Nossa Senhora”.

Desiludi-me. Aquela espiritualidade marianista balofa, de água-de-flor de laranja, já no terceiro ano de teologia não me satisfazia.

E as aulas do ano inteiro serviram para nos “ensinar” a História e Geografia de Belém, Nazaré e Jerusalém; a extensão e profundidade do Mar da Galileia e do Rio Jordão, com as qualidades de seus peixes; o clima e as produções agrícolas das regiões onde Jesus viveu e passou; a altitude do Monte Tabor; as formas das cruces, onde eram executados os sentenciados; as minúcias que envolviam as ceias pascais. Nem sequer nos ofereceu oportunidade de lermos os quatro Evangelhos, de tal modo que ouvi muitos começando a relacioná-los por João e outros por Lucas. E não faltava quem dissesse que o autor dos Atos dos Apóstolos foi Paulo.

Diariamente, com exceção do domingo, em seguida ao almoço, na capela, um aluno, em voz alta, fazia a leitura de um pequeno trecho evangélico que ocupava menos de cinco minutos. E nunca ouvi a leitura de uma única epístola paulina!

**.oOo.**

Um parêntesis. Por que a proibição severa de se estudar a língua inglesa?

Levei, entre os meus livros, uma gramática desse idioma. Ao proceder sua habitual inspeção, o monsenhor reitor recolheu-a e nunca mais a vi.

Não surtiu os efeitos almejados aquela descabida proibição e confiscação dos livros de estudo de inglês. As grandes obras da literatura evangélica estão sendo traduzidas...

.oOo.

Outra matéria dos quadros do currículo de estudos eclesiásticos é a Teologia Dogmática. Estudam-se nesta todos os dogmas católicos. Enuncia-se a tese e desenvolvem-se os argumentos após uma explicação dos termos. Arrancam do contexto um texto bíblico e o encaixam à força como prova da Revelação Divina. E ninguém se lembra de examinar os textos ou passagens afins. Enfileira-se depois um punhado de citações dos “padres da igreja”, seguindo o mesmo critério. Em seguida, sim! Vêm os argumentos mais importantes que são os documentos pontificios.

Nunca se abre a Bíblia no estudo dessa matéria, se bem que, tanto nas aulas como nos estudos particulares, os alunos tinham que compulsar constantemente o alfarrábio de todos os documentos dos papas.

A Teologia Moral, porém, exige um estudo muito mais cuidadoso e sério. Havia todos os dias aulas dessa matéria. Tem as feições da antiga legislação e do código penal do Império Romano e se destina ao estudo dos dez mandamentos da Lei de Deus e dos mandamentos do catolicismo adicionados a seu bel-prazer. Se a salvação depende das boas obras, então a Teologia Moral apresenta um estudo completo sobre o pecado (transgressão da Lei), que é obra má. É um tratado inteiramente negativo. Por essas aulas é que o padre se torna um “especialista do pecado”. E há tantas divisões de pecado, tantas distinções e subdistinções que, se o seminarista não levar mesmo a sério esse estudo, não logrará êxito nos exames finais.

Tinha eu tanto interesse de obter meios para tranquilizar meu coração anelante que me especializei nessa matéria. Estudei-a com afincamento e intensidade no intuito de obter a capacidade de evitar totalmente o pecado em minha vida e, depois, tornar-me um exímio confessor que se dedicasse ao encaminhamento das almas para a salvação, perdoando-lhes os pecados e auxiliando-as a evitá-los.

O mandamento da Lei de Deus mais acuradamente estudado é o sexto [na Bíblia é o sétimo], assim enunciado: “Não pecar contra a castidade”.

A primeira aula desse assunto deu-me noção do perigo a que se estava exposto. Apelei para a Virgem Maria, confiando-lhe minha pureza e pondo-me sob sua salvaguarda no risco iminente a que iria incorrer. Antes de cada aula sobre esses assuntos escabrosos, “rezava” o terço de “Nossa

Senhora”. No interior do compêndio dessa matéria pornográfica distribuí estampas da Virgem Maria no intuito de fazer uma profilaxia espiritual.

Preparava-me seriamente para o sacerdócio e nesse ano de 1947, com o propósito firme de não incorrer em nenhum desvio moral, resolvi fazer um voto particular de castidade. Ainda hoje guardo a fórmula que usei para pronunciar esse voto temporário. Ei-la: “Para glorificar a Deus e honrar a Imaculada Conceição de Nossa Senhora, confiado inteiramente no Coração Amantíssimo de Jesus e na proteção carinhosa de Minha Mãe e Senhora – na presença de meu anjo da guarda e de todos os Anjos e Santos no céu, faço, nas mãos de Maria Santíssima, verdadeiro voto de castidade perfeita, desde hoje até a última aula de Teologia Moral deste ano letivo, entendendo obrigar-me por este voto a toda pureza de pensamentos, palavras e ações. Minha Mãe Imaculada, aceitai minha oferta deste dia e guardai-me em Vosso Coração, para que eu seja sempre filho de vossa pureza castíssima. Assim seja”.

Tive o capricho e a devoção de levar essa fórmula dentro do bolso sobre o coração em todas as aulas de imoralidade, como um contra-veneno. Agarrei-me desesperadamente à mariolatria!

Sempre me “admirei” da desenvoltura com que o professor despejava tanta pornografia. Muitos seminaristas apreciavam sobremaneira essas exposições e diziam ao toque da campainha para essas aulas: “Agora vamos fazer uma farra... É a nossa orgia...”

E, acobertados com a batina, faziam mesmo grandes “farras”.

Se as autoridades policiais pudessem supor o que se fala e como se fala nesses estudos de Teologia Moral, mandariam fechar os seminários católicos.

É dessas aulas que saem os responsáveis pelo confessionário, o maior antro de podridão moral a corromper as almas e, conseqüentemente, a sociedade.

**.oOo.**

O episcopado é uma posição destacadíssima na organização católico-romana. Os bispos são os grandes orientadores e os líderes máximos dessa instituição em cada diocese.

Pois bem, todos os meus professores de Teologia Moral hoje são bispos...

## **Um rude golpe**

Impus-me um grande holocausto: Ser sincero!

Jamais encobri aos superiores os meus sentimentos, as minhas dificuldades espirituais, os meus anseios, as minhas desilusões...

Jamais deixei de lhes fazer perguntas! Perguntas que os incomodavam.

Em 1948, monsenhor reitor fora sagrado bispo. Sabia-se que ele não entrara nas graças do cardeal-bispo e se lhe aplicara a tática: “*promoveatur ut removeatur*”. Promoveram-no para que fosse removido do cargo de reitor do Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga.

O seu sucessor, cujo mérito consistia exclusivamente em incensar o papa, pautava suas atitudes pela falta de critério. Sua falta de caráter se situava na gradação das infinitas tonalidades intermediárias, sem jamais se definir.

Quem quisesse viver bem ao seu lado, aplicasse a filosofia do adesismo, própria para os de natureza de borracha. Ele mesmo, pela sua voz, pelas suas maneiras, pela sua fisionomia sem expressão, tornava-se o “coringa” que se adaptava a todas as circunstâncias da política clerical.

Em deixar as vítimas aturdidadas pelas suas dobrezes, consistia a sua volúpia sádica.

Foi com um homem dessa estrutura psíquica que, aos 10 de setembro de 1948, me defrontei para uma refrega cruciante. Dispondo de armas da sinceridade e do ideal, nunca poderia sobrelevar quem manejava expedientes opostos.

O clérigo, por injunção canônica, deve estar ligado [incardinado é o termo canônico] a uma diocese ou bispado. Deve estar submisso a um bispo.

Minha diocese era a de Ribeirão Preto e o meu bispo, Dom Manuel da Silveira D’Elboux, recentemente empossado em sucessão de Dom Alberto José Gonçalves.

Escrevendo-lhe nessa mesma data, reafirmei-lhe meus propósitos de docilidade. Habituará-me procurar os superiores do Seminário para receber deles orientação e estímulo.

Nesse dia, ao iniciar minha entrevista, o reitor, abrindo uma das gavetas de sua mesa, retirou uma coleção de papéis. Destacou uma folha, datada de 11 de agosto de 1948, em que continha informações sobre cada um dos seminaristas da Diocese de Ribeirão Preto, remetidas ao bispo Manuel da Silveira D’Elboux. Então li as referências a meu respeito:

“Aníbal Reis. Espírito intelectual. Dado a leituras e estudos especiais. Ideias um tanto pessoalistas e bastante arrojadas. Gosta de expor seus pontos-de-vista a alguns poucos alunos, sobre os quais pensa poder exercer influência. Gosta de aparecer como intelectual e esforça-se por

corresponder e colaborar em alguns jornais. Conversei com ele longa e fortemente sobre tais idéias, e ele me prometeu firmemente renunciar a tudo e corrigir-se, dedicando-se inteira e exclusivamente a Nosso Senhor, à sua diocese e ao seu bispo, e aos seus trabalhos de padre. Contudo, eu ainda conservo um pequeno receio, quanto à ortodoxia e quanto à retidão e sinceridade das suas atitudes. Creio que deve ficar ainda um pouco sob observação”.

**.oOo.**

Gostar de estudar! Perguntar! Perscrutar! Almejar segurança espiritual!

Todas as facetas do meu crime!!!

Supunha encontrar estabilidade espiritual na submissão à hierarquia da minha igreja e escravizei-me em seus ergástulos! Não a contentava! Queria-me cego, como um cadáver!

Mas minhas perguntas e meus desejos de esclarecimentos denotavam que ainda não conseguira cadaverizar minha mente!

Nesse caso, não poderia estar nunca nas fileiras eclesiásticas!

**.oOo.**

O bispo, em 31 de agosto de 1948, respondera ao reitor nestes termos, ao aludir-se a meu respeito:

“Andava preocupado com o nosso Aníbal. Sua opinião vem pôr um ponto final na questão. Espero uma oportunidade para escrever a ele, aconselhando-o a deixar o seminário. Tão logo encontre um tempinho livre, mandarei uma cartinha pastoral ao seminarista”.

**.oOo.**

Se no dia 10 de setembro eu não fosse ao gabinete do reitor, a “cartinha pastoral” Ter-me-ia colhido de surpresa! O método do seminário católico é o da dissimulação! Quando a vítima menos espera, é surpreendida no ardil!

\* \* \*

Convicto da minha inferioridade em tão penosa contenda, munido de intenções sobrenaturais, resolvi não ser uma vítima fácil.

Escrevi duas cartas sucessivas ao bispo, antes que me chegasse a sua “cartinha pastoral” de dispensa do seminário.

Enfim, com data de 24 de setembro de 1948, chegou a resposta prelatícia:

“Meu caríssimo Aníbal,

*Caritas Christi* [O amor de Cristo é a tradução, mas será mesmo o amor de Cristo o móvel da politicalha dos embatinados?]

Acuso o recebimento de suas cartas. Posso avaliar a sua angústia de alma. Não se perturbe, porém. Procure ver em tudo a mão de Nosso Senhor.

Como sabe, tenho a preocupação de seguir o mais de perto possível a orientação da Santa Sé a respeito de todos os problemas da diocese.

Relativamente à ordenação sacerdotal, o amigo conhece as magníficas diretrizes traçadas por Pio XI e Pio XII.

Para ordenar um moço, o bispo precisa ter informações bem positivas da idoneidade do candidato.

Havendo dúvidas, o bispo não deve conferir as ordens. Ora, meu caro, o seu caso apresenta dúvidas bem sérias. Respeito e acato a opinião do seu Diretor Espiritual. Devo, entanto, olhar também o lado externo da questão.

Sei que V. tem boa vontade e se esforça por merecer a confiança dos seus Superiores. Apesar de tudo, paira sempre uma grande dúvida. E, com esta dúvida, meu caro, nunca me decidirei a ordená-lo.

Rezarei, sim, e muito por V.

Envia-lhe afetuosa bênção o servo em Nosso Senhor.

+ Manuel, bispo diocesano.”

Ao receber esta carta, procurei imediatamente o reitor, que me autorizou viajar até Ribeirão Preto para tratar do assunto pessoalmente com o bispo.

Credenciado por uma nova carta do reitor, abri o meu coração ao “ordinário” [este é o termo técnico com que a legislação católica designa o bispo]. Não foi rispido comigo. Muito menos paternal.

Sua posição foi de gelo.

A carta do cônego-reitor, com data de 2 de outubro de 1948, foi com esta redação:

“Acusamos o recebimento de sua carta sobre o caso do seminarista Aníbal Reis, peço licença para voltar ao mesmo assunto e relatar quanto segue. Depois de escrever a V. Excia. e ter recebido a sua resposta, o referido aluno me procurou para conversar um pouco sobre assuntos atinentes à vocação, formação, etc. A uma pergunta dele sobre o juízo que eu fazia sobre ele, respondi lendo o tópico da minha carta a V. Excia., no qual eu expunha minhas impressões, receios e sugestões a respeito do Aníbal. Todavia, não disse coisa alguma sobre a resposta de V. Excia., visto como não me considerava autorizado a isso.

Diante do que eu li, o Aníbal ficou bastante penalizado e me disse que escreveria logo a V. Excia. relatando tudo e esclarecendo alguns pontos.

Minha atitude foi, então, de lhe aconselhar que pensasse bem, consultasse o seu Diretor Espiritual e, depois, escrevesse a V. Excia. com toda a liberdade. Tive mesmo, o cuidado de lhe afirmar que fechasse a carta e a enviasse a V. Excia. sem que passasse pela censura.

Hoje, 2 de outubro, fui ansiosamente procurado pelo aluno, que me disse ter recebido a carta de V. Excia. na qual lhe dizia que, havendo dúvidas no foro externo, nunca o ordenaria. Sumamente abalado com isso, o Aníbal já se abriu novamente com o Padre Espiritual, que reafirma ter ele vocação (é o aluno quem me refere isso).

Assim, pois, reafirmando o que escrevi, a saber, que o Aníbal fique “ainda um pouco sob observação”, tomaria a liberdade de sugerir a V. Excia. o seguinte: 1) que o Aníbal fosse até aí, para conversar pessoalmente com V. Excia. e resolver definitivamente o caso, no sentido de sair de vez do seminário ou de ficar em observação por algum tempo, em companhia de V. Excia. no palácio; 2) neste último caso, ele voltaria para concluir os estudos deste ano e prestar os respectivos exames e, finalmente, ficar ausente do seminário, durante o próximo ano de 1949, ou parte do mesmo. Estas são sugestões que, na palavra do mesmo aluno, foram propostas pelo Padre Espiritual e que eu também endosso.

Sobre quanto expus, aguardo as ordens de V. Excia., a quem peço uma grande bênção.”

Seguia-se a assinatura do cônego-reitor.

**.oOo.**

Nada dissuadiu o “ordinário” da sua resolução.

Definitivamente, deveria eu deixar incontinenti o seminário.

Pouco mais de um ano para me ordenar padre! Tudo perdido!

O curso superior dos seminários católicos, inclusive o curso de filosofia, não tem valor algum, porque não são estabelecimentos enquadrados na legislação do ensino do País.

Nem durante esse curso é permitido ao seminarista frequentar outras escolas ou praticar qualquer profissão.

Se não se ordenar padre, será um marginal. Um desgraçado!

**.oOo.**

Todos os meus ideais se esboroavam diante da irredutibilidade nazifascista do bispo. Daqueles olhos prelatícios, nem um olhar de condescendência... Daqueles lábios, nem uma palavra de compreensão...

Que mal havia eu praticado?

De que pecado deveria purgar-me?

De que, concretamente, me acusavam?

Pairavam dúvidas a meu respeito... Dúvidas sobre o quê? Não eram capazes de dar respostas suficientes às minhas perguntas?

Ah! A “santa madre” não podia ter como padre alguém que não fosse capaz de imolar definitivamente a sua inteligência no calabouço do dogmatismo católico: *“Roma locuta, causa finita!”*

Minhas perguntas, por certo, revelavam desmedido desejo de saber...

**.oOo.**

Saí pelas ruas centrais de Ribeirão Preto. Cambaleando de dor! Ao anoitecer, retornei ao palácio episcopal. O “ordinário”, no recosto almofadado da sua “preguiçosa” digeriria as iguarias requintadas pela ternura macia das suavíssimas freiras responsáveis pela cozinha prelatícia.

O vigário geral resmoneava as manchetes dos diários.

O chanceler da diocese, rescaldo de ciúmes porque uma sua amiguinha se transferira para cidade distante, resfolegava grossas baforadas de fumo.

Ressabiado, tomei o jornal “O Estado de S. Paulo”, no intento de apressar as horas porque deveria embarcar às 10 horas da noite no “passageiro” da Mogiana em retorno a São Paulo.

Nem pude acreditar no que meus olhos viam no canto de uma das folhas internas do jornal!

O padre Moraes havia sido designado bispo de Montes Claros, no Norte Mineiro.

Dom D’Elboux percebeu meu entusiasmo.

Minha alma deixou-se tomar por arrebois de esperança.

**.oOo.**

Há 10 anos, vigário em Guaratinguetá, no interior paulista, o padre Moraes era dotado de grande eloquência, motivo porque nutria eu grande simpatia por ele. Agora, que sua frente seria cingida pela mitra episcopal, sentia-me amparado.

Deus abria novos horizontes para minha alma atormentada!

Minha carta de congratulações ao novo prelado expunha-lhe os meus recentes problemas.

Sua resposta foi confortadora. Dispunha-se receber-me como clérigo da diocese de Montes Claros!

Ao mesmo tempo em que o padre Moraes e eu trocávamos correspondência, o bispo D’Elboux (7 de novembro de 1948) escrevia ao reitor:



“Com relação ao Aníbal, uma vez que o amigo e o Diretor Espiritual estão de acordo em que ele fique mais um ano para experiência, que seja. Ordená-lo com dúvidas é que espero nunca fazer. Rezarei, sim, e bastante, para que Nosso Senhor ilumine os superiores do Seminário, para que haja uma solução acertada do caso”.

Com minha situação garantida, observava o vai-e-vem entre o bispo e o reitor. O impasse se transformara num jogo-de-empurra. Numa gangorra.

Por esta carta, o “ordinário” ribeiro-pretano anuíra que eu continuasse sob experiência... Enquanto não me julgassem definitivamente escravo – “perinde ac baculus, perinde ac cadaver” – não seria ordenado padre!

Relatando todos estes fatos, o cônego-reitor, em carta de 25 de maio de 1949, informava ao reitor do Seminário Maior de Mariana, no Estado de Minas Gerais, onde eu concluiria o restante do curso:

“O aluno principiou a dar mostras de se querer corrigir verdadeiramente de todos os seus pequenos ou grandes defeitos. Em vista disso, apresentei-o para as ordens, ou melhor, mandei que preparasse os papéis para o processo canônico, muito embora não ficasse excluída a hipótese de esperar um pouco antes de receber as ordens maiores”.

Refere-se, ainda, a uma outra carta endereçada a Dom D’Elboux em que justificava:

“Depois de muito ter conversado com o aluno e tê-lo acompanhado cuidadosamente em todas as suas atitudes as mais naturais e espontâneas, sou de parecer que não deve ser excluído do seminário, tanto mais que parece estar demonstrando um pouco de bom espírito; mas, penso que a ordenação de sub-diácono deve ser protelada um pouco, a fim de submeter o candidato a um tempo mais largo de observação e vigilância”.

Sabia perfeitamente que nestas alturas todos os membros do Clube São Luis de Gonzaga, cuja finalidade era traficar com a honra alheia, estavam solertes em meu encalço. Também, não fazia mais pergunta alguma.

O reitor do Seminário do Ipiranga, aspirando passar por “bonzinho”, depois que tudo havia se resolvido a meu favor, e, por certo, reconhecendo o seu “papelão”, na carta de 25 de maio de 1949, ao reitor do Seminário de Mariana, ainda, sob item 6, esclareceu: “Notifiquei ao aluno o meu parecer, embora mandasse aviar os papéis, a fim de que o processo ficasse mais ou menos pronto, esperando o aluno o momento oportuno para a ordenação”.

O bispo D'Elboux, que concordara permanecer eu mais um tempo de experiência no seminário, conforme sua carta de 7 de novembro de 1948, quando o reitor autorizara-me preparar os papéis do processo, eis que o “ordinário” dá outra meia-volta...

Aquilo era mais sinuoso do que peixe dentro d'água...

Eu não sofria mais com tudo isso porque o padre Moraes garantira receber-me assim que fosse empossado como bispo de Montes Claros.

Divertia-me com toda essa encenação!

E agradeço a Deus por ter-me proporcionado essa circunstância em que conheci melhor os homens da “grande Babilônia”.

O dia 6 de fevereiro de 1949 marcou o epílogo da patuscada. O “ordinário” de Ribeirão Preto escreveu duas cartas. Ao reitor e a mim.

Ao reitor:

“Quero agradecer-lhe a última carta que veio acompanhada da relação das notas dos exames dos meus seminaristas.

Relativamente ao Aníbal, depois de rezar e refletir, estou decidido a abrir mãos. Chegado ao ponto que está, será inútil qualquer tentativa. Vou escrever a ele que se retire do seminário ou que procure algum senhor bispo que o queira receber”.

E a mim:

“Creio que usei de muita franqueza para com o amigo nesta última visita que fez a Ribeirão Preto. O caro Aníbal não deixou de perceber a minha opinião: a sua retirada do seminário.

Venho hoje dizer-lhe que rezei e refleti bastante.

Não quero ludibriá-lo, conservando-o como aluno desta diocese. O amigo pode considerar-se desligado da minha jurisdição e, se os superiores do seminário estiverem de acordo, sob suas responsabilidades, poderá o amigo procurar um senhor bispo que o receba.

Continuarei a rezar para que a sua alma encontre paz e serenidade. Envia-lhe afetuosa bênção o servo em Nosso Senhor,

+ Manuel, Bispo de Ribeirão Preto.”

**.oOo.**

O homem não queria mesmo ter mais responsabilidade! E com umas linhas datilografadas, exime-se de quaisquer ônus diante de um cidadão de 25 anos que consumira sua juventude numa escola, alimentando o ideal de servir uma causa...

Constata-se que os líderes católicos são verdugos vocacionados pelo inferno. Ao padre José Sales, então reitor do Seminário de Mariana, o meu reconhecimento por me haver permitido copiar toda essa documentação. Naquela época, não imaginava a utilidade que me prestaria...

.oOo.

Com a minha exclusão do Seminário do Ipiranga documentada, oficializei ao bispo Moraes Júnior, recém empossado na diocese de Montes Claros, o meu pedido de incardinação em sua circunscrição eclesiástica.

A resposta, na redação seguinte, não se fez esperar.

“Meu caro seminarista Aníbal:

Acabo de receber a sua cartinha em que fala que o senhor Bispo de Ribeirão Preto resolveu conceder-lhe licença para procurar outro bispo e que o revdm. cônego-reitor não se opõe a isso, pois que também é dessa opinião o revdm. Padre Espiritual. Venho dizer-lhe que, diante dessa resolução, eu o aceitarei como seminarista desta Diocese de Montes Claros. Mas, tendo os meus seminaristas em Mariana e em Belo Horizonte, desejo que você continue os estudos juntamente com os que tenho aqui. Acho que não é exigir demais, mas um meio de os ter mais próximos e onde o meu vigário geral sempre os poderá visitar e conhecer de suas necessidades materiais e espirituais.

Essa última decisão, porém, você exporá ao revdm. cônego-reitor e aguardará uma comunicação minha. Se assim julgar conveniente o senhor cônego-reitor, após ter conversado com o senhor Dom Cabral [arcebispo de Belo Horizonte], eu lhe mandarei comunicar tudo. Pedindo a Nosso Senhor que o ilumine e lhe conceda a graça da perseverança em sua santa vocação, abraça-o, afetuosamente, abençoando-o,

+ Antônio, Bispo de Montes Claros

(17 de fevereiro de 1949)

## **Em Mariana**

O trem da Central corria estrondando nos trilhos com chispas e pressa.

A estrada de ferro que se aperta nas gargantas das serras, beirando desfiladeiros, causava-me a sensação da novidade em minha vida. Extasiado, contemplava, naquela viagem noturna de Belo Horizonte para Mariana, o esplendor sideral do infinito a desfraldar o véu das estrelas sobre a terra virgem.

.oOo.

Impunha-se imprescindível uma atitude de simples visitante nos poucos meses que iria passar no Seminário de Mariana.

Limitar-me-ia a cumprir, com espírito conformista, as convenções disciplinares. Não aspirava ser um Hércules rachando a montanha a murros...

Viciado no sofrimento, previa, porém, um ambiente de sobressaltos...

.oOo.

Lentamente foi-se desvanecendo a noite carregada de astros coruscantes e a madrugada madrugou orvalhada.

Rasgou-se na aurora o majestoso panorama das serras mineiras.

Nuvens flamejavam em ouro e escarlate, como enormes línguas de fogo, coroando as cabeças das montanhas.

A natureza fulgurava numa ostentação soberba de paisagens, quando a cidade, crescendo, caminhou veloz ao meu encontro.

Mariana!

Cenário colonial de frontarias coloridas. Construções pesadas de paredes de metro e meio. Escadas largas, como dignidades. Ruas que sobem atropeladamente pelas ladeiras. Casinholas baixas, de telhados abaulados com mato crescendo nas manhãs de inverno. Velhos muros de pedra e arcabouços de casas solarengas. Altares de talha dourada, a lembrar a passagem do Aleijadinho. [Francisco Antônio Lisboa, escultor brasileiro que deixou muitas obras de estilo barroco em várias cidades das cabeceiras do Rio Doce, no Estado de Minas Gerais].

Mariana! Reminiscência colonial engastada nos contrafortes da Serra de Ouro Preto, e irmã gêmea de Vila Rica! [Fundada com Mariana, em 1711, passou-se a chamar, em 1724, Ouro Preto e foi a capital da Província, depois, Estado de Minas Gerais, até o ano de 1897, quando essa primazia passou para Belo Horizonte].

Gente aristocrata dos gibões de cetim ou de veludo e punhos de renda. Escravaria. Irmandades de brancos e irmandades de pretos. Atabaques, tapuios e urucungos africanos. Chafarizes generosos e pontes estreitas. Frades e cônegos. Homens de opa e brandões acesos. Latim e o plangente cantoção. Longas rezas e estridor de bacamartes. Requintes de sinos. Liteiras. Louças da Índia. Xales de seda. Cavalheiros tafuis de chapéu de bico. Congadas. Cavalhadas. Vinhos reinóis. Ferraduras dos ginetes acendendo chispas. Fanfarras e tambores acordando ecos das montanhas. Rótulas em crivo. Tropas que tilintam guizos e cincerros. Palácios senhoriais abalados de leques verdes das mangueiras e bananeiras. Emergindo do pomar ensombrado, emantilha-se de neblina nas manhãs úmidas, o Seminário de São José, curso superior de ciências eclesiásticas.

.oOo.

A vida de todos os seminários católicos, condicionada às mesmas diretrizes, se burocratiza em regulamentos uniformes. O mesmo ambiente

artificial. A mesma subserviência. O mesmo conformismo. A mesma ausência de crítica. O mesmo “*magister dixit*”. O mesmo pietismo. O mesmo desfibramento. A mesma despersonalização.

Em Mariana, os clérigos não passavam igualmente de almas trancadas como túmulos... Muitos compunham o bando dos tais que se escapam como enguias e se diluem como açúcar. Ninguém, tem opinião própria sobre nada!

**.oOo.**

Não me surpreendi com a vida do Seminário de Mariana.

Com a paisagem, sim!

A aragem leve, bulindo as folhas dos mamoeiros, nas tardes de calor, convidava-me a sair dos meus aposentos. Enlevava-me na contemplação das nuvens errantes como albornozes nas cumiadas das montanhas. No céu azul, sobre a cabeça negra de um morro boleado, resplandecia a estrela da tarde... Abrindo grandes asas, o crepúsculo ninava o sol poente...

**.oOo.**

A lua cheia, suntuosa, que aparecia entre a galharia de um pinheiral, dava a impressão de um incêndio de labaredas brancas... Enterneci-me naquela noite e estranha poesia de silêncios enormes envolveu-me, arrebatando-me em profunda meditação.

Era a minha última noite de seminário! Concluía os estudos!

Esforçara-me para sacrificar a minha razão nos altares de Roma. Nos meses derradeiros, submeti-me com docilidade absoluta. Se minhas perguntas (as quais nunca foram satisfeitas com respostas criteriosas!), anteriormente, revelavam espírito hipercrítico na suposta pretensão de atenuar ou minimizar os dogmas católicos, em Mariana, inspirei-me na máxima de Santo Anselmo: “*Fides quaerens intellectum*”. A fé cega nos superiores conduziam a minha mente! E não perguntei mais nada!

**.oOo.**

O silêncio pesava sobre os casarões de rótulas fechadas, quando atravesssei ruas estreitas e ermas... Conferi as horas no velho relógio da frontaria barroca de São Francisco... Um vento úmido soluçava nos desfiladeiros e um guarda-noturno, encapuzado, esgueirava-se sob os vetustos beirais agasalhados em parasitas pendentes...

**.oOo.**

Um silvo longo da locomotiva, como meteoro de som na madrugada rociada, anunciou a partida...

Foi a minha despedida de Mariana...

## Oração de um iludido

A legislação católica exige a satisfação de muitos pormenores que culminam a longa preparação do candidato ao sacerdócio. Havia curtido uma trajetória imensa de amarguras...

Agora, em vésperas de minha ordenação sacerdotal, meu coração aguardava o vizinho dia 8 de dezembro com a exultação de um vitorioso. O meu júbilo fazia-me olvidar todas as borrascas transformadas em pesadelos do passado.

Submetera-me ao exame “*de universa*”. Foi na própria cúria do bispado de Montes Claros, no Norte Mineiro. O vigário geral incumbira-se de ser o examinador. Passara vários dias a rebuscar tratados de Teologia Dogmática e Moral, Direito Canônico e Liturgia, coligindo perguntas sobre assuntos, os mais intrincados e complexos. Submeteu-me um dia inteiro a um interrogatório variadíssimo. Perguntava-me mais como interesse de demonstrar seus conhecimentos “profundos” das matérias. De propósito, fazia eu certas observações que lhe causavam mutismo a testemunhar sua ignorância completa sobre os mesmos assuntos a respeito dos quais perguntava.

Satisfizera a exigência do retiro espiritual de oito dias, em que li muitas páginas ascéticas, rezei longas orações, meditei, enlevado, sobre as belezas do sacerdócio...

O bispo prelibava os momentos solenes em que, pela primeira vez, iria impor suas mãos a um neosacerdote.

A asáfama dos preparativos da véspera deixara afadigados todos os responsáveis pela pompa litúrgica da ordenação e pelas festas de comemoração do acontecimento.

Todos do palácio episcopal dormiam o sono reconfortador.

As luzes do meu quarto, porém, permaneciam acesas. Não podia conciliar o sono. Escrevi, em meu diário, uma oração. Vou transcrevê-la. O leitor se convencerá da exaltação doentia que sofre o neosacerdote, endeusado por um dos dogmas católicos e reconhecerá meus legítimos almejos de segurança espiritual.

**.oOo.**

“Senhor! Daqui a poucas horas, estarei aos pés do altar recebendo das mãos do pontífice, a unção sacerdotal!

Tu sabes, Senhor, como anelei este momento augusto desde minha infância!

Ainda minha mente não tinha conhecimento das primeiras letras e eu desejava ser padre... Ainda meu corpo tenro não sofrera os embates e as agruras da vida e eu sonhava ser padre... Ainda minhas mãos não haviam tocado as distâncias inacessíveis a uma criança e eu aspirava ser padre... Ainda meus pés miúdos não haviam palmilhado as estradas do mundo e eu me empenhava em ser padre... Ainda meu coração não fora sacudido pelas batalhas contra as paixões e eu anelava ser padre...

Ser padre! Por quê?

Por que revestir-me de vestes estranhas? Vestes negras como a dor do luto e do desamparo? Negras como a tristeza?

Por que isolar-me do convívio de amigos e pessoas queridas da adolescência?

Por que trancar o meu coração nas grades do isolamento de tudo o que é humano?

Por que reprimir, sufocar e recalcar todas as vibrações do meu afeto e dos meus impulsos de amar?

Por que, sendo homem, desprezar tudo o que é humano? O que é humano também criado por Ti, Senhor?

Por quê?

Para garantir minha salvação eterna e levar muitas almas, milhares de almas, à mesma conquista!

Como padre, serei herdeiro definitivo do céu. Ninguém, nem o demônio, me arrancará de Ti, Senhor!

Já poderei antegozar da bênção da certeza de salvar a minha alma!

Sim! O que é o sacerdócio?

É o sacramento que enleva o homem até Deus.

O que é o sacerdote?

Um homem que ocupa o Teu lugar, Senhor! Um homem revestido de todos os Teus poderes.

Quando o padre perdoa os pecados, ele não diz: 'Deus te perdoe', mas, sim: 'Eu te absolvo'. Na consagração não diz: 'Isto é o corpo de Nosso Senhor', porém, diz: 'Isto é o meu corpo'.

É através do padre que Tu comunicas aos homens todas as venturas, todas as graças, todos os dons celestes!

Se não tivéssemos o sacramento da ordem, não Te teríamos, Senhor!

Quem Te põe no tabernáculo? O padre!

Quem recebe para Ti as almas à entrada na vida? O padre!

Quem as alimenta para lhes dar forças bastantes de fazerem sua peregrinação? O padre!

Quem as prepara para comparecerem perante Ti, lavando-as nas águas lustrais do batismo? O padre!

E se elas vierem a morrer no pecado, quem as ressuscitará para Ti? Quem lhes restituirá a roupagem alvinitente da graça? O padre!

O padre! Sempre o padre!

Os homens jamais poderão recordar-se de um só benefício Teu sem encontrarem, ao lado dessa lembrança, a figura do padre.

Ninguém vai confessar os seus pecados à Santíssima Virgem ou a um anjo.

Eles poderão absolver? Não!

A Santíssima Virgem não pode fazer descer seu Filho Divino à hóstia!

O padre absolve! O padre consagra!

Todas as Tuas dádivas, inúteis se tornariam sem o padre. De que nos serviria uma casa cheia de ouro, se não tivéssemos quem nos abra a porta? O padre tem a chave de todos os Teus tesouros. É ele o Teu ecônomo! O administrador dos Teus bens!

Santa Teresa beijava o lugar por onde um padre havia passado...

E o Santo Cura D'Arce dizia que, se se encontrasse com um padre e um anjo, cumprimentaria o padre antes de cortejar o anjo. Este é o amigo de Deus, mas o padre faz as vezes de Deus...

Deus misericordioso! Senhor Munificente! Dentro de poucas horas, serei, por Tua prodigalidade infinita, padre também! A minha palavra, de um pedaço de pão fará um Deus! Meu poder será maior do que o poder de criar mundos. A minha palavra redimirá almas, arrancando-as do pecado. Do poder de Satanás!

Do poder de Satanás? Sim!!! Foi o que me ensinaram durante tantos anos! Minha mente está povoada de todos esses ensinamentos sobre a magnitude do sacerdócio! Sobre a grandeza do padre!

Senhor! Eu também, assim galardoado de imensuráveis poderes, gozarei de segurança espiritual!

Anseio, Senhor, pelo momento supremo de minha vida, quando serei ungido sacerdote – *“sacerdos in aeternum!”* – porque serei outro Cristo – *“alter Christus”*.

Nem o demônio me arrancará dos Teus braços fortes!

Senhor exorável! O sacerdócio ser-me-á garantia inabalável da minha salvação eterna!”

## **Festas de uma ordenação sacerdotal e os anelos de um neosacerdote**



As solenidades rituais da minha ordenação sacerdotal decorreram em atmosfera de máximo esplendor. Todas as cerimônias do altar e do trono episcopal, com suas medidas, genuflexões e ósculos, executaram-se com precisão cronométrica. O mestre do cerimonial pavoneava-se porque os longos ensaios precedentes culminaram em sucesso admirável. O regente do coro – um padre obeso – via-se recompensado dos lenços encharcados do suor da testa e da papada vascolejante. A “Missa Pontificalis”, de Perosi, enchera as naves do templo de harmonias extasiantes. O bispo experimentara a sensação de sentir-se realizado. Havia já ordenado um padre! O primeiro!

**.oOo.**

As cerimônias iniciadas às 8 horas da manhã encerraram-se à 1 hora da tarde com o beija-mão do neosacerdote.

Sou incapaz de exprimir os sentimentos que me iam na alma enquanto a multidão dos fieis beijava as palmas das minhas mãos perfumadas com o óleo da unção sacerdotal.

A Juventude Feminina Católica preparara um banquete em homenagem ao novo sacerdote no grande salão nobre do paço episcopal.

**.oOo.**

As autoridades e as pessoas gradas iam chegando. O bispo, em seus aposentos, retirava as insígnias prelatícias com as quais exercera as funções. As senhoritas da Ação Católica davam os últimos preparativos às mesas.

O festim se apresentava numa mesa em forma de T, com jarras de flores, com mimos tecidos a boninas e violetas: *Salve o Padre Aníbal*. Os cristais venezianos, os Severes suntuosos, floreiras, porcelanas... A prataria resplandecente nos aparadores... A ornamentação de rosas e cravos, com grandes corbelhas pendentes e tinas douradas nos ângulos da sala, onde fulgiam begônias e palmáceas...

**.oOo.**

De joelhos, diante de uma escrivaninha, em meu quarto, enquanto lá embaixo tilintavam os copos e os talheres e rumorejava o vozerio dos convivas.

Em espírito do mais profundo reconhecimento a Deus, elevei-Lhe o meu coração fervoroso. E, antes de lavar as mãos que recendiam a unção sagrada e ainda úmidas dos beijos, anotei, em meu diário, os meus sentimentos dominantes naquela hora:

“Quero ser um sacerdote santo!

*Sacerdos alter Christus!* Por conseguinte, devo possuir angélica pureza, sincera humildade, verdade resplandecente, ilimitada obediência, caridade até doar a vida, abnegação, austeridade, desapego, sacrifício, penitência, como convêm ao que há de seguir o Rei Crucificado, com sua cruz. Em mim, todos procuram a Cristo: tenho de reproduzi-LO na minha vida para manifestá-LO ao mundo inteiro. Se a Ele não me assemelhar, não poderão reconhecê-LO e nem amá-LO em mim.

Quero ser um sacerdote santo para a honra da Igreja que represento. Não devo esquecer-me de que, através de mim, representante Seu, há de ser a Igreja estimada ou menoscabada, louvada ou criticada, amada ou detestada. Sempre e em toda a parte me lembrarei de que represento a Igreja de Cristo. Mostrarei com as palavras e os exemplos que amo a Igreja como a Cristo. Fé viva, apego profundo e dedicação total à hierarquia como a Cristo. Defenderei a Igreja como se fosse à minha mãe. Ufanar-me-ei da sublimidade do sacerdócio que a Igreja me conferiu. Na lembrança da ordenação que distribui, encimando-a, consta um cálice e uma hóstia sobre um missal e uma estola, entrelaçados por galhos de trigo e vergôntes de videira, ostentando seus cachos, tudo num simbolismo dos poderes sacerdotais. A seguir, o retrato de S. Santidade o papa Pio XII, gloriosamente reinante, com o dístico: 'Homenagem de amor e de obediência'. Ao lado, outro retrato – o do meu Bispo Diocesano, Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, por cujas mãos, Deus me ungiu Seu sacerdote, com a divisa: 'Homenagem de gratidão e amizade'. Dois retratos e dois emblemas a atestarem a minha sujeição à santa Igreja e à sua Hierarquia.

Quero ser um sacerdote santo para o bem das almas. Um bom sacerdote torna as almas mediócras, um fervoroso sacerdote as torna boas, um santo sacerdote as torna fervorosas. Querem as almas o sacerdote grande e santo. Para avivarem a sua fé, olham para a fé no sacerdote. Para subirem, precisam contemplar nas alturas o sacerdote. Qual é o sacerdote, tal é o povo. Se o termômetro da vida espiritual do povo desce, o culpado é o sacerdote.

Quero ser um sacerdote santo e, por isso, devo ser vigilante. Sou consagrado: pelo que, hei de ser rigorosamente '*homo Dei*'. Vigiarei para sê-lo. Em mim, o '*animalis homo*' está oculto; todavia, não está morto e nem dorme. Está pronto para reaparecer quando eu menos pensar. Será um ato de ira, um ressentimento mal reprimido, uma crítica áspera, um olhar arriscado, uma palavra imprudente, um pensamento perigoso, uma preguiça acariciada, um egoísmo friamente aceito, uma chama de orgulho. Antes de mais nada, o orgulho. Sou cheio de orgulho. Sinto em mim

aninhar-se a rebeldia, excita-me o desejo de aparecer, tenta-me a ambição, é-me difícil dobrar-me, ouvir a outrem, aprender de outrem; é-me fácil criticar, caçoar, desprezar, desvalorizar... Não devo então vigiar para ser só e absolutamente *'homo Dei'*? Não deixarei escapar nada que, embora de longe, possa expor a minha vida sacerdotal a ser humana e não santa. Examinar-me-ei cada dia com imparcial severidade. Julgar-me-ei e condenar-me-ei com desapiedada sinceridade diante de Deus e do Seu ministro. É, pois, indispensável ao sacerdote um confidente a quem possa tudo dizer. E o meu melhor confidente é o confessor. Apenas ao meu padre espiritual posso e devo dizer tudo. Hei de recorrer à direção espiritual como a invicta força para manter-me *'homo Dei'*, para tender à santidade, sem desvios, tenaz, contínua e generosamente.

Quero ser um sacerdote santo. O sacerdote santo é um sacerdote feliz. Desgraçado é o sacerdote que não corresponde à sua vocação. Na descida para o abismo nunca vai sozinho, mas consigo arrasta muitos e não há queda maior do que a de quem cai das alturas. É triste o sacerdote medíocre. Pensava encontrar a felicidade no arranjar para si uma vida tranquila, folgada, cheia de egoísmo, livre de quaisquer sacrifícios, mas não pode impunemente trair o dever do sacerdócio, dever este que não comporta meios termos, nem se adapta à tibieza. É feliz o sacerdote, até no meio das dificuldades, até perseguido, até paupérrimo, contanto que seja o pastor a não poupar a sua dedicação pelas almas, o continuador de Cristo a viver a vida de Cristo e a resplandecer a Santidade dEle. Ora, no entusiasmo de novo levita, sorri-me o cume da perfeição e parece-me por mais natural tender e aspirar à santidade, à paz e à segurança espiritual. Contudo, não devo iludir-me... Daqui a seis meses, poder-me-á parecer difícil a santidade; daqui a um ano ou dois, talvez seja inclinado a julgá-la mero sonho de seminário. Sonho irrealizável... Entretanto, quanto mais eu me afastar do seminário, tanto mais me cumpre manter forte e firme a minha resolução.

Devo desconfiar de mim, do imperceptível deslizar para o menos perfeito, da gradual adaptação à mediocridade, de permanecer nos planos inferiores. Se percebo em mim irem-se, devagarinho, esmorecendo os grandes princípios sobrenaturais, é isto sinal de alarma e, por consequência, é este o momento de me levantar, de lutar, de vencer. Não basta descansar no fervor dos primeiros anos de sacerdócio, nem me contentar com o que fiz e adquiri no seminário. Quem não progride, regride; quem não sobe, pára e começa a descer. Passados os primeiros entusiasmos e as primeiras alegrias do sacerdócio, pode entrar, sub-reptícia, tentadora reação; sede de liberdade, de independência, após os

longos e duros anos de disciplinas e sacrifícios no seminário. E não é rara a crise do jovem sacerdote que, em contato com a realidade crua, isolado em pobre lugarejo, se ache só, no meio de íntima procela. Mais grave é a crise que o pode atormentar aos trinta anos... Gravarei bem na alma que me não hão de bastar as convicções adquiridas no seminário. Preciso vigiar e lutar para me tornar convicto de que aos trinta, trinta e cinco, quarenta, cinquenta anos e sempre devo estar de atalaia, porque o perigo, embora escondido, sempre existe. O dia em que as resoluções do seminário me parecerem quiméricas, impossíveis de praticar, será o sinal de decadência, sinal de recuo. Para mim, nada pode haver de mais grandioso sobre a terra. Não pode existir mais doce realidade do que a segurança espiritual estruturada na certeza de minha salvação eterna..."

**.oOo.**

Recrudescer o burburinho da grande sala...

"Onde está o novo padre?", era a pergunta que sobressaía.

Esperavam-me. Desci as escadarias. Ao dobrar o seu último lance, o estrugir de palmas e vivas acordou-me do meu enlevo espiritual.

Ao tomar assento no lugar que me fora destinado, abri um cartão duplo, bem impresso, em cujo interior se discriminava o cardápio. Constrangi-me com o final da relação, em que enfileirava as bebidas:

"Vinhos branco e tinto,  
cerveja,  
água mineral,  
champagne"  
e, arrematando,  
"charutos".

No banquete de um neosacerdote, uma variedade de bebidas alcoólicas...

**.oOo.**

O festim cingiu-se aos preceitos da etiqueta francesa, na ordem metódica das entradas e no refinamento técnico da apresentação dos pratos.

Ao término do "peru trufado com farofa", uma das líderes da Juventude Feminina Católica, suntuosa como um orgulho, ao som do piano, declamou certa poesia vanguardista. A coitada exagerava as onomatopeias, abrindo a boca em *u*, revirando os olhos e agitando os braços, como asas de cegonha.

A declamação não agradou, mas foi o bastante para que discursos bombásticos se sucedessem. Foi palavrório à farta inspirado pelos vapores do álcool.

O ar adensava-se de fumaça dos cigarros e charutos.

O padre mestre-coro, sacolejando sua papada vermelha e suada, esbaforido, saiu soltando uma praga. Cambaleou uns passos e desapareceu.

Os convivas, com o escândalo, puderam perceber que era hora... Ergueram-se. Fincaram-se nos pés. Empinaram as cabeças. (Gestos característicos dos embriagados que querem disfarçar). Desfilaram protestos de amizade e votos de felicidade. Despediram-se. Um a um... E fiquei livre da maçada. Cinco horas da tarde... E tinha um breviário todo para rezar. E às oito horas da noite, cantaria o solene *“Te Deus”* de ação de graças. Outrossim, viriam visitas...

.oOo.

Assustou-me um baque surdo vindo do andar térreo. Pressenti algo incomum. Desci às pressas para atender os gritos das domésticas que pediam ajuda.

Quando cheguei à copa, encontrei sentado o padre mestre-coro que havia caído. Suas pernas não puderam sustentar aquele brutamontes de peso centuplicado pelo álcool. (Perdera a “classe”!).

Resmungava. Sua baba escorria sobre os vômitos a lhe emporcalharem a batina.

.oOo.

*“Sacerdos alter Christus!” “Homo Dei!”*

O sacerdote é outro Cristo! É o homem de Deus!

Executados todos os pontos da vasta programação daquele “dia memorável”, fui deitar-me... com um grande pesar... Estava acabrunhado...

Por quê?

Seria decepção?

Sei lá! Estava triste! E escandalizado!

Noutro dia, li o noticiário do acontecimento na primeira página do órgão local “Gazeta do Norte”. O noticiário pormenorizado se intercalava de comentários. Destacamos estes:

“...enquanto muitos choravam, um homem se fazia Cristo... E hoje, na humildade de sua pessoa, o senhor Aníbal torna-se orgulhoso. Não satisfeito em ser cristão, torna-se representante de Deus, novo salvador dos homens”.

“Salvador dos homens!!”

Aceitei, embevecido, essas manifestações heréticas de pieguice!

Oh! Quão cego estava!!!

.oOo.

### 3

## EM MONTES CLAROS...

### **Primícias do meu sacerdócio**

Regressei das férias neosacerdotais exatamente na data marcada pelo meu superior eclesiástico, sem haver cumprido todo o programa idealizado. O meu primeiro ato de obediência sacerdotal deveria ser o atendimento a essa determinação.

Em Montes Claros, encontrei o prelado assaz amofinado. O padre Aguiar não havia regressado de suas férias no dia previamente estabelecido.

“Como diretor do Ginásio Diocesano, precisaria estar aqui a fim de providenciar, com tempo, o que se faz mister para a abertura das aulas. Ainda mais. O padre tem, como dever, obediência irrestrita ao seu bispo. Se o padre Aguiar não me der explicações cabais sobre o retardamento do seu regresso, suspendê-lo-ei do uso de ordens. O padre que não obedece ao seu bispo é um péssimo padre”.

E o prelado tremia na sua zanga, insuflada pela maledicência de suas duas irmãs de cujas boas graças havia caído o diretor do Ginásio.

Pude compreender, entretanto, que, em grande parte, as invectivas, como sermões indiretos, se dirigiam a mim, “padre saído da casca”.

Realmente. Dois dias após, chegou o padre retardatário. E o bispo não lhe disse nada. E nem o padre Aguiar alegou razões, mas chufeu com os ombros os amuos de suas desafetas.

Desapontei-me, ainda, por outro, motivo. Trouxera, em minha companhia, sob anuência prelatícia, minha mãe e minha irmã caçula, de 9 anos de idade. Mal chegamos e tivemos que sair do paço episcopal para a residência de uma família de operários que não nos esperava. Constatando o embaraço desta família por não poder oferecer-nos condições convenientes, às carreiras, precisei alugar uma casa sem acomodações suficientes para nós e de aluguel além das minhas possibilidades. Tivemos

de pretermitir alimentação necessária para cobrir os compromissos com o senhorio. Antes de viajar, S. Excia. havia proposto mandar conseguir casa para nós. Mas, durante nossa ausência, não se moveu uma palha. E agora nossa presença não convinha à nobreza do palácio episcopal!

“Vá queixar-se ao bispo!” Não é o ditado popular lembrado a alguém, em situação crítica? No meu caso, estava sem bispo para me queixar...

Vi em tudo, porém, provações vindas no nosso Bom Deus!

**.oOo.**

Pelos meus serviços religiosos não receberia cônica alguma.

Minha subsistência viria das aulas de português e literatura no Ginásio Diocesano, agora funcionando em prédio novo. O bispo Moraes Júnior – diga-se a verdade! – trabalhava intensamente, tendo os olhos fixos na glória de sua igreja. Por onde passava plantava edifícios, engordando o patrimônio das instituições católicas. Em Guaratinguetá, no Estado de São Paulo, no seu paróquia de um decênio, deixou um hospital e uma creche. Em Montes Claros, o seu primeiro empreendimento foi em prol do Ginásio Diocesano.

Em meados do ano de 1949, quando eu ainda estudava no Seminário de Mariana, escreveu-me: “O novo prédio do Ginásio que irá ficar em 600 contos, já está bem alto. *Será um monumento de glória a Nossa Mãe do Céu*”. (O grifo é nosso).

Inspirado nesse motivo de glorificação, em poucos meses, deixou a obra concluída, com 600 mil cruzeiros velhos.

Para economizar, não comprava pedra britada, mas rachões, os quais eram estilhaçados, a marretadas, por frágeis e pobres mulheres com uma remuneração insignificante.

“Para a glória da Santa Igreja é preciso fazer economia! Esplêndido!!! Um bispo administrador aquilata o seu governo pelas obras materiais que constrói e pelo superavit dos balancetes anuais!”

Os colégios dos padres são dos mais lucrativos comércios deste País.

**.oOo.**

Nas 42 aulas semanais – e não me pagavam o repouso remunerado previsto pela Legislação Trabalhista vigente estruturada nas Encíclicas sociais dos papas!!! – baseava-se minha fonte de receita. Receita precaríssima defrontando-a com os gastos para se levar uma vida condigna de criatura humana!

Feliz, contudo, cumpria todas as incumbências impostas, no propósito de salvar almas.

Capelão do Santuário do Bom Jesus da Lapa, desdobrei-me para dar a melhor assistência espiritual aos habitantes do bairro em que se localizava. O seu movimento se aproximou como de qualquer outra igreja matriz da cidade. E excedia o da catedral, de quem eu era coadjutor e a cuja jurisdição estava circunscrito.

O padre vigário, por sinal, o mesmo sacerdote da carraspana do dia da minha ordenação, sentiu-se inferiorizado e reclamou na cúria. O vigário-geral enviou-me um aviso oficial. Encontra-se no Livro de Avisos, folha 42, nº 8 e seu registro de protocolo tem o número 819-51 e sua data é de 16 de agosto de 1951. Entre outras “recomendações”, esta: letra c): nenhum encarregado de capelas, eclesiástico ou secular, poderá fazer qualquer trabalho ou adquirir objetos para o culto das mesmas, sem prévio consentimento do revdo. Vigário”.

Não existe lealdade entre os padres. Adota-se o recado de “portas travessas”!

Deixei o padre vigário tagarelando e prossegui.

O que me interessava era propiciar melhor atendimento às necessidades espirituais do povo. Encontrara uma congregação mariana para os homens e para as senhoras um apostolado da oração. Aliás, associações estas em bom andamento. Para as crianças, então, organizei o catecismo e fundei a Cruzada Eucarística. E para as moças instalou-se a Pia União das Filhas de Maria.

Cometeu-me o bispo Moraes Júnior a direção do ensino religioso nas escolas que visitava semanalmente e promovia amiudadas reuniões com as professoras de religião.

Em indício do meu cuidado nesse setor de apostolado catequético, a criançada, entusiasta, afluía aos movimentos da Páscoa, cuja comunhão organizávamos com um planejamento cuidadoso.

Dispunha da emissora local para um programa diário de quinze minutos, às 6 horas da tarde, de cuja audiência excelente constatou o prelado a possibilidade de se fundar um jornal religioso, sob minha direção. Lancei-me à campanha e o órgão diocesano, com aplausos gerais, apareceu sob o título de “Tribuna do Norte”.

**.oOo.**

Em um ano, apenas, credenciaram-se os meus esforços à admiração do povo.

Permitam-me os leitores transcrever parte da nota da redação do jornal de Montes Claros “Gazeta do Norte”, de 7 de dezembro de 1950, que, por sinal, naquela época não desfrutava de simpatia alguma do clero local:



“Transcorre amanhã o primeiro aniversário de ordenação do virtuoso e culto sacerdote Aníbal Pereira Reis, que, apesar de jovem, vem revelando predicados que o projetam de modo extraordinário no clero, por suas múltiplas virtudes, e na sociedade por sua inteligência, devotamento à causa pública e grande tenacidade no trabalho social, a quem se dedica com vigor e alma.

Como reitor do Santuário do Bom Jesus, elevou ao máximo a piedade dos fiéis daquele populoso bairro da cidade, fundando a Cruzada Eucarística Infantil e a Pia União das Filhas de Maria, não descuidando as associações já existentes.

Reformou a igreja, provendo-a de paramentos e alfaias novas, assim como, introduziu diversos outros melhoramentos de ordem material e espiritual na referida capela e junto aos que recebiam sua sábia e dedicada orientação espiritual.

Como professor no Colégio Diocesano, ocupou, com rara proficiência, a cadeira de português e literatura, revelando-se sempre um mestre erudito, sabendo manter a mais restrita disciplina e conservando sempre a amizade e a admiração dos seus jovens alunos.

Organizou o Ensino Religioso nas escolas, com grande entusiasmo e dedicação.

Exerceu com fervor as funções de vigário cooperador da Catedral”.

E a redação da “Gazeta do Norte” encerrou sua explanação formulando-me votos de êxito.

Nesse primeiro aniversário do meu sacerdócio estaria eu, apesar de tantos sucessos, plenamente satisfeito?

Não!!!

## **Promoções religiosas entre o povo**

Dentre as pessoas das associações religiosas, destaquei um grupo que me parecia mais inclinado às vias ascéticas, de uma espiritualidade mais profunda e que não se conformasse com uma religião superficial e formalista. Conseguimos, também, a adesão de muitas dentre as professoras de religião nas escolas.

Procurei acatar as tendências próprias de cada um dos componentes dessa elite e atender-lhe as aspirações. Desejava que cada um se aproximasse intimamente de Deus e se santificasse nessa intimidade.

Ajustou-se um programa. Deste, cada um teria de cumprir, individualmente, certas partes, como: exame de consciência, leituras espirituais em livros indicados. Outros atos realizavam-se em comum. O

ponto alto desses consistia na meditação, missa e comunhão, todas as manhãs, às 6h30.

Defrontava-nos um grande impedimento na consecução do nosso ideal. Por mais que cada um lutasse, apesar da sinceridade, não conseguia plena vitória sobre este empecilho.

Convenci-me, outrossim, e mui cedo, de que não podia saciar àquelas almas famintas de uma espiritualidade mais sólida e profunda. Tentei todos os recursos à minha disposição. Fui buscar esclarecimentos, revendo o Manual de Teologia Ascética, de Tanqueray. Consultei sacerdotes mais velhos e mais experimentados, não só em Montes Claros, mas em Belo Horizonte e no Mosteiro de São Bento, em São Paulo. Estudei e meditei com sofreguidão as obras e as vidas de São João da Cruz, Santa Teresa d'Ávila e Dom Columba Marmion, expoentes altos da espiritualidade católica.

Aquelas almas, homens e mulheres – concluí – padeciam do mesmo drama e das mesmas torturas espirituais que eu padecia. Criei aquele grupo justamente porque almejava construir uma comunidade de pessoas de idêntico ideal, para facilitar a consecução do meu aperfeiçoamento espiritual.

Com amargura, constatei a dolorosa experiência: Não tínhamos segurança alguma em nossa vida religiosa!

Faltava-nos a estrutura fundamental para essa segurança, que reside na absoluta certeza da salvação eterna.

Queríamos evitar o pecado para nos salvar... E não evitávamos o pecado porque fôssemos salvos...

Logo o meu confessor tornou-se procuradíssimo. Lamentava, ainda, não dispor de meios suficientes para esclarecer e orientar essas almas sedentas. Quantas vezes chorei no confessor! Procurei tanto! Em tantos lugares! Com tanta gente! Entre tantos livros!

Meus desejos irrealizáveis se transformavam em futilidades da minha imaginação?

Faltou-me procurar num único lugar! Num único livro! Na Bíblia, onde teria encontrado o que procurava: O meu Sacrossanto Salvador!!!

**.oOo.**

“É preciso manter, de qualquer forma, o povo ligado à igreja”, recomendava-me o bispo.

Reconhecia, nesse caso, as festas religiosas populares como meio efficientíssimo.

O monsenhor Ferreira era um especialista da alma popular. Sua habilidade de lidar com o povo, dava-lhe autoridade para esclarecer:

“O melhor antídoto contra a infiltração protestante no meio do povo brasileiro, que é acendradamente católico, são as nossas festas religiosas. As nossas novenas com foguetório. As nossas procissões com banda de música. Numa cidade, não há campanha protestante que resista a uma boa quermesse com leilão, roletas e cachaça...”

Constituía-se em enigma para mim mesmo!

Apavorava-me ver uma pessoa do povo com a Bíblia nas mãos. O pavor inspirava-me grandes programas de festas populares. Servir-me-iam de instrumentos para livrar o povo da hidra da heresia, imaginava eu.

As grandes preocupações e os grandes trabalhos anestesiavam a minha alma em face da minha angústia espiritual.

**.oOo.**

A festa religiosa do povo norte mineiro mais concorrida era a do Bom Jesus da Lapa, cujo santuário competia-me dirigir.

Precedia-a em 1950, com uma Semana Eucarística, de 17 a 23 de julho. Meu objetivo consistia em aproveitar o interesse popular do momento para proporcionar instrução sobre a “eucaristia” e o “sacrifício da missa”, o coração do catolicismo romano. No vasto programa, destacavam-se as conferências religiosas proferidas, cada noite, por um sacerdote.

Lembro-me da amargura que passei ao verificar que nenhum pregador correspondeu à minha expectativa. Elaborara o programa com tanto cuidado... Ao formular o convite, a cada conferencista deixei a escolha do tema, contanto que falasse sobre a “eucaristia”... As pregações não passaram de colchas de retalhos em que alinhavam-se ideias desconexas.

Em Montes Claros havia os cônegos premonstratenses que, nessa época, caíram do apreço episcopal. Trajavam, de acordo com suas regras, batina de cor creme-claro. O bispo encolerizara-se a ponto de não permitir que os padres seculares – cuja batina é preta, mas em virtude do calor, poderiam usá-la em linho de cores claras – se utilizassem dessa regalia. Para ele, um padre de vestes claras tresandava enxofre infernal.

Convidei dois “padres brancos” – como o bispo e seus familiares classificavam os premonstratenses – para as pregações. Zangou-se o antístite. Mandou-me recados azedos. Mal-humorado, foi pregar uma noite e não quis ver a procissão que, no domingo, passou em frente do seu palácio.

A Procissão Eucarística foi a culminância daquela semana. A imprensa local ocupou-se fartamente com o sucesso. A mesma “Gazeta do Norte”, em seu exemplar de 7 de dezembro de 1950, no comentário sobre a minha atuação, destacou: “O apogeu, porém, dos seus trabalhos na citada

igreja, está na soleníssima Semana Eucarística, realizada em julho. Na realidade, a Procissão Triunfal do Santíssimo Sacramento, em 23 do referido mês colocou um marco de saliência nesta Semana, *sendo a mais brilhante Procissão Eucarística até então levada a efeito em Montes Claros*”.

No dia 28 de julho, iniciou-se o “solene novenário do Senhor Bom Jesus da Lapa, com pregações especiais, rezas ao Divino Festejado, ladainha do Coração de Jesus cantada e a bênção do Santíssimo Sacramento”. Afora este plano litúrgico, apresentaram-se no programa: “Luzes! Fogos! Música! Alegria! Quermesse gigantesca com muitas barraquinhas, leilões monstros, variadíssimo bar, parque de diversões com gangorras, roda-gigante, roletas e muitos jogos de azar! Tudo em louvor do Bom Jesus da Lapa, o Divino Taumaturgo!”

Na noite de 5 de agosto, ergueu-se o “mastro do santo”.

À hora marcada, chegou, em procissão de velas acesas, pandeiros e violas, pendendo de longa haste, a bandeira branca, em cujo centro, em pintura a óleo, o Bom Jesus, diante do Pretório, depois da flagelação. Da coroa de espinhos, das chagas abertas, escorria o sangue. O manto purpúreo, de ramagens douradas, caía nos ombros, formando um triângulo de solenidade hierática. As mãos sangrentas atavam-se, por uma corda de pontas soltas, à cana do ludíbrio. A cabeça, levemente inclinada para trás, fixava os olhos injetados numa projeção de imperturbável linha reta...

Bamboleou nos ombros da multidão... Ergueu-se coroado pelos fogos de artifício que incendiaram o negror da noite... Confundiam-se os “Viva o Bom Jesus!”, com as melodias religiosas entoadas pelos mais devotos... Estrugiam as palmas quando o mastro, firme, espetou-se no chão... E a banda de música explodiu num dobrado marcial...

**.oOo.**

O responsável pelo mastro, em cumprimento de uma promessa, porque livrara-se de um processo criminal, não quis que o Bom Jesus do seu mastro fosse cópia do Bom Jesus do Santuário. Mandou-o pintar como o “*Ecce Homo*” diante do Júri de Pilatos.

“Jesus diante do povo judeu enfurecido... Não estávamos profanando as dores do Bom Jesus? Tudo aquilo não seria um sarcasmo aos Seus sofrimentos?”

Minhas reflexões continuariam nessa vereda se não me recordasse das sugestões de monsenhor Ferreira.

**.oOo.**

No dia 6, o coroamento! De madrugada, a alvorada com a Banda de Música, sob o estrugir dos morteiros, a acordar a população. Às 8 horas, missa com comunhão geral dos fiéis e às 10 horas a missa solene, cantada com três padres e pregação à estação.

Entremeio às duas missas, perante a comoção do povo que se acotovelava na praça, chegou um devoto baiano, vindo da Boa Terra. Arcava sob o peso de enorme cruz, que trazia aos ombros em satisfação de um voto. Arrastou-a, exausto, santuário adentro e a depositou no supedâneo do altar do Senhor Bom Jesus da Lapa.

“Graças a Deus, cumpri a minha promessa! Caminhei dezoito léguas com essa cruz! Não devo mais nada a ninguém!”, suspirou.

Beijou a toalha do altar, deixando-a enodoada de terra vermelha e suor. E saiu.

Encontrei-o após a missa solene, estendido à sombra da copa de uma mangueira que se debruçava sobre os muros de um vizinho. Supunha-o a refazer-se da canseira. Condoído, convidei-o acompanhar-me para almoçar comigo. Estava bêbado! Aliviado do compromisso, rejubilou-se com a pinga!

**.oOo.**

O dia 6 de agosto trazia uma movimentação espetacular em Montes Claros. Em todas as suas ruas, os cavalos guizalhando os cincerros. As cangalhas enfeitadas de bandeirolas, os peitoris entrelaçados de fitas multicolores. Cavaleiros trajados de brim branco, chapéu de couro à cabeça e lenços vermelhos ao pescoço. À tarde, o Senhor Bom Jesus recebia a homenagem da grande cavalhada assistida por todo o povo da cidade.

Cavaleiros embriagados não se sustinham aos pinotes dos seus potros. E punham uma nota hilariante na festa...

“Viva o ‘São’ Bom Jesus da Lapa!”, bramia uma senhora na satisfação de sua promessa de gritar a jaculatória por cento e cinquenta vezes, o número de Ave-Marias de um rosário inteiro!

**.oOo.**

As festividades culminaram com a procissão do Senhor Bom Jesus da Lapa. Imensa multidão assistia o desfilar das associações religiosas e dos devotos.

Bandeiras variadas davam impressão de uma vitória épica. Um batalhão de pagens montava guarda à Bandeira Pontificia para destacá-la entre as demais. Meu desígnio era despertar na alma popular respeito e devoção ao papa.

A seguir, um estandarte simbolizando os mistérios da religião. Rodeava-o uma corte de “anjos”. De quando em quando, um deles atirava-lhe pétalas de rosas.

“*Veneremur cernui!*” Adoremos humildemente tão augusto sacramento! Era o dístico apresentado em faixa branca, debruada em ouro. Pretendia que esse conjunto simbólico inculcasse nos fiéis profundo e sólido amor à hóstia consagrada.

As filhas de Maria emolduravam, em suas vestes cândidas e as fitas azuis, o emblema da Virgem Maria. “O católico só pode ser devoto do papa e amar o santíssimo sacramento se compreender o papel de Maria na economia religiosa”, raciocinava eu.

Seguido de duas bandas musicais, que se revezavam nas apresentações dos seus dobrados, ia, nos ombros do povo devoto, a imagem do Senhor Bom Jesus da Lapa, dependurada numa cruz e circundada de um enorme resplendor dourado de dezenas de pontas. Um foco luminoso clarejava-lhe as faces, destacando-as na escuridão da noite.

O ribombar dos fogos estrondava nos ares e estremecia o casario. Harmonias piedosas louvavam o Divino Festejado. Rezas resmungadas em saldo de promessas...

.oOo.

A procissão se desenvolvia dentro do plano estabelecido. Os apreciadores de santimônia estavam satisfeitos...

Enroupado nas vestes litúrgicas do mais fino requinte, meditava.

Profunda vergonha apoderou-se de minha alma.

“Meu Deus! Será possível que sou eu mesmo? Aqui, prestando-me a um papel ridículo destes? Este povo sairá melhor dessa procissão? Tudo isso não será apenas um recurso criminoso de acorrentar as almas a uma grosseira superstição? Quantos aqui se preocupam com sua salvação eterna? E todas estas devoções populares interesseiras não os distanciam sempre e sempre do Mistério do Cristo Redentor? A quermesse-monstro em honra desse Senhor Bom Jesus da Lapa está dando um resultado financeiro muito acima de todos os prognósticos. Mas minha consciência está escalavrada! Não esbravejo no púlpito contra os vícios, contra o alcoolismo, contra o jogo? E, agora, não estou precisamente explorando as más inclinações dos homens? Não serei um demônio a brincar com os pecados dos homens, enriquecendo a igreja com uma vil exploração dos seus vícios? O álcool é o responsável por tantas desditas. E eu, padre, ministro de Deus na salvação das almas, alcoolizando tanta gente nessa quermesse e desencaminhando tantos para a prática dos jogos de azar.

Cervejas... Vinhos... Quentão... Pinga... Roleta... Bingo... Cartas...

Quanta exploração deste pobre povo iludido!

Ah!, mas todo o resultado material da quermesse vai ser aplicado na catequese do povo... Tudo isto está destinado à salvação das almas!”

A canseira estatelou-me o peito. Sentimentos complexos mantiveram os meus olhos acesos, no escuro, como duas sentinelas da minha angústia. Insone no restante da madrugada, agitava-me num tumulto de ideias desconexas.

**.oOo.**

A expectativa do resultado da quermesse se tornou assunto nos comentários do dia.

Um padre, no dia imediato à festa, a pretexto de visitar-me por estar febril, falou-me em empréstimo de dinheiro para uma sua viagem de passeio.

Pedi-lhe ouvir-me em confissão. Uma gargalhada tonitroante foi a resposta às minhas declarações carregadas de aflições e inconformidade.

O seu sarcasmo foi o ritual daquela absolvição!

## **Círculo Operário de Montes Claros, tática “ecumenista”**

O bispo Moraes Júnior dedicou-se, em toda a sua vida eclesiástica, às atividades de alcance social. Recém ordenado sacerdote, incumbiu-me de promover a criação e o desenvolvimento de alguma instituição desse gênero.

“É preciso fazer qualquer coisa no setor de assistência social para atrairmos sobre a igreja a simpatia do povo”, alegava s. excia.

Depois de estudos acurados e em face da situação deprimente porque passavam os trabalhadores em Montes Claros, resolvi criar, fecundada com os aplausos prelatícios, a entidade Círculo Operário que, em homenagem à cidade, cognominei de “Círculo Operário de Montes Claros”.

O importante era conduzir para a minha igreja as atenções e as simpatias do povo em geral. E tudo o que se fizesse com esse objetivo merecia a aprovação entusiástica do bispo.

O padre Leopoldo Brentano, jesuíta do Rio Grande do Sul, tivera a inspiração da doutrina circulista na expectativa de, com esse movimento, alastrado por todo o Brasil, corrigir, pelo menos em nosso país, o “grande escândalo da Idade Moderna”, assim classificado pelo papa o repúdio ao catolicismo romano por parte das classes trabalhadoras. Na tessitura do movimento dos círculos operários, ou circulistas, acentuava-se, todavia, o princípio ecumenista.

O dr. Cícero Dumont, uma das pessoas mais cultas do norte mineiro, em artigo intitulado “Círculo Operário de Montes Claros”, noticiando a sua instalação, escreveu: “Apesar da assistência de eclesiásticos, a instituição não tem objetivo religioso. Dela podem participar elementos de todas as seitas.

Em consequência dessa orientação, é taxativamente proibida discussão de assuntos religiosos...

O fim único, exclusivo, do Círculo, é propugnar pela realização da justiça social sobre bases cristãs.

Advertimos, também, contra a exploração que farão, por certo, os ‘pescadores de águas turvas’, principalmente pela colaboração de elementos da igreja. Ali não estão o bispo e o padre, mas os elementos cristãos da nossa cidade que desejam fazer algo pelas massas trabalhadoras”.

Com poucos meses de atividade, o Círculo Operário de Montes Claros propiciava assistência médica, farmacêutica, dentária, hospitalar e jurídica aos seus associados. Sua bandeira, desfraldada com o entusiasmo da classe operária de Montes Claros, tinha como lema: “Justiça social pela compreensão e pela cooperação”.

Realizou-se um trabalho prodigioso a favor de milhares de circulistas.

Carregava, porém, uma mágoa. Os operários protestantes não vinham para nosso meio!

O Círculo Operário se propunha respeitar todas as crenças!

Agora vejo que aqueles crentes, esclarecidos por Deus, percebiam o engodo.

**.oOo.**

Em realidade, objetivávamos ter no Círculo Operário, por meio de alguns minguados benefícios materiais, ensejo de catequese. Nós queríamos todos atrelados à carruagem de Roma! Todos os benefícios propiciados visavam este escopo.

Minha formação eclesiástica à luz da tática jesuíta fazia-me amar intensamente a minha igreja, fora da qual ninguém se salvaria, acreditava eu. E todos os métodos deveriam ser aplicados para tanger as ovelhas desgarradas, compelindo-as a entrar no redil papal.

Não me encontrava com um operário evangélico que não parasse para lhe apertar a mão e dar-lhe uma palavra...

Naquela região, o povo nem se lembrava do comunismo. O Círculo Operário apresentava com alarde esse “perigo iminente” para atemorizar os ricos e chamar a atenção popular. O maior perigo para nós, os padres, era a infiltração protestante.



Apesar de todas as manobras circunistas, os evangélicos se livraram da astúcia.

As autoridades do Município não sabiam escolher adjetivos encomiásticos para enaltecer o dinamismo do dirigente do Círculo Operário. Nas solenidades de 7 de abril de 1951, o professor Athos Braga, discursando em nome do prefeito Enéas Mineiro de Sousa, exclamou: “O reverendo padre Aníbal, o operário número um, o homem que vem dirigindo em Montes Claros uma obra gigantesca, um empreendimento imperecível, em favor do humilde trabalhador e criando uma sadia mentalidade em nosso povo, congraçando o poder temporário com o poder espiritual” (“Gazeta do Norte”, de 12 de abril de 1951).

Ninguém percebia o objetivo “ecumênico” do Círculo Operário de Montes Claro!

**.oOo.**

Em maio de 1951, comemorou-se o primeiro aniversário do Círculo Operário. O vasto programa não deixou de ter a “missa solene”.

O Núncio Apostólico, Dom Carlos Chiarlo, representante do Vaticano junto ao Governo Brasileiro, apressou-se a participar das comemorações através de um telegrama que foi lido com muita ênfase, em diversas ocasiões.

Esse telegrama, de 20 de maio de 1951, sob nº 1902, procedente do Rio de Janeiro, tem esses dizeres: “Padre Aníbal Reis – Círculo Operário – Montes Claros. Meus mais sinceros parabéns celebração primeiro aniversário fundação Círculo Operário e juntamente uma grande bênção unida mais ardentes votos progresso florescente mesma agremiação pt saudação pt Núncio Apostólico”.

Um troféu das minhas vitórias! Um prêmio dos meus esforços!

Meu desejo não era servir à minha igreja, agradando a sua hierarquia?

O telegrama se transformou em testemunho público da minha submissão à hierarquia católica. O Círculo Operário de Montes Claros cumpria, por meu intermédio, o seu mentor, exatamente, o plano de subjugar a classe operária de uma região à internacional negra! Mas nem eu mesmo percebia estar envolto nessa trama astuta!

Sentia-me, porém, preocupado. Por que os protestantes não vinham também?

“Fora da igreja não há salvação! E tantos infelizes se negam atender seus apelos maternos para salvar-lhes as almas!”, pesaroso, eu refletia.

**.oOo.**

Revendo meu arquivo, encontrei no exemplar de 30 de abril de 1950, do jornal “Gazeta do Norte”, um artigo escrito por mim e intitulado “A dignidade do trabalho”, em preparação ao lançamento do Círculo Operário de Montes Claros.

Exarando conceitos pontifícios sobre a tese, enfatizei: “O trabalho vem de uma ordem divina para que *o homem satisfaça a justiça do Criador*, porquanto, daí para cá, o trabalho adquiriu o caráter de pena e tornou-se o estipêndio caro da culpa de Adão... Ademais, com este caráter de pena, levado com resignação, o trabalho nos abre as veredas purificadoras e luminosas da penitência, já que só com esta conseguiremos a felicidade eterna. Ah!, se os nossos bons operários compreendessem isto, e meditassem no que eles têm de precioso no trabalho!... No mandato divino, um grande valor moral; *no caráter de pena, um meio de satisfazer a justa justiça de Deus*”.

Ao reler esse artigo, hoje, como crente em Jesus Cristo, sei porque os operários evangélicos de Montes Claros não aceitaram os meus acenos ecumenistas...

Apesar dos benefícios materiais que o movimento circulista poderia proporcionar-lhes... Apesar da minha benevolência para com eles... Apesar dos “propósitos” de respeitar-lhes as convicções religiosas... Não vieram para o nosso meio porque existia entre nós um intransponível marco divisório: a doutrina bíblica da salvação pelos méritos infinitos de Jesus Cristo!

**.oOo.**

Se o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado – e somente Ele no-lo pode propiciar –, que valor remissível terá o nosso suor?

Em base num estatuto padrão, oferecido pela Confederação Nacional dos Círculos Operários, elaborei os estatutos do Círculo Operário de Montes Claros. Lembro-me bem da observação feita pelo bispo Moraes Júnior quando lhe levei os rascunhos. Examinou-os e aprovou a sua apresentação à apreciação dos circulistas, em Assembleia Geral. Notou e louvou estes termos: “Do Círculo Operário de Montes Claros podem participar pessoas de todos os credos religiosos, de vez que, em suas reuniões e assembleias, são interditas discussões de aspecto religioso”.

“São interditas *discussões religiosas*. Fica proibido *discutir*. Nós podemos impor a orientação religiosa que quisermos, pois não será discutida e, assim, ninguém poderá reclamar transgressão dos estatutos”, observou o prelado.

A nossa formação eclesiástica jesuítica nos autorizava iludir os circulistas que, na oportunidade da apresentação dos estatutos, não perceberam o engodo e nem poderiam mesmo percebê-lo.

Este é o truque clássico da restrição mental – *“restitutio mentis”* – autorizada pela moral católica.

Afinal, tudo não se fazia para a honra da “santa igreja” e pela salvação das almas? Essa finalidade tão nobre justificaria plenamente o emprego da mentira...

**.oOo.**

A noite imediata à aprovação desses estatutos, foi de insônia. Minha consciência chamava-me de mentiroso. Desci das estantes, alta madrugada, os tratadistas de moral. Almejava, esquadrinhando todas as circunstâncias em seus mínimos pormenores, encontrar razões que me tornassem insonte. Amanheci com olheiras. Procurei o bispo. Encontrei-o muito amável. Ouviu o meu desespero. Sorriu e lembrou a máxima: “Quem obedece, nunca erra”. Sua decisão sumária não me satisfez. Em menos de meia hora, voltei a subir os degraus prelaciais. Reconhecia-me maçador. Propusera renunciar tudo, caso o bispo, reconhecendo meu estado de abatimento, não me tratasse afavelmente.

Este propósito se fundava na generalizada e conhecida arrogância dos bispos que, comumente, são prepotentes, quais sátrapas.

Sem efeito tornou-se a minha decisão. O bispo Moraes Júnior foi delicadíssimo. Terno mesmo. Repetiu-me o dogma de que, fora da igreja, não há salvação e o padre tem o dever de lançar mão de todos os recursos para atrair as almas ao seu seio.

“Ela é nossa Mãe!”, repetiu o prelado. “Além disso, nos estatutos não se colocara nenhuma expressão mentirosa. Se a assembleia que os aprovou não entendeu perfeitamente o alcance daquelas expressões, não temos culpa”.

Em tom afável, prosseguiu: “O Círculo Operário repete o que o Nosso Senhor fez. Proporcionou Ele os milagres da multiplicação dos pães no interesse de atrair a Si os homens, sem, contudo, lhes esclarecer antecipadamente o Seu objetivo. Ele mentiu? Não! O Círculo Operário repete o gesto de Jesus. Promove benefícios de ordem material e humana”, esclareceu o bispo, “para angariar simpatia e trazer para o seu meio operários hereges que irão ter oportunidades imensas de conhecer melhor a ‘santa igreja’”.

Convidou-me para almoçar. Contou-me muita coisa alegre. Sua especialidade em longos bate-papos era contar anedotas.

Apreciava receitar às pessoas que lhe queixassem de doença. À despedida, observou que eu estava cansado por excesso de trabalho, o que produzia esgotamento nervoso.

Comprei o tranquilizante da receita episcopal. Persuadi-me que minha angústia espiritual procedia dessa estafa. Senti-me, então, cansado! Tomei à noite, dois comprimidos do medicamento e, suavizado pelas palavras bondosas do meu bispo, dormi como um justo.

Sem ir examinar as referências aos milagres da multiplicação dos pães – e, se houvesse examinado, verificaria que Jesus, de fato, os produziu, porém depois que a multidão ouvira suas pregações, para o que havia deixado suas casas e seus afazeres, e não os realizara para atrair o povo – dispus-me a levar avante, até as culminâncias do meu idealismo, o Círculo Operário de Montes Claros. Para vencer os meus conflitos interiores e a “canseira”, habituei-me a ingerir comprimidos de calmantes.

Dias depois, fui confessar-me. Sempre me preparei para esse ato, com esmero, em cuidadosos exames de consciência. Não me limitava a declarar os pecados cometidos. Manifestava ao meu confessor todos os meandros da minha alma, expondo-lhe as tentações sofridas. Ao cônego premonstratense (o padre “branco”), relatei o incidente que me havia torturado naquela semana. Minuciei-lhe a conversa com o bispo e suas orientações. Anuiu a tudo e achou bem que continuasse com a medicação. Sugeriu-me férias e um regulamento com mais horas de repouso. Arrazoei-lhe a impossibilidade naquela conjuntura. Recomendou-me um derivativo. Uma fuga. Naquela confissão, o sacerdote aconselhou-me fumar.

.oOo.

Que conselho de confessor!!!

Com menos de uma semana, estava viciado!

O cigarro não era uma distração?

.oOo.

Em 7 de outubro de 1951, perante uma grande multidão de operários, numa das nossas solenidades, pronunciei um discurso do qual destaco o seguinte trecho em pronome majestático à imitação das cartas pastorais dos bispos e encíclicas dos papas: “Desde os albores da nossa formação eclesiástica, sintetizamos o ideal sacerdotal na aspiração de evangelizar os pobres. Sempre guardamos no recesso da nossa alma a passagem do Evangelho que apresenta o Batista mergulhado nas trevas da prisão e nas angústias da dúvida a respeito da Divindade do Nazareno. Envia-lhe seus discípulos. E Jesus ordena-lhes que vão anunciar ao prisioneiro de Maqueronte os fatos que presenciaram: **‘Os cegos veem, os paráliticos**

**caminham, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, os pobres são evangelizados'** (Lucas 7.22).

**'Os pobres são evangelizados...'** Eis um dos argumentos da Divindade do Mestre! *Eis, senhores, uma das provas da Divindade da Igreja!* Eis, senhores, a missão do sacerdote!"

E, mais adiante: "Senhores, a nossa missão com este movimento é estabelecer Deus nos corações das classes sofredoras. Não se trata de implantar a 'hegemonia do estômago' como o epicurismo burguês. *Trata-se de revalorizar o Espírito por uma mentalidade nova regeneradora nas águas lustrais da justiça social*". [Esta era uma revelação de desconhecimento total da Palavra de Deus e de Seus planos para a regeneração do homem!] O discurso não deveria ter coloração eclesiástica se fosse enquadrar-se na conceituação dos seus sócios e na letra dos seus estatutos.

À socapa, enaltecera já a "Divindade da Igreja" (católica) – como se viu – e, nos arroubos da peroração, exclamei: "*A Igreja não compactua com o erro. Mestra da Verdade, Ela conclama a todos à prática da caridade cristã e da justiça social, que o Círculo Operário de montes Claros defende*".

O bispo Moraes Júnior demonstrou-se felicíssimo por sentir que me havia entronizado perfeitamente na tática ecumenista.

Depois daquela crise já me impusera diante da consideração do prelado pelos meus trabalhos e coragem de lutas que, ao oferecer-me o livro de sua lavra "Almas de Criança", em 28 de agosto de 1950, escreveu esta dedicatória: "Ao querido padre Aníbal, com a estima de quem aprecia o seu belo apostolado e o abençoa carinhosamente".

**.oOo.**

Por essa altura dos idos de 1951, o bispo Moraes Júnior havia se indisposto com parte da população por haver loteado um terreno nas imediações da catedral onde, no passado, se instalara um cemitério. Fundamentava suas atitudes nas "extremas" necessidades da diocese. Os descontentes se dispunham obter o numerário preciso. E o ginásio não rendia muito? (Além das expectativas, como o prelado anunciou bastas vezes!).

Mas o falatório enfureceu s. excia.

"O local servira os túmulos dos antepassados. Loteá-lo para construírem-se casas é um afronta à memória deles!", desabafavam os insatisfeitos com os motivos alegados por aquela autoridade católica.

Defendia o bispo seu ponto-de-vista, lembrando que os restos mortais dos antepassados, em exéquias litúrgicas, haviam sido convenientemente trasladados para o cemitério novo.

A maioria das pessoas gradas e das famílias tradicionais de Montes Claros pusera-se contra o bispo. O escândalo estourou na Câmara Municipal. O ambiente desfavorecia, por completo, qualquer iniciativa de s. excia.

A festa circulista de 7 de outubro de 1951, à sorrelfa, trazia um cunho de desagravo ao líder católico “vilipendiado por tantos diatribes”.

Meu discurso, proferido neste clima de tensão, foi acompanhado, através do rádio, por toda a população.

Declarei: “Quando todos, patrões e empregados, ricos e pobres, retornarem a Deus e viverem de conformidade com esta fé, a situação angustiante do mundo estará solucionada.

A questão social não se resolve a poder de balas e patas de cavalos. O comunismo não se extermina com violência. É preciso ir à sua origem filosófica e histórica. É precisos secar-lhe a fonte, isto é, o Capitalismo desmedido.

É mister que os ricos empreendam a prática da justiça social. Não basta a filantropia que estende, inspirada pela vaidade, um óbulo ao mendigo. Quantos e quantos pretendem coonestar seus latrocínios comerciais ou a exploração dos seus empregados com donativos que mais significam orgulho refinado”.

Estas palavras, proferidas com acentos incisivos, deixaram chocadas as pessoas magoadas com o bispo.

E, hipotecando a solidariedade do Círculo Operário de Montes Claros ao prelado, arrematei o discurso: “Nas horas de dissabores e incompreensões, v. excia. poderá estar certo de que os circulistas estarão ao vosso lado para defenderem vosso nome e, mesmo se preciso, vossa pessoa sagrada, até o sangue”.

Estas palavras finais foram a linha divisória a separar a população de Montes Claros. De um lado, os operários circulistas (a totalidade dos operários de Montes Claros e da região) e, de outro lado, os ricos, como se dizia. Para cumprir meu dever de padre – de irrestrita sujeição ao meu superior eclesiástico – propiciei ambiente para uma luta de classe.

Acorrentado nessa escravidão católica, pus em jogo todos os meus esforços e o prestígio da própria instituição que criara e dirigia com tanto idealismo e entusiasmo.

**.oOo.**

Deus sabe na Sua Infinita Munificiência preservar os seus!

Tornei-me alvo de grande batalha. A pessoa do bispo, encastelada na sua dignidade principesca, obtinha agora um anteparo de vanguarda. Os outros padres emudeceram no interesse de salvaguardar suas peles.

Somente eu assumi, em sujeição absoluta, o “front” da campanha, que se voltara, nessa altura, mais contra mim.

A transferência do bispo Moraes Júnior para o arcebispado de Olinda e Recife pôs fim à luta.

O cemitério foi loteado mesmo e o prelado guindado a posto mais elevado.

O Círculo Operário de Montes Claros, pelo funcionamento de todos os seus departamentos, atingiu alto conceito entre os trabalhadores e sua fama se alastrou até aos mais distantes rincões do Norte Mineiro.

.oOo.

O bispo Moraes Júnior decidira que eu o acompanhasse para o Recife. Custava-me crer na contingência de deixar aquela obra na qual depositara grande parcela do dinamismo de padre novo. Em cada departamento, via a concretização de um sonho, de um desejo imenso em favor do operário que eu aprendera amar.

Impunha-se-me, todavia, acompanhar o bispo. Todos os meus anelos e as minhas pretensões deveriam sujeitar-se absolutamente às diretivas e aos simples desejos do meu superior eclesiástico.

Bitolada a minha vida de padre a esse condicionamento, preparei-me para a transferência.

“O Jornal de Montes Claros”, em seu número de 23 de janeiro de 1952, apresentando o Balancete Geral do Círculo Operário de Montes Claros, em que se abrangia toda a minha gestão, divulgou também a minha mensagem de despedida. Nela frisei, entre outras coisas, o seguinte: “Sendo que, por desígnio do Altíssimo, expresso no desejo de s. excia. revma. Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, devo partir para outras paragens no intuito de servir a Deus e sua igreja...”

Estas palavras demonstram, ainda outra vez, a minha submissão incondicional à hierarquia católica.

Por haver-me envolvido, com todo o entusiasmo de quem se submete ao seu superior eclesiástico, no caso do loteamento do cemitério, atraí, como já foi referido, a aversão de um grupo de pessoas. Por isso, nessa mensagem de despedida, declarei também: “De minha parte perdão a todos como *sacerdote da santa Igreja. Ministro do Perdão*, entregando tudo, porém, à Justiça Divina para que o Altíssimo em sua sabedoria infinita, faça justiça”. Estas palavras revelam o meu persistente entusiasmo pela “santa igreja”. Cego e iludido, cria encontrar nesta teimosa sujeição a segurança espiritual que ainda não havia obtido. Por vezes, demonstrações de reconhecimento e manifestações de carinho se transformavam em analgésicos de efeito transitório.

Saí de Montes Claros levando a impressão que havia deixado saudades imorredouras. No dia 20 de janeiro de 1952, os circulistas promoveram uma sessão para ser apresentado, estudado e aprovado o Balancete das contas da minha administração. A certa altura dos trabalhos, um circulista “ergueu sua voz, pedindo à casa aprovasse um voto de congratulações ao Sr. Presidente do Círculo Operário de Montes Claros pelo que fez aos operários desta terra. Toda a assembléia o aplaudiu. Este voto fica aqui lançado com a maior efusão da alma circulista montesclarensense, reconhecida por tudo o que o seu grande Presidente realizou” (O Jornal de Montes Claros”, 23 de janeiro de 1952).

De São Paulo, onde me encontrava à espera de novas incumbências, enderecei ao bispo Moraes Júnior, que repousava na cidade de Taubaté junto aos seus familiares até março, quando assumiria a Arquidiocese de Olinda e Recife, o relatório completo aprovado pelos circulistas. Em carta-resposta, o prelado salientou: “Gostei muito do seu relatório. Bela resposta àqueles estúpidos que não eram capazes de avaliar o seu belíssimo trabalho. Deus, porém, vê todas as coisas e é dEle que esperamos a nossa recompensa”. O conteúdo da carta episcopal trouxe-me um inefável sentimento de conforto: “O meu bispo sabia avaliar o meu esforço e reconhecia minha sujeição à sua autoridade divina...”

Estranhável o adjetivo: “Estúpidos”... Áspero na pena de um ministro de Deus!

A impressão dessa pequena nota dissonante, todavia, não se comunicou ao meu espírito, tirando-lhe a sensação de bem-estar.

Os primeiros dias de repouso fizeram-me recuperar as energias. A viagem para Pernambuco estava assinalada para os últimos dias do mês de abril. Ao cumprimento dos meus deveres de piedade, como a meditação, a missa, o terço e o breviário, impunha-me com escrúpulo. E cooperava com algum sacerdote, sobretudo nos fins de semana, no ministério do confessor e do púlpito.

De temperamento vibrátil, apreciava uma ambiência de grandes preocupações. Os grandes empreendimentos e as grandes responsabilidades estimulavam-me. E, naqueles dias de férias, recrudesceram-se as minhas ansiedades espirituais. As minhas alegrias não tinham lastro sólido algum porque ainda não havia encontrado na religião à qual servia certeza de salvar a minha alma.

E, em Pernambuco, iria encontrar?

.oOo.



# 4

## NO RECIFE...

### CORAÇÃO ANELANTE, BUSCANDO SEGURANÇA ESPIRITUAL NA PRÁTICA DA CARIDADE...

#### **Numa encruzilhada**

Relutei! A obra superava muitíssimo as minhas pobres forças.

Experimentei um conflito de sentimentos. A obediência aos superiores reclamava seus direitos de virtude mais importante no padre. A prática da caridade se me apresentava com ensejo incomum de merecer diante de Deus. A situação calamitosa da Companhia de Caridade, tradicional instituição de assistência social, não oferecia ângulo algum por onde se poderia vislumbrar sequer uma possibilidade remota de solução dos seus problemas. Sentia a minha incapacidade...

.oOo.

O Recife transformara suas ruas centrais em verdadeiro carnaval naquela noite de 1º de maio... O frevo, com seu ritmo fêrvido, empolgava a multidão, que celebrava a Festa do Trabalho na execução de um programa comemorativo de amplas proporções. O recém empossado arcebispo de Pernambuco se aureolava com a fama de defensor dos direitos dos operários e dos humildes. Ele se defrontava com uma circunstância muito adequada para, logo de início, impressionar e atrair as simpatias dos operários pernambucanos, minados em muitos setores, pelas doutrinas comunistas.

Enlevado com essa perspectiva, o arcebispo Moraes Júnior arrazoou comigo:

“Você é o padre que sempre atendeu meus desejos. A constante de sua vida sacerdotal é o espírito de obediência à santa igreja. No Recife, tenho possibilidades imensas de conquistar as massas operárias para Nosso Senhor. Na missa que vou celebrar em praça pública, irei pronunciar um sermão sobre o Trabalho e destacar o valor do Operário na sociedade hodierna. Quero ser estimado pelos operários pernambucanos e, por antonomásia, o arcebispo das obras sociais. Mas a Companhia da

Caridade põe em risco essas possibilidades. Que autoridade terei perante o povo humilde se não solucionar o problema da Companhia de Caridade? Se você se recusar aceitar o cargo de Diretor Presidente, quem irei nomear, se nenhum sacerdote da terra o aceita?”

E o arcebispo, emocionado, prosseguiu em sua argumentação.

Estes aspectos do problema expostos pelo antístite percutiam em meu coração, durante a sua ausência de duas horas. Ouvi pelo rádio o discurso vibrante do prelado, transmitido por todas as emissoras locais. Constatei pelos aplausos que, de assalto, o arcebispo havia conquistado a simpatia dos operários.

A Companhia de Caridade era, realmente, um desafio! Aqueles aplausos poderiam se transformar em vitupérios, caso a tradicional instituição não fosse soerguida prontamente.

A senhora Dulce Chacon, professora emérita e de elevadíssimo conceito no magistério pernambucano, escrevera em 23 de setembro de 1951, no “Jornal do Commercio”, um artigo encimado com o título: “S.O.S.”. Sua leitura impressionou-me.

“Há poucos dias”, escrevia ela, “visitei a Companhia de Caridade. A casa, onde eu aprendi a amar as crianças pobres, estava ali, diante de mim. Senti dó, uma pena imensa de tudo o que vi, como se os olhos, os ouvidos, toda a minha sensibilidade fosse magoada, dividida em pedaços, espalhada ao léu.

As lágrimas apontaram não somente das mil e uma lembranças do passado tão próximo, mas principalmente lágrimas de tristeza e quase de revolta.

Um pardieiro de grandes e boas proporções, com ares fugidios do prédio imponente que fora, erguia-se velho e cansado, acima do casario, à beira da linha de bondes.

Sujo, cheio de brechas e rachaduras, sem reboco algumas paredes, era o espectro do passado, esquecido da grandeza anterior”.

E, mais adiante: “Sempre a Companhia de Caridade teve problemas difíceis, aperturas e desgastes financeiros, incompreensões pelos que não a conheciam de perto e inimigos gratuitos no próprio rol dos seus conhecidos e até dos beneficiados, mas nunca atingiu a miséria em que hoje mergulha.

Tudo ali é hoje triste, sombrio, fétido e frio”.

A ilustre professora, em seguida, passa a descrever sua desilusão ao visitar outros departamentos da Companhia de Caridade. Ao mencionar o Externato Santo Antônio, estarreceu-me esta informação: “O prédio

fechado parece um túmulo, onde, em lugar de epitáfio, há esta placa: Serraria Nossa Senhora do Carmo.

Ao lado, onde funcionava o Dispensário São Sebastião e eram distribuídas esmolas, encontro uma placa idêntica na parede”.

É que vários departamentos foram fechados! Essa situação na região do Nordeste Brasileiro se torna em verdadeira desmoralização para uma entidade, como o catolicismo romano.

A antiga mestra e, agora, testemunha desse drama de decadência, ressalta em cores impressionantes que os “alunos, meninos e adolescentes, de roupas velhas e rotas, descalços, esqueléticos, sujos...” produziram em seu coração uma tristeza imensa e desabafa: “Não tive mais coragem de prosseguir. Que ia eu fazer senão despertar saudades já adormecidas e sentir o coração confrangido diante de ruínas, de sombras e, talvez, até fantasmas surgissem, porque, antigamente, o local servira de cemitério”.

E, na sua justa revolta, bradava: “É preciso uma providência urgente...”

**.oOo.**

Seria eu o responsável de urgir uma providência?

Desde o seu início até 1951, a instituição tivera seus destinos geridos pelos padres da Congregação da Missão ou Lazaristas. Em carta endereçada a monsenhor José Gomes Leal, vigário capitular da arquidiocese de Olinda e Recife, de 10 de junho de 1951, o padre Guilherme Vaessem, superior da referida congregação, declarara: “Não acho padre com a devida competência em assuntos financeiros de tanta importância e complexidade”.

Nenhum sacerdote do clero secular, em Pernambuco, se reputava em condições de assumir tamanha responsabilidade... E eu?

A situação do arcebispo reptava os meus propósitos de jamais recusar quaisquer ordens ou sugestões dos meus superiores eclesiásticos. E a posição de prestígio do arcebispo traduziria o conceito em que o povo tinha para com a igreja.

Se eu recusasse aquela incumbência, ou fracassasse, não redundaria isto em motivo de escárnio contra a “santa igreja”, a minha “santa mãe”?

Turbilhonavam estes pensamentos em minha mente quando o arcebispo chegou das solenidades do Dia do Trabalho. Olhou-me de soslaio. Nenhum sorriso em seus lábios. Sua fisionomia de sobrolhos carregados denunciava grave preocupação e repulsa às minhas recusas em aceitar o encargo oferecido.

O almoço foi acompanhado por um silêncio de sisudez e expectativa.

Enquanto o Arcebispo foi fazer a habitual sesta, fiquei numa das salas do andar térreo, recolhido em meditação, ou melhor, enfrentando uma batalha terrível.

Um sacerdote que fora ao palácio arquiiepiscopal, vendo-me, aproximou-se. Encanecido nas experiências do ministério sacerdotal, ensejou-me contar-lhe o que me ia n'alma. Não lhe encobri nada. Patenteei-lhe todos os meus sentimentos e anseios.

“Conheci o padre Venâncio, fundador da Companhia de Caridade”, esclareceu-me ele, “compartilhou comigo suas dificuldades, pois fomos amicíssimos. Também fundou uma ordem de freiras, as Servas da Caridade, para o que muito o auxiliou a senhorita Rocha Carvalho. Entre os padres, sabia-se do romance dos dois. Essa moça, como freira, teve o nome de Madre Maria Mercedes. O padre José Venâncio de Mello morreu em março de 1938, com a idade de 72 anos, e a freira, sua companheira, em abril de 1943, com 58 anos. A dedicação dos dois pelas obras assistenciais era tão relevante que ninguém ousava levantar-lhes censura...”

Desgostou-me mais ainda essa prosa do velho sacerdote. Revoltei-me contra ele, achando uma indignidade e atrevimento de sua parte o querer deslustrar a memória de quem muito fizera pelos pobres.

A chegada do Arcebispo, felizmente, interrompeu nossa conversa, que já se carregava de acrimônias.

Entregou-me o antístite um calhamaço de documentos encarecendo examinasse-os com rapidez. Constatei tratar-se de papéis relativos à Companhia de Caridade. E o primeiro a examinar foi justamente uma lembrança dos funerais do seu fundador. Encimava a sua fotografia o dístico: “*Evangelizare pauperibus misit me*” – Enviou-me a evangelizar os pobres.

“O mesmo dístico de minha ordenação sacerdotal”, exclamei.

Relacionados alguns dados biográficos, seguiam-se cinco pensamentos. Dois deles me atraíram a atenção. Parecia-me seu conteúdo um recado de Deus.

Um atribuído a Santo Ambrósio: “Senhor, dai-lhe em felicidade o que ele nos deu em caridade”.

E outro: “Tinha as mãos abertas às necessidades do indigente e as suas esmolas ocultas no seio dos pobres oram por ele” – Deuteronômio 11.8. [É uma citação falsa do texto bíblico. Os padres que não entendem de Bíblia cometem o crime de lhe atribuírem textos criados por eles].

.oOo.

Padre há mais de dois anos e não havia ainda obtido a suspirada certeza de minha salvação eterna.

As devoções que me ensinaram, e que eu pratiquei com ardor, não me davam essa certeza...

As penitências que praticara não me proporcionavam a bênção dessa certeza...

As missas que eu rezava, apesar de crer eu sincera e humildemente que Jesus Cristo se encontrava na hóstia, jamais satisfizeram meu coração ansioso por aquela certeza...

Os padres me decepcionaram porque, além de não haver encontrado nenhum seguro de sua salvação, suas vidas não recomendavam em nada a religião que lideravam...

A minha subserviência às orientações e desejos da hierarquia do catolicismo também não me autorizava a gozar daquela certeza...

É verdade que, em Montes Claros, muito trabalhara pelos pobres. Mas estes pobres da Companhia de Caridade não eram apenas pobres. Eram miseráveis. Velhos desamparados. Órfãos abandonados. Mendigos famélicos.

As duas frases que eu acabara de ler naquela recordação exequial, como um clarão de relâmpago, sugeriram-me este pensamento:

“Distribuindo caridade, não poderei eu garantir minha felicidade eterna? As esmolas aos pobres, os meus esforços e sofrimentos pelos indigentes, não me caucionariam perante Deus merecimentos suficientes? Toda as minhas práticas devocionais, todos os exercícios de liturgia sacramental e minha sujeição ‘gloriosa’ à ‘santa igreja’, – tudo isto coroado com as obras de caridade trar-me-á o privilégio celestial da firmeza da minha salvação eterna”.

Meus pensamentos foram interceptados com a presença do Arcebispo, que me convidava para irmos visitar alguns departamentos da Companhia de Caridade.

Permitiu ficasse com todos os documentos.

Ao regressarmos, o Arcebispo Moraes Júnior tinha a resposta afirmativa. Aceitara eu a nomeação para o cargo de Diretor Presidente da Companhia de Caridade.

Solicitei-lhe, apenas, atender-me em uma condição. Um prazo de quinze dias para ser empossado. Desejava recolher-me em um retiro espiritual a fim de me preparar convenientemente.

## **Descalabro de uma instituição católica**

Durante quinze dias, em recolhimento espiritual, isolei-me e recusei todos os atrativos que a linda Capital Pernambucana me oferecia. À luz da devoção a Maria e da obediência aos meus superiores hierárquicos, fiz uma revisão completa de minha vida espiritual, porquanto desejava encetar a nova vida absolutamente enquadrado dentro do mais perfeito espírito sacerdotal.

Procurei, outrossim, certificar-me inteiramente da situação da Companhia de Caridade, examinando-lhe todos os documentos.

Estarreci-me!

Sua situação financeira era de descabro e as irregularidades nesse particular nem permitiram aprovação das contas do Diretor Presidente anterior, padre Antônio Dionísio Cardoso.

O Arcebispo de Olinda e Recife, a quem competia o exame das contas, em data de 6 de abril de 1951, com o ofício de nº 6, assinado por monsenhor José Gomes Leal, então secretário daquele Arcebispo, devolvendo o relatório da instituição, declarava: “Remetido ao Tribunal de Contas e ao Conselho de Administração da Arquidiocese, foram esses órgãos da Arquidiocese unânimes em não tomar conhecimento dele para a sua aprovação...”

Já em 4 de janeiro de 1950, o prelado Lima Valverde chamara, frustraneamente, a atenção do padre Dionísio Cardoso sobre as “sérias irregularidades, até com a violação de leis canônicas”.

Numa das sessões oficiais do Conselho, em 1954, recordando esse estado da Companhia de Caridade, declarei: “O declínio e o descrédito público trouxeram o regresso moral e material desta Instituição, face à desordem, o abandono, o interesse subalterno e desumano e, para que não dizê-lo, a improbidade e conseqüente enriquecimento ilícito de muitos, à custa da fome, do desajustamento de jovens e das mais miseráveis misérias dos miseráveis. O quadro era tão tenebroso, tão odioso e tão desgraçado que o padre Sebastião Bertolino – sacerdote hoje gravemente enfermo e que era largamente conhecido nas rodas sociais do Recife, onde ia pedir esmolas para os meninos daqui – aquele padre promoveu uma festa neste Instituto Profissional São José [um dos departamentos da Companhia de Caridade, onde funcionava o orfanato masculino], somente para que um dos advogados do seu conhecimento, o dr. Wilson Wanderley, viesse dizer, de público, aquilo que a falsa caridade dos então diretores fazia questão de ocultar. Foram convidadas várias autoridades, entre elas o então Juiz de Menores Abandonados e, frente a elas, a Diretoria. O

orador-advogado apontou nominalmente os responsáveis pela tremenda desgraça, acusou-os de desonestidade, face aos arrendamentos lesivos do patrimônio da instituição; a conseqüente insolvabilidade dos compromissos comerciais; o descaso pela disciplina entre os órfãos, que se entregavam ao vício, à sodomia e ao analfabetismo; à falta de asseio das dependências, que era responsável pelas dermatoses e pelos distúrbios gástricos dos meninos; ao regime de fome, pela subalimentação das crianças, muitas das quais já estavam tuberculosas; às frequentes chamadas da ambulância do Serviço de Pronto Socorro a fim de acudir crianças desmaiadas por causa da fome e muitas outras coisas que aconteciam, quando certo grupo de fariseus, de falsos católicos e de impiedosos ricos, que se apegavam às rédeas da administração, fazia negociatas com os imóveis da Companhia de Caridade, arrendando-os a preços miseráveis e a prazos imensos, ou vendendo-os pela décima parte dos seus valores.

O citado advogado falou com tanto incandescência, com tanta coragem e disposição a provar o que dizia que convenceu o Juiz de Menores Abandonados ali presente, de modo que a festa se transformou em lágrimas e revolta, principalmente, na ocasião em que o citado Juiz de Menores Abandonados tomou a palavra e disse: “Assisti, estarrecido, as acusações. E mais estarrecido estou porque elas foram comprovadas pelas crianças aqui presentes, pelo padre Sebastião Bertolino e por funcionários desta instituição. Portanto, o orador pode ficar na certeza de que eu tomarei as providências, a começar de agora mesmo. Convido qualquer dos senhores a que me cuspa no rosto, se eu falhar à promessa agora feita” [Estas declarações se encontram registradas no Livro de Atas da Companhia de Caridade – Recife – Pernambuco – folhas 89-91 – Ata da Sessão Extraordinária realizada em 11 de maio de 1954].

“É lastimável dizer, senhores Conselheiros, que o Juiz não tomou nenhuma providência e os tempos foram passando”.

O descalabro atingira tal profundidade que até as esmolas enviadas pelo público aos órfãos e aos velhos eram distribuídas entre os funcionários da Companhia de Caridade, em altas comissões e percentagens.

O próprio padre Dionísio Cardoso, Diretor Presidente da Instituição arruinada pela sua incúria, não escondia as mazelas reinantes. Para auxiliá-lo na tarefa inglória de destruir a tradicional obra social, o padre Roque Brasil ocupava o cargo de Diretor do Instituto Profissional São José. Pois bem, a 31 de maio de 1951, em carta dirigida a monsenhor José Gomes Leal, vigário capitular, referindo-se a esse sacerdote, o padre Dionísio Cardoso, afirmava: “Fez as doídices maiores no colégio [refere-se

ao Instituto Profissional São José]: indisciplina geral, prejuízos materiais... Não tem ele culpa de ser fraco de juízo, basta dizer que, antes que eu o dispensasse de suas funções de Diretor do Instituto Profissional São José, houve até saídas de meninos à noite à rua e *admissão como empregada do Instituto mulher de vida suspeita*".

O padre Venâncio, fundador da Instituição, e os padres que até 1951 vinham dirigindo-a, pertenciam à ordem dos Lazaristas. Sempre e cada vez mais infelizes nas administrações, o velho arcebispo de Pernambuco, Dom Miguel Lima Valverde, decidira retirar a Companhia de Caridade das mãos dos padres Lazaristas, baseando-se em seus próprios estatutos, os quais salientam que a Instituição pertence à jurisdição eclesiástica do Arcebispado de Olinda e Recife e a nomeação do seu Diretor Presidente é de exclusiva competência do arcebispo.

Em maio de 1951, faleceu o velho arcebispo. O vigário capitular, eleito pelos cônegos, foi monsenhor José Gomes Leal e ficou incumbido de governar a Arquidiocese interinamente até a posse do novo arcebispo indicado pela Santa Sé.

Se, em tempo normal, os padres têm pouco que fazer, num período de "*sede vacante*" [quando a diocese está sem o seu bispo, como no caso de Olinda e Recife, de maio de 1951 a março de 1952], têm-no menos ainda. Sobrou oportunidade aos padres de Recife, durante longo espaço, para chicanear em torno da Companhia de Caridade.

O vigário capitular sustentou a decisão do arcebispo defunto. E o padre Antônio Dionísio Cardoso foi exonerado. O padre superior dos Lazaristas não se conformou e recorreu à Nunciatura Apostólica e, depois, através desta, à Santa Sé.

Em carta dirigida ao Núncio Apostólico, Dom Carlos Chiarlo, em data de 25 de agosto de 1951, o vigário capitular, monsenhor José Gomes Leal, fazia pesadas referências às graves acusações, denúncias de sérias irregularidades verificadas no tempo do defunto arcebispo na referida Companhia.

Em outra carta escrita ao mesmo Dom Carlos Chiarlo, em 4 de setembro de 1951, o vigário capitular torna a lembrar as "inúmeras reclamações contra o Diretor Presidente da Companhia", o padre Dionísio Cardoso. E solicita, enfaticamente, que o representante do papa no Brasil sustente a nomeação, como Diretor Presidente interino, do cônego José Ayrton Guedes, alegando: "Os membros do Conselho de Administração da Companhia de Caridade e o Cabido Metropolitano apoiaram a nomeação do cônego Guedes, *sacerdote digno e único capaz de salvar*, no momento, a Companhia de Caridade de tão grande abismo".



A exaltação do vigário capitular levou-o, no final desta carta, a desabafar: “A documentação que temos em nosso poder não teme desafio nem contestação à verdade”.

E que verdade terrível!!!

Em 22 de setembro de 1951, sob nº prot. 11.774, o Núncio Apostólico, Dom Carlos Chiarlo, anuiu à nomeação do cônego Guedes para que dirigisse “*interinamente* a mencionada Companhia, cessando, porém, os seus poderes com a tomada de posse do futuro arcebispo, ao qual tocará confirmar a sua nomeação ou tomar qualquer outra decisão que sua prudência lhe sugerir”.

E que desilusão para o vigário capitular!

Depois de toda essa celeuma, quando havia sido ratificada sua nomeação pela nunciatura apostólica, o “sacerdote digno e único capaz de salvar” a instituição agonizante, o cônego Guedes, recusou empossar-se. De Campina Grande, no Estado da Paraíba, por onde andava em passeio, escreveu a monsenhor José Gomes Leal, o vigário capitular, informando-o em carta de 5 de outubro de 1951: “Prefiro tomar para mim o conselho de aguardar a chegada do pastor que o santo padre porá à frente do rebanho olindense”.

E, atrevido, encerrou sua carta: “Dê-me sua licença e sua bênção (?) para eu continuar “*marombando*” por aqui e outros cantos..”.

Marombando... Que expressão!!! E é a verdade... O padre não é mesmo um arlequim na maroma ou maromba dos seus embustes? O seu método não é o do egano, o do engodo com que maromba tantas almas?

E não assumiu a direção da Companhia de Caridade, que continuou acéfala até minha posse aos 20 de maio de 1952.

## **Recuperação da Companhia de Caridade**

Em Assembléia Extraordinária do Conselho da Companhia de Caridade, aos 20 de maio de 1952, fui, oficialmente, empossado no cargo de Diretor Presidente da Instituição desacreditada e bancarroteada. [O documento de minha nomeação encontra-se registrado na Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, Estado de Pernambuco, em Livro de Provisões, sob nº 20, folhas 62, com data de 15 de maio de 1952].

Nesse ato, o arcebispo Moraes Júnior, “que prendeu a atenção dos presentes com uma palavra autorizada e confortadora” – conforme observação do secretário da Assembleia, exarada em ata –, declarou que “sentia uma grande satisfação em entregar a obra ao senhor padre Aníbal Pereira Reis, pois era um sacerdote capaz de fazer o esforço necessário

para o soerguimento da Companhia de Caridade”. [Ata da Assembléia Extraordinária da Companhia de Caridade, em 2 de maio de 1952 – Livro de Atas da Companhia de Caridade, folhas 65-66].

Minha posse foi considerada com muita esperança pelas autoridades pernambucanas. Julgar-me-ia fastidioso transcrever todas as mensagens recebidas naquela ocasião. Deixo-as quedas em meu arquivo.

Com “instruções para promover o saneamento moral e material em todos os departamentos da Companhia de Caridade [Ata da Assembleia Extraordinária de 11 de maio de 1954 – Livro de Atas da Companhia de Caridade – folhas 89-91], deliberei examinar profunda e pormenorizadamente a situação sob todos os ângulos. Entrevistei, individualmente, todos os componentes do Conselho e mantive contato com muitas pessoas ligadas à instituição, inclusive credores.

Nos primeiros dias de junho, inesperadamente, apareceu o arcebispo Moraes Júnior. Fui recebê-lo na presunção de uma palavra de estímulo. Decepcionaram-me, contudo, suas expressões de acrimônia. Tivera naquela manhã uma desavença com um sacerdote desabrido e viera desopilar-se comigo.

Acabrunhado por tamanha responsabilidade e sob o impacto de tantos trabalhos, adoeci dias depois.

Foi-me visitar o prelado. Antes não fosse. Senti-me humilhado ao vê-lo de chapéu à cabeça dentro do meu quarto.

“Que pouco caso!”, recriminei o bispo pelo seu deslante.

Cumpria eu todos os meus deveres e, ainda, não havia aprendido bajular!

Os bispos são os primeiros a não acreditarem no dogma do catolicismo romano que ensina serem os padres outros cristos, ministros de Deus, ungidos do Senhor e baboseiras quejandas. Têm nos padres os seus capachos e nada mais.

Havia lá no Recife um padre “águia”. Reconhecia a filosofia do capachismo de que se usufruem os bispos. E nas solenidades em que comparecia o metropolitano recifense, com muito sarcasmo revelava aos colegas o motivo grandioso de sua presença: Ia para “cortar jaca” [bajular o bispo, na gíria entre os padres pernambucanos] ao arcebispo. Beijava-lhe o anel prelatício para “cortar jaca”. E o arcebispo, ameno, chamava-o de “meu filho”.

Sem delongas, sobrevieram ao padre “capachildo” os troféus dos seus desvelos em “cortar jaca” ao prelado. Recebeu a comenda de camareiro secreto do papa, [camareiro, no passado, era o criado dos príncipes. Incumbia-se-lhe o cuidado de arrumar os aposentos do patrão, dar-lhe

banho e cumprir outras obrigações de ordem muito íntima...] que lhe conferiu o direito de usar meias roxas e antepor ao nome o designativo de “monsieur”.

**.oOo.**

Afinal, o traumatismo desse impacto emocional dos primeiros contatos com a rudeza da tarefa que me aguardava foi superado.

Superei-o com auto-domínio dos meus sentimentos derrotistas. Vergonhoso seria capitular!

Ninguém perante minha consciência, nem o próprio arcebispo (bem ao contrário), se tornou credor de reconhecimento.

Energias para superar a calamitosa derrocada da Companhia de Caridade fui encontrá-las em meu próprio coração anelante.

Posso garantir que nenhum outro sacerdote, fossem quais fossem suas qualidades e méritos, poderia obter êxito nesse empreendimento.

A ansiedade mensurável de encontrar estabilidade espiritual e o desejo incontido de merecer salvação eterna pela prática de boas obras, agigantaram-me aos meus próprios olhos. Arremessara-me, com força hercúlea, à tarefa incomensurável de soerguimento da Companhia de Caridade.

Não existe outra explicação!

**.oOo.**

Caí, logo de início, em um erro.

Supunha encontrar no Arcebispado de Olinda e Recife uma contribuição substancial. Os órfãos e os velhos recolhidos na instituição passavam fome e míngua de roupas e remédios! Imaginei obter na Cúria algum dinheiro, pelo menos como empréstimo.

“Não!!!”, foi a resposta.

Realmente, os dignatários eclesiásticos do catolicismo romano são completamente desprovidos de quaisquer sentimentos de magnanimidade...

**.oOo.**

Um ex-primeiro ministro italiano, Francisco Nitti, demonstrou que a renda do papa, em resultado apenas do “óbulo de São Pedro”, é maior do que a de qualquer potência do mundo.

Outra fonte de receita do Vaticano, e bem superior ao dito óbulo, está nas “missas manuais”. Além da missa com dia marcado, existe a missa sem dia marcado, a preço mis barato a que o freguês não assiste. No mundo, atualmente, existem mais de 800.000 padres e cada um – porque não têm tempo e nem lhes é conveniente – de acordo com a legislação

eclesiástica, remete, mensalmente, um pelo outro, as taxas de 50 “missas manuais” ao seu bispo. E os bispos, que também não dispõem de tempo, enviam-nas ao Vaticano. E o papa que é o dono das chaves dos céus – é o que ata e desata, liga e desliga – dispensa a celebração dessas missas e, “infalivelmente”, embolsa o dinheiro.

Razões não sobram ao interessante sociólogo persa Sana-Khan, ao constatar que no catolicismo romano, a “religião foi convertida em covil de mercadores”.

Quem não se recorda da fabulosa fortuna deixada pelo papa Pio IX? Em 5 de fevereiro de 1933, o vespertino carioca “O Globo”, em sensacional reportagem, publicou a notícia do testamento desse “pio de santa memória”.

O Vaticano, com artes diabólicas, consegue peneirar as informações que lhe dizem respeito. Vez por outra, todavia, a peneira sofre um rombozinho e cai, travessa e miúda, uma notícia dessas que, infelizmente, fica sem maiores considerações pelo público. Há poucos dias, pela imprensa, soubemos que a senhora Degenkamp Van Bensekem, na província de Utrecht, da Holanda, legou ao papa Paulo VI a sua fazenda “Bhuys te Vecht”, situada à margem do rio Cecht.

Quando falece um bispo, em geral, aparece o seu “testamento” a demonstrar a grande pobreza do coitado! Que mentira! O verdadeiro testamento, ou relação de sua fortuna, não aparece ao público. A história de que o bispo morre pobre, que deixa alguns livros para a biblioteca do seminário, um crucifixo para um fulano de tal, roupas velhas para uma casa de caridade... é embuste para iludir os incautos!

A máquina política do catolicismo romano custa, para seu funcionamento, fortunas fabulosas e precisa mesmo de dinheiro do mundo inteiro, em cifras astronômicas.

Por isso, os apelos naquela emergência da Companhia de Caridade ficarem sem atendimento.

E a miséria dos desgraçados refugiados à sombra da caridade do catolicismo romano, em Recife, confrangia-me a alma. Vez por outra, surge a notícia de que o papa mandou dinheiro para socorrer flagelados de secas, enchentes, incêndios, etc. Se compararmos essas verbas com a fortuna fabulosa que entra diariamente no Vaticano, concluiremos que essa caridade é um achincalhe ao sofrimento da humanidade!

“Ali-Babá e os Quarenta Ladrões” não é ficção. É uma realidade dolorosa! E mais que dolorosa! Porque, em vez de quarenta ladrões, o Ali-Babá do Vaticano tem às suas ordens uma horda deles...

Não fui discutir o assunto com meus superiores eclesiásticos. E nem o poderia fazer. Informe-me, contudo, sobre possíveis pessoas católicas e generosas. Na procissão de “Corpus Christi” [a procissão em que sai num ostensório de ouro, ou, nas igrejas menos ricas, dourado, a hóstia, o cristo farináceo], em junho de 1952, vi senhores usineiros, alguns ostentando comendas papais, todos envergando opas de irmandades e empertigados, de brandões em punho, com ares de responsabilidade e convencimento.

Bati-lhes às portas.

Desvaneceram-se minhas esperanças!

Encontrei mãos fechadas e consciências escalavradas pelas ambições e pelas venalidades torpes.

Entre as madames da alta sociedade, o conforto, a elegância, a ostentação e o orgulho constituíam toda a estrutura dos seus sentimentos e das suas aspirações.

Impressionou-me um jovem de família abastadíssima e que chegou a ser ministro de Estado. No rosto, tinha a impressão nítida da sua alma desajustada. Em criança, fora um pobre bibelô, criado entre governantes frias e pajens indiferentes, porque a mãe, sob a égide da burguesia carola e comodista, ocupava todo o seu tempo na promoção de “festas em benefício”. Julgava-se um mísero fidalgo que havia sugado leite de aluguel em amas estranhas e odiava a quem lhe falasse em obra de beneficência.

Entrosadas com a Companhia de Caridade estavam as freiras, as Servas da Caridade, congregação fundada pelo mesmo padre Venâncio. Faziam – e fazem! – parte da horda de parasitas.

Extorquindo dinheiro do próximo, inventando os pretextos mais ridículos, as freiras perpetuam na face da terra uma verdadeira instituição economicamente parasitária. A caridade, que exploram, é para elas um autêntico comércio, uma indústria muito lucrativa. As Servas da Caridade se serviam das crianças dos nossos orfanatos para a prática de extorsões, por meio de listas e bilhetes de rifa. Ensiná-las a trabalhar é que não queriam porque elas mesmas não o sabiam.

Impressiona-me ver uma freira pedindo donativos. Porventura essas esmolas irão integralmente lenir necessidades dos miseráveis? Não!!! As freiras, à custa dos donativos e subvenções vivem nababescamente. Sob aquelas vestes cômicas, estão corpos gozadores e altos requintes e nutridos em lautas mesas.

Tenho dados mais que suficientes para um livro a respeito deste escabroso assunto e que estarreceria o povo...

As Servas da Caridade – melhor se diria: as que se servem da caridade – junto com as outras causas já indicadas, faziam coro na

bancarrota da Companhia de Caridade. No descalabro dessa instituição, marcavam a presença medieval do cantochão no planger dos “*dies irae, dies illa*” e do “*requiem aeternam*”... [Primeiras letras de duas rezas exequiais que são cantadas quando a família do finado tem muito dinheiro...].

O padre Dionísio Cardoso, em 6 de abril de 1951, escreveu ao velho arcebispo Lima Valverde, sobre a superiora das Servas: “...o pouco amor da superiora geral à verdade, seu minguado espírito sobrenatural, sua intromissão nos negócios da Companhia de Caridade... o espírito de divisão que excita entre as irmãs...”

Em respeito às senhoras e senhoritas que lerão este livro, não entrarei em pormenores outros sobre a vida dos conventos...

Aquela superiora geral, cujo amor à verdade era pouco, ou nulo, decidiu construir luxuosas e reformar as antigas dependências do convento localizado à Rua José de Alencar, na Capital Pernambucana. Com esse interesse, as freiras, suas subordinadas, fazendo-se acompanhar de crianças inocentes para mentir melhor, iam pelas ruas da cidade, de casa em casa, mendigando esmolas para os orfanatos da Companhia de Caridade... Os pobrezinhos não se beneficiavam, mas as “servas da Caridade” engordavam!!!

A impudência – resultado do hábito de mentir – chegou às culminâncias de se valerem as “servas da Caridade” dos nomes dos diversos departamentos da instituição que eu dirigia para solicitarem verba do governo. Em outubro de 1952, avisado em tempo, pude interceptar na Legião Brasileira de Assistência a perpetração de um furto nessas condições. É que a mencionada superiora geral encaminhara para lá um pedido de auxílio extraordinário para o seu convento, invocando as necessidades dos departamentos da Companhia de Caridade como obras de sua irmandade.

**.oOo.**

Estou convencido de que, na minha administração, como Diretor Presidente da Companhia de Caridade, Deus reservara um plano em minha vida.

Ajudou-me! E somente Ele o poderia ter feito! Graças a Ele, falharam todos os recursos humanos que eu procurei! O Arcebispado... Os ricos abastados... E as freiras...

Fui aprendendo, por isso, a viver mais na Sua amorável dependência.

Em poucos meses, a Companhia de Caridade sentiu-se possibilitada de recuperação.

Já em dezembro de 1953, pude promover solenidades inaugurais de diversos melhoramentos, depois de haver recuperado inteiramente as suas finanças.

Reconstruídos todos os departamentos: Instituto Profissional São José (orfanato masculino), Escola Doméstica Dona Maria Borba (orfanato feminino), Abrigo da Velhice Desamparada, Albergue Noturno Pinto Alves, Dispensário São Sebastião, Semi-Internato Santa Teresa, Jardim da Infância Pobre, Escola São Vicente de Paula e Patronato dos Afogados, pude traçar planos de realizações futuras. Os internatos dos menores foram contemplados com a instalação de diversas oficinas de ensino profissional, além de receberem mobiliário novo, inclusive camas e colchões, pois os menores até aí dormiam no assoalho desnudo.

A gráfica do Instituto Profissional São José chegou a ser classificada entre as primeiras do Recife. Era dirigida pelos próprios alunos, que recebiam remuneração de acordo com a legislação salarial vigente.

Não pedíamos esmolas. Nosso lema era: “Ajudem-nos, enviando serviço!”

Naqueles arraiais nordestinos, calcinados de canículas, só por especialíssima proteção de Deus, poder-se-ia conseguir tanto.

Se minha cabeça vivia cheia de apontamentos e cálculos, orçamentos e propostas, encontrei – contudo, oportunidade para idealizar e efetivar a construção de uma casa de férias para os menores na Praia de Itamaracá.

**.oOo.**

Itamaracá!

Conservo, ainda, os olhos cheios de suas paisagens e a boca degustando as delícias de seus cajus...

Coqueiros que agitam os seus leques no céu azul a abanar a terra encalorada...

Jangadas acariciadas pelo vento brando, quais pássaros brancos pousados à flor das águas verdes, a galopar as ondas coroadas de espuma...

O luar que bate em toda a amplidão da noite a resplandecer em estilhas de prata no mar constante na sua inconstância...

Ondas a ofertar o alvíssimo vestido de rendas das espumas às praias, longas e macias que se estiram no prodigioso cenário iluminado de claridade ofuscante...

Itamaracá! Oásis plácido na minha vida agitada em busca de paz!

**.oOo.**

Com oito páginas, em outubro de 1958, veio a lume o número 1 do mensário: “O Arrebol”, órgão dos alunos do Instituto Profissional São José. Este jornal, que não apareceu para mendigar, mas para proclamar a presença constante de uma grande instituição no panorama social de Pernambuco, apresentou-se com um artigo meu: “Os propósitos deste jornal”, considerado, naquela época, uma verdadeira chicotada de fogo nos lombos da burguesia avarenta e desfibrada.

Entre outras considerações, escrevi: “Muitos dos meus menores – alguns frequentando o curso ginásial – vieram da mais negra miséria. Sentiram as atrocidades da fome. Choraram as agruras do luto, sofreram a aflição do abandono.

Pois bem, arrastando o peso atávico das taras ancestrais e com uma infância estigmatizada pelo sofrimento, eles também souberam acender acima dos seus olhos a estrela do ideal – arrebol de uma vida triunfante e heróica. Turbilhonam no recôndito de suas consciências juvenis os reclamos e os anseios de um futuro promissor.

Enquanto a sociedade burguesa pratica o crime hediondo de viver a hora presente sem profundezas nem compromissos, nesse imediatismo comodista e acomodaticio, com o desprezo risonho de todos os problemas da Verdade e do Destino, com essa neutralidade trágica e brejeira diante do choque oceânico e eterno do Bem e do Mal – enquanto essa sociedade sibarita cria a aberração da juventude transviada, padecendo a indiferença calculada dessa burguesia estiolada, os menores do Instituto Profissional São José lançam-se, numa sortida heróica e intrépida, para além das muralhas limosas da cidadela materialista, à conquista das virtudes magníficas do Evangelho e à imitação real dos bravos da Pátria”.

**.oOo.**

A imprensa pernambucana, por muitas vezes, focalizou em elogiosas reportagens, a minha atuação à frente da Companhia de Caridade.

Entre tantas, desejo destacar apenas uma. A do repórter Rodrigues de Gouveia, divulgada no “Diário da Noite”, Recife, em 22 de outubro de 1959, e que trazia este título: “PADRE CRIOU PARAÍSO PARA MENINOS POBRES”. E, dentre outras coisas: “Cento e sessenta menores abrigados, com educação e instrução (inclusive profissional) garantidas, gozando cada ano as delícias de uma Colônia de Férias na praia de Itamaracá, possuindo projetor de cinema próprio, vida esportiva organizada e, ainda, vivendo num internato onde não há censores...”

Quando assumiu a direção da Companhia de Caridade, o padre Aníbal Reis viera de Montes Claros, onde ficara célebre pela organização de um dos mais atuantes círculos operários do Brasil. Notou, no seu novo



posto, de relance, que muita coisa havia para fazer. E, entre outras campanhas (a de recuperação do patrimônio, por exemplo), se lançou educar para a vida os menores internados no Instituto Profissional São José. E começou por abrir-lhes mais amplas perspectivas de existência, proporcionando-lhes oportunidade de frequentar o curso secundário. Depois, num golpe de audácia, suprimiu os censores. Hoje, esse estabelecimento é o único internato de Pernambuco que funciona sem censor e sem chefe de disciplina. E funciona bem. Como parte dessa campanha de integração do menor à realidade da existência, está cumprindo o plano de entregar todas as oficinas à direção dos internados.

A oficina de tipografia, aliás, que é muito bem aparelhada e uma das mais úteis ao estabelecimento, já é dirigida pelo aluno Luciano César”.

Passou o repórter a lembrar peripécias e lutas do passado recente e acrescentou:

“Hoje, o Instituto Profissional São José oferece aos seus alunos condições de vida e estudos em nada inferiores aos dos internatos pagos”.

O arcebispo Moraes Júnior apreciava o meu trabalho. Escrevendo ao Cardeal Mota, arcebispo de São Paulo, aos 7 de agosto de 1959, Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, salientou, ao fazer a minha apresentação: “Padre Aníbal Pereira Reis é sacerdote exemplar, trabalhador e dedicado à Igreja. Veio comigo para o Recife e aqui trabalhou extraordinariamente na reconstrução do patrimônio e organização da Companhia de Caridade, grande obra assistencial”. E, mais adiante, nessa mesma carta: “Posso assegurar a V. Eminência que é um sacerdote ótimo e de confiança”.

O “Jornal do Commercio”, Recife, domingo, 4 de outubro de 1959, divulgou ampla entrevista com o Arcebispo Moraes Júnior intitulada: “Sete anos de governo episcopal”. A restauração da Companhia de Caridade não lhe custara um níquel, nem um bago de suor, mas serviu-lhe de glória episcopal. Reconhece, nessa entrevista, que a Companhia de Caridade “era um amontoado de lixo”. Exalta o padre Aníbal Pereira Reis, como um “sacerdote dedicado”. E, minuciosamente, discrimina, expondo cifras, também, o que foi obtido. Somente destaco que, durante o meu trabalho de Diretor Presidente da Companhia de Caridade – dados que foram apresentados na referida entrevista do metropolitano recifense – estiveram: 1.174 meninas internadas na Escola Doméstica Dona Maria Borba, 596 velhos no Abrigo da Velhice Desamparada, 1.533 meninos no Instituto Profissional São José e 2.897 alunos estudaram em seus externatos.

Tudo isto gratuitamente!

Tudo isto como resultado dos meus trabalhos! Somente uma grande tenacidade poderia sustentar aquela luta ingente na direção da Companhia de Caridade.

Antes de minha posse, nenhum padre em Pernambuco queria a responsabilidade da Companhia de Caridade. Lutei e sofri durante oito anos como seu Diretor Presidente, colocando-a no apogeu de toda a sua existência.

*E, logo após a minha saída, a Companhia de Caridade entrou em crise novamente e se extinguiu. Hoje é uma lembrança do passado!*

**.oOo.**

### **Tantos resultados magníficos...**

Resultados magníficos que me poderiam proporcionar tantas alegrias humanas...

E a minha alma estava em paz?

Gozava a felicidade profunda e deliciosa da segurança inabalável da minha salvação eterna? **Não!!!**

Por mais que me esforçasse no desempenho da tarefa de dirigir obras de caridade, não havia ainda “merecido” essa bênção!

### **Desilusões sobre desilusões...**

Minha “vocação sacerdotal” foi corolário dos meus anelos espirituais.

A unção sacerdotal que me transubstanciaria em outro Cristo – *alter Christus* – detentor de excepcionais poderes sobrenaturais, dar-me-ia a suspirada certeza de minha salvação eterna?

Neo-sacerdote ainda, sofri um trauma inesperado.

Não me custara esforços perdoar e esquecer todo o mal que, no seminário, haviam-me causado. Ao passar por Ribeirão Preto, na viagem para São Joaquim da Barra, minha terra natal, onde iria cantar a primeira missa, resolvi rever o bispo D’Elboux, de quem tinha saudades e desejava receber uma bênção. Ao ser-lhe anunciada minha presença no seu palácio, recusou a minha visita.

Amargurado, prossegui a viagem.

Em São Joaquim da Barra, nada havia sido preparado. O bispo, agastado, proibira qualquer manifestação de júbilo pela ordenação do primeiro padre filho da terra. Tudo se circunscreveu ao mínimo.

Mais uma linha para o catálogo das minhas desilusões!

**.oOo.**

De qualquer forma, porém, a “missa nova” do primeiro padre de São Joaquim da Barra estava programada para a meia-noite da festa de Natal.

Por volta das 23 horas, o vigário abriu abruptamente a porta do quarto onde, de joelhos, me encontrava a preparar-me para as funções sagradas. Desculpou-se e pediu-me o ouvisse em confissão porque desejava chegar ao instante solene da comemoração do Nascimento do Menino Jesus, com a alma pura e isenta de pecados. Estarreceram-me as suas declarações. Jamais imaginei que um padre pudesse cometer atos tão inomináveis. Ruíram por terra todos os meus sonhos, quais castelos de cartas.

Sobressaltaram-me angústias terríveis naquela noite. Desditosa noite a da minha primeira missa!

Por residir no Nordeste, perdi de vista aquele sacerdote. Anos depois, perguntei por ele a um colega que me informou: “Já bateu com o rabo nos currais eternos!” (Que expressões nos lábios de um padre que se passa por ministro de Deus!) Como terá se apresentado a Deus aquela pobre alma? Afinal, cavou-me um abismo de perplexidade na noite de Natal de 1949!

**.oOo.**

Nunca fui capaz de explicar a mim mesmo o motivo porque o meu confessor era procurado por padres, bispos e freiras. Sofri tanto por isso!

Em Montes Claros havia um sacerdote que me procurava constantemente. Sua alma era um lamaçal de depravações. Condoía-me tanto dele que não conseguia ficar sem chorar muito ao ouvir as suas confissões.

Constatee que a maior causa das desgraças morais daquele padre era o confessor, onde ele conhecia as fraquezas das senhoras e senhoritas e, depois, excitado, ia procurá-las para o pecado. Tinha como amantes a esposa de um gerente de banco e uma pobre aleijada recolhida na Conferência de São Vicente de Paula. Que contraste! As duas, porém, não lhe eram suficientes e, pelo confessor mesmo, conseguia distrações fortuitas.

Este sacerdote, por exceção, sempre procurava obter alívio para as suas mazelas, indo à confissão, enquanto a totalidade dos padres não crê, decididamente, no seu poder absolutório.

Um outro, de Montes Claros, mantinha “amizade” com uma fazendeira e debochava dos escrúpulos do que se confessava sempre.

Os padres, santarrões prestidigitadores, ludibriam o povo, impingindo-lhes cargas espirituais, e nem sequer se preocupam com a

salvação eterna de suas almas. Eu, que os supunha seguros dessa salvação, sofria a mais não poder ao constatar tão dura realidade.

**.oOo.**

Entre os áulicos do palácio arquiépiscopal de Pernambuco, havia um sacerdote que chegou a ser secretário particular do arcebispo e diretor do Colégio Arquidiocesano. Circunstâncias fortuitas fizeram-nos estreitar intimidade. Imaginei-o amigo sincero em cuja compreensão poderia derramar minha alma.

Por esse tempo, faleceu em Recife, uma senhora riquíssima. Agonizante, chamou os filhos e relacionou-lhes as instituições de caridade às quais destinava, naqueles transes, esmolas especiais com o fim específico de, com elas, se credenciar à Justiça Divina. Um dos rapazes, após os funerais da mãe, procurou o arcebispo e lhe entregou aquela relação e o total das importâncias a serem distribuídas. O metropolitano incumbiu o padre, seu secretário e meu amigo, para a devida partilha. Foi-me procurado e, entre nossa palestra, apresentou-me o recibo para eu assinar, o que fiz, confiante e incontinenti. Então, o secretário do arcebispo tomou o recibo, dobrou-o tranquilamente e, ao pô-lo no bolso, certificou-me que iria ao banco descontar um cheque e me traria, dentro de meia hora, os cem mil cruzeiros com que minha instituição havia sido contemplada.

O dinheiro? Até hoje! O eminente tonsurado “papou” aquela importância.

Reclamar? Como? Ele estava de posse do recibo...

Falei-lhe. Zombou da minha confiança.

Fazer o que mais? Impossível a interferência do arcebispo, cuja amizade ele sabia adubar com bajulações para que reflorisse em oportunidades excepcionais como esta.

O incidente, porém, dentro do plano de Deus para a minha vida, serviu-me como advertência. Muni-me de cautela.

Graças a Deus! Aquele infeliz padre era um viciado em entorpecentes. A Providência Divina livrou-me da iminência de me tornar maconheiro.

E a desventura do padre foi tão imensa que o levou ao suicídio ocorrido num dos hospitais do Rio de Janeiro, em 1964.

**.oOo.**

As reuniões do clero, no Recife, se efetuavam às primeiras segundas-feiras do mês e primavam pela sensaboria e pela babujice. O seu ponto culminante ocorria com a apresentação de um “caso” de moral. O monsenhor Marinho, professor de Teologia Moral no Seminário Maior de

Olinda, era o casuísta. Empertigado, lia o “caso”. O relator, escolhido na reunião anterior, entornava toda a sua sabença referindo-se a compêndios e autores.

Em certa ocasião, foi apresentado este caso: “Pedro, membro piedoso de uma irmandade, estando para morrer, chamou seu filho para providenciar o seu testamento, pois desejava, segundo já várias vezes havia manifestado sua intenção, deixar certos legados à irmandade a que pertencia, a algumas igrejas e causas pias, como a Obra das Vocações Sacerdotais.

Seu filho, de acordo com o médico, durante vários dias enganou o velho, dizendo-lhe que não estava assim tão próximo da morte e protelando a chamada do tabelião. Finalmente, o pai, tendo recebido os últimos sacramentos, o filho fingiu que ia chamar o tabelião e disse-lhe que ele chegaria dentro de poucas horas. Nesse ínterim, morreu o velho Pedro e seu filho ficou com a fortuna. *Quid ad casum?* (O que se deve dizer sobre o caso?)”.

Ferviam as discussões. Discussões mais de aparência porque os padres interferiam por deboche.

No fim, a sentença: O filho procedera muito mal e prejudicava gravemente a “santa madre”, impedindo grande acréscimo nos seus bens. Estava obrigado à restituição e precisava levar tudo para a irmandade, as igrejas e as causas pias.

Um outro caso, foi sobre um padre que tinha filhos naturais (legítimos não os poderia ter em consequência do celibato). Deixou-lhes, em testamento, a fortuna. E sentenciou o monsenhor casuísta que os rapazes deveriam entregar tudo ao bispado.

Como parte do programa, havia uma curta palestra de inspiração. Um outro velho padre, mãos na ilharga e os beiços a escorrerem baba, resmungava uma “ave-maria” e conclamava os colegas à prática do amor fraterno entre os padres. Ele próprio, todavia, recusava o cumprimento de meia dúzia de tonsurados.

Entre os embatinados, existe um ditado, transformado, aliás, em norma vivida: “Cristo não mandou que nós nos *amássemos* (do verbo amar), mas *sim* que nós nos *amassemos* (do verbo amassar)”.

Naquelas reuniões, evidenciava-se essa circunstância: os padres vivem sempre a se abraçarem com íntima repugnância.

Formam “igrejinhas” entre eles. Grupinhos dos afins.

Num dos retiros espirituais, que anualmente se realizam no velho casarão do Seminário de Olinda, certa feita, após as orações da noite, ouvi rumores de alegre palestra num dos quartos. Sabia que lá deveria estar

um daqueles grupinhos. Mas, na expectativa de manter contato com os colegas porque eu era tido como inabordável, bati à porta e entrei.. Deparei com o quadro mais triste da minha vida.

Oito padres lá estavam. Seis em trajes menores e dois absolutamente despidos. O ar adensava-se de fumaça de cigarros. Enfileiravam-se garrafas de bebidas alcoólicas sobre uma mesa. Naquele cenário grotesco, as anedotas mais imundas.

Protestei e saí, não sem ouvir gargalhadas e palavras nada condizentes para homens de dignidade.

Pela primeira vez na vida, arrependi-me de ser padre. O sacerdócio do catolicismo romano pareceu-me ser o verdadeiro cumprimento da profecia do Apocalipse, quando fala da grande prostituta que embebeda as nações com os vinhos de suas abominações.

O confessionário é o maior antro de perversão moral que possa inventar o inferno. Aquele espetáculo medonho do retiro espiritual dos padres revela as anomalias sexuais de homens solteiros, bem nutridos, acostumados a bebidas alcoólicas e que, em sussurros, ouvem de senhoras e moças, declarações sobre assuntos íntimos que eles mesmos provocam por meio de perguntas.

Aliás, entre os padres não existe reserva alguma sobre aquilo que ouvem nos confessionários. Em debates licenciosos, estudam com requintes de pormenores, como devem formular as “clássicas” perguntas para mais e mais se excitarem.

Apreciam eles o absurdo hediondo e muito constante de adolescentes procurarem os confessionários, exclusivamente para entabularem conversas de teor sexual com um homem que lhes dá as informações mais particularizadas sobre esses assuntos.

Quando um padre se converte a Jesus Cristo e abandona a batina com todas as infâmias clericais, conseqüentemente, lança-se ao árduo afã de esclarecer as multidões que fluem para ouvi-lo quando prega.

O clero tem verdadeiro pavor em só pensar na possibilidade, aliás, muito normal e razoável, da apresentação das abominações do confessionário, a sua arma mais eficiente de escravizar as consciências aos seus embustes. Em contra-ofensiva desleal, apelam para o recurso da difamação no intuito de desacreditar perante o público o “perigoso adversário”.

**.oOo.**

Só Deus sabe as torturas espirituais que padeci! Minha pobre alma convulsionada por terríveis conflitos porque o exercício da caridade não lhe dava segurança, presenciava, ainda, escândalos sobre escândalos.

Em julho de 1957, o padre Hosana assassinou a tiros de revólver o bispo Expedito Lopes, de Garanhuns, no interior de Pernambuco.

O primeiro julgamento do réu-padre transformou-se num libelo contra o arcebispo de Recife.

A figura do bispo, reconhecido príncipe da Igreja, estava tão desmoralizada! Na capital de um dos Estados nordestinos efetuou-se um retiro espiritual do clero, em vista do cumprimento de determinações canônicas que exigem façam os padres anualmente esse exercício.

E para avacalhar o preletor, que era bispo – e que bispo “piedoso”, com todas as melosas características de piegas, “braços cruzados, cabeça torta, devotamente corcunda” – os padres colocaram no seu banheiro algumas peças de roupa íntima de senhoras.

Estava eu habituado a ver no bispo a encarnação perfeita da hierarquia da “minha igreja”... Todos estes fatos transtornavam-me espiritualmente... Sentia ruirem-se, dentro de minha alma, as convicções mais arduamente implantadas...

Por esse tempo, em idade avançada, enfermara Dom Castro Vilela, bispo fundador da diocese de Nazaré da Mata, também no interior pernambucano. Foi um desbravador. De 1919 a 1946, empenhou-se para legar ao catolicismo romano um bispado rico. Anteriormente, como vigário de Gravatá, deixou, pelos seus trabalhos, sulcos de sua passagem.

Um dos sacerdotes mais dedicados e trabalhadores dentre os raríssimos padres ornados com essas qualidades que conheci. Recolhido no Hospital do Centenário, no Recife, mandou-me chamar, solicitando-me ser o seu confessor.

Reconhecia-se próximo da morte e multiplicava as suas confissões, minuciosas e longas. Apelei para todos os expedientes que as teologias (dogmática, moral e ascética) me ofereciam. Tudo em vão. Não conseguia despertar naquele velho dignatário do catolicismo romano a mínima réstia de esperança de salvação. Lembrava-lhe, inutilmente, suas canseiras em prol da “santa igreja” e os seus méritos conquistados ao longo de tantos anos de dedicações... Nada!

Numa tarde, fui, pela centésima e última vez, ouvi-lo em confissão. Nos estertores da agonia bradou: “Estou indo para o inferno!” E morreu.

Sofri, nessa hora, a maior crise de choro da minha vida. Milhões de pensamentos, os mais opostos, turbilhonavam em meu cérebro. Entrechocaram-se os sentimentos mais contraditórios. A morte desesperada do bispo se transformou para mim em um atordoante mistério.

Já em fins de 1956, falecera meu pai. À frente de uma obra social e sem compromissos diretos com a cura de almas, pude rezar a missa diariamente pelo seu descanso eterno até completar um ano de sua morte.

E refletia: “Se a missa tivesse valor infinito, bastaria uma para remir, de uma só vez, todas as almas do purgatório. Bastaria uma só para salvar a meu pai. E com tantas missas – 365! – duvidava eu de sua salvação! Seriam precisas mais? Muitas mais? Quantas? Até quando?”

Foi a primeira vez que duvidei do valor infinito da missa!

Exausto, abatido e com o coração esfrangalhado de tormentos, avistei-me com o arcebispo Moraes Júnior.

Compadecia-me, outrossim, deste homem. Vi-o entusiasta pela “santa igreja”. Orador insigne, cultura rara, colocara-se integralmente a serviço de sua igreja. Carreava patrimônios fabulosos para a já riquíssima arquidiocese de Olinda e Recife. Construía obras de vulto. Agora, injustiçado, sofria as mais sórdidas aleivosias do próprio clero. Outros bispos que lhe disputavam o cargo de metropolita recifense chicaneavam junto à Santa Sé para removê-lo de lá. Regressando, em 1958, de uma viagem a Roma, aconselhou-me que jamais pensasse eu em ir à Cidade Eterna. Nem eu poderia imaginar o mal que lhe fizera essa viagem, amargurado, desabafava-se. Nunca supusera encontrar uma Roma tão cheia de vícios, de indiferentismo... Uma Roma onde imperava a politicalha mais sórdida nos corredores da cúria pontifícia.

Implorei-lhe autorizasse transferir-me para o interior do Estado de São Paulo, onde queria exercer o pastoreio de almas como vigário.

Conjeturava: “De desilusão em desilusão, caí no mais profundo desânimo. Preciso reabilitar-me. Se Deus me deu uma alma, preciso salvá-la. Se Jesus Cristo morreu por mim, Ele poderá também garantir-me um meio nesta vida para eu desfrutar da certeza de salvá-la. Qual será este meio? Vou ser vigário. No contato imediato com as almas, na administração dos sacramentos, por certo, encontrará a segurança espiritual tão sonhada desde a minha infância”.

O arcebispo Moraes Júnior proporcionou-me mais do que esperava.

Cumprindo os trâmites canônicos, fui transferido para Guaratinguetá, cidade limítrofe de Aparecida do Norte, a “capital espiritual” do Brasil, onde se acha o trono da “padroeira do Brasil”!

Encontraria no exercício do paroquiato e bem junto da “senhora Aparecida”, a paz pela qual o meu coração anelava?

.oOo.



**5**

**NO INTERIOR PAULISTA.  
CORAÇÃO FRUSTRADO TAMBÉM NO  
EXERCÍCIO DO PAROQUIATO.  
ENCONTRO COM A BÍBLIA!  
ABRINDO UMA CIDADE PARA O  
EVANGELHO.  
COM AS MARCAS DE CRISTO, ENTREGUE  
AO MINISTÉRIO DA PALAVRA!**

**Pároco em Guaratinguetá**

Guaratinguetá, tradicional cidade do interior paulista, a partir de 1945, encorajou-se e decidiu crescer. Transpôs o Rio Paraíba e esparramou o Bairro do Pedregulho. Sua vontade de progresso ofereceu oportunidades para a instalação de indústrias e da Escola de Especialistas da Aeronáutica.

Branca, erguia-se, num outeiro, a capela de Nossa Senhora da Glória, o único templo do Bairro. Suas dimensões reduzidas incapacitavam-na de receber os fiéis que acorriam à prática dos ofícios religiosos. Um frade alquebrado, aos domingos, dizia a missa. Os congregados marianos promoviam outros atos.

**.oOo.**

No dia 6 de março de 1960, pelo bispo Antônio Ferreira de Macedo, de Aparecida do Norte, a cuja jurisdição eclesiástica pertence Guaratinguetá, fui empossado como primeiro pároco da Paróquia Nossa Senhora da Glória, recém criada.

Para essas circunstâncias, o ritual católico prevê cerimônias complexas presididas pelo ordinário da diocese ou um seu legado oficial. E o povo olha sem entender o significado de tanta teatralidade.

.oOo.

Afinal, a alegria reinante contagiava a todos porque o Bairro teria seu padre. E seria mais uma razão para que os seus habitantes, em debique com os do centro da cidade, enfatizassem: “O Pedregulho é uma cidade e não um bairro de Guaratinguetá”.

Dispuseram-se, ao longo da avenida de acesso ao templo, arcos de bambu, com bandeirolas multicolores...

Com as mesuras da etiqueta, cavalheiros graves cumprimentavam “s. excia., o senhor bispo”, enquanto o povo se acotovelava para ver o novo padre que estava chegando.

O bispo, de frente larga e faces rosadas, na indumentária grená, a suntuosidade em pessoa, com voz de barítono, esclareceu aos presentes o desenrolar da vasta programação.

Com grandes curvaturas, um vereador da Câmara Municipal proclamou as excelências episcopais. E todas as autoridades presentes, prefeito e promotor público incluídos, desfilaram suas congratulações à autoridade religiosa pelo “magno acontecimento da instalação de uma outra paróquia em Guaratinguetá e da posse do seu primeiro pároco”.

No altar, velas acesas iluminavam as rosas e os cravos entrelaçados...

Os sacerdotes presentes se revezavam no cumprimento dos pormenores litúrgicos, lembrando eras medievais.

Já não era eu um estreante bisonho e nem beato sonso. O meu problema espiritual tornara-se um sentimento invencível e, naquela solenidade de quatro horas de duração, revi, mentalmente, todo o meu passado de padre e propus-me dedicar todas as minhas energias para ser um pároco íntegro no exercício dos meus deveres e solícito em atender todas as necessidades dos fiéis.

Esse dia 6 de março de 1960 coincidiu com o primeiro Domingo da Quaresma, em cuja missa se lê o relato do jejum e da tentação de Jesus.

Por ser o bairro do Pedregulho eminentemente operário e naquela época sujeito à fermentação comunista, baseei minha primeira mensagem aos paroquianos nos versículos 2 a 4 do capítulo 4 de São Mateus; **“E, depois de jejuar 40 dias e 40 noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se lhe disse: Se és o Filho de Deus manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus”**.

Lembro-me bem. Discorri sobre a fome do mundo atual. Apresentei as razões porque o comunismo não soluciona esse problema. Mostrei Jesus Cristo como a “chave para a solução de todos os problemas

contemporâneos”. E salientei a “presença de Jesus Cristo na pessoa do papa”, cuja palavra deve ser acatada por ser a própria palavra de Deus. “A fome se ausentará do mundo quando a humanidade se decidir acatar as palavras de Deus que emanam dos lábios do sumo pontífice, Seu augusto representante e vigário!”

Horrorizado, lembro-me agora dessas blasfêmias que pronunciei naquelas circunstâncias.

Teimava, ainda, estruturar a minha vida espiritual e o meu ministério de padre na sujeição absoluta à hierarquia da “santa igreja”. Momentos antes dessa pregação em que extravasara meus sentimentos, genuflexo aos pés do prelado, pronunciara o voto de submissão às doutrinas e às autoridades da minha religião.

.oOo.

Daí a um mês, aconteceria a Semana Santa. Contrariando previsões negativas de muitos, dispus-me realizá-la com todo o aparato. Na minúscula capela não havia nada. Mandei confeccionar todas as alfaias e adquirir todas as imagens próprias para os atos daquela semana. Ensaiei um grande grupo de coristas para as cerimônias e um coral para executar os hinos litúrgicos.

A propaganda intensa levou para o Pedregulho uma massa imensa de curiosos.

A Semana Santa foi executada em todos os seus atos e a procissão do Senhor Morto foi a mais concorrida de Guaratinguetá.

Pela primeira vez, realizava eu, como pároco, as solenidades comemorativas da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Meu anseio não era simplesmente cumprir tudo em proveito das almas, mas usufruir pessoalmente dos seus resultados espirituais. Envolvia tudo, inclusive os gestos mais simples, com intenções puras. Recusei, por isso, a oferta com que a Comissão se dispusera gratificar-me.

Desejei que as solenidades do sábado santo transcendessem a tudo naquela semana por parecer-me a Ressurreição de Jesus o ponto culminante do mistério da Redenção. Iniciadas às 22 horas do sábado de aleluia, foram até as 3 horas da madrugada do domingo. Exausto, fui deitar-me. E dormir? Em pranto convulsivo passei o resto das horas daquela madrugada de Domingo da Páscoa!

Os turíbulos, ao canto dos aleluias, elevaram para o espaço volutas de incenso... Na radiosa nave do templo – riscada de asas de brancas e assustadas pombas, soltas em instantes adredes combinados – cresciam as exclamações entusiastas de admiração... O estrondar dos fogos acordavam ecos nas montanhas distantes, conclamando-as a participar

das alegrias triunfais... À entoação do Glória, descerrara-se a imensa cortina roxa que, nas cerimônias lúgubres, separara o presbitério da nave, revelando um altar deslumbrante de cores e luzes...

Glória! Aleluia! palavras ressurrecionais da Páscoa sem nenhuma significação pessoal para mim naquela oportunidade.

Cantara, em melodias gregorianas, a Ressurreição de Jesus Cristo! E tudo não passava para mim senão de um memorial de acontecimentos pretéritos sem qualquer significação no presente. Como no dia 21 de abril de comemoração do martírio de Tiradentes, na semana, chamada santa, o ritual católico celebra a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo!

Sim! De lágrimas foram para mim o presente pascal de 1960!

**.oOo.**

Se Jesus Cristo padeceu e morreu pregado numa cruz, no alto do Calvário, e, depois ressuscitou para a nossa salvação, como deverei fazer para beneficiar-me imediatamente dessa salvação?

Inconformara-me diante da hipótese de ter de esperar até a minha morte. E essa inconformidade custava-me sofrimentos.

Por que não gozar desde logo da bênção da certeza de minha salvação?

**.oOo.**

A nova paróquia ofereceu-nos como residência apenas uma sala pequena. Eu mesmo preparei a planta da casa paroquial a ser construída que, assinada por um engenheiro, foi aprovada pela Prefeitura e pela Cúria Metropolitana de Aparecida a cuja circunscrição eclesiástica minha paróquia estava subordinada. Pessoalmente, dirigi as obras, que tiveram início em 21 de abril de 1960, dia da inauguração de Brasília, a ciclópica Capital do Brasil. E, em setembro desse mesmo ano, passamos a residir na casa paroquial nova, que cobre uma área de 210 metros quadrados.

\* \* \*

Num recanto da paróquia, em Nova Guará, cobertos de limo e mato, encontravam-se os alicerces da construção de um templo. A falta de recolhimentos de taxas pré-fixadas, provocara a intervenção eclesiástica no sentido de sua paralisação. E uma grossa maroteira locupletara os bolsos da Comissão Pró Construção. E São Pedro – em cuja honra seria dedicado o templo – que se abstinera de ser ali cultuado!

Arrostando impropérios de elementos da antiga comissão (quase disse “*comessão*”), estabeleci outra e prossegui as obras. Em poucos meses, o templo se transformara em realidade, recebendo os fiéis nas missas dominicais e nas primeiras sextas-feiras. Fundei, ao mesmo tempo, a

Congregação Mariana para os homens e rapazes, o Apostolado da Oração para as senhoras, a Pia União das Filhas de Maria para as moças e a Cruzada Eucarística Infantil para as crianças.

.oOo.

A imensa zona rural da minha paróquia exigia-me esforços incomuns para atendê-la. A grandeza apocalíptica da sua paisagem de montanhas pétreas, de abismos e cumeadas, onde se erguem as cabeças gigantes de armaduras rebrilhantes, criava embaraços para se atingir cada habitante.

Anterior à minha chegada, certo frade proporcionava “assistência religiosa” somente através das festas dos santos nas capelas rurais. Em louvor de São Sebastião, de São Brás, ou de outro santo qualquer, promovia festas com missa, foguetório, leilão, cachaça... Não faltava a clássica procissão com o sermão de encerramento, quando se lhe oferecia ensejo de agradecer os festeiros-promotores e anunciar os do ano seguinte. Agradecia as prendas e as esmolas doadas na intenção de que a generosidade dos contribuintes fosse maior na festa seguinte. Se houvesse acontecido alguma desgraça, uma chuva de pedra, um acidente ou peste no gado, o frade não perdia a chance para incriminar como responsáveis os mesquinhos, os que não lhe deram o esperado.

Sabia explorar a mina inesgotável da credulidade popular. Fazia questão de dormir nas sacristias das capelas e se esquivava de qualquer contato mais pessoal com o povo. Prestigiava-se perante os pobres roceiros pelo mistério que lhe impunha o “infortúnio” de viver uma vida à parte, com o ônus do sacerdócio e da glória. Alegava-lhes que, na sua vida de sacrifícios, não tinha o direito de gozar das coisas comuns que todos os homens usufruem, como imolação a Deus que lhe dera poderes sobrenaturais, como o de “rogar pragas e excomungar” os que não lhe atendessem as orientações e pedidos. Entre os colegas, galhofando, o frade esperto, dizia: “Destruído o meu prestígio, se os caipiras me encontrarem tomando garapa ou comprando cem gramas de mortadela”. Piscava o olho e, com o indicador hirto diante dos lábios, pedia silêncio. E se o vissem com um cálice de pinga? E se soubessem de certas aventuras?...

No propósito de ter contacto pessoal com todos os paroquianos, dispensei o serviço do frade embusteiro, que se zangou comigo por lhe haver tirado esplêndida fonte de receita.

Faziam-me bem aqueles panoramas, ostentando tons de azul-turquesa, azul-opala, azul-celeste, azul-marinho, que se diafanizam, em progressão harmoniosa, até aos longes do horizonte. Nunca me cansei de ir à roça e apreciava muitíssimo aproximar-me do nosso caboclo, esse

homem-autóctone que se integra na exuberância das florestas e participa, com os animais da selva e os pássaros multicores, da graça de uma vida sem memória. De uma vida pura e ingênua com a luz do sol e o rumor dos rios e das cachoeiras rolando no cenário grandioso das montanhas e das planícies coroadas de árvores colossais.

.oOo.

Já em setembro de 1960, portanto seis meses após a instalação da paróquia e minha posse, um dos jornais de Guaratinguetá, “O Eco”, (de 18 de setembro de 1960), constatando a procedência de notícias alvissareiras, em primeira página, estampou estes comentários:

“Constituiu motivo de grande satisfação ver o crescente desenvolvimento espiritual da novel paróquia.

Graças aos incansáveis esforços do revmo. vigário padre Aníbal Pereira Reis, que não tem medido sacrifícios a fim de que a Paróquia de Nossa Senhora da Glória cresça verdadeiramente, intenso é o seu desenvolvimento, especialmente no movimento espiritual. O número de comunhões vem aumentando sensivelmente, o que demonstra a vontade daquela parcela de nossa população em se aproximar mais e mais de Jesus Eucarístico.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus tem atraído as mais copiosas bênçãos à paróquia, o que tem aumentado a frequência à missa das primeiras sextas-feiras do mês. As associações religiosas Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Apostolado da Oração e notadamente a Legião de Maria vêm trabalhando com entusiasmo em prol do desenvolvimento espiritual da paróquia. A construção da casa paroquial acha-se já em fase de acabamento e, dentro em breve, a paróquia estará contando com mais este rico patrimônio.

A continuação das obras da igreja em Nova Guará, iniciada no ano passado, é outro trabalho que vem merecendo o máximo de atenção do revmo. padre Aníbal Pereira Reis e também de todos os paroquianos, pois se destina a servir um novo e populoso bairro da nossa cidade, que muito necessita de assistência espiritual”.

Prossegue o artigo tecendo comentários a respeito das diversas atividades paroquiais exercidas por mim e, enfim, conclui:

“Conquistar almas para a nossa santa religião tem sido o lema do revmo. padre Aníbal Pereira Reis naquela paróquia, motivo pelo qual, sem descanso e com as bênçãos da Virgem Santíssima, muito tem conseguido em prol do bem comum”.

Recebi tantas outras manifestações sinceras de apreço e de simpatia pelo meu trabalho! Desejo, ainda, destacar uma delas por ser do Centro

dos Motoristas e Mecânicos do Vale do Paraíba. Veio-me pelo seu ofício de nº 39-1960, de 26 de setembro de 1960, e assinado por todos os membros de sua ilustre diretoria, o que o valoriza sobremaneira. E diz, entre outras coisas: “Aproveitamos o ensejo para enviar as nossas felicitações pela brilhante festa de Nossa Senhora da Glória, que deixará saudades a todos que a ela compareceram. *Há muitos anos, Guaratinguetá não vê realizada uma festa de tanto brilho, tanta pompa e tanta fé, como a que nos foi proporcionado presenciar...* V. revma. tem-se portado como um verdadeiro Pastor de Almas...”

.oOo.

A igreja de Nossa Senhora da Glória que, de tão pequenina, o povo a cognominara de igreja, não oferecia condições para realmente ser uma matriz paroquial. Decidi, então, construir um templo vasto, capaz de oferecer abrigo às multidões que acorriam aos atos religiosos.

A igreja de São Pedro, no bairro de Nova Guará; a de Nossa Senhora de Fátima, na Vila Molica; as capelas de São Sebastião e de Santa Edwiges, na zona rural; todas em construção sob a minha responsabilidade e ao mesmo tempo, não me impediram de arrojá-me à ingente incumbência da construção de um novo templo no Bairro do Pedregulho.

Constituíam-se-me, outrossim, em imensurável privilégio essa obra consagrada à Virgem Maria, minha Mãe Celestial, a quem me entregara em escravidão de amor, desde os longínquos tempos de seminário. Sonhava com um templo majestoso edificado naquele outeiro do Pedregulho a olhar a Basílica Nacional da Padroeira plantada na colina sagrada de Aparecida do Norte, “a Virgem da Glória olhando para a Virgem Morena”, [a Senhora Aparecida].

Os padres gostam de ter em suas paróquias construções intermináveis por lhes constituir em motivos de pedidos permanentes de peditórios e quermesses.

A construção da Catedral da Praça da Sé, em São Paulo, nunca se acaba. Os padres chamam-na de catedral inacabável.

São tantos os templos católicos inacabáveis por esse mundo em fora!

Possuído de enorme entusiasmo, resolvi edificar a igreja matriz de Nossa Senhora da Glória em tempo recorde. A pedra fundamental foi lançada no dia 11 de junho de 1961. E no dia 8 de dezembro do mesmo a entreguei ao uso dos fiéis, um grande templo com a capacidade de acolher mais de 2.000 pessoas. Aproveitamos da antiga igreja apenas a fachada fronteira e, quando saí de lá, em maio de 1963, a nova matriz estava com as obras de alvenaria totalmente prontas e revestidas, com as instalações

elétricas definitivas, com o piso de mosaico em ordem, com a sacristia mobiliada e com suas gavetas cheias de paramentos e alfaias.

Evidentemente que o povo do Bairro muito colaborou. Muitas senhoras pobres, em ajuda, trabalharam como serventes de pedreiros!

Agora, fico a pensar: “E se aquele povo aceitasse Cristo como seu *único* Salvador e se dispusesse a segui-LO dentro das normas bíblicas, que potencial humano não teria o Reino de Deus para destruir a peste da idolatria, no Vale do Paraíba!”

Os meus sonhos e as necessidades religiosas daqueles paroquianos incentivaram-me ao máximo. Por dois anos, cozinhei o meu próprio alimento para não ser onerosa à paróquia a minha subsistência. Feito um operário da paróquia de Nossa Senhora da Glória, posso assegurar que fui o operário mais barato daquela época.

Apreciava sobremodo quando ouvia esta referência sobre a paróquia de Nossa Senhora da Glória: “A paróquia recorde do Brasil”.

Durante esse tempo, porém, minha alma passava por uma transformação gloriosa! Enquanto prosseguiam em ritmo acelerado as obras de construção do grande templo, em minha alma se processava uma outra construção de efeitos eternos.

Assim que cheguei a Guaratinguetá, relacionei-me com os padres de Aparecida do Norte, responsáveis pela “Basílica da padroeira”, que frequentava constantemente.

Queria gozar dessa amizade por julgá-los uns bem-aventurados pelo convívio diuturno com a virgem aparecida.

Na Basílica passei tantas horas, desfiando as contas do rosário. De joelhos, implorei à virgem amparo definitivo e que me desse a segurança espiritual por mim ansiosamente procurada desde a infância! Diante dela, balbuciando rezas e novenas, rememorei, tantas vezes, todos os lances das minhas lutas espirituais! Revi o desmoronamento de tantos castelos, longa e carinhosamente acalentados por mim!

Mas também ali, em Aparecida do Norte, para onde fui ansioso, assisti o desvanecer-se da minha derradeira esperança em recursos fracos!

Dos próprios lábios daqueles padres fui informado da realidade brutal para mim, naqueles tempos: A Senhora Aparecida não passa de um embuste. É uma maroteira, a maior e mais bem organizada deste País.

Os padres não têm certeza alguma de sua salvação. A virgem aparecida não lhes dá essa bênção. Ela é apenas uma sórdida bandeira que conspurca o nome da bendita mãe de Jesus e acarreta do pobre povo brasileiro imensas fortunas para servirem ao regalo dos padres.



A minha ida para as proximidades de Aparecida foi uma bênção em minha vida porque, com conhecimento de causa, posso esclarecer este bom povo tão miseravelmente iludido!

## **Primeiro contato com a Bíblia**

No auge das decepções, em maio de 1961, ocorreu-me um sofrimento inenarrável. Circunstâncias alheias a meus desígnios promoveram a transferência de minha mãe para São Paulo, ficando eu sozinho. Desprovido de qualquer conforto humano, com o coração triturado pela amargura, ao vê-la sair, entrei em minha biblioteca à procura de alguma coisa que me aliviasse.

Atingira o cúmulo da minha desventura. Todos os meus castelos interiores se esboroaram de encontro com a realidade brutal. Nada ali me havia proporcionado segurança espiritual. Inútil o meu entusiasmo pela “santa igreja”. Inútil minha dedicação por obras sociais. Inútil o sacerdócio. Inúteis os sacramentos, as missas, as devoções aos santos. Inúteis as penitências. Inútil minha sujeição às autoridades eclesiásticas. Inútil minha consagração a Maria. Inútil meu paroquiato. Tudo inútil!

O escândalo de Aparecida culminara em meu coração todas as decepções.

E agora este incidente. Naquele momento, em minha biblioteca, com o coração sangrando de amargura, um pensamento tétrico – medonho! – relampeou em meu cérebro.

Pôr termo à vida!

Por que viver assim?

Que o meu fim trágico fosse uma maldição à faustosa e embusteira hierarquia do catolicismo romano!

**.oOo.**

Estonteado pela dor imensa, ergui os olhos esbugalhados, buscando em Deus os últimos alentos para minha vida desgraçada de padre amargamente desiludido.

E o meu olhar, por misericórdia do meu Boníssimo Deus, foi atraído por duas palavras estampadas na lombada de um livro apertado entre tantos outros: **BÍBLIA SAGRADA!** Desde 1955, na minha biblioteca sem ser folheada sequer...

Mãos trêmulas, abri-a a esmo. E li, no capítulo 11 do Evangelho segundo João, a ressurreição de Lázaro. Senti renascerem-se em mim as esperanças. Fez-me bem aquela leitura. Foi um bálsamo em meu coração.

Levei o livro precioso para o meu quarto. Até alta madrugada, lia-o com sofreguidão. E a cada instantezinho livre, durante o dia, corria ler. Imperceptivelmente, caí de joelhos enquanto aquela leitura penetrava o recesso mais íntimo do meu coração, lavando-o dos desenganos e das mágoas.

Li todo o Evangelho segundo João. Não entendi algumas coisas. Senti-me bem, todavia.

A expressão **“vida eterna”**, tão repetida nesse Evangelho, despertava-me sentimentos de segurança.

Do Antigo Testamento, resolvi ler o livro de Jó, devido à expressão em voga: “paciência de Jó”.

Maravilhei-me com a estabilidade espiritual daquele personagem. O demônio foi o primeiro arauto da apostasia do crente quando mentiu a Deus, afirmando que Jó O desprezaria sob circunstâncias desfavoráveis. E o diabo recebeu de Deus mais vantagens sobre Jó do que jamais recebera contra ninguém. E acresce outro ângulo terrível e desfavorável a Jó. É que ele não tinha um Advogado, um Intercessor rogando por si a Deus. Ele não tinha Jesus Cristo. Ainda assim, o tentador não foi capaz de fazer Jó “cair da graça”. Em tantas provações, ouvi-o manifestar sua segurança inabalável: **“Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor”** (Jó 1.21).

Da leitura do quarto Evangelho ficaram repercutindo em meu coração as palavras: **“E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer...”** (João 10.28). E avultava-se em dimensões extraordinárias a personalidade de Jó. Jó e vida eterna...

No seminário, os professores recomendavam: “Cuidado com a Epístola aos Romanos! Foi pela sua leitura que Martinho Lutero se perdeu!”

Lembrei-me, então, de ler esse Livro Santo. Comentando, naqueles dias, o fato com um padre de Guaratinguetá, disse-me: “Desgraça pouca é bobagem! Leia mesmo e se esborrache na heresia!”

Esse padre, de uma alegria demais filtrada e destilada na fisionomia de santidade artificial, para suavizar-lhe a vida de celibatário, usufruía da “amizade” de uma madame, cujos olhos tinham uma luz molhada de afeto envolvente e os seios quais almofadas úmidas, palpitantes de mocidade e de vida, oferecendo ao eclesiástico horas de prazeres que causavam ciúmes a um velho monsenhor achacado de idade e reumatismo.

Depois dessa advertência, o padre beato sonso, recebeu, em minha presença, a visita de certo advogado, permanentemente candidato em

todos os pleitos eleitorais que, em verborragia exaustiva, reclamava o descuido das autoridades face à iminência do perigo comunista. E o padre, de sorriso postiço como uma traição, recorria aos seus argumentos para tranquilizar o candidato, culminando com esta: “Não se preocupe! Nós, os padres, sabemos conservar a ignorância do povo. E comunismo é praga que não pega em povo ignorante!”

À porta paroquial, buzinou um carro de praça. O padre saiu para levar os sacramentos a um paroquiano enfermo que, mesmo paupérrimo, precisou pagar a corrida do automóvel para ter uma batina a emoldurar-lhe o quadro de sua agonia.

“Desgraça pouca é bobagem!” Saí mentalmente repetindo essa expressão do meu “santo” colega, que imprimia um tom melífluo de sentimento divino aos ofícios litúrgicos, erguendo os olhos em êxtase para a abóbada do templo, embalado pelos repiques dos sinos que subiam ao espaço, ou conservando-os fechados nas suas monótonas pregações. Pedi a Deus orientação e direção. Em casa, com avidez, fui ler a Carta aos Romanos na certeza de estar lendo uma mensagem divina especialmente para a minha vida.

Paulo estava pronto a ir a Roma para anunciar o Evangelho. Que a sua Carta me anunciasse esse mesmo Evangelho! Foi a minha ardente ansiedade (Romanos 1.15).

Desanuviou-se a minha mente.

Ele, Paulo, não se envergonhava do Evangelho. Por quê? Porque esse Evangelho é o poder de Deus a oferecer salvação a todo o que crê (1.16). Nele é que se descobre a justiça de Deus! O justo vive pela fé (1.17).

Minha cegueira começou a cair como que em escamas. A misericórdia divina despertou em mim uma verdadeira torrente de ansiedade por desvendar, absolutamente livre de juízos preconcebidos, o plano de salvação que nos é oferecido em Jesus Cristo.

No capítulo primeiro, sentia que tudo podia ser aplicado à minha religião!

O versículo 23 do capítulo terceiro, deu-me uma alfinetada. **“Todos pecaram!”** Seria eu também incluído? Mas **“todos pecaram”**. Pecaram equivale ao passado. “Sim! Pequei no passado”, refletia. “Aliás, nasci com o pecado original. Fui batizado. Ordenado sacerdote”. E minha consciência não me acusava de pecados graves.

Continuei lendo. Meu orgulho aterrara-se e não me permitia perceber em Romanos a graça salvadora.

**“O pecado... obrou em mim toda a concupiscência”** (Romanos 7.8).

**“Sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço”** (Romanos 7.17).

**“Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço”** (Romanos 7.19).

Vendaval descomunal vergastava minha alma!

Ocorreram-me as palavras de Ovídio, o poeta latino, que, como estudante, repetia sem lhe perceber a profundidade: *“Video meliora, proboque; deteriora sequor”* (Vejo e aprovo o que é melhor; sigo, porém, o que é pior).

Concupiscência... O pecado habita em mim... Não consigo realizar o bem... O mal que não quero esse faço...

Oh, Paulo! Como foste duro para com a minha petulância! Para a minha empáfia!

Empáfia de padre!

Olhava-me para mim mesmo. “Padre! Um ser sobrenatural, retirado do meio dos homens para o serviço de Deus. Um outro Cristo. Sacerdote por toda a eternidade. Dotado de poderes excepcionais, sobretudo o de fazer Cristo ir do céu às hóstias no altar”.

Olhava o meu passado. “Que esteira de realizações! Quanta dedicação à “santa igreja”! Em Montes Claros, Círculo Operário, jornal diocesano, o programa radiofônico, associações religiosas... No Recife, o soerguimento da Companhia de Caridade, milhares de órfãos, centenas de velhos desvalidos... Agora, em Guaratinguetá, a construção de uma paróquia... Tudo isso compensava em muito os meus pecados veniais e as minhas imperfeições...”

Em minha mente, desfilavam as centenas de padres que conhecera... Quantos escândalos deles... Nas confissões, tomei conhecimento de tantas mazelas clericais... Minha vida não se poderia comparar com a vida de nenhum colega. Nela não se encontrava nenhum deslize. Jamais recebi uma advertência dos meus superiores eclesiásticos. Jamais criei-lhes embaraços.

Ao principiar a missa, rezava: *“Confiteor Deo Omnipotenti... Mea culpa, mea maxima culpa...”* Eu, pecador, me confesso a Deus, todo-poderoso... Rezava apenas para cumprir uma rubrica de missa...

Semanalmente, ia ao confessionário buscar perdão dos meus pecados veniais, das minhas imperfeições... Rezava milhares de missas... Sob minhas palavras, Cristo baixara dos céus em milhões de hóstias... Milhões de cristos distribuídos a fiéis sem conta... Perdoara a milhares e milhares de pessoas, milhões e milhões de pecados... Pecados de toda a natureza,

cometidos nas mais variadas circunstâncias. Desde os pecados de mentiras até aos assassinatos. Desde as maledicências, até os adultérios. Desde... Ouvira as declarações mais inomináveis naquele tribunal chamado de “tribunal da misericórdia divina”.

Ungira centenas de enfermos. Encomendara tantos defuntos. Abençoara tantas uniões conjugais.

Presidira procissões sem conta. Traçara vezes inúmeras as cruces da “bênção do santíssimo sacramento” sobre as frentes reverentes dos fiéis.

Minha consciência, sinceramente, aplaudia a minha vida sacerdotal.

Anelava por certeza de salvação. Procurava sempre e em todos os lugares que me foram indicados. Praticara todas as devoções sugeridas. Desesperava-me por encontrá-la.

Agora que a Bíblia começava a lenir minhas ansiedades... Agora que, em suas páginas, principiava a sentir os primeiros clarões de uma aurora espiritual, vem-me Paulo com palavras tão contundentes.

Orava incessantemente. Clamava pela face do Senhor.

Sou desprovido de palavras para narrar toda a minha luta.

Coloquei-me na mãos de Deus.

Prossigui na meditação da Palavra de Deus que **“é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”** (Hebreus 4.12). E Deus dilacerou o meu orgulho. Trapo humano atirado na minha própria presença, vi-me pecador. Enquadrado na lei universal: **“todos pecaram”**.

A mais dolorosa experiência espiritual é, realmente, a do quebrantamento diante de Deus. A de convicção de pecado!

Reconhecer-se pecador significa estraçalhamento da nossa jactância.

A jactância que nos leva à pretensão de se obter salvação por boas obras!!!

## **No cume de uma montanha, li, pela primeira vez, a Carta Magna da Liberdade**

O ano de 1961 marca a fase mais decisiva da minha vida.

Ao ritmo dilacerante das minhas lutas interiores, subiam as paredes dos templos que eu construía. Vezes inumeráveis, o espírito maligno pretendeu levar-me ao desânimo ou à consideração de que a leitura da Bíblia transformar-me-ia em um desequilibrado.

Certo dia, fui a Aparecida consultar o bispo Ferreira de Macedo sobre tudo o que se passava comigo. Nem sequer deu-se ao trabalho de ouvir

parte do meu relato. Abruptamente, interceptou o assunto, alvitrando: “Minha obrigação aqui em Aparecida é cuidar de ferro, cimento e tijolos para a construção da Basílica de Nossa Senhora. Arrume-se como puder!”

Procurei muitos sacerdotes. Temia-me a mim mesmo.

Quase em uníssono, eu ouvi deles: “Você não está ganhando o seu dinheiro?”

E, à minha resposta afirmativa, sentenciavam: “Deixe de ser trouxa e mande a Bíblia para o inferno!”

Um ou outro, mais ameno, recordava-me o perigo da sua leitura persistente: “Poderá desencaminhá-lo da verdadeira ortodoxia católica porque, em geral, quem lê muito a Bíblia acaba protestante!”

Que lesse os documentos pontifícios! “São fartos e mui esclarecedores. Emanados do papa, que é o único legítimo intérprete da Bíblia, eles lhe darão firmeza na fé católica”, orientava-me.

**.oOo.**

No mês de julho desse ano de 1961, programara uma grande festa da Senhora de Sant’Ana, em sua capela, no Bairro dos Pilões, entre montanhas e em zona rural, a 30 quilômetros da cidade.

O casario que se acotovelava ao redor da igreja da “santa mãe da Virgem Maria”, limitou-se a apertar-se até o sopé da serra e, do outro lado, parou, com medo de atravessar o Rio Piaguí.

Fiquei lá uma semana. Propusera-me visitar os moradores da localidade e fazer uma série de pregações. E meditar...

Saía pela manhã. Uma estrada úmida que se estreitava na garganta majestosa da serra, beirando desfiladeiros, levava-me à capela de São Sebastião, erguida bem nos limites dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Vigiando a estrada, o Piaguí que nasce lá no alto das montanhas e deságua no Rio Paraíba. Seu curso se estendia só e integralmente dentro dos limites da minha paróquia. E, por isso, gostava dele e o chamava de “meu paroquiano”.

Aquelas caminhadas facilitavam-me a meditação.

As borboletas festivas na apoteose das manhãs luminosas, a orquestra dos passarinhos em revoada, os gritos da água a espumejar nas pedras, o céu, de um azul puríssimo, que coroava as montanhas verdes, tudo se associava para desvencilhar-me de mim mesmo e deixar meu espírito seguir, desembaraçado, o livre curso dos pensamentos do apóstolo em suas Epístolas.

A quinta-feira dessa semana ficara livre de quaisquer compromissos dentro da programação dos atos religiosos e das festividades de Sant’Ana.

À tarde, quando as sombras do casario se alongavam em busca dos pomares, o céu descampado a se derramar pelos horizontes longínquos, convidou-me para um passeio distante e insólito.

Saí. E levei a Bíblia.

Deliberei escalar uma montanha.

Embrenhei-me mato a dentro. O contato direto com a natureza desenlearia meu espírito do peso de tantos ergástulos!

Aquele prodigioso cenário oferecia-me deslumbramentos inauditos. Grotas frescas, cheirosas, de caetés, de águas límpidas e frias... Touceiras de caraguatás, com flautas tremidas de juritis... Frescura de barrancos úmidos para se rebater o resto do calor da tarde e refrescar-se do suor da caminhada... Matas intrincadas com figueiras bracejantes cheias de macacos pendulando e pendões verdes dos coqueiros... O gado branquejando pelas encostas...

Ao galgar a montanha, olhava lá embaixo, onde o Piaguí se enroscava nas colinas como serpente de prata e as gaivotas cortavam o espaço, em bandos que iam e vinham...

Atingi a cumeada. Coqueiros saudaram-me sacudindo as palmas aos afagos do vento. Um clarão de ouro e brasa tingia as nuvens, que se vestiam de sol poente.

Lá de cima, dominando a amplidão, extático, contemplei as matas virgens, erguindaladas de cipós e enfeitadas pelo calor do riacho paroquiano a desenhar-se, de socalco em socalco, ora a esconder-se entre a ramaria, ora a brilhar no engaste dos rochedos. E, sob o tom de azul difuso, desenhadas com tintas azuis, as paisagens distantes. No fundo do cenário, trepada em outeiros, Guaratinguetá olhada pelo Paraíba.

Uma perobeira, serpentinada de cipós em embiras, com parasitas pendentes das barbas-de-pau, cobriu-me com sua sombra que descia a montanha.

Sentei-me.

As montanhas olhavam umas para as outras, em diálogo misterioso, talvez perguntando-se o motivo da presença daquele forasteiro.

Respirava a sensação de liberdade. Abri a Bíblia. E li, pela primeira vez, a Carta aos Gálatas, a Carta Magna da Liberdade Cristã.

“A filosofia tomista é uma congêrie de argúcias e cavilações – verdadeiro malabarismo de sofismas – que me tornou subserviente às doutrinas dos homens”, raciocinei.

Paulo aos Gálatas, expõe, de maneira clara e límpida, a doutrina exuberante da salvação oferecida, gratuitamente, àqueles que, pela fé, aceitam os méritos provenientes do sacrifício de Jesus Cristo. Foi esta,

também, a primeira vez que senti libertar-me das garras do dogmatismo. Senti diluírem-se em meu interior as montanhas de preconceitos. E amei a Bíblia. Agradei a Deus pela mensagem que me oferecia através da pena de Paulo, em “Gálatas”.

O crepúsculo minava o sol, abrindo as grandes asas. E como, para entender melhor a mensagem de Paulo, desejei ter a alma dos pássaros errantes e dos ventos que passam em liberdade pelas alturas!!! Na indecisão da luz e das sombras incertas, o grande céu azul-diáfano acende uma estrela enorme.

A noite estava me envolvendo, surpreso, naquelas cumeadas remotas e elevadas.

Em aluvião, desabrocharam-se milhares de estrelas. A noite fechara-se completamente, com aquela coruscante fogueira branca de astros.

Guaratinguetá, ao longe, piscava os mil olhos elétricos.

Uma vertigem – a vertigem das alturas – turvou-me a vista. E fechei os olhos, feliz, pelo prazer de rolar no desconhecido, como o choque de uma sensação fulgurante. Meu íntimo passava por uma metamorfose estupenda!

As palavras de Paulo, como um jorro de água fresca, inundaram meu espírito.

Decidi descer a serra.

As constelações, a Via Láctea, baixavam tanto, abafavam tanto, que as montanhas como que se agachavam, esmagadas pelo esplendor sideral.

Corujas insones de olhos verdes e vítreos rezingavam por lhes interromper a calma a minha passagem entre os cipós e os galhos.

Enorme estrela cadente, alta madrugada, riscou o espaço sobre a cabeça negra de um morro boleado.

Maravilhado por aquela noite de magia, entrei em casa. A impressão infável daquele céu coruscante fez-me sonhar sonhos encantadores. Sonhei que estava livre...

Acordei com a sensação amena de paz. E de liberdade espiritual...

A Epístola aos Gálatas principiava, imperceptivelmente, desmascarar todos os sofismas aristotélico-tomistas que se entulhavam em minha mente.

## **Um padre “ecumenista” imunizado do perigo protestante!**

Rondava-me a graça de Deus. Reagia-lhe, recalcitrando. Sob certos aspectos, imperceptivelmente, continuava agrilhado à dogmática católica



estratificada em minha alma desde os primórdios do uso da razão. Não percebera, ainda, que a leitura da Bíblia já começara a realizar no meu íntimo a desmontagem daquela estrutura. Nem por sonho me passara pela mente a hipótese de abandonar a religião dos meus pais.

Imperceptível para mim o “perigo” de me resvalar para o “Protestantismo” com a leitura da Bíblia.

Sempre combatera a “heresia”!

No estudo de Teologia Dogmática, em todas as teses, defrontara-me com os “Evangélicos” como adversários habituais.

Ensinaram-me a olhar para os crentes como hereges perdidos e a ter-lhes comiseração. No meu tempo de seminarista, criou-se, em São Paulo, o Secretariado Nacional de Defesa da Fé. Aderi à sua Cruzada de Orações e Sacrifícios pela conversão dos Protestantes ao catolicismo romano. Inscrito sob o número 4.225, incumbiram-me de rezar e fazer sacrifícios em favor de Marta Romano, naquele tempo responsável pela revista metodista “A Voz Missionária”.

Agora, julgava-me imunizado desse “perigo”.

Como bom padre, empenhei-me sempre por afastar almas daqueles arraiais ou livrar que caíssem em suas malhas.

Referi-me já como procedi, nesse caso, em Montes Claros.

Pelos fatos que vou relatar, perceber-se-á, outrossim, a grave ameaça em que se constitui o “ecumenismo” para a divulgação do Evangelho.

Quando Diretor Presidente da Companhia de Caridade, no Recife, certa tarde, procurou-me, em meu escritório, uma senhora, viúva, paupérrima, que necessitava internar seu filho de 11 anos de idade. O Instituto Profissional São José (o internato para adolescentes masculino, mantido por aquela instituição) não me oferecia, por não dispor de mais acomodações, possibilidades de aceitar menor algum.

No intento de persistir em seus pedidos, aquela senhora relatou-me todo o seu drama, ressaltando que era evangélica.

Esta informação mudou o curso dos meus propósitos. Pedi-lhe que voltasse falar comigo no dia seguinte, pois iria estudar melhor aquele problema no sentido de me esforçar por receber o garoto.

Voltando, na tarde seguinte, comuniquei-lhe a possibilidade de internar o seu filho.

Muito alegre com a notícia, aquela senhora, contudo, apresentou uma condição: Só deixaria o filho sob a minha responsabilidade se eu me compromettesse a não lhe exigir assistência à missa e outros atos de culto católico.

Aceitei a proposta. E o rapaz foi para o Instituto Profissional São José.

Cumpri a palavra empenhada. E mais. Todos os domingos, aquela senhora ia buscar o seu filho no internato para levá-lo à sua igreja a fim de participar do Culto e da Escola Dominical.

“Que padre bonzinho! Que padre compreensivo!”, apregoava ela.

Mas... Nesta história também existe um *mas...* Industriei um meu aluno para que ensinasse fumar àquele pequeno. E, com menos de um ano, ele mesmo pediu para ser católico. E eu fui seu “padrinho” de batismo.

Há pouco tempo, voltei ao Recife para trabalhos evangelísticos. Numa das minhas pregações, estava essa senhora e o rapaz. Ela crente. Ele incrédulo. Resultado do meu “ecumenismo”.

**.oOo.**

Ainda no Recife, tive como vizinha uma crente muito piedosa e consagradíssima ao serviço de Deus. Esquivava-me dela por reconhecer-me incapaz de manter, em sua presença, qualquer assunto religioso que envolvesse a Bíblia.

Os padres têm pavor da Bíblia, lembre-se de passagem.

Por seu testemunho extraordinário, aquela crente exercia nas circunvizinhanças, enorme influência. Vez por outra, sabia de algum que mudara de religião por sua causa. Ficou gravemente enferma. Concertei um plano com um vizinho muito católico.

E o plano deu certo.

Quando a senhora crente entrou em agonia – e em vista da própria enfermidade, previa-se agonia longa – o vizinho foi avisar-me. Visitei-a na hora do jantar, quando toda a vizinhança se preocupava com a refeição vespertina e os homens retornavam do trabalho. Para sorte minha, sem pedidos insistentes, as outras visitas e os familiares da agonizante, retiraram-se do seu quarto, deixando-nos a sós. Não lhe ouvi nenhuma palavra. Nenhuma declaração dos seus lábios.

Morreu à noite e, trajado de indumentária litúrgica, acompanhei os seus funerais. Proclamei que ela havia abjurado o Protestantismo e falecido como católica. [Repeti o que se fez a Rui Barbosa].

Os crentes se viram em grandes dificuldades e muitos católicos vacilantes do bairro se firmaram em sua religião tradicional.

Ao relatar esse “fato” eu concluía: “O Protestantismo pode ser bom para se viver, mas para se morrer só mesmo o Catolicismo”.

**.oOo.**

Em Guaratinguetá, os crentes promoviam no Cemitério Municipal, trabalhos evangelísticos no dia de Finados, 2 de novembro.

Convoquei as 520 crianças da Cruzada Evangelística Infantil da minha igreja. Reparti-as em grupos com a incumbência de se revezarem, de hora em hora, lá dentro do Cemitério. Sua tarefa foi a de recolher o maior número possível de literatura evangélica e queimar tudo nas chamas das velas acesas atrás do necrotério.

Que festa a criançada fazia ao incinerar os punhados de exemplares do Evangelho de João!

Além de causar grandes prejuízos materiais aos crentes, o bom padre deu péssimo ensino àquelas crianças.

.oOo.

Esses e outros fatos da minha vida de padre relacionados com os evangélicos ofereciam-me – pensava eu – imunização diante de qualquer “perigo” pessoal. Cria-me vacinado contra a “heresia”.

Lia a Bíblia. Meditava em seus ensinamentos. Supunha-me, todavia, firme em minhas convicções católicas.

.oOo.

Orava a Deus, pedindo-Lhe que me desse entendimento do que lia. Que me libertasse de mim mesmo para compreender perfeitamente a Sua vontade sobre minha vida!

A Palavra de Deus, **“viva e eficaz”** (Hebreus 4.12), **“como fogo e como um martelo”** (Jeremias 23.29), esmiuçava a penha da minha alma!

Em verdade, não há coração duro que lhe resista!

## **Recalcitrei!**

### **“E, caindo por terra” (Atos 9.4)**

A minha religião constituía-se em verdadeiro atavismo.

A meditação da Bíblia, porém, enlevava-me. Compreendia já e perfeitamente o plano de salvação em Jesus Cristo. Eu mesmo notava que as minhas pregações tinham um cunho diferente. Furtava-me, entretanto, à necessidade lógica de comparar as doutrinas católicas com a Bíblia.

Desde 1942, quando passei a usar a batina, adquiri o hábito de beijá-la todas as vezes de vesti-la. Sem ela não saía do meu quarto, mesmo durante a noite, quando todos em casa repousavam.

Demonstrava-lhe, agora, muito maior apego, beijando-a com mais ardor. Quantas vezes consegui soterrar pensamentos sugeridos pelas leituras bíblicas, com a lembrança dos “heróis” embatinados do catolicismo romano! Pensava eu: “Foi a batina [os padres Nóbrega e Anchieta] que fundou a Capital Bandeirante!”

.oOo.

**“Extremamente zeloso das tradições de meus pais”** (Gálatas 1.14), recalcitrei.

Recalcitrei muito mesmo!

Só a misericórdia de um Deus Paciente poderia aguardar que o meu coração se quebrantasse definitivamente diante do meu Bendito Salvador!

**.oOo.**

Zanguei-me tantas vezes porque os crentes colocavam folhetos evangelísticos debaixo da porta da minha casa, em Guaratinguetá.

“Afoitos! Atrevidos!”, desabafa-me, enquanto, sem ler uma palavra sequer, os queimava.

Imaginei que quem fazia isso era um crente, proprietário de uma barbearia no início da Rua Joaquim Maia, no bairro do Pedregulho. E pensei insinuar-lhe que eu conhecia bem a Bíblia e vivia seus ensinamentos como padre católico.

Interessei-me sempre pela instrução religiosa do povo para o que promovia muitos trabalhos, inclusive o de pregar nas ruas e esquinas à imitação dos cultos promovidos pelos evangélicos ao ar livre.

Convoquei uma procissão cujo encerramento, de propósito, se daria defronte da barbearia do Ângelo Ruzzene: “Haveria ele de ficar sabendo que os seus folhetos não me valiam de nada!”, resmungava eu durante o trajeto procissional.

Baseei a pregação dessa circunstância no milagre da multiplicação dos pães relatado por João (João 6.1-15). No desenvolver da minha exposição, enfatizei que Jesus é o Pão da Vida (João 6.35), o **“Pão que desceu do céu”** (João 6.41).

“Onde se encontra esse Pão em nossos dias?”, interoguei.

E, olhando de soslaio para o Ruzzene à porta do seu salão, respondi à minha própria pergunta: “Na eucaristia, no santíssimo sacramento, na hóstia consagrada, que são expressões para designarem a mesma realidade: Cristo, o Pão da Vida”.

E, para fundamentar a exposição, esclareci que, após o milagre da Multiplicação dos Pães que, aliás, servia de preparativo para os ouvintes, Jesus, em extenso sermão (João 6.26-59), anunciara a Sua promessa de instituir a eucaristia, pela transubstanciação da hóstia, que essa promessa fora cumprida por Jesus na quinta-feira santa, por ocasião da Ceia Pascal. De Bíblia aberta, petulante na minha convicção católica, em abono ao que pregava, li os versículos 54 e 55 do mesmo capítulo 6 de João: **“Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia. Porque a Minha carne verdadeiramente é comida e o Meu sangue verdadeiramente é bebida”**.

Não fiz outra coisa senão repetir a carunchada argumentação dos compêndios de dogmática.

Certamente, o Ruzzene poderia, se quisesse, estragar na hora a minha argumentação – o que os tomistas chamariam de argumento “*ad hominem*” – mencionar o versículo 63 do mesmo capítulo 6 de João: **“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos disse são espírito e vida”**.

Afinal, os crentes continuaram colocando os folhetos. E eu continuei queimando-os.

### .oOo.

Uma senhora, esposa de um operário, aguardava o nascimento do seu primogênito. Sobrevieram-lhe dores atrozes. Comprimiam-se os seus nervos pelo pavor de sua hora que, para alarme do seu pobre marido, não chegava. Parco de recursos, afligia-se por estar impossibilitado de internar a esposa em alguma maternidade.

Chamaram-me. Conversei com a angustiada mulher. Reanimei-a. Minhas palavras fizeram-na sorrir e desertaram-lhe confiança em si mesma.

Pediu-me que lhe desse alguma medalhinha. Em falta desta, entreguei-lhe um “*agnus dei*”.

Chamam-se “*agnus dei*” (Cordeiro de Deus) a pequenos medalhões de cera branca, feitos por monges, com a cera da vela pascal da Capela Sixtina (da Basílica de São Pedro, em Roma) e das outras igrejas de Roma. De forma oval, trazem, de um lado, a efígie do cordeiro e, de outro, a legenda: “*Ecce agnus Dei, qui tollit peccata mundi*”, “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”).

Esse amuleto é benzido pelo papa e, entre tantos “poderes”, dispõe da eficácia de proteger as mães nos perigos especiais. Não passa, também, de um objeto da feitiçaria clerical!

Evidentemente que, no caso, a mulher nervosa constringia os músculos e a criança permanecia enclausurada em seu ventre. Reanimada pelas minhas palavras reconfortantes, confiante em si mesma e na expectativa de um guapo pimpolho, poucos minutos após a minha saída, aconteceu a “*delivrance*”.

A Teresona, sua vizinha, desbocada e barulhenta, inimiga ferrenha dos crentes, espalhou a meio mundo o “milagre” do “*água nos deu*”.

Voltei a visitar a feliz mãe. Perturbada, mandou alguém procurar o “*agnus dei*” debaixo da cama. Recebi-o aquecido porque estivera escondido sob um cachorro de estimação.

Querem a moral da história?

Assim se fabricou mais um milagre no catolicismo romano para que a praxe não incida em desuso e continue a estupidificar os preguiçosos mentais.

**.oOo.**

Por esse tempo, recrudesciu o “ecumenismo” como verdadeira avalanche. Em nossa Legião de Maria [uma associação religiosa que, sob a “proteção” de Maria, se destina ao proselitismo entre os católicos de nome apenas], havia um piegas – tipo rato de sacristia – cuja preocupação primordial era a maledicência e a caça permanente de maus juízos, enquanto seus filhos apodreciam à vontade nos vícios mais escabrosos, que decidiu visitar, acompanhado de outros “legionários”, os evangélicos residentes em nossa paróquia. Levava a Bíblia, na qual sabia apenas localizar a oração do Pai Nosso em Mateus 6.9-15, porque sabia de cor o número da página. Lia estes versículos na casa do crente e convidava os circunstantes a irem à missa – “porque, se não forem, o Papai do céu castiga”, ameaçava – alegando que todos somos irmãos e o papa ama a todos igualmente. E baboseiras que tais.

Esse “legionário de Maria”, de óculos no rosto pipocado de cicatrizes, certa noite chegou muito agastado porque ou havia-lhe eu enganado, ou venderam-lhe uma Bíblia errada. Dias anteriores, dera-lhe, por escrito, num papel a seguinte referência bíblica: Jo. 6.54-55. Fora convencer um crente da presença real de Cristo na hóstia. Abriu a Bíblia à procura dos mencionados versículos no capítulo 6º do livro de Jó, no Antigo Testamento. Não os encontrou porque a citação por mim dada, em abreviatura, referia-se a João. Quando percebeu a manifestação da sua ignorância, cinicamente, mudou de assunto. Enquanto os “legionários de Maria”, para visitar os crentes, gastavam sola dos sapatos no atendimento das orientações ecumenistas do papa calçado de ouro, os evangélicos distribuía à farta, folhetos doutrinários.

Muitas pessoas de minha igreja pediam-me desse eu, à estação da missa, esclarecimentos aos católicos sobre aquela literatura “perniciosa”.

**.oOo.**

Todo católico fervoroso é um jesuíta desembatinado. Na presença dos crentes, tratam-nos como “nossos irmãos evangélicos”. Pelas costas, a literatura deles é perniciosa.

Razões imponderáveis, todavia, obstavam-me atendê-las.

Num domingo, uma pessoa que me era credora de muitos favores, quando me trajava para a missa, implorou-me esclarecesse o assunto do folheto esparramado no sábado anterior e que versava sobre a idolatria. Às

insistências vexatórias anuí e, na oportunidade do sermão, de Bíblia aberta, sem nenhuma preparação, propus-me esclarecer ao povo que Deus não condena o culto das imagens. Foi a primeira vez que li um folheto evangelístico. E em que circunstâncias!

A primeira citação bíblica daquela literatura referia-se ao capítulo 20 de Êxodo.

Na pretensão de dar esclarecimentos, li os três versículos iniciais desse capítulo. Tremi quando os meus olhos se depararam com os dizeres dos versículos 4º e 5º. Se os lesse, daria armas para os adversários, concluí. E não os li!

Acrescentei meia dúzia de palavras desconexas e apelei ao povo que “fosse muito devoto de Nossa Senhora, a vencedora das heresias”.

Moralmente arrasado, desci do púlpito. Uma vergonha imensa apoderou-se de mim. Tinha vontade de fugir da minha própria presença.

**.oOo.**

**“E, caindo por terra...”** (Atos 9.4).

**.oOo.**

Bendita experiência!

Tentava organizar-me espiritualmente à luz da Palavra de Deus lá dentro da Babilônia. Falecia-me coragem para fazer uma análise comparativa entre os dogmas católicos e a Bíblia.

Aquele impacto despertara-me para uma inanarrável, porém, inadiável realidade. Precisava, em consciência, fazer esse estudo. Se minha religião se enquadrasse nos ensinamentos bíblicos, continuaria católico. Do contrário...

Do contrário, o quê?

Deixaria a batina?

Uma tempestade sacudiu a minha alma.

Febril e conturbado, passei o restante do domingo.

**.oOo.**

Orei a noite toda. Já ia a Deus pela mediação única de Jesus Cristo.

Entreguei-me a Ele, disposto a fazer-Lhe a vontade.

**.oOo.**

Impunha-se-me imprescindível confronto!

Desci das estantes todos os manuais de teologia. E já que o assunto palpitante era idolatria e culto das imagens, fui rever a doutrina católica sobre o assunto.

Confrontei o Decálogo como está no catecismo do Concílio de Trento com a passagem bíblica que o relaciona. Atônito, descobri que no

catecismo falta o segundo preceito. E, para completar o número de dez, averigüei que o décimo fora repartido em dois.

A dogmática católica, para arrazoar defesa bíblica em favor do culto das imagens, invoca o versículo 9 do capítulo 21 de Números: **“E Moisés fez uma serpente de metal e pô-la sobre uma haste; e era que, mordendo alguma serpente a alguém, olhava para a serpente de metal, e ficava vivo”**.

Pronto! Deus mesmo mandara fazer imagens.

Na sede de esclarecimento, encontrei em 2º Reis 18.4, outra menção sobre a imagem da serpente metálica. É que Ezequias, o qual **“fez o que era reto aos olhos do Senhor”** (v. 3), **“tirou os altos e quebrou as estátuas, e deitou abaixo os bosques; e fez em pedaços a serpente de metal que Moisés fizera; porquanto até aquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso, e lhe chamavam Neustã”**.

**.oOo.**

Por que os compêndios de Teologia Dogmática não se referem a estes versículos do capítulo 18 de 2º Reis?

**.oOo.**

Aturdido, prossegui na dolorosa investigação. Até a noite dessa segunda-feira, desmoronara-se em minha mente a “liceidade” do culto católico das imagens.

No dia imediato, as imagens da minha igreja, que ascendiam a trinta, foram reduzidas. Em breve, restou apenas a da padroeira e, assim mesmo, para não incorrer eu na ira do beatério exaltado.

**.oOo.**

Um fecho especial para este capítulo.

A terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, efetuada de setembro a novembro de 1964, produziu, entre outros decretos, a “Constituição Dogmática sobre a Igreja”, aprovada, decretada e estatuída a 21 de novembro de 1964 com as assinaturas de todos os bispos conciliares, encimadas pela assinatura do papa.

Muitos “evangélicos-ecumenistas” – que, no conceito católico, é uma aberração tremenda – supõem que o catolicismo romano, a título de conagraçamento, está disposto a fazer concessões doutrinárias.

*Roma semper eadem!* Roma é sempre a mesma! Não muda! A sua tática jesuíta da restrição ou duplicidade mental a repete indefinidamente em todas as suas artimanhas

Vejam, por conseguinte!



No item 8, aquela Constituição declara: *“Haec est unica Christi Ecclesia, quam in symbolo unam, sanctam, catholicam et apostolicam profiteamur... Haec Ecclesia, in hoc mundo, ut societas constituta et ordinata, subsistit in Ecclesia Catholica, a successore Petri et Episcopis in eius communione gubernata”* – “Está é a única Igreja de Cristo que, no símbolo, confessamos uma, santa, católica e apostólica... Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele”.

E no item 14: *“Ecclesiam hanc: peregrinatem necessariam esse ad salutem”* – “Esta Igreja peregrina é necessária para a salvação” .

E no item 67 reafirma o dogma do culto das imagens: *“... et ea quae auctoris temporibus de culto imaginum Christi, Beatae Virginis et sanctorum decreta fuere, religiose servent”* – “... observem religiosamente o que em tempos passados foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da Bem-Aventurada Virgem e dos Santos”.

Precavenham-se os crentes quando virem um padre retirando imagens de sua igreja. É um engodo! A doutrina católica não mudou também neste particular.

Mas, se o padre assim proceder por convicção – o que se constituiria em caso excepcionalíssimo – dentro em breve ele estará em nosso meio para unir suas ações de graças às nossas.

## **Outro confronto doloroso**

Alongar-se-iam em excesso estas páginas se tencionasse relatar todos os lances do confronto que fiz entre os dogmas católicos e a Revelação Divina.

Prismatizei alguns com o escopo de se evidenciar a maravilhosa intervenção da graça de Deus e o antagonismo entre catolicismo romano e Bíblia Sagrada.

Uma das doutrinas mais arraigadas em meu espírito era a referente à missa. Cria ingenuamente que Cristo estava na hóstia e que, no altar, se repetia o Seu Sacrifício e a Sua Morte.

Penitenciava-me quando, vez por outra, surgia em minha mente alguma dúvida.

Escandalizava-me ao presenciar falta de fé em mistérios tão profundos, mesmo por parte de sacerdotes.

Muitos sacerdotes fluem às igrejas centrais do Recife para celebrar missa. Dispõem-se em todos os altares (mor e laterais) no mesmo horário.

Por não ocupar cargo de imediata responsabilidade de direção de almas e de governo, como vigário de uma paróquia, aceitava, quando cheguei ao Recife, convites para celebrar missas nos diversos templos.

Todos os padres que celebravam no mesmo horário, a um sinal do sacristão, saíam da sacristia para os altares. Enquanto se paramentavam, riam a bandeiras desregradas, comentavam a vida alheia, cochichavam novidades de confessional, criticavam o arcebispo a quem apelidaram de “coca-cola”... E apostavam a ver quem, por primeiro, voltaria do altar.

Os coroinhas discutiam e brigavam numa disputa indecorosa. Cada um queria ajudar a missa do padre que, habitualmente, terminava antes.

Cada manhã, havia um verdadeiro campeonato desse esporte inusitado: ligeireza em rezar missa.

E era de se ver a algazarra dos coroinhas ao término da disputa.

Nunca rezei missa em menos de meia hora. E, em consequência, comumente ia sozinho para o altar. Os coroinhas não queriam ajudar minha missa porque eu demorava demais.

Sugeri-me um sacristão que oferecesse aos meninos uma gratificação maior pela minha delonga e teria ajudante com certeza.

Repugnou-me essa proposta. E nunca mais aceitei rezar dessas missas. Preferia fazê-lo nas capelas dos meus orfanatos. Aliás, sempre tive ojeriza aos emolumentos fixados como estipêndio de sacramentos.

Em criança, numa tarde de domingo, ajudava o padre Francisco Dueñas fazer os batizados, quando apareceu um homem da roça com uma criança enferma para “batizar”. O homem tinha a desgraça de ser muito pobre e não dispunha, no momento, de meios para pagar o padre. Gastara todo o seu dinheiro na compra de remédios. Mesmo sob a promessa de pagar depois, por imposição do obeso vigário, o infeliz precisou mendigar pelas casas comerciais os cinco mil reis para “batizar” o seu filho. Voltando esbaforido, encontrou a criança morta sem o “batismo”. O homem dava urros de dor dentro da igreja... E o vigário? Nem se abalou!

Calou-me profundamente na alma esse fato e jamais fiz questão dos emolumentos. Depois de ler a Bíblia, então, é que fazia questão cerrada de não recebê-los, nem a título de presente.

**.oOo.**

Houve, numa ocasião, uma festa no Bairro do Cajueiro, no Recife. Acedi ao convite de celebrar a solene missa campal. Ao ensejo da elevação da hóstia, a banda tocou o Hino Nacional e o foguetório estrugiu nos ares. Um morteiro estourara na mão de um jovem e provocou ruidosa movimentação entre os assistentes. Constrangido com o incidente, prosseguia o ritual, quando um novo acontecimento deixou-me em

extremo confuso. Um vento mais forte varreu do altar a hóstia consagrada. O vento carregou o cristo da minha missa!

Pensei em sair correndo para apanhar a hóstia que o vento levava. Seria, porém, ridículo porque estava coberto daquelas vestes esquisitas. Aceitei, acabrunhado, a intervenção de um rapaz que, solícito, correu a apanhar o meu cristo que havia voado com a ventania.

Encerradas as solenidades, preocupado, avistei-me com monsenhor Marinho, professor de Teologia Moral do Seminário de Olinda, e expus-lhe o sucedido. A legislação católica proíbe aos simples fiéis tocarem na hóstia, a não ser em casos raríssimos, como, por exemplo, na ocorrência do incêndio em algum templo, estando ausente o sacerdote. Dois pensamentos colidiam em meu coração: Fiz bem, permitindo àquele senhor recolher a hóstia ou deveria eu mesmo ter ido atrás dela?

Não previra o espanto do povo ao presenciar um paisano trazendo a hóstia entre os dedos como se fosse um biscoito. E o pior é que o solícito amigo se encontrava semi-alcoolizado.

Felizmente, o monsenhor, casuista, citando autores e tratados, aprovou a minha solução do caso.

.oOo.

Numa outra oportunidade, verberei um colega porque, ao substituí-lo por alguns dias, em sua paróquia, encontrei todas as hóstias servindo de pasto aos carunchos.

Redargui-me com zombarias.

Esse padre, alcoólatra inveterado e pândego contumaz, esclareceu-me que o seu primeiro trago de cada dia era o cálice da missa bem cheio de vinho.

A liturgia católica é repleta de minúcias. Dentre elas, há aquela que autoriza a se misturar qualquer líquido com o vinho da missa, contanto que não ultrapasse a metade do volume deste.

Gozando desse pormenor legal, o padre folgazão misturava pinga ao vinho da sua missa, sem, contudo, observar os seus limites. A matéria de sua missa era uma autêntica zurrapa.

Imensa tristeza senti com o procedimento sacrílego do padre. Regressando ao Instituto Profissional São José, convoquei todos os meninos para ofícios religiosos especiais de reparação ao santíssimo sacramento.

O episódio, porém, despertou-me o desejo de observar se havia outros sacerdotes que se comportavam do mesmo modo nesse particular. E quantos procedem assim!

O ritual da missa, que exige ao celebrante a ingestão de vinho alcoólico, praticamente perverte a totalidade dos padres, transformando-os em alcoólatras.

.oOo.

Poderia acrescentar tantos outros fatos a respeito desse assunto.

Devo esclarecer para humilhação minha que, apesar de tanta escabrosidade, cria eu cegamente na missa e na presença real de Cristo na hóstia.

Resistia às evidências bíblicas contrárias ao dogma eucarístico.

As várias doutrinas católicas confrontadas com a Bíblia não suportaram o impacto do exame sincero e ruíram fragorosamente.

Foi-me realmente difícilimo aluir a convicção cega sobre esse dogma incrustado em minha alma desde a mais tenra infância.

Apavorava-me com a lembrança dos fatos presenciados por mim e que a qualquer inteligência livre de subserviências evidenciariam absurdo do ensino católico referente à hóstia. Orava para afugentar essas lembranças, consideradas como graves tentações contra a fé.

Por mais que examinasse dentro do seu contexto os textos bíblicos invocados pelo catolicismo romano como prova da transubstanciação, a minha cegueira não me permitia desvendar o absurdo inominável dessa doutrina bíblica.

Somente uma grande cegueira me levava a não perceber o raciocínio lógico e normal diante destes dois textos bíblicos:

**“Isto é o Meu corpo”** (Lucas 22.19) e **“Eu sou a videira verdadeira”** (João 15.1).

Se Cristo é obreia, então, logicamente Ele é também uma parreira, um pé de uva...

\* \* \*

Em setembro de 1961, sucedeu-me um fato decisivo. Coincidiu com o mesmo tempo em que eu examinava a Epístola aos Hebreus. Chamaram-me para atender e ministrar os últimos sacramentos a dois moribundos numa residência localizada nas grotas dos Pilões.

Desci a serra num cavalo baio.

Naquela tarde que caía mansamente, nuvens flamejavam em ouro e escarlata, como enormes línguas de fogo, coroando as cabeças das montanhas, despertavam em meu coração indefiníveis sentimentos. A pachorra da alimária permitia-me tranquilidade para, encantado, observar as curvas amáveis do Rio Piaguí, que rolava pelas várzeas floridas e o espadanar das suas águas que saltavam pelas pedras, aljofrando as touceiras de avencas esverdeadas.

Cruzei com tropas que tilintavam guizos e cincerros e, circunspecto, respondi aos cumprimentos dos caboclos sobressaltados que, de lenços ao pescoço e enxadas às costas, retornavam das lavouras.

“Os véio piorô?”, perguntou ao meu cicerone uma robusta matrona emoldurada pelos umbrais vermelhos da casa nova.

É que o povo, ao ver o padre avizinhar-se do enfermo, cisma morte próxima.

Deparei-me, naquele tugúrio de sapé coberto de palha de coqueiro, com dois anciãos nos extremos limites da vida. Num canto da cozinha, sobre uma enxerga forrada de trapos encardidos, um velho esquelético e peito arfante na respiração difícil. No quarto de paredes forradas de estampas piedosas e cromos de calendários vencidos, uma anciã, pescoço comprido e rosto chupado, ardia na febre alta que a cozinjava.

Na sala de chão batido, a conversa melancólica encolhia-se em cochichos.

Dentre os que aguardavam o fatal desenlace, uma jovem de longas tranças caindo sobre as espáduas da blusa branca, com íntima convicção profissional, contava casos de doenças para ilustrar seus conhecimentos de enfermagem.

“A presença do padre prestigiado pelo mistério viera armar o cenário decente da morte”, imaginei.

No quarto, uma tosca mesa de tábua de caixotes, forrada com uma toalha de saco vazio de farinha de trigo e bordada de letras encarnadas, exibia uma imagem desbotada da Senhora Aparecida, um copo d'água e um galhinho de arruda. Das velas de espermacete, com chamas esvoaçantes, como asas a tatar na meia treva do crepúsculo. Caído no chão um jarro de flores murchas.

Os agonizantes, figuras centrais daquele aparato religioso, urgiam minha atenção. Procurei perceber-lhes as últimas declarações entrecortadas de ais.

Por primeiro, dei à senhora a hóstia como viático. E fui, imediatamente, à cozinha repetir o mesmo ritual para o velho que, na impaciência de sua sororoca, perguntou-me ao lhe dar a hóstia:

“Sô vigário, será que essa ‘hostrinha’ vai me curá memo?”

Desapontado com a inesperada intervenção do velho que mais me parecia um sacrílego, retornei junto à mesa do quarto para arrematar a administração desses últimos sacramentos.

Transformou-me o meu desapontamento em assombro!

Enquanto eu fora à cozinha levar a comunhão ao ancião, a velhinha agonizante, naquele semi-delírio e de boca ressequida pela febre,

incomodada pela hóstia que eu lhe depositara na língua, retirou-a com a mão, atirando-a pela janela.

Trêmula de pavor, sua filha bradava:

“Qui desgraça! Coitado di Nosso Sinhô!”

Todos acorreram aos gritos. O quarto encheu-se de alarido. Adensava-se o pavor.

Cristo atirado pela janela afora!

Imóvel, petrificado, presenciava aquele espetáculo de desespero.

“Corre, sô vigário, pra pegá Nosso Sinhô, sinão os porco come!”, foi o brado que, sobressaindo-se ao vozerio, me arrancou daquela fixidez do susto.

Sob a janela, pelo lado de fora, os porcos, que se refocilavam à sombra da casa nas horas de calor, fizeram um lamaçal onde se refestelavam na imundície dos seus próprios excrementos. Ao sair, precipitado, pela porta da cozinha, ainda vi a hóstia inteirinha, destacando-se pela sua alvura. Em sua direção, ia um suíno, balofo na sua gordura sacolejante. E aconteceu o que, de um relâmpago, previra. Com o focinho, o porco afundou a hóstia no atoleiro fétido. O cristo-de-farinha-de-trigo submerso no charco asqueroso dos porcos!

A desesperação geral atingiu as raias da loucura porque, precisamente nesse instante, um meninozinho gritou:

“A vovó tá morta!!!”

Impossibilitado de articular qualquer palavra, juntei os meus petrechos e saí a pé – nem me lembrei do cavalo baião! – em busca da estrada distante onde ficara o automóvel à minha espera. Com uma melancolia indizível a apertar-me a garganta, imergi-me na treva noturna.

À distância, uma viola gemia endechas lamurientas e um vento úmido soluçava nos desfiladeiros.

Atravessei o Rio Piaguí, sob cuja pinguela pênsil mergulhavam as águas plácidas e remansosas num murmúrio plangente.

Perto das onze horas da noite, avizinhei-me do automóvel. Doutro lado da estrada, vozes de rezas guardando um defunto tonalizavam de tristeza a tristeza pungente daquela noite sem estrelas.

Para esfacelar a minha petulância cristalizada no dogmatismo católico, além da Sua Augusta Palavra, Deus se servia desses solavancos.

“Se realmente Cristo estivesse na hóstia, poderia permitir-se ser chafurdado naquele lamaçal?”

Esta pergunta em minha mente acordou uma infinidade de outras perguntas, enquanto, insone, rolava na cama.

Ao celebrar a missa na manhã seguinte, meditava sobre vários versículos da Epístola aos Hebreus: **“Porque nos convinha tal sumo-sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus; que não necessitasse, como os sumosacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez Ele, uma vez, oferecendo-se a Si mesmo”** (Hebreus 7.26-27).

Então estava eu ali, naquele altar, também como os sacerdotes antigos, a oferecer cada dia o “sacrifício da missa”, primeiramente por meus próprios pecados e, depois, pelos do povo, já que nas finalidades da missa está o objetivo propiciatório?

Se Cristo *ofereceu-se uma vez*, porque ofertórios repetidos?

**“Mas, agora na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo”** (Hebreus 9.26).

**“Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez...”** (Hebreus 9.28).

**“Temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo feita uma vez”** (Hebreus 10.10).

**“Mas Este [Jesus], havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus”** (Hebreus 10.12).

**“Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados”** (Hebreus 10.14).

E diz o Senhor: **“E jamais Me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades. Ora, onde há remissão destes, não há mais oblação pelo pecado”** (Hebreus 10.17-18).

O catolicismo romano ensina que na missa, a que chama de “santo sacrifício”, há repetição do sacrifício de Jesus Cristo. Só há uma diferença: é que, no Gólgota, foi cruento e na missa é incruento.

Mas, naquele dia, sob o impacto do que me acontecera na véspera, a Palavra de Deus penetrou em minha alma, iluminou-me a mente e diluíram-se as escamas da minha cegueira. Entendi o valor infinito do único e suficientíssimo sacrifício de Jesus Cristo. A missa se me afigurou, pela primeira vez, como um escárnio sacrílego à oblação do meu Bendito Salvador. E os sacerdotes católicos como uma farândola de saltimbancos.

Entendi que a Ceia ordenada por Jesus Cristo na véspera de Sua Morte, consiste simplesmente num memorial, numa lembrança, numa recordação do mistério inefável do Seu único sacrifício (Lucas 22.19): **“Fazei isto em memória de Mim”**. É um anúncio, um aviso simbólico da morte dEle **“até que venha”** (1ª Coríntios 11.26).

Assim como a luz dissolve imediatamente as trevas, a minha alma, também nesse caso, foi iluminada e esclarecida num instante pela Luz maravilhosa da Palavra de Deus.

Onde, porém, encontrar quem realizasse a Ceia do Senhor no espírito de Sua instituição, de Sua realidade e de Sua finalidade?

## **A luz da Palavra de Deus e a minha conversão**

De maio a novembro de 1961, na medida em que a Palavra de Deus desmoronava as “doutrinas de demônios” (1<sup>a</sup> Timóteo 4.1) que o catolicismo romano, desde a infância, estruturara em minha alma, copiava à parte todos os Seus textos que me ofereciam esclarecimentos sobre as possibilidades de obter segurança espiritual numa inabalável certeza de minha salvação eterna.

Transcrevê-los-ei, lembrando que até esse tempo não havia lido qualquer livro evangélico para evidenciar, com este meu testemunho, a eficácia da Palavra de Deus.

**“E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado; para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”** (João 3.14-16).

**“Quem crê nEle não é condenado, mas quem não crê já está condenado”** (João 3.18).

**“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”** (João 5.24).

**“E o que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora”** (João 6.37).

**“Dou-lhes a vida eterna e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão. Meu Pai que mas deu é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las da mão de Meu Pai”** (João 10.28-29).

Nem o pecado nos arrebatará das Suas mãos, porque o Pai **“vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo”** (1<sup>a</sup> Coríntios 1.8).

**“Tendo por certo isto mesmo, que Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”** (Filipenses 1.6).



**“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que *crê em Mim tem a vida eterna*” (João 6.47).**

**“E todo o que vive e crê em Mim, *não morrerá eternamente*” (João 11.26).**

**“E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. *Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho não tem a vida. Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o Nome do Filho de Deus*” (1ª João 5.11-13).**

**“O Senhor me livrará também de toda a obra maligna, e me levará salvo para o Seu reino celestial” (2ª Timóteo 4.18).**

**“Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho; porque eu sei em Quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (2ª Timóteo 1.12).**

**“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8.1).**

Davi pecou, mas não permaneceu no pecado porque Deus jamais permitiria a perdição de um crente. **“Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a Sua mão” (Davi no Salmo 37.24).**

Pedro caiu, mas não ficou prostrado e escreveu aos crentes: **“Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação” (1ª Pedro 1.5).**

**“Por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança. Por isso também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7.22, 25).**

**“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1ª João 2.1-2).**

**“Pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que, por elas fiquéis participantes da natureza divina, *havendo escapado da corrupção que pela concupiscência há no mundo*” (2ª Pedro 1.4).**

É o sangue de Jesus Cristo penhor da nossa redenção: **“Em Quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão dos pecados” (Colossenses 1.14).** **“E o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1ª João 1.7).** **“Fostes resgatados... com o precioso**

**sangue de Cristo, como de um Cordeiro imaculado e incontaminado”**  
(1ª Pedro 1.18-19).

**.oOo.**

**“Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?”** (Romanos 8.35).

Mas será que o maligno nos separará desse amor? Não! **“O que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo e o maligno não lhe toca”** (1ª João 5.18).

E a tentação nos separará? Também não! **“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana, mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”** (2ª Coríntios 10.13).

Será a Lei? **“Não estais debaixo da Lei, mas debaixo da Graça”**, proclama Paulo (Romanos 6.14).

E o mundo, será capaz? Não! **“Todo o que é nascido de Deus vence o mundo e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”** (1ª João 5.4).

O pecado, todavia, poderá separar-nos do amor de Cristo?

Mil vezes não! **“O pecado não terá domínio sobre vós”** (Romanos 6.14).

E o próprio crente, terá a capacidade de provocar essa separação?

Gloriosa verdade! Nem o próprio crente. **“E farei com eles um concerto eterno, que não se desviará deles, para lhes fazer bem; e porei o Meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de Mim”** (Jeremias 32.40).

**.oOo.**

**“Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de Ti somos entregues à morte todo o dia; fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas, em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor”** (Romanos 8.35-39).

**.oOo.**

Sentia uma doçura inefável e mui especial ao considerar os textos bíblicos que evidenciam a obra vicária de Jesus Cristo. Passei, então, a ter repugnância quando me chamavam de *vigário*. Eu vigário?

Jesus, na Cruz do Calvário, foi o meu vigário. O vigário dos pecadores porque, no Gólgota, Ele fez as nossas vezes.

“Não sou vigário de ninguém”, concluía.

**“Verdadeiramente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele e pelas Suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos”** (Isaías 53.4-6).

**“Andai em amor, como também Cristo vos amou e Se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrificio a Deus em aroma suave”** (Efésios 5.2).

**“Porquanto há um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem. O qual a Si mesmo Se deu em resgate por todos”** (1ª Timóteo 2.5-6).

**“O Senhor Jesus Cristo, o Qual Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados”** (Gálatas 1.4).

**“Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e Se entregou a Si mesmo por mim”** (Gálatas 2.19-20).

**.oOo.**

A Palavra de Deus esclarecia-me, outrossim, de que jamais poderia apropriar-me da salvação que Cristo Jesus me oferecia, através de meus esforços, devoções, prática de boas obras. Ainda não obtivera satisfazer meu coração anelante, justamente por estar enleado nos esforço por adquirir méritos pessoais e na confiança em recursos materiais (sacramentos, homens, ritualismo, etc).

Jesus Cristo é o meu único Salvador. Como, entretanto, passará Ele a tomar conta da minha vida?

Pela FÉ!!!

E não por hóstias ou coisas que o valha!

**“Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações”** (Efésios 3.17).  
**“Sem fé é impossível agradar a Deus”** (Hebreus 11.6).

Jesus oferece vida eterna. Eterna mesmo. Vida permanente. Vida interminável.

E a única condição que Ele nos requer é que a aceitemos, crendo nEle (João 3.15-16; 3.18; 3.36; 6.35; 6.47; 11.26).

**“Muitos, porém, dos que ouviram a palavra creram”** (Atos 4.4). Nos primórdios do Cristianismo, agregavam-se as almas que criam. Pregando a Cornélio, Pedro salientou: **“Todos os que nEle crêm receberão perdão dos pecados pelo Seu Nome”** (Atos 10.43). Em Atos e nas Epístolas, aliás, não encontrei a confissão auricular do catolicismo romano!

Os gregos, em Antioquia, ouviram o Evangelho e **“grande número creu e se converteu ao Senhor”** (Atos 11.21).

Resistindo à oposição dos judeus, Paulo, em Antioquia da Pisídia, declarou: **“E de tudo o que, pela Lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele [Jesus] é justificado todo aquele que crê”** (Atos 13.39). Irritavam-se os judeus porque Paulo enfatizava a **“Verdade do Evangelho”** (Gálatas 2.14): Salvação pela fé em Cristo e não pela Lei de Moisés. E, **“sacudindo, porém, contra eles o pó dos seus sapatos, partiram para Icônio”** (Atos 13.51), onde **“creu uma grande multidão, não só de judeus, mas de gregos”** (Atos 14.1).

Alarmado, bradava o carcereiro de Filipos: **“Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar? E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”** (Atos 16.30-31).

O Evangelho de Cristo **“é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Porque nele se descobre a justiça de Deus, de fé em fé, como está escrito; mas o justo viverá da fé”** (Romanos 1.16-17).

Ensinou-me a Bíblia que a *justiça* de Deus não é chicote de um verdugo, mas a **“justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêm”** (Romanos 3.22). **“Ao Qual [Jesus Cristo], Deus propôs para propiciação pela fé no Seu sangue, para demonstrar a Sua *justiça* pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus. Para demonstração da Sua *justiça* neste tempo presente, para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”** (Romanos 3.25-26).

Uma digressão. Diz o catolicismo romano que a propiciação dos pecados está entre os fins da missa, que é um sacrifício incruento (sem derramamento de sangue).

Ora, veja-se o absurdo deste dogma, pois **“Deus propôs Jesus Cristo para propiciação pela fé no Seu sangue”**. Se a missa é sacrifício incruento, onde a propiciação? E é oportuno lembrar-se, no caso, que **“sem derramamento de sangue, não há remissão”** (Hebreus 9.22).

O grande Apóstolo das Gentes não se enfada de insistir: **“O homem é justificado pela fé sem as obras da lei”** (Romanos 3.28).

Durante os meses de meu estudo comparativo dos dogmas católicos com a Bíblia, levei a capricho anotar em separado todos estes textos. Copiava-os em folhas avulsas de papel para relê-los indefinidamente onde quer que me encontrasse, até em viagens a cavalo pelas montanhas de Guaratinguetá. Minha mente tinha sido encharcada de tantas heresias e blasfêmias católicas através de um longo processo de lavagem cerebral. Esplendia em minha mente, como um arrebol de esperanças, **“a verdade do Evangelho”** (Gálatas 2.14). **“Sabemos que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo; temos também crido em Jesus Cristo para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada”** (Gálatas 2.16).

E que revelação dulcíssima: **“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”** (Romanos 5.1). E somos **“filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo”** (Gálatas 3.26).

Outro parêntesis. O catolicismo ensina que pelo “sacramento do batismo” faz-se o filho de Deus. Absurdo não só por ser contra a Palavra de Deus, mas também porque a criança, na sua inconsciência, não pode crer.

A leitura constante dessas pepitas da Bíblia espargia cada vez mais intensos raios de luz que me clareariam na estrada para tornar-me um **“daqueles que creem para a conservação da alma”** (Hebreus 10.39).

Carecem-me palavras com que exprima os sentimentos que se apossaram do meu coração durante todo o dia 7 de novembro de 1961. Transformei as suas curtas horas em recolhimento espiritual. Repassei, saboreando-os no meu coração, todos esses versículos. Orava a Deus entregando-me a Ele numa disposição plena de cumprir a Sua Vontade sobre a minha vida. Os grandes embates cessaram. Nesse enlevo espiritual entrei pela noite.

Encontrava-me numa encruzilhada. Pressentimentos indefinidos, quais asas impalpáveis e sutis de imponderáveis emoções, povoavam-me a alma.

Além da meia-noite, de joelhos em meu quarto, os mesmos versículos, estes todos que enfileirei nestas páginas, se sucediam e se repetiam, banhando-me interiormente e produzindo um alívio inefável.

As palavras “crer” e “fé” impeliam-me a uma decisão.

**“Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”** (Efésios 2.8), repisava o apóstolo!

E eu clamava: “Se é presente Teu, dá-me, Senhor, este presente. Eu quero crer”.

**“Não vem das obras para que ninguém se glorie”** (Efésios 2.9).

Precisamente o contrário do que me ensinaram!!!

Se o céu custasse o nosso esforço, seria o reino dos jactanciosos...

Pelas obras que realizara, recebera sempre elogios dos meus superiores eclesiásticos. E a doutrina católica bem que se dava o meu orgulho, mas não me dava certeza da salvação.

Se Deus, porém, justifica aquele que tem fé em Jesus (Romanos 3.26), **“onde está a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não, mas pela lei da fé”** (Romanos 3.27).

Passava de 2 horas da madrugada de 8 de novembro de 1961!

A Palavra de Deus esmigalhava o meu orgulho. Afiguraram-se-me todas as minhas obras, que antes classificava de boas, como **“trapos de imundície”** (Isaías 64.6). Desvaneceu-se minha soberba de padre.

Jamais me senti tão pecador!!!

Grossas lágrimas banharam-me as faces.

Percutiam-me no coração as palavras do Precursor: **“Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus”** (Mateus 3.2).

João bradava: **“Eu, em verdade, vos batizo com água para o arrependimento”** (Mateus 3.11). Mateus mostrava-me Jesus junto ao Jordão para ser batizado e que dizia: **“Assim nos convém cumprir toda a justiça”** (Mateus 3.11, 13, 15). E a justiça era esta: **“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós”** (Gálatas 3.13).

Ecoavam em meu íntimo, em assentos de estímulo, as palavras de Jesus, outrora proferidas em Cafarnaum: **“Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus”** (Mateus 4.17).

Aquele mesmo convite para o arrependimento que Pedro clamava no templo ( Atos 3.19), concitando o povo à conversão, repetia-se para mim.

Ali, alquebrado diante de Deus, implorei-Lhe desse-me o arrependimento para que eu conhecesse a Verdade (2ª Timóteo 2.25).

A gloriosa **“Verdade do Evangelho”** (Gálatas 2.14).

Olhos fitos em João 3.14-16, caíram-se-me todas as escamas da minha cegueira!

E aceitei Jesus, pela fé, como meu único e todo-suficiente Salvador!

Aceitei-O pela fé, que significa confiar inteira e exclusivamente nEle, porque essa **“fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem”** (Hebreus 11.1).

.oOo.

Fé que é convicção fiducial ou confiança convicta na Palavra de Deus e no valor sufficientíssimo do Sangue de Jesus Cristo para nossa salvação.

Essa fé, que é um dom de Deus, é viva. Regenera e transforma. Leva o justificado perante Deus a se justificar perante os homens, produzindo obras.

No foro divino, perante Deus, somos justificados por meio da fé que envolve confiança absoluta nos méritos de Cristo e, concomitantemente, nos impele a justificar-nos, no foro humano, perante os homens pelo testemunho.

A Bíblia não admite o mérito proveniente das boas obras para a salvação porque, além de serem imperfeitas em si mesmas, o seu concurso invalidaria o valor infinito da obra expiatória de Cristo (João 3.16; 6.47; 3.36; Atos 15.1-11; 2.37-38). Todavia, é na observância dos preceitos do Senhor que reside a prova insofismável, concreta, de que o crente está verdadeira e realmente justificado diante de Deus, justificando-se, assim, pelo bom procedimento diante dos homens.

O crente não pratica boas obras para se salvar, mas as pratica porque já é salvo. As suas boas obras não são causa de salvação, mas sim efeito dessa salvação.

Por isso a fé intelectual do catolicismo romano é falida e ineficaz. Não produz obras. É morta! (Tiago 2.17).

**.oOo.**

Encontrei nesse momento glorioso o que ansiosamente procurava desde os seis anos de idade: certeza de minha salvação eterna.

O meu coração, boiando em júbilo celestial, dispôs-se a obedecer inteiramente o Senhor.

E o primeiro ato de obediência ao meu Amantíssimo Salvador foi, às 2 e meia da madrugada de 8 de novembro de 1961, espatifar a imagem que encimava minha cabeceira, um dos presentes recebidos quando me fizera padre. A primeira boa obra, fruto da salvação que Jesus Cristo me proporcionara, foi destroçar todos os ídolos que se encontravam em casa. Senhora Aparecida, Rita de Cássia, Crucifixo, Judas Tadeu, Luiz Gonzaga, Senhora das Graças, tudo se transubstanciou em um montão de cacos...

O primeiro confronto que fizera em meus estudos não havia sido sobre a idolatria?

E retirei das gavetas do meu escritório vários maços de cigarros e atirei-os pela janela. De encontro ao muro, arrebentei uma garrafa de uísque que estava a meio.

A verdadeira fé em Jesus Cristo produzira regeneração absoluta em minha vida, com as suas infáveis consequências. Passei a gozar da

bênção da certeza inabalável de estar salvo! E miraculosamente enojei-me do cigarro, cujo vício um padre me ensinara no confessionário! E nunca mais ingeri sequer uma gota de bebida alcoólica e nem da cerveja produzida no convento dos padres em Aparecida para o consumo interno da casa!

\* \* \*

**“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”** (2ª Coríntios 5.17).

**“As coisas velhas já passaram...”**

**“Tudo se fez novo...”**

**“Nova criatura é...”**

A graça de Jesus Cristo me fez nova criatura!!!

## **Dificuldades pela frente!**

O homem é um ser gregário. Seus sentimentos e suas necessidades impelem-no a se associar. Família, cidade, assemblea, clube, sindicato, tudo são expressões de sua tendência associativa.

Frustramo-nos quando, numa sociedade, não nos sintonizamos perfeitamente com seus interesses, suas aspirações, seus moldes. Desde que nossos pontos de vista não se afinem no meio em que nos encontramos, esta situação significa descontentamento e fracasso.

A dogmática, o cerimonialismo e os recursos espirituais do catolicismo romano jamais satisfizeram meu coração anelante e, no final, levaram-me à frustração. Naquele meio-ambiente, desde a mais tenra infância, fui um deslocado.

Minha decisão por Cristo, nas condições preconizadas pela Bíblia, desligou-me totalmente daquela religião. Senti que a conciliação era inexecutável.

Medeia um abismo intransponível entre a Bíblia e o catolicismo romano. São irreconciliáveis. Impossível ajustar-me lá dentro. A própria prática da liturgia católica reclama aceitação de princípios anti-bíblicos. A sua hierarquia exige subserviência. A sua doutrina desvaloriza os méritos de Jesus Cristo.

Sabia da impraticabilidade da minha permanência lá.

Mas, como sair? E para onde ir?

Coagido nesta encruzilhada, continuei exercendo as funções de padre.

Prossigui, outrossim, examinando a Bíblia. Orava a Deus, suplicando-Lhe direção para a minha vida.



E agora lia os folhetos que os crentes punham sob a porta de minha casa e ouvia, nas emissoras radiofônicas, programas evangélicos.

Casualmente, encontrei-me com um líder protestante de Guaratinguetá. Recrudescera a onda ecumenista naqueles dias de vasta propaganda do Concílio Ecumênico Vaticano II, em vésperas de se instalar. O nome de João XXIII transfigurara-se em bandeira de paz. Constatei que meu interlocutor se enfunara todo e, velas pandas, navegava em águas ecumênicas.

Sai de sua presença condoído de tamanha ingenuidade!

Encontrar-me a propósito com algum evangélico da minha cidade, incorreria em grave e grande risco. Conhecedor das manhas e da mentalidade inquisitorial da religião do papa, decidi ir a São Paulo com o propósito de aproximação com alguém que me pudesse orientar.

Ao sair da Estação Rodoviária, em São Paulo, precisei ir ao correio a fim de emitir um telegrama. De frente da agência postal, um pregador evangélico, em gestos largos e voz estridente invectivava o pecado e conclamava os circunstantes aceitarem a Cristo. Ao ver-me trajado de batina, dedo em riste, apontava-me, com palavras contundentes como o representante da idolatria, o cauterizador de consciências e o responsável pela perda de tantas almas, como sacerdote de uma religião atea.

Imediatamente, regressei a Guaratinguetá, raciocinando:

“Qualquer pastor escorraçar-me-ia de sua presença ao lhe manifestar minha posição religiosa. Muitos, na adoção da mentalidade ecumenista, ter-me-iam como um elemento negativo e deletério na oportunidade em que alguns líderes religiosos conclamavam seus fiéis ao conagraçamento. Outros tomar-me-iam por insincero ou espião”.

Fervorosamente, contudo, buscava a face de Deus e Lhe implorava direção.

Hoje, à distância dos fatos, vejo que Ele me dirigiu realmente! E nem poderia ser de outro modo e jamais duvidei disso.

**.oOo.**

Uma crente, jovem simples e de condição humilde, na fábrica onde trabalhava, deixou-se enlear pelas propostas de amor por parte de um rapaz católico.

A família deste, ao informar-se dos princípios religiosos da moça, opôs-se incontinenti que ele se casasse com uma protestante.

No ardor da sua paixão, entre mil promessas, o rapaz jurara tornar-se crente após o casamento. A jovem foi-se deixando encantar até que lhe aconteceu ceder a todas as propostas do namorado. Sua pobre mãe, crente

fidelíssima, acompanhava, com lágrimas, a desventura da filha. Infrutíferas todas as admoestações!

“Agora o remédio é casar!”, lamuriava a mãe.

A família do jovem, por seu turno, entrara em cena, exigindo para o casamento que a namorada se tornasse católica.

Coagido o rapaz por um fator especial – minoridade de sua namorada – sugeriu que esta se tornasse católica só para contentar seus velhos e, depois do casamento, ambos iriam para a igreja evangélica.

Como padre, eu batizei a mocinha depois de “preparada” por uma “legião de Maria”. Ouvei sua confissão. Dei-lhe a comunhão da hóstia. Presidi-lhe o casamento religioso em minha igreja.

A família do noivo, com ares de triunfo, a tudo assistiu. A nenhum desses atos compareceram os sofredores pais da noiva.

Casados – como, aliás, era mesmo de se esperar – continuaram como católicos. Tantas lágrimas da jovem esposa jamais obtiveram sucesso no sentido de convencer o marido a cumprir seu compromisso religioso. Desalmado, proibiu-lhe tratar do assunto. Os maus tratos se tornaram em pontos constantes no regulamento de vida da desditosa esposa.

Movido por seus familiares, o marido obrigava-a a praticar os atos religiosos do catolicismo romano. Todos os domingos, a Aninha comparecia à missa em que a via chorando muitas vezes. E ninguém para consolá-la. Valia-se do meu confessionário para se aliviar de suas desditas. Convertido já, diligenciava-me por minorar-lhe as angústias, sugerindo-lhe a lembrança de passagens e textos bíblicos. Pevia, contudo, que o desfecho daquele drama culminasse em tragédia.

A Aninha se achava no quinto mês de gestação do segundo filho, quando, numa hora de almoço, no quarto, derramou gasolina em suas vestes e lhes ateou fogo. Aos gritos lancinantes da esposa treloucada, interrompe a refeição e corre o marido a socorrê-la. Transportada em estado desesperador para a Santa Casa local, a Aninha, na aflição da dor, mandou-me chamar.

Poucas foram suas declarações. Morreu feliz!

Feliz porque soube que o padre Aníbal era um crente em Jesus Cristo. À Aninha foi a primeira pessoa a quem declarei minha conversão.

Feliz, porque renovou sua aceitação de Jesus Cristo como seu único e todo-suficiente Salvador.

Enquanto nos corredores os familiares do esposo confabulavam e recriminavam a loucura da “mãe assassina”, como diziam, no quarto, o padre não oferecia nem o óleo da extrema-unção e nem a hóstia do viático.

Acontecia lá dentro a manifestação esplêndida da **“verdade do Evangelho”**.

No dia imediato, trajado de roupas fúnebres, acompanhei como padre à vista do povo, o enterro da Aninha. O meu coração se rejubilava, entretanto, por ter certeza de que aquela alma estava salva! Lembrei-me da promessa maravilhosa do nosso Deus ao crente: **“Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com Sua mão”** (Salmo 37.24).

Ao recordar esse fato, desejo lembrar às moças crentes os perigos a que incorrem nos namoros com incrédulos. Suas propostas são engodo. **“O ímpio espreita o justo e procura matá-lo”** (Salmo 37.32). **“Os ímpios são como lodo”** (Isaías 57.20).

.oOo.

Continuava dentro da batina. Tão negra quanto o **“vale da sombra da morte”** (Salmo 23.4), mas, firmado em Deus, não temia mal algum. Era inabalável a certeza de que Sua bondade e a Sua misericórdia me seguiam todos os dias (Salmo 23).

Em janeiro de 1963, surgiu a possibilidade de transferir-me para Orlândia, a cidade da minha adolescência.

Uma grande alegria inundou-me a alma pela oportunidade que se me apresentou de abrir as portas daquela localidade para o Evangelho.

A notícia da minha saída de Guaratinguetá causou um impacto a sua população católica. Comissões e comissões se seguiram, solicitando-me permanecesse.

Divulgava-se em Guaratinguetá, naquele tempo o jornal “O Libertador” que, em 15 de maio de 1963, deu esta informação sobre: “A renúncia do padre Aníbal Pereira Reis. Em face de rumores que vêm perturbando os paroquianos da matriz de Nossa Senhora da Glória, ainda em virtude da incerteza que motivou o mencionado vigário a renunciar à paróquia, os senhores Antônio Gonçalves, Benedito Antunes da Silva, José Rezende, José Francisco da Silva e João Batista Salgado, reunidos em comissão, deliberaram se dirigir até a cidade de Aparecida para entrevistarem-se com as autoridades eclesiásticas da Arquidiocese [as paróquias e as igrejas católicas de Guaratinguetá estão circunscritas na jurisdição eclesiástica da Arquidiocese de Aparecida do Norte], a fim de obter esclarecimentos a respeito da transferência de padre Aníbal para a Diocese de Ribeirão Preto.

A comissão foi bastante feliz porque alcançou o objetivo visado, colhendo os informes do revmo. padre Silva, chanceler da Arquidiocese, o qual, após ter ouvido os membros da comissão, esclareceu que lamentava não ter recursos para o caso, pois a renúncia do padre Aníbal foi por livre

e espontânea vontade, ato esse que provocou bastantes sentimentos ao bispo Dom Ferreira [Dom Antônio Ferreira de Macedo].

Disse, ainda, o chanceler que o padre Aníbal é merecedor dos mais dignos elogios pelos trabalhos que apresentou na paróquia de Nossa Senhora da Glória, no bairro do Pedregulho, em Guaratinguetá”.

Guardo, ainda, um grande abaixo-assinado que declara, entre outras coisas: “Sabedores de vossa partida desta paróquia de Nossa Senhora da Glória para a paróquia de Orlandia, agradecidos pelo muito que recebemos de Vossa Reverendíssima, aqui neste documento de saudade queremos deixar os nossos agradecimentos e os de muitos de seus amigos em Nossa Senhora da Glória”.

Parti de Guaratinguetá aos 17 de maio de 1963.

Em sua carta de 29 de dezembro de 1964 (mais de um ano após minha saída), o professor Horácio Marcondes Coelho, residente no bairro do Pedregulho, declara: “O senhor que é sacerdote que sempre se tem mostrado de uma atividade espantosa para conduzir as almas para Nosso Senhor é, por certo, altamente merecedor de todas as bênçãos do céu! A obra, tanto espiritual como material, que o senhor deixou aqui no Pedregulho, continua deixando em todos uma grande saudade do senhor”.

Estas expressões, externadas também em muitas outras cartas de outras pessoas, revelam o conceito que, mesmo após muitos meses de minha saída, os antigos paroquianos guardavam por mim.

## **Últimas atividades no catolicismo romano**

A 365 quilômetros da Paulicéia, à vista do viajor, emerge a valente cidade de Orlandia, cheia de coragem para atravessar o asfalto da Via Anhanguera.

Há mais de dez anos não visitava aquela região da Alta Mogiana, no interior paulista. Agora, a sua pujança surpreendeu-me.

As estradas de asfalto ou macadame rasgam, como espadas, a carne vermelha dos barracos, serpenteiam, cruzam-se, em todas as direções, ligando fazendas, sítios, cidades...

Orlandia, Morro Agudo, Nuporanga, Batatais, Franca, São Joaquim da Barra, Guará, Ituverava, Miguelópolis, Jardinópolis, Pontal, Sales Oliveira, se rivalizam em vontade de progredir mais, de produzir mais...

Homens de real valor sustentam o progresso de Orlandia, a “cidade jardim”. Elevam-se acima do zunzunar de meia dúzia de sacripantas de sacristia amofinados constantemente com ciúmes pueris.

.oOo.

O Arcebispo Agnelo Rossi, de Ribeirão Preto, sob cuja jurisdição eclesiástica pertence a paróquia católica de Orlândia, empossou-me como seu pároco no dia 22 de junho de 1963.

Sucederam-se, no ato, discursos bombásticos e malabaristas dos prestidigitadores em bajulação ao prelado.

O Arcebispo, por sua vez, não economizou expansões verdadeiramente comovidas de apreço pelo pároco empossante.

.oOo.

Deparei-me com a vida religiosa da paróquia de uma trivialidade ridícula, o que, aliás, não pode ser exceção. Consistia, aos domingos, na missa das 7 horas para as poucas beatas paparem a hóstia, e na missa elegante das 9 horas à cuja saída os rapazes aguardavam formosas toaletes.

Em poucos dias, minhas pregações revolucionaram a cidade. O templo superlotava em todas as funções religiosas. Promovi trabalhos especiais nas pontas de ruas e becos, levando à classe laboriosa a mensagem do Evangelho.

Toda Orlândia ouviu a **“Verdade do Evangelho”!**

Retirei os ídolos do templo. O padroeiro da igreja é São José, cuja imagem, mostrengo de gesso, se eleva sobre o altar. Impossibilitado de tirá-la, cobri tudo com uma cortina pesada e passei a realizar o culto no centro do templo, dando máxima ênfase à pregação do Evangelho. Este passou a ser anunciado também por meio de um programa radiofônico na emissora local, cujo nome era: “Programa Bíblico sob a responsabilidade do padre Aníbal Pereira Reis”.

Em Orlândia também utilizei o confessionário para falar de Cristo. Nenhuma senhora e nenhuma jovem ouviu jamais dos meus lábios uma daquelas perguntas imoralíssimas que os sacerdotes fazem no maior antro de perversão sexual da humanidade, que é o confessionário.

Todas elas, sem nenhuma distinção de classe ou cultura, foram por mim esclarecidas para que confiassem exclusivamente em Jesus Cristo e se entregassem a Ele, isentando-se dos **“preceitos e doutrinas dos homens”** (Colossenses 2.22) que **“atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros das pessoas; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los”** (Mateus 23.4). Desses que **“fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largos filactérios e alargam as franjas de suas vestes”** (Mateus 23.5).

Os padres são esses que se trajam assim nas cerimônias e que fecham aos outros o reino dos céus. Eles oneram as pobres senhoras, martirizando-as em inenarráveis tragédias de consciência, quando são eles **“semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia”** (Mateus 23.27).

Ufano-me em declarar que as senhoras, durante o tempo em que estive em Orlândia, não tiveram de suportar os fardos dos preceitos e doutrinas diabólicas do catolicismo romano. Como todo o povo, ouviram de Cristo, nosso único e todo-suficiente Salvador, cujo **“fardo é leve e o jugo é suave”** (Mateus 11.30).

### .oOo.

Em toda pequena cidade chamada católica há os sacripantas de sacristia. Julgam-se caucionados pelos “sacramentos” e nem lhes passa pela cabeça a necessidade de uma sindérese.

Orlândia, também nisso, não faz exceção. Tem lá a sua meia dúzia. Dois deles alimentam vocação de burguês e se acomodam à tranquilidade modorrenta das existenciazinhas pacatas, com leituras displicentes à sombra amável dos abajures, pés em chinelos macios e pijamas de seda.

Afastados da Congregação Mariana, quando das visitas do Arcebispo Agnelo Rossi não se vezaram de colocar o distintivo da irmandade na lapela do paletó e de cumprimentar o “ordinário” com a carunchosa saudação: “Salve Maria”.

Para trazer um condimento de romance, não poderia faltar nesse grupinho o elemento feminino. Solteira nos seus trinta anos, eterna romântica suspirona, concluída com a mordacidade de uma madame de rosto laivado de nojo e fechado de ódio, as duas, habilidosas em enfrentar campanhas de peditórios, especializam-se em alfinetar epigramas na reputação das senhoras respeitáveis da sociedade local.

Esse clubezinho cujos componentes vivem sempre a se abraçarem, também com íntima repugnância, mantém, como alvo permanente, insinuar perfídias e fomentar a maledicência, tesourando impiedosamente para fazer jus às siglas “DIVA” (Departamento Informativo Vida Alheia).

Orlândia, município de quinze mil habitantes, seria um paraíso na terra se não fosse o grupelho dos sacos-rotos e papa-hóstias a transformá-la em “caldeirão do inferno”, como a classifica a esposa de um benemérito local.

E, sustentado por esse grupinho, havia lá um tabuísmo que se blasonava de ser Orlândia a única cidade da região isenta de hereges e templos protestantes.

.oOo.

Até 1964, muito ao contrário das cidades vizinhas, todos os trabalhos evangélicos, em Orlândia, não puderam desfrutar de ambiência propícia ao desenvolvimento.

Nesse ano, porém, alguns crentes de Sales Oliveira perceberam as desejadas possibilidades. Furtivamente, esgueirando-se em humildade tímida, arriscaram estender uma ponta de lança.

À boca pequena, comentava-se que o padre pendia para o protestantismo. O clube dos comedores de hóstias se encarregou de manter na roda do beatério fanático uma constante atitude de alerta. Jamais dei-lhes atenção e, sobranceiro, sabia de suas críticas carunchosas a respeito das minhas pregações.

Queixavam-se que o vigário não falava de “nossa senhora”, que não gostava de imagens, que desprezava os “santos” e baboseiras quejandas. Recriminavam as longas filas de mendigos à porta da casa paroquial, o que contestava a opinião de que, naquela cidade, não havia mendigos.

“Escandalizavam-se” com a distribuição gratuita de medicamentos aos necessitados, alegando que isso era esbanjamento dos donativos oferecidos à paróquia. Incriminavam a minha presença nos velórios pobres. Criticavam por não cobrar os preços dos “sacramentos” e de não tirar esmolas durante a missa.

O que realmente me interessava era ver o povo afluir para escutar a pregação da Palavra de Deus.

Pelos meados de 1964, os crentes de Sales Oliveira conseguiram organizar uma Congregação Evangélica em Orlândia, por sinal, num salão muito central. E dezesseis pessoas da cidade, convertidas ao Evangelho, foram as pioneiras.

Animavam-se cada vez mais porque o próprio vigário não manifestava qualquer obstáculo ao trabalho. E sua alegria atingiu o auge quando as visitei na noite de 31 de dezembro, augurando-lhes um novo ano feliz com o progresso da congregação. Lembro-me que baseei minha rápida alocução em Efésios 2.7-8. Soube, mais tarde, que, na sua estupefação, alguns crentes se perguntavam: “Porque não arranca aquela batina?” E, confabulando, ajustaram medidas de precaução!

Não me magoei ao ser informado disso. Os crentes tinham razão porque a formação jesuítica torna o padre capaz de todas as vilanias. Um embatinado, falando como eu, bem poderia ser um espião. Não tinham eles obrigação de me supor sincero.

O “ecumenismo” não anda rondando os servos de Deus?

Meses após, todavia, constataram a sinceridade das minhas palavras e atitudes.

Mesmo vestido de batina, um irmão em Cristo lhes falara naquela noite!

## **Liberto da escravidão!!!**

Enquanto circunstâncias alheias à minha vontade me forçavam permanecer na batina, não perdia oportunidade para evangelizar o povo que afluía em massa para ouvir-me falar de Cristo.

Em princípios de agosto de 1964, o Arcebispo Agnelo Rossi, de Ribeirão Preto, foi fazer uma visita canônica e deixou em sua ata, lavradas nas folhas 45-57, no Livro Tombo nº 2, da Paróquia de Orlândia, entre outras, as seguintes observações: “Em nossa visita pastoral, verificamos, com particular alegria, o surto de progresso e de vida espiritual na paróquia, através de missões populares, catecismo de quarteirão, maior afluência e participação à santa missa e sacramentos, atestando o trabalho persistente e generoso do caríssimo pároco, padre Aníbal Pereira Reis”.

Ao ensejo da inauguração da Biblioteca da Paróquia, aos 8 de dezembro de 1963, o dr. Said Abrahão, um dos cidadãos ilustres da cidade, em sua alocução, assim se expressou sobre o empreendimento: “Fruto da ação social e cultural desse precioso pároco, que é o padre Aníbal – espírito alado que adeja de alma em alma, colhendo-lhes o néctar e deixando o rastro delicado e benfazejo de sua passagem”. E, mais adiante, destaca esta observação: “Padre Aníbal Pereira Reis, padre operoso... que leva a religião de porta em porta, de criatura a criatura, que humaniza e simplifica a Jesus, para melhor compreensão, mais amor, aumentando e difundindo a fé, fazendo-O descer do alto e aninhar-se no coração de todos, com a cândida e sábia linguagem de Suas parábolas”. [Este discurso foi divulgado através da “Tribuna de Orlândia”, de 25 de dezembro de 1963].

As próprias autoridades civis sentiam o valor desse trabalho. E a Câmara Municipal de Orlândia, pelo seu Ofício nº 128, de 3 de novembro de 1964, assinado pelo seu Presidente, dr. Azis Abrahão, comunicava-me concessão do alto título de Cidadão Orlandino (Lei 604, de 10/10/1964), com os seguintes termos:

“Reverendíssimo

Padre Aníbal Pereira dos Reis

Orlândia



Como Presidente da Câmara Municipal de Orlandia, temos a honra e a satisfação de levar ao conhecimento de Vossa Reverendíssima que esta Casa Legislativa, atendendo um impertivo de gratidão e justiça para com aquele que tem sido o incansável educador e guia espiritual de toda a nossa comunidade, houve por bem conceder-lhe o alto título de CIDADÃO ORLANDINO.

Revela nesta oportunidade acrescentar que o gesto da nossa edilidade, outorgando-lhe tão especial honraria, constitui na verdade expressão do reconhecimento, da estima e da admiração do nosso povo ao seu querido líder e condutor, na heróica batalha do seu apostolado e da sua sagrada missão.

É, pois, com o coração repassado de júbilo que nós nos servimos deste ensejo para fraternalmente transmitir-lhe as nossas mais efusivas felicitações e o nosso mais comovido abraço, diante desta merecida e justa láurea.

Câmara Municipal de Orlandia,

Em 3 de novembro de 1964.

a) Azis Abrahão.”

**.oOo.**

Nestas alturas já concluíra onde seria o meu lugar para atender a Vontade de Deus sobre a minha vida.

Na noite de 7 de novembro desse ano de 1964, tomei a resolução definitiva de ir a Santos, onde já localizara o templo da Primeira Igreja Batista.

No dia 11, avistei-me com o seu pastor, dr. Eliseu Ximenes, a quem, de novo e publicamente, rendo minha homenagem de gratidão por tudo o que fez por mim naquela conjuntura.

Aquele amado irmão imediatamente colocou-me em contato com outros pastores, inclusive com o dr. Antônio Gonçalves Pires, ex-padre também.

Depois de uma meia dúzia de dias felizes passados em comunhão com os crentes, regresssei a Orlandia com o intuito de prosseguir nos passos de minha saída da Babilônia apóstata.

Continuei empenhado em todas as minhas obrigações para não deixar nenhum motivo de censura por parte dos meus antigos superiores eclesiásticos.

Desejo, com alguns documentos, testemunhar minha correção até a última hora em que enverguei a batina.

Na ata de sua visita pastoral, o Arcebispo Agnelo Rossi declarou a meu respeito estas palavras, além de outras: “Zeloso e dedicado pároco”,

salientando que Orlândia, sob a minha administração, era a paróquia modelo da Arquidiocese. [Livro Tombo nº 1, folhas 54-57].

Com a data de 10 de março de 1965 e assinado pelo seu Presidente em exercício, senhor Adolpho Morandini, pelo seu Tesoureiro, senhor Domiciano Gomes Jardim, e pelo seu Secretário, senhor Arthur Oliva, recebi o seguinte ofício da Conferência de Santa Genoveva, da Sociedade de São Vicente de Paula:

“A Conferência de Santa Genoveva da Sociedade de São Vicente de Paula, na sua última reunião efetuada ontem, sintonizou-se com a população católica de Orlândia elevando uma prece fervorosa a Nosso Senhor Jesus Cristo, em ação de graça pela passagem da data natalícia de V. Rvma., ao mesmo tempo que agradece a dádiva sem par com que o Criador premiou a cidade, designando para dirigi-la, no setor espiritual, o sacerdote laborioso, diligente, dinâmico, boníssimo e devotado que é V. Rvma.

A oração coletiva que os confrades presentes fizeram subir aos Céus pela conservação da saúde e vida utilíssimas de V. Rvma. foi o mimo espiritual que lhe levamos com os nossos respeitosos e sinceros cumprimentos”.

Menos de vinte dias antes de me retirar de Orlândia, a sua Câmara Municipal, em ofício sob nº 43, de 26 de abril de 1965, comunica-me que, em sua sessão, realizada no dia 22 desse mês, deliberou manifestar-me “a satisfação e o júbilo de toda a Edilidade ao presenciar o brilhantismo das festividades da semana santa”.

Ainda. Na ante-véspera de deixar a batina, recebi da Cúria Metropolitana de Ribeirão Preto, uma procuração para “receber da Nação, do Estado e do Município, qualquer verba destinada às obras sociais e religiosas mantidas ou patrocinadas pela referida Paróquia de Orlândia. Ribeirão Preto, 10 de maio de 1965. a) Mons. Dr. João Lauriano, Vigário Capitular”.

Esta procuração se encontra registrada no Registro de Títulos e Documentos, Registro Civil de Pessoas Jurídicas, situado à Rua 3 de dezembro, 23, em São Paulo, sob o nº 44.561, no Livro B, nº 52.

É um documento que atesta minha idoneidade e a confiança total de que era credor na gerência dos bens do Vaticano.

O próprio monsenhor Dr. João Lauriano que dirigia o governo da Arquidiocese de Ribeirão Preto, a qual, na ocasião da minha saída, estava sem o arcebispo porque o sr. Agnelo Rossi fora transferido para São Paulo, esse mesmo monsenhor Dr. João Lauriano, em carta de 11 de julho de 1965 (dois meses após eu deixar Orlândia), endereçada ao senhor Joel

Nunes, membro da Primeira Igreja Batista de Santos, entre suas aleivosias, não pôde deixar de declarar: “Até o último dia que ele esteve na paróquia foi sempre considerado um sacerdote exemplar”.

.oOo.

A hierarquia do catolicismo romano não tolera um ex-padre que se converte a Jesus Cristo. E, por carência absoluta de argumentos bíblicos para apresentar aos seus fieis, no intento de se desenlear dessa dificuldade, apela, com volúpia sádica, para os recursos da violência e da difamação. Supõe que, denegrindo a honra de sua vítima, esta fica desacreditada perante a opinião pública e desaparece o risco de perder muitos escravos de suas superstições e iludidos por suas “doutrinas de demônios” (1ª Timóteo 4.1).

Nos últimos dias em que passei naquele reino das trevas, muito sofri.

Levando as marcas de Cristo para minha bem-aventurança, consegui desvencilhar-me definitivamente do catolicismo romano no dia 12 de maio de 1965.

No Livro Tombo nº 2 (folhas 59-61), da Paróquia de Orândia, deixei lavrado o documento oficial de minha renúncia:

*“Orândia, 12 de maio de 1965*

*Exmo. Sr. Mons. João Lauriano,*

*DD. Vigário Capitular da*

*Arquidiocese de Ribeirão Preto.*

*A Paz do Senhor Jesus!*

*Ninguém em sã consciência poderá negar que os meus quinze anos de sacerdote se constituem em vastíssima folha de serviço prestado à Igreja Católica Romana, sem outras intenções senão a de agradar a Deus. Por Ele renunciei a tudo, inclusive as oportunidades de galgar postos elevados que me foram oferecidos dentro da própria Igreja Católica Romana. Rezei muito. Fiz muita penitência. Preguei muito. Promovi muitas campanhas de apostolado. Esta paróquia de Orândia é testemunho do meu esforço. E tenho ainda certeza de que em todo esse tempo jamais criei dificuldades para os superiores hierárquicos e nem jamais tive complicações de quaisquer ordens. Entretanto, nesse período jamais havia sentido a gloriosa experiência de um encontro pessoal com Cristo, por mais que procurasse dentro dos labirintos da Igreja Romana.*

*Vivia em sobressaltos, temendo minha condenação eterna, pois não possuía de minha salvação garantia alguma. Deus, todavia, Se compadeceu de minha alma torturada e me proporcionou o privilégio de descobrir na Bíblia o meu Divino Salvador. Foi um encontro maravilhoso que me encheu a alma de gozo. E hoje, completamente convertido a Jesus Cristo, pois O*

*aceitei como meu Único e Suficiente Salvador, estou convencido de que a Igreja Católica Romana está em extremo oposto com relação à Bíblia. Ou a Bíblia ou a Igreja Romana. Ou Jesus Cristo ou a Igreja Romana. São termos opostos e irreconciliáveis.*

*Aceitando a Bíblia, toda a Bíblia, a Bíblia de capa a capa e nada mais além da Bíblia, que é o Poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, não poderei, em consciência e de modo algum, permanecer na Igreja Católica Romana.*

*Afastando-me dela para me entregar exclusivamente a Jesus Cristo, dentro dos princípios bíblicos e não segundo doutrinas de homens, renuncio, nesta data, o cargo de Pároco de Orlândia e de Vigário Forâneo desta circunscrição forânea.*

*Através do confessorário, sei que os católicos têm a alma atormentada, como era o meu caso. E nunca encontrei um padre seguro de sua salvação. Todos os padres ou são angustiados ou são incrédulos. A liturgia católica não lhes resolve os problemas de ordem espiritual. Por isso é que me proponho a orar incessantemente pela conversão deles. E que todos, inclusive V. Excia., encontrem o gozo espiritual que somente Cristo pode dar”.*

No dia 30 de maio de 1965, na presença de toda a Primeira Igreja Batista, em Santos, e de uma multidão imensa, fiz minha pública e formal decisão por Jesus Cristo, tirando, à vista de todos a batina – símbolo negro da escravidão – que me amortalhou por longos anos.

Nessa oportunidade, fui agraciado com uma alegria imensurável. Veio de Bauru, onde dirige um igreja, o pastor Henrique Cyrillo Corrêa, especialmente para me abraçar naquele instante inefável da minha vida.

No dia 13 de junho do mesmo ano, com o privilégio da presença de uma comitiva de irmãos de Guaratinguetá e de outras cidades, desci às águas, submetendo-me ao batismo bíblico, cujo ato foi oficiado pelo pastor Eliseu Ximenes.

Em 16 de abril de 1966, fui ordenado ao Santo Ministério da Palavra, por um presbitério bíblicamente organizado e presidido pelo pastor dr. Antônio Gonçalves Pires, por quem todas as minhas palavras serão sempre inexpressivas para demonstrar meu reconhecimento.

**.oOo.**

O meu grande propósito é ir, de Bíblia em punho, por todos os quadrantes da Pátria, proclamar e anunciar aos brasileiros a exponencial Verdade do Evangelho: **CRISTO, A ÚNICA ESPERANÇA.**

Os ex-padres não convertidos detestam sua condição religiosa anterior e procuram olvidá-la definitivamente.

Esse “EX” para mim não é estigma ou um ferrete! Não!!!  
É sim, uma lembrança permanente de que eu devo ressarcir o tempo!  
É uma advertência aos pecadores jungidos às superstições  
romanistas!  
É um libelo contundente à hierarquia faustosa da religião idólatra.

**.oOo.**

O meu amor por Cristo acordou no meu íntimo uma vibrante  
consciência de Evangelismo e uma empolgante inspiração de conquista de  
almas!!!

**.oOo.**

